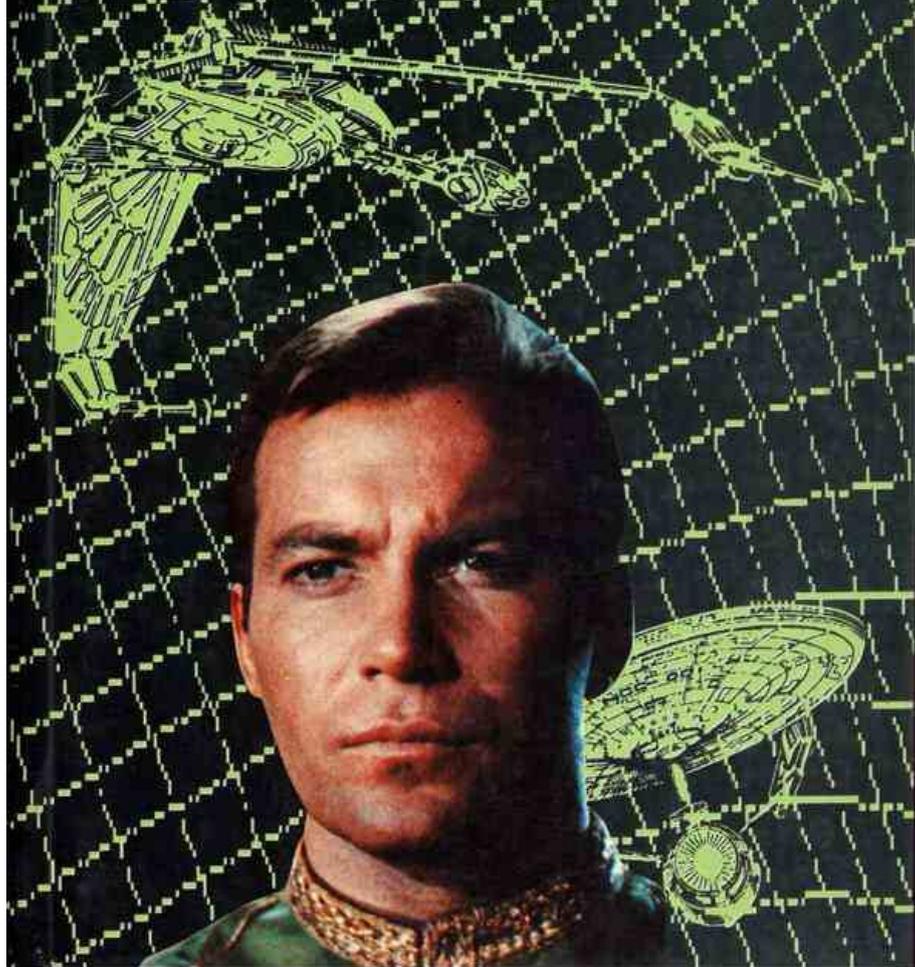


STAR TREK

JORNADA NAS ESTRELAS

KOBAYASHI MARU

JULIA ECKLAR



JULIA ECKLAR KOBAYASHI MARU

Tradução: LÍLIA OLIVEIRA

Título original: *The Kobayashi Maru*

Copyright © Paramount Pictures Corporation, 1989

Todos os direitos reservados



STARTREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à Aleph

Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3.^a and. - Morumbi - CEP 05711 - São Paulo - SP

Tel.: (011)843-3202 / 843-0514

Diretor editorial: Pierluigi Piazzi

Diretora pedagógica: Betty Fromer

Editor de Ficção Científica: Silvio Alexandre Ferreira Neto

Editor técnico: Renato da Silva Oliveira

Revisão técnica: Michel Friedhofer e Júlio Sirota

Ilustrações internas: Leonardo Bussadori

Assessoria:

Sérgio Figueiredo, Luis A. Navarro, Cristina Nastasi e Ivo L. Heinz

Consultoria: Frota Estelar Brasileira

Clube que congrega os aficcionados da série Star Trek (Trekkers)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,SP,Brasil)

ECKLAR, JULIA

Kobayashi Maru/ Julia Ecklar, tradução de Lília Leal de Oliveira

São Paulo; Aleph, 1992 - (Coleção Star Trek: v. 7)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série
92-2033 CDD-813.5

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Século 20: Literatura norte-americana 813.5
2: Século 20 :Ficção: Literatura norte-americana 813.5

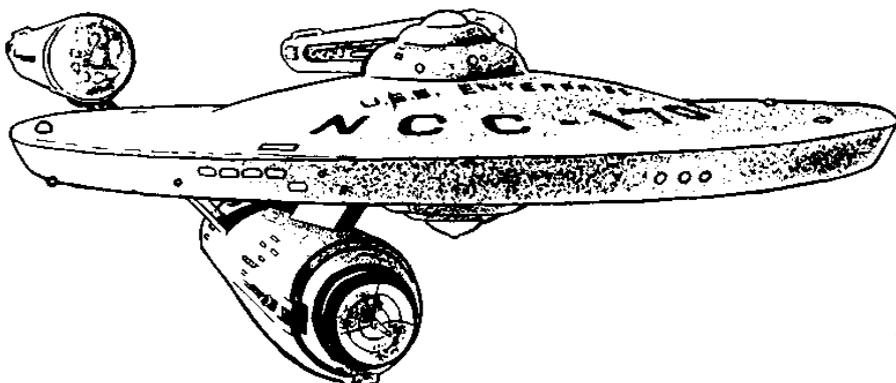
Audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve

KOBAYASHI MARU

Um acidente na nave auxiliar da *Enterprise* deixa o capitão Kirk e seus oficiais à deriva no espaço, sem poder fazer nada a não ser esperar que Spock os resgate. Para fugir ao tédio e ao medo, cada um conta sua história de como passou no teste do Kobayashi Maru, realizado no simulador da Academia. Nesse teste, idealizado para os que planejam ser comandantes, os Klingons sempre ganham. Sempre... até aparecer um cadete teimoso e a criativo: James T. Kirk. Finalmente Scott, Sulu, Chekov e o Dr. McCoy ficam sabendo como Kirk venceu no Kobayashi Maru!

"O Espaço, a fronteira final.

Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas Civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve."



U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701

A *United Space Ship Enterprise*, uma astronave da classe *Constitution* foi lançada em 2188. Sob o comando do capitão James T. Kirk ficou famosa em toda a galáxia, tornando-se símbolo da Frota Estelar. Viajam a bordo da nave 430 pessoas, sendo 43 oficiais e

387 tripulantes, com aproximadamente um terço de membros femininos. Sua velocidade de cruzeiro é feita em dobra espacial seis - 216 vezes a velocidade da luz (c). A de emergência é feita em dobra oito - 512 vezes a velocidade da luz (c). Tem 400 torpedos fotônicos e três bancos de *phasers*, com enorme poder de fogo. Todo o sistema de propulsão e armazenamento de energia é alimentado por cristais de *dilithium*. Casco composto por titânio e alumínio transparente. Tem 302 m de comprimento, 140 m de diâmetro, 71 m de altura e 21 andares.



James Tiberius KIRK é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Recebeu as mais importantes comendas e distinções da Federação de Planetas. Natural do planeta Terra seu sucesso não foi conquista fácil. Quando assumiu o comando da *USS Enterprise* aos 29 anos, já havia sido ferido três vezes e alguns de seus feitos já estavam gravados nos anais de honra da Frota. De natureza independente é um militar por formação e um explorador e diplomata por vocação. Seu carisma e liderança naturais despertam a confiança e lealdade de sua tripulação.



O imediato e oficial de ciências da nave *Enterprise* é **SPOCK**. Filho de um vulcano e uma terrestre possui uma mente extremamente analítica. Recebeu a educação de um vulcano,

treinado em lógica, computação e controle das emoções. É devotado à ciência e guiado pela lógica, base filosófica de seu povo. Fisicamente é mais vulcano que terrestre: seu sangue, baseado em cobre, é verde e tem pulsação média de 242 batimento por minuto. Possui uma extraordinária força física e grande resistência à dor. Possui capacidade telepática e a capacidade de imobilizar um homem através do famoso "loque de vulcano".



Leonard H. McCoy é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e arredo à tecnologia de seu tempo - reflexo de seu temperamento extremamente humanista e romântico - que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e conselheiro do capitão Kirk. Vive em freqüentes desentendimentos com Spock. O doutor McCoy não gosta da disciplina e protocolo militar. É extrovertido, passional e sonhador; guiado pelas emoções que o tornam às vezes uma pessoa irascível, mas também amável e dócil.

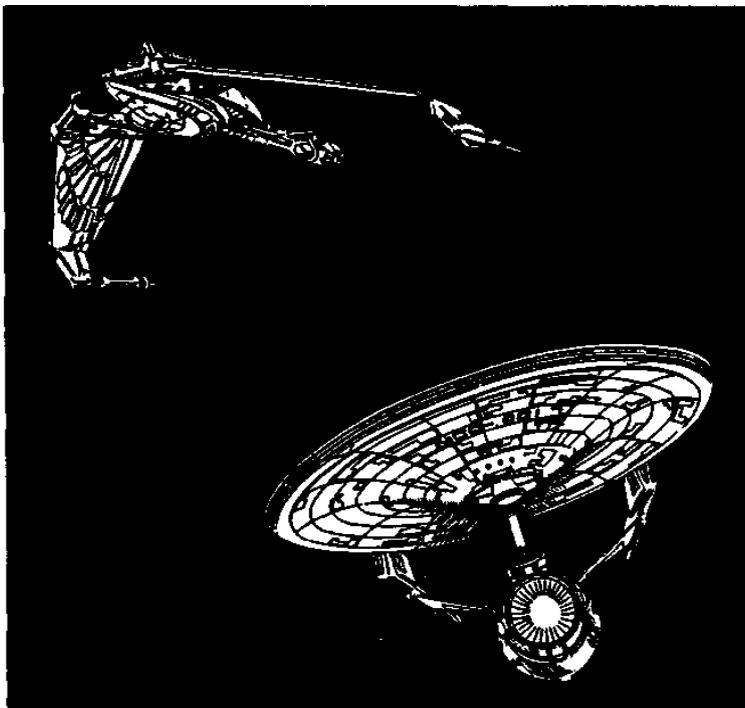
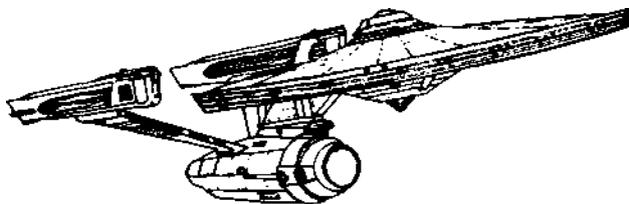
Comandante **Montgomery SCOTT**

Engenheiro-Chefe da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves. É o responsável pela engenharia e manutenção da nave. Assume o comando da *Enterprise* na ausência de Kirk e Spock.

Tenente-Comandante **Nyota UHURA**, oficial de comunicações da *Enterprise*. Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*. Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.

Tenente-Comandante **Hikaru Kato SULU**, Piloto da *Enterprise*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica. Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.

Tenente **Pavel Andreievich CHEKOV**, chefe da segurança da *Enterprise*. Um russo que frequentemente proclama as qualidades de seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no universo. É jovial, impulsivo e de espírito alegre.



Por todo encorajamento e ajuda que me deram, não apenas enquanto escrevia o Kobayashi Maru, este livro é dedicado a:

- *Ann Cecil, incomparável amiga e editora, por fazer o grande favor, há tantos anos atrás, de ler meu primeiro romance de Jornada nas Estrelas e dizer porque ele não servia.*
- *Jo Ann Baasch, Charlie Terry, Don Wenzel, Kathleen Conat e, mais uma vez, Ann Cecil por revisarem este manuscrito até morrerem.*
- *Mitch e Jo Ann, Don e Kathleen, Tom e Bill, Pam, Sandy, Diana, os dois Joes e todos os Daves, e qualquer outra pessoa que sentou-se conosco debaixo dos fogos do 4 de Julho e ajudou a imaginar todas as maneiras pelas quais eu poderia explodir as naves klingons.*
- *Rusty, por (entre outras coisas) empurrar os "G"s.*
- *E por último o maior de todos, Don Kosak, o "Brilhante", rei dos computadores, por sua heróica batalha e vitória sobre o Kobayashi Maru.*

Se existir alguém que eu tenha esquecido (e com todo o tempo e esforço que se gastou nessa coisa, tenho certeza que existe) por favor, perdoe-me. Não é minha intenção esquecer ninguém: simplesmente é difícil de lembrar. Mas, um obrigado de coração para todos, quer mencionados ou não. Como na Frota Estelar suas contribuições para o Kobayashi Maru representam o melhor que há em todos nós.

UM

HALLEY

— *Aqui é Enterprise chamando nave auxiliar Halley. Todas as frequências estão abertas para você, Halley, e circuitos de localização estão em operação. Se puder, por favor, responda... Aqui é Enterprise chamando nave auxiliar Halley. Todas as frequências estão abertas para você...*

— Chekov, não dá pra desligar essa coisa infernal?

A voz de Leonard McCoy estava baixa, de modo pouco característica, mas cortou claramente a transmissão suave de Uhura pelo rádio da nave auxiliar. Na fila de assentos do outro lado de McCoy, James Kirk abriu seus olhos para a escuridão.

Por um longo instante, o Capitão James T. Kirk teve consciência de estar pouco mais que ferido e com frio. Então a dor estabeleceu-se profundamente em algum lugar de seu joelho direito, e a memória acordou com a dor. A lembrança o fez sentir-se vagamente enjoado. Virou a cabeça cautelosamente, examinando a escura nave auxiliar à procura de Scott e Sulu, agora que o Doutor o despertara.

No corredor principal da nave, Leonard McCoy ocupava o assento oposto a Kirk, uma fileira à frente de onde estava Sulu, cuidadosamente apoiado na vertical, ainda adormecido. O Doutor encontrava-se quase na mesma posição de quando Kirk, entorpecido pelo medicamento contra dor de McCoy caíra no sono, sabia-se lá há quanto tempo. McCoy estava envolto por uma jaqueta de campo cerca de duas vezes e meia o seu tamanho, suas mãos enfiadas carrancudamente sob seus braços à procura de calor. A luz dura e amarela da lâmpada de emergência pintava seu rosto em alívio contra a fria escuridão que o cercava. Ele ainda não percebera que Kirk acordara; sua atenção voltava-se para a escotilha dianteira, de onde Kirk podia ouvir barulho mas cuja escuridão era por demais profunda para enxergar.

— Chekov! — McCoy sibilou novamente. — Desligue o rádio!

— Eu ouvi — Chekov revidou, parecendo um pouco mais do que magoado. Houve uma longa pausa, então um estalido mudo quando o russo puxou um dos painéis de circuitos do rádio. A nave caiu num silêncio melancólico.

— Não vá ficar rabugento comigo, Magro — Kirk avisou McCoy. — O alojamento já está por demais apinhado do jeito que está.

O Doutor virou-se para ele, surpreso. — Há quanto tempo está acordado? — perguntou, evitando uma resposta à gentil reprimenda de Kirk.

O Capitão deu de ombros. — Tempo bastante para ouvi-lo falar bruscamente com meu navegador.

McCoy pareceu embaraçado e voltou a sentar-se, um pouco constrangido. — Desculpe, Jim. É só que... — O mau-humor de McCoy pareceu sumir junto com seu suspiro cansado. — É que parecia tão sem sentido — terminou. — Só isso.

— Eu sei. — As palavras de Kirk saíram em nuvens de vapor branco; a nave auxiliar já estava perdendo calor há mais de uma hora. — Mas não perca as esperanças ainda, Magro.

McCoy proferiu um *humph* que soou tão parecido com seu humor ácido normal que Kirk teve de sorrir.

— Como está seu joelho?

— Você é o médico — replicou Kirk. — Não era eu que tinha de perguntar isso a você?

McCoy encarou o Capitão com as sobranceiras franzidas de um modo nada divertido. — Você não fez nada que não irá ficar bom, mas você terá que ser cuidadoso com isso por pelo menos mais duas semanas. Você conseguiu torcê-lo bem feio.

Kirk não gostou de como isso lhe pareceu; se não fosse nada mais além disso, significava que nesse exato momento não poderia mover-se. — Torcê-lo? — repetiu ele, tentando um esclarecimento e (suspeitava) fracassando. — Se continuar usando esses termos técnicos, Magro, você vai me confundir!

— Não se preocupe com os termos técnicos, — revidou McCoy, — só me diga se dói.

Kirk deu de ombros novamente. — Um pouco. — Na verdade, o joelho era uma garra de dor firme e sólida, que causava câimbras nos músculos de sua coxa até o sentimento de urgência em trocar de posição tornar-se quase insuportável. No entanto, a cada vez que se esticava, a junta explodia em violento protesto e o deixava desejando jamais ter tentado mover-se.

Mas se McCoy podia mudar de assunto, ele também podia fazê-lo. — Como Sulu está agüentando?

A preocupação passou rápida pelo rosto do médico, mas antes que pudesse responder, o piloto apresentou-se espontaneamente: — ... Já estive melhor...

McCoy virou-se de seu assento para fitar Sulu. — Você deveria estar dormindo, Comandante — repreendeu-o secamente.

Com os olhos ainda fechados, Sulu sorriu fracamente para McCoy por sobre o suporte cervical que mantinha sua cabeça no lugar. — Você deve estar brincando, Doutor! Meu ombro está me matando!

— Eu já te dei uma dosagem alta — disse McCoy, suavizando suas

maneiras. — Não quero te dar mais nada por enquanto.

Kirk pensou que talvez Sulu tivesse tentado assentir; a única indicação foi a expressão retesada de dor que dominou o rosto do Tenente-Comandante. O piloto estava tão bem amarrado e preso no assento que Kirk surpreendeu-se que ele pudesse sequer se mover. — Já tudo bem, Doutor — disse Sulu. Até mesmo seu sorriso normalmente brilhante parecia apenas dolorido e drogado. — Não quero que me dê uma *overdose*... Mas também não estou dormindo.

Kirk afundou novamente em seu lugar e tentou não pensar em sua tripulação nem em seu joelho. Nenhuma das duas tarefas era fácil. O ar viciado da nave cheirava fortemente a circuitos queimados e ozônio. Sons e odores enigmáticos flutuavam para o compartimento principal devido aos esforços de Scott em reparar a escotilha de ré; na escotilha do piloto, Chekov, que jamais soltara tantos impropérios na vida, remexia nas partes remanescentes do rádio à procura de alguma coisa para reparar. A princípio, a voz suave e macia de Uhura através do receptor era sua única indicação que a *Enterprise* ainda estava lá fora, em algum lugar, procurando por eles. Agora, até mesmo essa confirmação se fora. Kirk não sabia se ficava furioso com McCoy, ou se agradecia.

Nós deveríamos sair de licença em três dias. A primeira licença em quatro meses. Não era justo.

A *Enterprise* nem mesmo estava designada para o sistema Hohweyn. Então, há somente duas semanas atrás, o contato com o Grupo de Pesquisa Venkatsen fora completamente perdido e a *Enterprise* era a única nave em posição de realizar uma investigação e resgate. De novo.

Fracasso era uma possibilidade que tanto o Grupo Venkatsen quanto seus fundadores haviam assumido quando o Grupo foi primeiramente posicionado em Hohweyn VII. O planeta mais seguro de um sistema completamente perigoso, Hohweyn VII era equipado com todos os perigos esperados em tal acordo. Os quarenta e sete planetas de Hohweyn — naturais, capturados e vermelhos — adernavam em volta de um instável sol terciário, criando, destruindo e lançando uma incrível ordem de anomalias astrofísicas como Kirk jamais tivera a honra de ver. Primeiramente, o Grupo estava lá para pesquisar os segredos da atração e repulsão gravitacional, esperando desenvolver melhores equipamentos para os sistemas sensores modernos e desse modo fazer com que os viajantes pudessem descobrir e evitar anomalias gravitacionais em vez de tropeçar nelas.

Tanto pela pesquisa moderna, Kirk refletiu sombriamente. *Nós provavelmente conseguimos mais informações sobre fluxos gravitacionais do que Venkatsen já compilou em um ano!* Só que eles podiam muito bem

nem mesmo voltar para casa com os dados.

Um dos azares do sistema fora várias nuvens de destroços e cinturões de asteróides — os restos de cometas e dos planetas mais instáveis do sistema. Hohweyn VII despendia a maior parte de seu ano solar na trilha de um ou mais desses. Além do perigo óbvio de colisão, os asteróides ricos em ferro e níquel causavam danos nos sensores.

Na sua chegada, Kirk julgou desnecessário aventurar-se perto demais de Hohweyn VII com alguma coisa tão grande quanto uma nave estelar. A *Enterprise* fora deixada em órbita estacionária logo depois da trilha da nuvem de destroços que envolvia o planeta e um grupo foi despachado em nave auxiliar para fazer contato com Venkatsen e um relatório. O próprio Kirk comandava a missão, desesperado por ficar longe da ponte (mesmo que apenas por pouco tempo) e ansioso em ter alguém com as mesmas habilidades táticas e diplomáticas que ele. As outras cinco posições foram deixadas em aberto para voluntários.

Em reflexão posterior, Kirk percebeu que caso ele próprio tivesse escolhido cada membro da tripulação da nave auxiliar, os resultados teriam sido os mesmos. Não tinha certeza se viria a sentir-se culpado por isso, mas sentia-se.

Kirk queria um Engenheiro para o caso de algum problema mecânico ter causado o silêncio do Grupo Venkatsen. O Engenheiro Chefe Montgomery Scott apontou que o equipamento em Hohweyn VII não seria o padrão, e Kirk então necessitaria de um engenheiro de primeira linha para discernir o que funcionava do que precisava de reparos. Quando veio o registro, Kirk não pôde discutir quanto à escolha de Scott: ele próprio. O Capitão já vira Scott descobrir e reparar coisas que Kirk nem mesmo reconhecia como máquina, assim como "ressuscitar" equipamentos que outros engenheiros haviam declarado como completamente sem salvação. Às vezes parecia que pelo menos metade da sala de engenharia atual da *Enterprise* era como fora planejada, e a outra metade aparelhada para Scott fazer o que Kirk quisesse. Se o engenheiro queria ir brincar com equipamento científico arcaico no meio de um sistema estelar confuso, quem era Kirk para dizer-lhe "não"?

O Dr. McCoy não ofereceu-lhe nenhuma explicação por seu desejo de ir junto, e Kirk não perguntou. O Capitão suspeitava que o Doutor estava ficando entediado com o número de problemas relativos a estresse causados pelo longo período sem licença. O resgate do Venkatsen era só uma desculpa para deixar a nave nas mãos competentes de algum outro médico. Não importava a razão, Kirk atormentou McCoy apenas moderadamente quanto a este repentino desejo de flertar com o perigo, e silenciosamente deu boas vindas a sua companhia.

As razões de Pavel Chekov oferecer-se eram claramente mais óbvias. O antigo navegador de Kirk, agora chefe de segurança da nave, não fora o único membro da Força de Segurança da *Enterprise* a oferecer-se para a missão. Cada membro da segurança sabia tanto quanto Kirk que era procedimento padrão incluir pelo menos uma escolta armada em qualquer grupo de investigação; nesse área, posto e posição importavam muito pouco. Kirk sabia, também, que sua recente riqueza em trajetos pelo espaço profundo não fornecera nenhum tempo fora da nave para a segurança e muito poucos serviços além das trocas no posto de armas da ponte. No final, Kirk olhara divertido enquanto os quinze membros do grupo de segurança, segundo sugestão do Primeiro Oficial Spock, tirava na sorte a designação disputada. Kirk sempre considerara um infortúnio que Chekov tivesse sido transferido de navegações (ele era de longe o melhor navegador que Kirk jamais tivera), então era uma vantagem do Capitão que Chekov tivesse ganho o sorteio. Kirk designou-o então como navegador e escolta de segurança, cortando assim mais uma pessoa do grupo.

O Tenente-Comandante Sulu fora a mais fácil de todas as inclusões. Sulu era o piloto-chefe de Kirk e o melhor piloto na nave (sem mencionar na Frota Estelar); Kirk planejara pedir em particular ao pequeno e esguio asiático que se juntasse ao grupo. Ele suspeitava que Sulu poderia ser convencido a ir, mesmo que fosse apenas para garantir a segurança dos outros. Para seu imenso prazer, porém, Kirk jamais teve essa chance.

Sulu apareceu, tão sorridente como se estivesse se apresentando para uma simulação prática de rotina, enquanto Chekov ainda estava compilando dados de navegação do computador central da *Enterprise*. Cinco minutos depois, era impossível dizer que os dois homens não trabalhavam lado a lado há vários anos.

— É como andar de bicicleta — informou Sulu com suavidade, obviamente com o objetivo de concordar com Chekov. — Você nunca esquece como é. Ademais, quero ter certeza que ele não baterá em alguma coisa importante. — Como se para provar a inutilidade da provocação de Sulu, Chekov apresentou-se para partir em tempo recorde e eles moveram a nave auxiliar suavemente em espaço aberto.

A *Halley* entrou no sistema louco sem qualquer problema. Scott dirigia os sensores como se eles fossem cavalos nervosos, calmamente pronunciando as coordenadas quando as leituras o avisavam de perigo. Às mãos habilidosas e delicadas de Sulu conduziram a pequenina nave através de poços gravitacionais em conflito e um sem número de linhas de força enredadas tão calmamente e sem pressa quanto as plantas com que dividia seu alojamento a bordo da *Enterprise*. Chekov mantinha seus olhos pregados

em seu próprio painel, agindo sobre as informações de Scott tão suavemente quanto Sulu, apesar de estar menos relaxado. Nenhum deles ousou desviar os olhos de seus postos até que Scott disse calmamente: — Senhor Sulu, reduza a velocidade.

Sulu obedeceu sem hesitação. Chekov fitou Scott ansiosamente, sem virar-se de seu painel. — O que há de errado?

O Engenheiro estudou as leituras por mais um instante. — Os sensores pegaram um ligeiro fluxo de fora de nosso arco de boreste. — Um sorriso que não era nem um pouco divertido cruzou suas largas feições escocesas. — Não olhem agora, rapazes, mas acho que encontramos uma mina gravitacional.

Sulu murmurou. — Sorte nossa.

— Podemos evitá-la? — Kirk perguntou do compartimento dos passageiros. Ninguém pareceu surpreso dele estar ouvindo.

— Vamos descobrir, Capitão — replicou Scott. — Nós certamente não estamos tentando passar através dela!

Chekov já estava preocupado sobre seus controles, inclinando-se brevemente para trás a fim de dar uma olhada na leitura do sensor de Scott. — Preciso de mais espaço — disse concisamente a Sulu. — Não posso nem mesmo virar-nos a esta distância!

Era sério, Kirk então percebeu. Sulu podia pilotar direto pelo inferno sem nem mesmo suar, mas não Chekov. A irritabilidade do chefe de segurança era um indicador certo de que Chekov não estava nem um pouco feliz com a situação difícil em que se encontravam. — Leve-nos de volta a cerca de quatro mil quilômetros — continuou Chekov. — Além desse poço a quatro-sete-oito marco...

— Mãe de Deus! — Scott exclamou de repente, a voz aguda de medo.

— Está se movendo! Essa droga de coisa está de *movendo*! Nariz pra baixo, Sulu! Coloque-nos sob ela!

— Me dê uma leitura! — Chekov girou tanto quanto o cinto de sua cadeira o permitia. — Scott! Uma *leitura*!

Só muito mais tarde é que Kirk percebeu que Chekov queria a segunda leitura para localizar onde a mina poderia estar depois que passasse por eles. Dois pontos de referência não eram o suficiente para extrapolar sobre qualquer tipo de curso, mas ele ia tentar mesmo assim. Como tudo o mais nesta missão desastrosa, era um esforço danado de bom.

A mina atingiu-os a boreste, retorcendo a pequenina nave como um coelho pego pelas mandíbulas de um cão. Kirk chocou-se violentamente contra a parede, arfando de surpresa quando a força do impacto forçou o ar para fora de seus pulmões. Todo o seu sangue parecia correr

simultaneamente para suas extremidades, inchando-as, deixando-as entupidas. Kirk não poderia dizer se a nave estava sob aceleração violenta ou simplesmente sendo cortada ao meio pela fúria da mina gravitacional. Ele se perguntou rapidamente se as histórias de horror sobre assassinos de motosserra que ouvia em sua juventude podiam se comparar a uma coisa como esta.

Então a voz de Sulu, leve e confiante: — Não... acho que a peguei!

— *Sulu!*

Sem qualquer aviso, os motores no compartimento de ré pegaram fogo com um som parecido com o rugido de um dragão. A sensação de alto e baixo voltou repentinamente, e Kirk retornou tão violentamente para seu assento que seus dentes se chocaram. Ele acabara de abrir a boca para pedir um relatório da situação quando o armário dos trajes próximo à câmara de descompressão soltou-se com um chiado de metal despedaçando-se.

Kirk instintivamente inclinou-se na direção do armário vergado. — Jim, não! — chamou McCoy. Uma das portas do armário abriu-se bruscamente, ameaçando enterrar o Doutor sob uma avalanche de trajes e equipamentos pesados. — Nem mesmo sabemos se estamos estáveis! — Mas Kirk já estava de pé e movendo-se.

Apesar de não haver mais distorção em seu corpo como se ele fosse ser esticado em todas as direções, nenhum sangue pulsando por trás dos seus olhos em imagens flamejantes de luz e escuridão, ainda assim, tão logo levantou-se, Kirk soube que a nave estava adernando. Ele pensou a princípio que batera em fragmento oleoso no deck e distraiu-se por um breve e precioso momento pensando sobre quem é que manteria os decks em ordem até perceber que era Scott, mas soube que alguma outra coisa estava errada quando o que deveria ter sido um baque inofensivo lançou-o direto com os pés a frente contra o anteparo distante. Sentiu seu joelho direito rugir com o estiramento, então dobrar-se sob ele em uma corrida nauseante e brilhante de dor líquida. Ele girou o corpo na queda e encontrou o anteparo com o ombro. Isso suavizou o baque apenas um pouco. A explosão de dor vinda de seu joelho fê-lo arfar.

Os motores tossiram de novo, desta vez soltando um grunhido gutural e opressor. As superfícies do interior da nave amoleceram como veludo e então fundiram-se em nada enquanto a escuridão dominava de proa a popa, como uma nuvem tempestuosa. Kirk mordeu seus lábios com força e observou a dor pulsar e florescer sangüínea diante de seus olhos. O que ele mais temia aconteceu um segundo depois, a nave iniciou uma virada lenta e regular e lançou-o da parede para o convés. Ele mordeu seu lábio ainda mais fortemente para evitar gritar, mas só parcialmente foi bem sucedido. A droga

da porta trancada mantinha-se fechada, jamais soltando sua carga. Kirk quase praguejou em voz alta.

— Jim? — a voz de McCoy, preocupada e amedrontada, veio do assento do Doutor.

— Estou aqui, Magro. Estou bem. — Isso foi uma mentira, e Kirk sabia que sua voz revelava tudo.

— Isso foi danado de idiota, Capitão! — começou McCoy, mas Kirk interrompeu-o: — O que aconteceu lá na frente?

— Doutor! — Kirk ouviu alguém tropeçar pelas cadeiras dos pilotos a caminho da porta. — Doutor McCoy? O senhor está bem? — Era Chekov.

Kirk podia ouvir McCoy resmungando consigo mesmo. — Muito bem — rosnou McCoy. — E quanto a vocês? O que diabos aconteceu com vocês?

— Eu estou bem, senhor — Chekov informou rapidamente. — Mas Sulu... ele está ferido!

— Ninguém se mexe! — Kirk ordenou interrompendo Chekov a apenas dois passos da cabine. Além do posto de navegação, Sulu gemeu suavemente e Scott falou com ele em voz suave e baixa. — Ninguém vai a lugar nenhum até termos luz — disse Kirk.

— Mas, Jim...!

— Magro, você não pode fazer nada no escuro! — Kirk virou-se e deu uma olhada para trás na direção da escotilha dos pilotos, esquecendo naquele instante que não poderia ver nada. Ele permitiu-se o luxo de uma careta não vista quando seu joelho cantou em protesto pelo movimento. — Scotty?

— Bem aqui — respondeu o engenheiro, próximo ao assento de McCoy.

— *Deus*, Scotty! — bufou McCoy. — Você quase me matou de susto!

— Desculpe, Doutor.

— Temos lanternas no armário de estoque? — perguntou Kirk, ainda encurvado sobre seu joelho latejante.

— Sim — disse Scotty. — Cerca de uma dúzia. Mas vou precisar de ajuda extra. Venha, rapaz... — Isto aparentemente era para Chekov. — ...creio que somos os únicos dois ainda de pé.

Kirk sentou-se em silêncio tenso e dolorido, assombrado com a facilidade com que podia seguir-lhes o progresso na escuridão total. Eles conversaram calmamente na parte de trás por alguns instantes, enquanto Scott forçava a porta do armário, então uma linha grossa de luz espalhou-se pelo corredor central quando a primeira das luzes de emergência foi acionada.

— Ainda bem que *alguma coisa* ainda funciona — murmurou McCoy. Foi então que a espera começou. Chekov ajudou Kirk a sentar-se em uma

cadeira enquanto McCoy atendia Sulu. Kirk tentou colocar o peso sobre sua perna apenas uma vez, e então foi forçado a pedir desculpas quando quase jogou eles dois no convés. Chekov começou a trocar luzes pela nave enquanto Scott desligava os motores principais, eles não estavam mais produzindo qualquer coisa além de barulho e jamais propulsionariam a nave por mais um metro sequer. McCoy imobilizou tudo o que pôde em Sulu, usando o que tinha à mão, então alistou Scott e Chekov para ajudá-lo a prender o piloto em um assento da segunda fila. McCoy preferiria que Sulu ficasse deitado, mas o único espaço longo o bastante para isso era o corredor central, e ele devia ficar desimpedido para haver acesso aos reparos. Melhor que estivesse seguro em um local razoavelmente vigiado; eles ainda não sabiam quanto tempo ficariam por lá.

Chekov tentou sinalizar para a *Enterprise* até ficar óbvio que ninguém poderia ouvi-los. Mesmo assim ele só desistiu quando Kirk lhe disse para fazê-lo. O leme respondia, mas era inútil sem informações do computador de navegação. O posto de navegações estava destruído; Scott salvara o que pudera da frente para começar a trabalhar em restaurar-lhes calor e luz. Chekov ficara com o rádio, um trabalho completamente inglório; a Kirk sobrava observar McCoy cuidar de Sulu. E preocupar-se.

A valente ação de Sulu em acionar os motores e soltá-los para livrá-los da mina certamente salvara a nave auxiliar da destruição iminente. Contudo, fora obrigado a soltar o cinto para alcançar os controles; enquanto Kirk era jogado contra o anteparo na cabine dos passageiros, Sulu sofrerá um destino semelhante na frente. O resultado fora um ombro que pendia em um ângulo agonizantemente errado até que McCoy o aliviara colocando-o no lugar. Cartilagem dilacerada, McCoy dissera a Kirk. Músculos rompidos, nervos danificados. Tudo isso, sem dúvida alguma, reparável na enfermaria de uma nave estelar; tudo isso irremediável em uma nave auxiliar sem calor, sem luz e sem ar. Kirk observava McCoy envolver o que pareciam ser quilômetros de bandagem translúcida em volta da forma quieta de Sulu, prendendo firmemente seu braço a seu lado. *Como uma borboleta em um casulo*, Kirk descobriu-se pensando. *Ou uma mosca presa na teia de uma aranha, esperando pelo inevitável.*

Ele olhou em volta da nave agora danificada, perguntando-se por quanto tempo Spock procuraria por eles até declará-los mortos.

A voz de Sulu interrompeu os pensamentos de Kirk. — Sabe o que isto me lembra? Só um pouco, — emendou o piloto, — mas ainda assim me lembra.

Kirk esperava que não fosse nada por demais desagradável. — O quê?

Sulu sorriu fracamente, e apesar de estar com o rosto cinzento, seus

olhos brilhantes de dor, o sorriso iluminou-lhe o rosto. — Houve uma simulação que nossa turma realizou na Escola de Comando, onde uma nave era desativada por uma mina gravitacional...

— Não só a sua turma. — Kirk fez uma careta. Isso supostamente deveria ser mantido em segredo — e como as outras turmas poderiam ser honestas quanto à resposta? — mas nas circunstâncias... — Todas elas.

Chekov resmungou inarticuladamente.

— Eu também me lembro. O *Kobayashi Maru*.

Sulu tentou assentir, estremeceu visivelmente e em vez disso, falou: — É esse mesmo. — Seu sorriso não sumiu.

— O que é um *Kobayashi Maru*? — perguntou McCoy.

— É um aparelho de tortura — Chekov comentou com hostilidade lá da frente, e Kirk riu. McCoy fitou a escotilha, então olhou novamente para Kirk, parecendo todo o tempo como se pensasse que eles tentavam esconder alguma coisa dele. Para Kirk isso tornou a situação ainda mais engraçada.

— Significa "o navio chamado Kobayashi", em japonês — Sulu tentou explicar. — Isto é, esse era o nome... de uma nave.

— Era uma situação de comando — Kirk continuou, apiedando-se da óbvia confusão do doutor. — Um cadete de comando é colocado no comando de uma nave estelar simulada, então obrigado a tomar uma decisão relativa ao resgate de um cargueiro de combustível da Federação que foi desativado em espaço klingon. O nome do cargueiro na situação é *Kobayashi Maru*.

McCoy bufou e sentou-se novamente em seu lugar. — Então, qual o grande lance deste teste?

— Era uma situação de não ganhar — Kirk disse. — Não importava o que se fizesse, ou quanto se tentasse, você sempre perdia. Todas as possíveis decisões eram erradas.

McCoy virou-se, seu rosto uma máscara de descrença indignada. — Ora, isso me parece danado de injusto! Todos na nave, até mesmo Sulu, riram.

— Era essa a questão, Magro. — Kirk disse

McCoy desistiu frustrado e voltou a sentar-se. — Eu não compreendo.

Kirk não podia deixar de sentir-se mal pelo doutor, que não conseguia perceber por que sua confusão era tão engraçada. — Era um teste de caráter — explicou Kirk. — Direcionado para descobrir como você reage a uma causa perdida.

McCoy surpreendeu Kirk ao rir abertamente. — Você deve ter sido belamente reprovado *nesse*!

O Capitão fingiu insulto. — Ao contrário, na verdade fiz pontos bem altos.

— Ah é? — McCoy recuou em surpresa zombeteira. — Não posso esperar pra ouvir isto!

Kirk surpreendeu-se ao descobrir que, mesmo após todo esse tempo, o simples pensamento de sua batalha particular com o simulador fazia-o corar furiosamente. Ele resistiu à tentação de contorcer-se em seu canto. — É uma longa história, Magro...

O sorriso de McCoy apenas aumentou. — Temos muito tempo... Ademais, — acrescentou ele, muito razoavelmente, — isso fará com que as horas passem.

As horas que lhes restavam antes de serem salvos ou de morrerem. Era isso mesmo. A inclinação de Kirk em manter suas tolices juvenis escondidas combatiam com o instinto ainda mais forte de servir a seus homens de alguma forma, mesmo nesta possibilidade limitada. Afinal, se esta não era sua última batalha com o *Kobayashi Maru*, o que era? Ao menos vinha a propósito.

— Eu não *deveria* contar a ninguém — disse ele como última resistência.

— Nossos lábios estão selados — Sulu prometeu solenemente, ainda sorrindo. — Certo, Pavel?

Chekov enfiou brevemente a cabeça no compartimento de passageiros. — Eu não contaria nem mesmo a minha própria mãe, senhor.

— Eu cobrarei isso de vocês dois — Kirk prometeu quando Chekov desapareceu novamente na escotilha dos pilotos. — Porque se alguém tentar este truque novamente, a Frota Estelar saberá *onde foi* que obtiveram a idéia...!

DOIS

SITUAÇÃO SEM SOLUÇÃO

O Cadete James T. Kirk sentava-se apertado em um terminal de leitura do salão de recreação, os cotovelos nos joelhos, os punhos fechados sob o queixo. Muitas pessoas passaram apressadamente pela tela diante dele, indo primeiro para a frente, depois para trás conforme Kirk mudava a direção da fita com uma única palavra sussurrada. Uma explosão na tela envolvia o cubículo em luz; a escuridão voltava tão rápido quanto ela, só que desta vez levando consigo também a imagem a tela. Somente as palavras *KOBAYASHI MARU 463981-009 CONCLUÍDO* iluminaram a tela negra, e por apenas um breve instante.

Eu perdi.

O pensamento atingiu Kirk com incredulidade entorpecente, exatamente como o fizera cinco vezes antes. Após ter sido aceito na Frota Estelar com idade abaixo da padrão, após permanecer no topo de sua turma da Academia a cada ano, a Frota Estelar o enfiara em um simulador de doze metros de diâmetro por menos de cinco minutos e ele falhara tão miseravelmente que nem mesmo seus colegas de turma tiveram a má idéia de rir. Ele sinalizou para que a leitora repassasse a fita novamente, enquanto uma fúria impotente transformava sua descrença em chamas.

— Tal tenacidade deveria pertencer a um andoriano, James Kirk.

Kirk sentou-se direito bruscamente. Do lado de fora da porta da leitora, os cabelos louro pálidos do Tenente-Comandante Constrev eram a única coisa visível na escuridão.

— Já passou do toque de recolher dos estudantes — continuou complacetemente. — Você deveria estar no alojamento.

Kirk já se envolvera com demasiada freqüência em discussões com Constrev em horários tardios para acreditar que o especialista em computadores fosse denunciá-lo agora. Voltando-se para a leitora e a situação frenética que novamente preenchia a pequena tela, ele enterrou o queixo em suas mãos. — Eu quero ver isto mais uma vez. — *Eu quero descobrir o que diabos fiz de errado...*

Constrev dobrou suas pernas sob si e sentou-se do lado de fora do cubículo. — O *Kobayashi Maru!* Kirk lançou-lhe um olhar atônito e Constrev sorriu. — Já é quase meia-noite agora. Creio que já reviu esta fita mais de uma vez.

Kirk fixou sua atenção novamente na tela antes que Constrev percebesse

sua surpresa; não gostava que o Tenente-Comandante pudesse lê-lo tão facilmente. — Estou... cronometrando. — Tentou fazer a admissão parecer casual. — E eu queria estudar os detalhes.

— Sei. — Constrev observou a tela com ele por algum tempo. — Uma vez, há quase quinze anos atrás, — comentou ele, como se Kirk tivesse lhe pedido uma estatística, — um aluno fez o *Kobayashi Maru* durar onze minutos e meio. Meu oficial comandante, Almirante Howell, me disse isso — acrescentou. — Ninguém mais o fez desde então. Por que você sente a necessidade de ser bem sucedido onde outros falharam?

Kirk sentiu o sangue subir a seu rosto e, desta vez, não interrompeu a explosão que se seguiu. — Porque eu fui *idiota!* Levou menos tempo para os klingons me destruírem do que eu levo pra falar sobre isso! — Suas mãos se fecharam sem que ele se desse conta; ele as batia contra suas coxas para evitar acertar alguma coisa dentro do cubículo. — Sou *bom* em estratégia — insistiu, a voz tão baixa que era quase um grunhido. — Droga, Constrev, eu *sou* um bom comandante!

Constrev assentiu sabiamente. — Talvez os klingons sejam simplesmente melhores.

— Não. — O simples pensamento era por demais amedrontador. Se os klingons fossem "melhores" neste simples exercício de sala de aula, como é que seriam lá fora no mundo real? — É só um computador — Kirk finalmente declarou na defensiva. — Eu deveria poder vencê-lo.

— Só um computador. — A risada fina de Constrev soou como um tiro na imensidão vazia do salão de recreação. — Mais uma razão para você *jamaiz* vencê-los.

Kirk fitou-o com a testa franzida.

Constrev sorriu. Ninguém poderia discutir as complexidades da psicologia de um computador com tanto brilho e propriedade quanto Constrev, algumas vezes Kirk pensava que as funções mentais binárias era a escolha sagrada de seu amigo. — Os computadores não podem ser indecisos — Constrev lhe disse. — Os computadores podem pensar mais rápido que qualquer organismo biológico conhecido atualmente. Os computadores assumem seu conhecimento com base no conhecimento de *todas* as espécies, não apenas nas experiências humanas. Eles são mais espertos, mais rápidos e mais pacientes que você.

— Eles não podem *sentir* — contrapôs Kirk. Ele não gostava de ser comparado a uma máquina, principalmente quando a comparação era desfavorável. — Eles não têm instinto, não têm coração!

Constrev sorriu, divertido. — Então você acredita que as criaturas biológicas espiritualmente superiores deveriam triunfar sobre as eletrônicas.

Kirk virou-se para a leitora sem responder ao sarcasmo.

— Você deveria ler sua filosofia, James Kirk. Na Terra, o filósofo Agrippa ensinou que todos os seres são representações microcóslicas do Universo que os cerca — um ser nasce, cresce e morre. Assim como o Universo um dia nasceu, está crescendo e algum dia morrerá. Seu fracasso nisto é apenas uma representação de como todas as coisas, grandes e pequenas, podem fracassar, até o fim da eternidade. Aceite isto, e continue.

Kirk observava enquanto as chamas engoliam a ponte do *Potemkin* pela sexta vez naquela noite. Ele não estava realmente interessado no que Agrippa pensava do *Kobayashi Maru*, sua classificação não dependia disso. — Quão microcóslicos podemos ser, — perguntou irritado a Constrev, — quando homens morrem a cada dia mas nossas espécies continuam a crescer?

— No final, a entropia clama até mesmo a mais desenvolvida das espécies. *Todos nós falhamos no final.*

Kirk desligou o transmissor de imagens com um golpe zangado de sua mão. Já tivera filosofia demais para uma noite. — Boa noite, Constrev — anunciou brevemente.

Constrev levantou-se sem protestar. — Boa noite, James.

Era como um pesadelo ruim.

Fumaça obscurecia a visão de Kirk pela segunda vez em duas semanas. Os ventiladores rugiam no alto, ativos, sugando a nuvem cinza escuro como uma cortina enquanto o simulador era aberto com um som de *hissss* alto e hidráulico. Os estudantes espalhados pela ponte arruinada olhavam em volta em confusão constrangida. Seus rostos manchados de fuligem e olhos fugidios partiram o coração já culpado de Kirk.

Fracassei com eles.

Ele fitava fixamente o terminal de navegação-leme enquanto o Almirante Howell caminhava pela ponte. Howell, os olhos escuros brilhando de simpatia, fez uma pausa no arco onde outrora ficava a tela visual e anunciou: — A simulação está terminada.

Quase como se fossem um único corpo, os cadetes suspiraram de alívio. Kirk não pôde evitar maravilhar-se, mesmo através do desespero, que uma voz calma pudesse dar segurança a toda a tripulação de uma ponte após tal desastre total. Ele invejou essa firmeza, uma firmeza que uma vez tivera a suficiente vaidade em acreditar que possuísse.

— Vocês terão trinta minutos para clarear e organizar seus pensamentos

— continuou Howell, aparentemente esquecido da humilhação de Kirk.

— Nos encontraremos no Salão de Conferências Kare às dez horas para

rever *sua performance*. Dispensados.

Os cadetes enfileiraram-se em grupos de dois ou três para sair do simulador. Ainda abalados, seus movimentos muito rápidos e amplos, suas vozes muito baixas ou muito altas, eles abandonaram Kirk sem nem mesmo olhar para trás. *Assim como deveriam*, pensou secamente. Uma segunda turma de cadetes, uma segunda nave estelar, um segundo *Kobayashi Maru*. Um segundo fracasso. Kirk aterrorizava-se ao pensar que isto pudesse ser o início de uma tendência.

— Você vai juntar-se ao resto de nós, Cadete Kirk? Ou esperar aqui até que o grupo da manutenção o varra para fora?

Kirk fitou rápido os olhos sorridentes de Howell, então obrigou-se a não desviar o olhar novamente quando percebeu que estava corando. — Eu estava... revendo minha *performance*. Creio que estou pronto para ir agora.

Howell fez um gesto para Kirk sentar-se novamente na cadeira de comando quando o Cadete começou a levantar-se. — Revendo sua *performane*? — repetiu o almirante quando Kirk parou e fitou-o, mas recusou a sentar-se novamente. — Você já não obteve bastante disso na outra noite? Kirk fechou sua boca no momento em que percebeu que ela estava se abrindo. — Constrev...

— Não me falou nada — Howell terminou por ele. — Mas eu sei que a fita do seu último *Kobayashi Maru* foi verificada durante a noite, você estava atrasado para a verificação noturna e Constrev apresentou-se atrasado e sonolento, em meu escritório, para seus deveres no dia seguinte. — Ele deu um passo à frente para inclinar-se sobre o terminal de navegação, o queixo na mão. — Senhor Kirk, percebe que seu tempo de reação para este teste estava bem acima da média para este tipo de encontro? Nas duas vezes.

Kirk sentiu seu rosto corar novamente. — Eu não me dei ao trabalho de contar, Almirante. — Isso não era exatamente verdade: Ele *estudara* seu primeiro teste vezes suficientes para saber que levava quatro minutos e trinta e sete ponto três segundos para morrer. Ele pensava que desta vez demorara um pouco mais, mas não tinha certeza.

— Em ambas as vezes você executou aproximações impecáveis. Desviou-se dos livros quando era aplicável e sua tripulação auxiliou-o de modo admirável, principalmente considerando-se que na verdade nenhum deles jamais serviu em uma nave estelar. — Howell ergueu uma sobrancelha e lançou um olhar curioso sobre Kirk. — Eu não esperava a pirueta Reinhold desta vez. Nem mesmo tenho certeza de que seja *possível* com uma nave da classe *Constitution*. Mas o Almirante Walgren deu-lhe pontos por tentar. Ele *não é* um homem fácil de impressionar.

— Perdi minha nave. — As palavras escaparam de Kirk antes mesmo

que pudesse evitá-lo. Uma onda de vergonha por sua falta de controle fê-lo voltar-se para examinar a ponte estilhaçada a sua volta. — Eu perdi minha tripulação! *Duas vezes...*

— Você fez tudo o que pôde.

— Eu deveria ter feito mais.

Howell deu de ombros com uma calma tão enfurecedora que Kirk gostaria de bater nele. Talvez. Mas isso não teria feito qualquer diferença.

Kirk começou a protestar: estudara os grandes comandantes desde que era um garoto. Sabia que Korrd, Garth de Izar, ou Shaitani teriam arrancado vitória das mandíbulas até mesmo desta derrota. Deus, fora Shaitani quem ele tentara igualar em seu primeiro teste, e mesmo então...

Mesmo então, ele fracassara.

E isso era impossível.

Fitando o rosto enrugado de Howell, Kirk procurava por alguma confirmação do que ele já intuía. Não compreendia o por quê, mas agora ele *sabia*. Sabia, e odiava Howell e todos os outros que o obrigavam a encarar tal situação.

— Você planejou isto — acusou em voz calma. — Ambas as vezes, você *sabia* que eu ia perder.

— Eu sei que *todos* vão perder. — Howell endireitou-se e encontrou o olhar de Kirk. — É a natureza do jogo, Senhor Kirk. Ninguém vence.

Howell não parecia zangado com Kirk ou o novo conhecimento discernente do Alferes. Kirk não o interrompeu quando continuou.

— O *Kobayashi Maru* é uma situação sem solução — explicou Howell. — Na vida real, você só tem que enfrentar este tipo de fracasso uma vez. Mas é uma coisa para a qual todos os comandantes têm que estar preparados. — Fez um gesto na direção do painel manchado de fumaça diante dele. — Não importa o que você faça, o computador ajusta-se e compensa. Nós retiramos conhecimento de todos os comandantes que já viveram — nenhum deles poderia agora vencer o computador. *Sempre* haverá mais klingons, mais perigo, menos tempo.

Kirk assentiu, compreendendo melhor do que achava que Howell percebia. — Ele trapaceia.

A risada de Howell surpreendeu-o. — É *claro* que ele trapaceia! Porque a questão da situação é não deixar que *você* ganhe! É pra isso que o computador é programado. É tudo o que ele sabe.

— Mas não é justo — contestou Kirk. Ele teimosamente cruzou os braços sobre o peito. — Quando disse que eu podia fazer este teste quantas vezes quisesse, também era uma mentira?

— Não. — Howell balançou a cabeça. — Você pode fazê-lo até o

inferno congelar. Ou até o final do semestre, o que vier primeiro. Mas isso não fará nenhuma diferença.

— Então por que me dizer isso? Por que não me deixar fazê-lo e fazê-lo e fazê-lo, como todo mundo?

— Porque — Howell sorriu tenuemente — todo mundo *não faz*. Ninguém fez este teste duas vezes por mais de vinte anos. — O sorriso desvaneceu-se e Kirk pensou sentir uma preocupação real nos olhos escuros do Almirante. — Eu pensei que ao contar-lhe o sentido da história pudesse fazê-lo mudar de idéia. Não queria ver um aluno tão bom perdendo seu tempo.

Quando saiu da plataforma, Kirk tentou fazê-lo com uma determinação digna dos deuses. Ele não tinha certeza se o conseguira; sentia-se incrivelmente pequeno. — Veremos — foi tudo o que disse a Howell enquanto descia.

A Livraria Mundial anexa ao Velho El Cerrito não tinha nada sobre o *Kobayashi Maru*. Nem um único livro, ou artigo, ou nota de referência, nem mesmo no mais obscuro dos jornais da Galáxia.

É claro.

Kirk balançava o pé enquanto esperava pela nave que o levaria de volta à Academia, amaldiçoando-se por esperar existir anotações (principalmente após seu fracasso em encontrar alguma referência na própria biblioteca da Academia). As catorze fitas nos bolsos de sua jaqueta batiam como maracas desafinadas enquanto o vento de dezembro açoitava-o por todos os lados. Kirk fechou a frente de seu agasalho e então cruzou os braços em frustração.

O *Kobayashi Maru* não existia do lado de fora da sala confinada daquele simulador desgraçado. Ninguém, falava dele, nenhum livro-texto o mencionava, nenhuma de suas pesquisas exaustivas nos bancos de dados da Federação encontrava sequer a mais vaga referência a alguma coisa como este nome, nem mesmo uma nave espacial de verdade. Se não fosse por seus próprios sonhos, Kirk poderia imaginar que jamais fizera realmente o teste.

Ele não podia contar quantas vezes no último mês acordara de repente durante a noite, zangado e suando, apenas para passar o restante da noite no banheiro do alojamento bolando estratégias. A tênue linha entre fracassar e vencer penetrara sua alma; após o fracasso em suas primeiras pesquisas por computador, ele adquirira informações em outras derrotas militares. Se não podia aprender com o sucesso dos mestres, podia em vez disso aprender com seus fracassos.

Algumas das derrotas eram tolas, tão fáceis de vencer que dificilmente

valeria a pena levar em consideração: da Terra o próprio George Custer em Little Bighorn, que teria destruído os Cheyenne se ao menos tivesse esperado pelo resto de suas tropas; Babin em Rukbat V, que jamais teria distribuído sua Sexta Frota pelo sistema se não estivesse por demais obcecado em possuir Rukbat e não prestara atenção nos rumores sobre uma emboscada romulana. Outras eram derrotas honestas que os comandantes da época não poderiam jamais alterar: a Ofensiva Hoshe através do setor de Magalhães (naqueles dias a Terra ainda não conhecia o teletransporte); Fr'nir em Gast, cujos soldados morreram lentamente de envenenamento por *kurite* antes mesmo de alguém saber o que era *kurite*.

Após as batalhas, ele então, estudara os comandantes. Garth, Babin, Shaitani, Hoshe-Igga, Korrd, John Simpático, Von. Informações biográficas e estatísticas em suas batalhas rolavam em sua cabeça em todos os instantes em que estava acordado. Na noite passada ele sonhara com a batalha de Tiatris, e a vencera também, apesar das desvantagens. Onde John Simpático fora aumento para o *mihka*, Kirk indicara o caminho do mar para o *mihka*. Ele até mesmo se lembrava de como, agora, quando estava acordado, poderia recontar cada movimento que fizera, cada ordem dada. E elas eram brilhantes. Todas elas.

Sentado na nave auxiliar no caminho entre a Academia e a livraria, ele esquematizara, descobrira e planejara, até que pudesse recontar *todas* essas vitórias históricas como se tivessem sido disputas de pré-escolar. Algumas delas ele poderia vencer em menos tempo do que levava para realizar o conflito original. Algumas delas ele podia até mesmo evitar. Algumas delas ele podia terminar antes mesmo de sequer serem consideradas começadas.

E no alto de tais sucessos, seus pensamentos sempre voltavam para o *Kobayashi Maru*.

Em muitos modos, o teste era mais complexo que qualquer coisa que pudesse encontrar em suas referências históricas. O computador sabia *tudo*, não importava quão obscuro ou improvável; reforços klingons podiam vir de lugar nenhum, não importava que a Zona Neutra jamais abrigara mais do que quatro cruzadores klingons não relatados. Kirk tinha pilhas de anotações escondidas sob seu colchão no alojamento, notas que as vezes mais se assemelhavam a fluxogramas do que a planos de batalha. Ele já construía doze estratégias para vencer o *Kobayashi Maru*; e doze vezes ele contrapusera seus próprios esquemas aumentando o conhecimento do computador, aumentando as forças klingons. Era como tentar vencer uma guerra contra Deus, não importava o que concebesse, mais klingons sempre convergiriam ou simplesmente não sofreriam danos ou danificariam fatalmente sua própria nave com armas que não deveriam penetrar as telas.

Kirk estava preso às leis da Física, enquanto nada prendia o computador além de uma imaginação sádica; sem a ligação com a realidade com a qual trabalhar, literalmente *qualquer coisa* poderia acontecer.

Então Howell estava certo: Kirk perderia. Todas as vezes. "*É a natureza do jogo.*"

Mas não era justo.

Quando Kirk desceu da nave, encontrou o caminho até a Academia previsivelmente vazio. A chuva de meio de inverno prendera a maioria dos estudantes dentro dos alojamentos durante todo o final de semana e as provas finais, já bem próximas, não ajudavam. Kirk teria ficado para estudar, mas sábado era o único dia que ele podia arriscar-se a sair para a biblioteca e ele não queria perder o que talvez fosse sua última chance de coletar dados antes do final do semestre.

A meio caminho pela quadra açoitada pelo vento, Kirk viu uma figura solitária sob o arco de uma das passarelas elevadas. Um pesado *parka* escondia a identidade do indivíduo, mas as calças negras enfunadas marcavam-no como um membro da Frota Estelar; fazendo uma careta, Kirk redirecionou-se para juntar-se a seu camarada com roupas de neve.

Ele só percebeu que era Constrev quando pisou a seu lado e o Tenente-Comandante lançou-lhe um olhar curioso. Os pálidos olhos azuis do especialista em computador pareciam tão apropriadamente friorentos dentro do capuz do *parka* que Kirk teve de rir. — O que é que você está fazendo aqui fora? — perguntou quando Constrev voltou a estudar o lado traseiro da quadra.

— Estou tentando me ajustar ao tempo — replicou. — Devo permanecer estudando na Academia por mais dois anos terrestres e gostaria de ser capaz de sair dos prédios no inverno. — Ele tentava parecer razoável, mas o tom ligeiramente defensivo em sua voz traiu o fato de que outros já lhe haviam feito esta mesma pergunta hoje.

Kirk assentiu agradavelmente, virando-se para seguir o olhar de Constrev para que assim a visão do *parka* não o fizesse rir novamente. — Você tem sorte que a Academia seja em São Francisco — comentou. — A maioria dos humanos nem mesmo consideraria o tempo aqui como frio.

— Não sou como a maioria dos humanos. — Realmente, era muito raro que um humano nascesse e crescesse em Vulcano.

Quando Constrev não se manifestou em acrescentar mais alguma coisa, Kirk perguntou: — Não faz frio em Vulcano?

— Eles têm uma estação de inverno, — esclareceu Constrev, — mas não tão severa como esta. Os verões são muito mais quentes, também, e chegam até cinquenta graus centígrados quando o ano não é ruim.

Kirk assobiou em apreciação. — Pensei que os humanos derretessem a essa temperatura.

— Não eu.

Continuaram de pé, lado a lado, por vários minutos silenciosos; Kirk observava um amontoado de folhas perseguirem-se pela pedra lisa, tentando não personificar o dervixe deslocando-se como um exército que ele tentaria vencer. Só funcionou pela metade, e ele obrigou-se a olhar para outro lado enquanto as folhas descansavam novamente em uma pilha silenciosa.

— Onde esteve durante o dia? — perguntou-lhe Constrev. Ele também estivera observando as folhas e Kirk não pôde evitar perguntar-se se ele de algum modo sabia o que Kirk estava pensando.

— No anexo da Livraria Mundial — admitiu Kirk. — Estava procurando por mais informações sobre o teste. — Se Constrev sabia, não havia sentido em tentar negá-lo.

Constrev sacudiu a cabeça, enterrando ainda mais profundamente suas mãos nos bolsos de *seu parka*. — Jamais iria tão longe dos prédios em um dia tão frio.

— Onde cresci, — Kirk lhe disse, — isto *não* é frio. Durante o inverno em Iowa, é a área da Terra em que cresci, as temperaturas podem chegar até a uns sessenta graus centígrados abaixo de zero.

Constrev soltou um gemido distintamente infeliz. — Presumo que haja neve também?

Kirk suspirou. — Onde a terra é praticamente reta, a neve estende-se sobre ela como sorvete em um bolo. E de manhã, a luz do Sol deixa-a tão brilhante que seus olhos doem ao olhar pra ela, como um grande lençol de estrelas todas prensadas juntas nos campos de modo que não haja mais nenhum espaço entre elas. E você pode enrolá-la e fazer um homem de neve, ou prensá-la nas mãos e jogá-la em seu irmão. — Ele sorriu com a lembrança de mais de uma dúzia de invernos em Iowa, com seus dedos dormentes e o corpo lento, seu fôlego saindo aos borbotões e em leves nuvens de vapor. — Eu nem mesmo poderia começar a explicar-lhe todas as coisas que a neve pode significar para alguém que cresceu com ela. Neve é mais do que apenas química. É toda uma parte da infância.

Constrev não respondeu por um longo tempo. Depois de um instante, Kirk fitou seu amigo, surpreso por encontrar Constrev olhando atentamente a quadra vazia, como se tentasse valentemente visualizar o mundo que Kirk descrevia.

— Talvez eu o leve a Iowa algum dia — Kirk acrescentou, sentindo-se tolo. — É mais fácil simplesmente mostrar-lhe.

Constrev assentiu, ausente. — Você tem uma alma de poeta, James Kirk

— declarou seriamente. — Por que deseja gastar todo seu tempo fazendo guerra?

— Eu *não* quero fazer guerra — Kirk lhe disse.

— Você estuda este teste — Constrev apontou. — Você gasta mais horas na biblioteca do que em sua própria cama. Você estuda destruição e táticas. Isto não é guerra?

— Não — contrapôs Kirk. — É um princípio. — Ele posicionou-se diante de Constrev para que os olhos do instrutor quebrassem o contato com a neve inexistente. — Não acredito em situações sem solução — disse-lhe ele. — Não acredito que seja justo pedir aos alunos para aceitar um conceito que *eu* não acho válido.

— A situação sem solução é a base de nosso universo — replicou Constrev. — Dependendo de que ponto de vista você utiliza, alguém sempre perde.

— Isso é lixo.

— Se *você* sempre vence, *alguém mais* deve perder. Não é assim?

O pensamento preocupou Kirk profundamente. Ele tocou as fitas de computador, repentinamente constrangido e amedrontado ao pensar que tanto de sua filosofia pessoal pudesse ser rebatida com uma simples declaração. — Não é a mesma coisa — discutiu ele, apesar de fracamente. — Perder e não ganhar *não são* a mesma coisa. Acredito que se possa perder. Acredito que se possa morrer. Eu *não* acredito que exista tal coisa como uma situação em que é impossível vencer.

Constrev estudou-lhe o rosto por um instante, seus olhos pálidos desconcertantemente sérios. Virando-se ele finalmente falou: — Talvez você esteja certo. Mas se o que me diz sobre este teste é verdade, ele não pretende representar a realidade de modo exato. Então por que preocupar-se com ele?

— Porque... — Kirk parou, sua linha de pensamento de repente travada pela idéia florescendo em sua mente. — Porque *não é* real — arfou ele, enquanto a idéia tomava forma. — Porque não é justo. Ele trapaceia! — Pegou Constrev pelos ombros e sacudiu-o alegremente. — Ele trapaceia, Constrev! O que significa que *eu* também não tenho que jogar pelas regras!

Constrev parecia incerto. — Creio que alterar os resultados dos testes é desaprovado.

— Duas negativas fazem uma positiva, não fazem?

— Mas trapacear duas vezes...

— Vai ser um teste justo — Kirk interrompeu-o. — Acredite nisto, sou um Cadete de Comando.

Kirk correu sem fôlego para dentro dos alojamentos dos cadetes cerca de sete minutos antes do toque de levantar. Enrolando-se sob suas cobertas, completamente vestido, ele enfiou um pedaço da colcha dentro da boca para abafar sua falta de ar. *O que está acontecendo comigo?* perguntou-se, um pouco horrorizado. Há somente umas poucas semanas atrás, antes do *Kobayashi Maru*, ficar fora além do toque de recolher era impensável. Ele fora o bom soldadinho, considerando sem duvidar; questionando sem desobedecer. Agora, ele se sentia em guerra com seus superiores quanto a uma questão filosófica sobre a qual sequer pensara antes. Uma guerra que terminaria precisamente três minutos depois das dez horas de hoje. Seu coração martelava excitado diante da perspectiva.

Quando o toque de levantar soou, o companheiro de quarto de Kirk sequer perguntou-lhe por que o jovem Cadete estava sob as cobertas de botas e tudo; Kirk presumiu que o outro homem já vira esta cena muitas vezes nos últimos dias para considerar os hábitos idiossincráticos de dormir de Kirk como dignos de menção. *Você verá*, Kirk disse a si mesmo, silenciosamente, enquanto apressadamente dobrava as cobertas de sua própria cama. *Logo todo mundo poderá adivinhar onde estive durante a noite...*

Suas duas primeiras aulas vieram e se foram com toda velocidade e graça de um homem moribundo arrastando-se pelo deserto. Às dez horas foi liberado da aula para apresentar-se ao simulador. Cadetes esticavam os pescoços de seus lugares para observá-lo dirigir-se obstinadamente para a saída; ele se perguntava sobre o que diriam se soubessem que suas mãos estavam geladas e sua mente entorpecida pela indecisão. Perguntava-se o que diriam os Almirantes Howell e Walgren quando o teste estivesse terminado.

Um grupo de alunos da Divisão de Segurança já encontrava-se no cenário da ponte quando Kirk chegou. Ele apresentou-se aos oficiais-monitores, então sentou-se na cadeira de comando. Sentia-se como se estivesse caminhando sobre gelatina gelada, movendo-se tão lentamente que todos *deviam* ver que ele estava sendo retardado por seu vago sentimento de culpa, que ele na verdade estava com *medo* de continuar com isto, mesmo depois de investir tanto tempo em esquemas. Os braços da cadeira de comando estavam firmes sob seus dedos.

Kirk agora já sabia o teste praticamente de cor. Ele observava os cadetes a volta dele franzirem as testas com seriedade sobre seus instrumentos até que o piloto virou-se para pedir as coordenadas a fim de evitar a Zona Neutra Klingon; Kirk poderia ter dado uma deixa para o oficial sênior que servia em Comunicações: — Capitão... estou recebendo alguma coisa no

canal de emergência.

As palavras "Coloque no áudio" soaram claras e confiantes, mesmo apesar de sua boca estar impossivelmente seca. — *...imperativo!* — uma voz amedrontada sussurrou através de uma sinfonia com estática quando o oficial de comunicações obedeceu ao comando de Kirk. — *Aqui é o Kobayashi Maru*, a dezenove períodos fora de Altair VI. Atingimos uma mina gravitacional...

Kirk não esperou que o pedido terminasse, ele já o ouvira muitas vezes para importar-se com o artifício. Contudo, uma certa quantidade de cooperação era esperada, então fingiu preocupação quando perguntou: — *Kobayashi Maru*, aqui é a *U.S.S. Potemkin*. Pode fornecer-nos sua posição?

— *Gamma Hydra* — replicou a voz distante. — *Setor Dez*.

— *A Zona Neutra* — replicou o navegador. Kirk inclinou-se sobre o pulso para esconder um sorriso.

— *...casco furado... sistemas de suporte de vida falhando! Pode nos ajudai, Potemkin?*

Eu não sei por que estou sorrindo, admirou-se Kirk, ainda mascarando o sorriso. *Ser expulso da Escola de Comando dificilmente é alguma coisa engraçada*. Ele tinha uma terrível premonição de que "ser expulso" era exatamente o que iria lhe acontecer. Até agora, nada quanto ao teste se modificara, nem por um segundo ou uma sílaba. Ele conseguira? Ele dificilmente seria considerado um especialista em computadores.

— *Potemkin?* Estamos perdendo seu sinal *...pode nos ajudar?*

— *Leve-nos até lá* — ordenou Kirk, apurando-se. Ele nem mesmo pediu para ver os dados do cargueiro de combustível. Ele os olhara quando fizera o teste pela primeira vez, na esperança de obter alguma informação; olhara-os na segunda vez, esperando manter a ilusão de que não sabia o que estava por vir; desta vez ele nem mesmo se importava.

— *Capitão*, isso seria uma violação direta ao tratado — o Primeiro Oficial começou.

— *Estou bem ciente disso, obrigado.* — *Mas se vou cair, então cairei em chamas.* — *Piloto*, erguer escudos. Por precaução.

— *Sim, senhor.*

O computador mal terminara de avisá-los que acabavam de entrar na Zona Neutra Klingon quando o Oficial de Comunicações exclamou: — *Perdi o sinal!* — e o Oficial de Ciências informou: — *Três cruzadores klin-gons aproximando-se pela popa!*

— *Ação evasiva!* — falou Kirk, agarrando os braços de sua cadeira em antecipação ao golpe que já sabia que viria. Ele sacudiu o simulador, explodindo o terminal do leme em chamas antes que qualquer membro da

ponte pudesse informar.

— Força total para as telas!

Uma mulher ágil e jovem passou por cima do piloto "morto" para assumir os controles. — Telas inoperantes, Capitão.

Kirk lançou um breve olhar irritado a seu navegador "moribundo". Ele bateu uma das mãos no braço de sua cadeira de comando, desejando poder machucar alguma outra coisa além de si mesmo. — Contate as naves klingons. Diga-lhes que estamos em uma missão de resgate!

Ele fitava a tela acusadoramente, sabendo que Howell e os outros estavam observando e desejando queimá-lo com sua raiva; espaço negro e três Dragões de Guerra azuis e cinza-chumbo encaravam-no em silêncio sinistro. Ele nem mesmo percebera que o Oficial de Comunicações não respondera até que o Imediato declarasse: — O Capitão disse-lhe para contatar o comandante klingon, moço.

O Oficial de Comunicações gaguejou indefeso por um instante. Kirk virou a cadeira de comando a tempo de vê-lo fechar os olhos como se fizesse uma oração de desculpas e timidamente tocou um botão. — Na tela agora, Senhor...

Kirk não pode evitar soltar um curto grito de surpresa.

— Aqui é o Comandante Kozor, — anunciou uma voz gutural, distorcida pela frequência entre-naves, — da nave *Kh'yem*. — Atrás do rouco tom de barítono, Kirk podia ouvir outros klingons gerados por computador resmungando e em alvoroço enquanto realizavam seus deveres gerados pelo computador. — Você entrou na Zona Neutra violando o Tratado. Em nome do Império Klingon, a nave *Kh'yem* declara guerra!

Remexendo-se em sua cadeira, Kirk fez força para assumir o que esperava ser uma expressão de consumada confiança (os klingons podiam não ser capazes de vê-lo, mas os oficiais-monitores certamente poderiam).

— Aqui é o Capitão James T. Kirk, da *U.S.S. Potemkin*. — Era a primeira vez que ele dizia seu nome desta maneira; a emoção absoluta o fez ficar com o fôlego curto. — Estamos em uma missão de resgate em busca de um cargueiro civil registrado na Federação de Planetas. Não causaremos nenhum problema, mas nos defenderemos se for preciso.

— Capitão Kirk? — falou o comandante klingon. — O Capitão Kirk? Kirk lutou contra um sorriso enquanto a tripulação da ponte exclamava em uníssono: — O Capitão Kirk? — O navegador "morto" começou a rir.

Kirk limpou a garganta e prosseguiu. — Eu o provarei, se você me obrigar.

O comandante klingon grunhiu aos outros em um ríspido klingonês. — Isto não será necessário — disse em um tom mais humilde. — Informe as

coordenadas do cargueiro, e a *Kh'yem* lhe oferecerá toda a ajuda, *Capitão Kirk*.

De algum modo, a risada alta do navegador destruiu a solenidade do momento. Kirk, a cabeça girando, retribuiu os olhares atônitos de sua tripulação com um sorriso presunçoso. — Gamma Hydra, Setor Dez. Apreciaríamos imensamente a sua escolta, Kozor.

— É claro, *Capitão Kirk*! O que precisar...

Quando o teste terminou, dezoito minutos e vinte e sete segundos haviam-se passado. Kirk comandara as operações de resgate em um deslumbramento atordoado, de uma certa maneira surpreso em descobrir que afinal *havia* um *Kobayashi Maru* a ser resgatado. A tripulação agira belamente, os klingons foram excepcionalmente cooperativos e o comandante do *Kobayashi Maru*, Kojiro Yance, até mesmo concordara em jantar com Kirk naquela noite.

O simulador ainda cheirava a fios queimados e plástico derretido quando a tela abriu-se para admitir a entrada do Almirante Howell. Os ventiladores de teto haviam aspirado o pior da fumaça, mas para cada aragem levada embora, outra nuvem de fumaça elevava-se dos danos simulados. Brilhos finos e compridos de cristal líquido amontoavam-se pelo chão coberto de fuligem. Howell parou exatamente dentro da tela visual e balançou sua cabeça para os cadetes risonhos e gritando, que empurravam-se passando por ele a caminho da sala de conferência.

Kirk permaneceu na cadeira de comando, sua cabeça posicionada em um ângulo baixo enquanto ele aflagava a cadeira de comando como um cavalo premiado. *Nós conseguimos*, pensou alegremente. *Vencemos a situação sem solução*. Não *exatamente* sem solução, uma vez que ele mudara as condições, mas isso parecia-lhe um detalhe menor no momento.

— Essa foi uma *performance* interessante — disse Howell quando o último dos cadetes saiu. — O Almirante Walgren está falando em mandá-lo para a Corte Marcial. *Eu* estarei com as mãos ocupadas tentando dissuadi-lo. — Ele deu a volta no terminal do leme para sentar-se.

Kirk fez uma careta e estudou a ponte especulativamente. — Fui bem sucedido.

— O que provou? — A voz de Howell estava confusa mas honestamente curiosa. — Que trapacear vale a pena?

Relegar sua solução para o reino de simples trapaça feriu o orgulho de Kirk. — Considere-me como um opositor consciente. Eu não considero trapaça quando as regras do jogo são injustas.

— Eu já lhe expliquei isso — começou Howell, mas Kirk interrompeu-o, para dizer novamente: — Eu não acredito em uma situação sem solução.

— E você acha que reprogramar a simulação para que os klingons acreditem que você é um famoso capitão de nave estelar prova que você está certo? — Howell estudou Kirk minuciosamente. — O que você fará quando der de cara com klingons na vida real? Convencê-los de que você é Garth de Izar?

Kirk endireitou-se na cadeira de comando, sentindo-se repentinamente protetor de uma nave e uma carreira futura um tanto nebulosa. — Eu lidarei com isso quando acontecer, senhor — disse rigidamente. — Eu talvez não tenha que convencê-los de nada.

Uma emoção indefinida passou pelos olhos escuros de Howell, e desapareceu antes mesmo de Kirk poder identificar o que vira. Quando o Alferes franziu a testa levemente, o oficial mais velho sorriu e levantou-se da cadeira do piloto. — Esqueça que eu perguntei — aquiesceu. Andando para o final da plataforma, ele olhou para Kirk como um subordinado apresentando-se para o dever. — Vamos ver o que o restante da classe tem a dizer *desta* vez — sugeriu ele. Tenho uma sensação de que você terá um tempo bastante ocupado diante de você.

Kirk levantou-se lentamente e juntou-se a Howell no convés vazio. — Sim, senhor. Creio que mereço o que quer que eles me dêem.

Howell sorriu gentilmente para ele: — Sim, Senhor Kirk, creio que provavelmente merece.

De algum modo, Kirk sentiu que ele não estava falando apenas do resto do dia.

TRÊS

HALLEY

Kirk mudara de posição por insistência de McCoy, elevando seu joelho ao sentar-se com as costas no anteparo e sua perna esticada na fileira de assentos vazios. Ele ficou nessa posição, batendo seus dedos contra as costas do assento, por talvez um minuto inteiro antes que uma irritação constrangida finalmente o fizesse mover-se para declarar: — Não foi assim tão engraçado, Doutor.

McCoy conteve sua risada até ela tornar-se uma risadinha esporádica.

— É sim, Jim! — O Doutor fez uma pausa na inspeção de seu medikit para encostar-se em seu lugar e recuperar o fôlego. — E tão *característico!* Estou surpreso por eu não ter simplesmente adivinhado!

Kirk fez uma cara que, pensou, McCoy não pudesse ver através da meia-luz existente entre eles. Que pena, parecia uma pena desperdiçar tal contrariedade honesta na escuridão. — Isso deveria me ofender?

O Doutor deu de ombros. — *É sua* auto-imagem...

— Não creio que eu compreenda... - Chekov juntara-se a eles vindo do compartimento da frente na metade da narração de Kirk. Ele agora sentava-se com suas costas contra as portas da câmara de descompressão, seus braços abraçados a seus joelhos levantados; a luz das lâmpadas lançava um brilho azulado sobre os cabelos castanhos do Tenente, enquanto a distância deixava-lhe suas feições de olhos escuros nas sombras. — Está dizendo que trapaceou?

— Senhor Chekov! — O tom de McCoy era de censura zombeteira, seu rosto estudadamente sério para ser sincero. — "Trapaceou" é uma palavra vulgar e mal aplicada para o que o Capitão realizou! - Pegando alguma coisa de dentro de seu medikit, ele a colocou sob a luz para poder identificá-la. - Ele exercitou a prerrogativa de um Comandante criativo diante da adversidade!

— Eu mudei as condições do teste - Kirk tentou elaborar, mas McCoy o interrompeu novamente.

— Sua solução nem mesmo se *aplicava* ao teste que seus colegas de classe fizeram! - Ignorando o que quer que tivesse descoberto, McCoy retornou a sua inspeção.

Chekov olhou de Kirk para o Doutor, como se tentasse pegar alguma comunicação entre os dois que ele estivesse perdendo. — Você trapaceou.

Kirk sentiu seu rosto contorcer-se em uma sorriso sardônico que

duvidava nem mesmo ele teria reconhecido diante de um espelho. — Estive trapaceando toda minha vida - disse ele, antes de pensar melhor sobre isso.

— O destino nunca descobriu a não ser agora.

Como cera sob um feixe de partículas, o tênue bom humor evaporou-se, deixando outro silêncio denso e agitado. Kirk queria desculpar-se, mas percebeu que isso apenas tornaria as coisas piores; ele ouvia a busca calma de McCoy e o estardalhaço de Scott na traseira, e esperava que alguém iniciasse novo assunto. McCoy, como de costume, foi o primeiro a interromper a quietude.

— Vamos — reclamou o Doutor enquanto se levantava, batendo em Chekov com um pé. — Senta numa cadeira! Este convés de metal só vai drenar todo o calor de suas costas; não preciso de um paciente com hipotermia além de todo o resto!

Chekov levantou-se obedientemente; Kirk teve apenas uma rápida visão da expressão preocupada e meio zangada do Tenente quando Chekov passou sob a luz a caminho de um lugar vazio na fileira atrás de Sulu. — Logo até mesmo as cadeiras não serão mais seguras. Enquanto estiver mais frio lá fora do que está aqui dentro, todo isolamento existente não será suficiente para nos mantermos vivos. — Ele jogou-se sobre o assento central e voltou seus olhos ensombrecidos e amedrontados para o vácuo imenso. — Física prática em ação.

É claro que era Chekov quem permanecia com a mente cheia da morte à espera do lado de fora das portas da nave auxiliar. Kirk algumas vezes pensava que seu Chefe de Segurança gastara tanto tempo lutando para manter-se firme entre um pragmatismo ameaçador e um idealismo cego que ele finalmente fora cortado ao meio, agora temia de dar um passo em qualquer uma das duas direções para não perder o domínio sobre a outra. *Quem teria feito isso com ele*, perguntava-se Kirk. E por que alguém quereria fazê-lo?

— Não desista — avisou Kirk, desejando que pudesse seguir seu próprio conselho. — Nós ainda temos algumas poucas horas antes de nos preocuparmos com o frio Scotty poderia praticamente construir uma nova nave nesse tempo!

— Se o frio é tudo com que se preocupam, — Scott falou da parte de trás da nave, — a nave que temos agora serve-nos muito bem!

O joelho de Kirk protestou quando ele girou para encarar o engenheiro maciço caminhando pelo corredor central. Com o cinto de equipamentos inclinado em seus quadris, Scott passou uma mão pelos cabelos desalinhados sem qualquer efeito visível, um pensamento tardio sobre sua aparência física. Ele sorriu pesaroso para Kirk e caminhou em volta da lâmpada de

emergência.

— O que me diz? — Kirk já sabia que a resposta não podia ser boa.

A resposta inicial de Scott foi entrar no compartimento dianteiro e inclinar-se sobre a cadeira do piloto. Uma luz forte e fria banhou a escuridão quando o engenheiro apertou uma série de pinos; a própria nave auxiliar pareceu soltar um suspiro agradecido. Kirk sorriu.

— Temos calor, também — ofereceu o escocês enquanto retornava para a câmara central — Não o sentiremos ainda por uma hora ou duas, mas está funcionando. Não vamos congelar.

— E temos mais do que apenas a luz das estrelas com que ver! — McCoy fez uma pausa em seu exame no joelho de Kirk para desligar a lâmpada na ponta da cadeira. — Isto parecia melhor no escuro, Jim.

Kirk fez uma careta. McCoy cortara-lhe a calça até a coxa e o joelho machucado inchara para acomodar-se. O pacote de frio químico prensado ao longo da perna de Kirk não escondia o machucado púrpura-negro ou fazia muito para aliviar-lhe a dor. McCoy enfiou o pacote debaixo de um cotovelo enquanto preparava outra hipo; Kirk ouvia Scott com grande atenção para assim não ter que observar a injeção.

— Então temos força nos motores? — Kirk queria que Scott continuasse falando.

— Nós temos força de *gerador*, — consertou-o o engenheiro, — mas nenhuma capacidade nos motores da qual valesse a pena falar. — Scott encostou as costas no parapeito, esticando seus ombros em um movimento lento e cheio de cansaço. — É assim mesmo com as minas gravitacionais

— explicou, suspirando. — Você recebe o dano que os motores forçados causam a si mesmos e então qualquer dano que a mina cause no alto disso tudo! Mal posso defini-los todos; os padrões de danos fazem pouco sentido!

— Isso significa que ainda estamos vagando? McCoy distraiu a atenção de Kirk e aplicou-lhe a *hipospray* em seu braço bem a tempo do Kirk notar o doutor.

— Sim, doutor — admitiu Scott. — Significa isso. — McCoy virou-se para cuidar de Sulu, um pouco abruptamente demais e Scott pareceu sentir alguma necessidade de elaborar. — Estou me chocando com material que mal posso identificar agora, muito menos repará-lo. Por causa disso, o gerador e os motores não estão... — Ele gesticulou com as mãos com se estivesse atrás da expressão apropriada. — ...Bem, não estão na sua melhor forma, digamos. Podemos acender as luzes e nos aquecermos pelos próximos cem anos ou tanto... mas não podemos alterar nosso curso sequer um centímetro sem ajuda externa.

E sua única esperança de ajuda vinha de Spock e da *Enterprise*. Kirk

perguntava-se se haveria realmente uma chance de que sua nave estelar pudesse salvá-lo ou se abandonar a tênue esperança que depositara nessa chance fosse mais sábio. Como Chekov, dividido entre colocar sua fé no que *deveria* acontecer ou no que *iria* acontecer, Kirk decidiu que os milagres eram *feitos*, não aguardados; se ele queria vencer esta situação, teria que trapacear novamente. — Scotty, existe alguma chance de podermos salvar o rádio?

Scott olhou para Chekov no outro lado da nave. — Moço?

O russo meneou a cabeça. — Eu puxei a placa mestre. — Ele direcionou um assentimento para o compartimento dianteiro e um olhar de auto-reprovação tão íntima que chocou Kirk passou pelo rosto do Tenente. — Está em minha cadeira, junto com o que pude remover do receptor.

Scott desapareceu novamente no compartimento de proa e Kirk ouviu o Engenheiro soltar uma baixa porém distinta exclamação de desgosto. Quando o Capitão fitou Chekov inquisitorialmente, o Tenente respondeu:

— Estresse gravitacional.

— Eu talvez possa "canibalizar" alguma coisa do que tenho por aqui...!

— Soltou Scott no caminho de volta para a parte de trás, uma das mãos cheias com uma coleção de peças enegrecidas e fragmentadas do que outrora deveriam ter sido circuitos. — É melhor do que ficar sentado inativo!

Sentado inativo... A frase atingiu Kirk com culpa gentil, apesar da dor forte em sua perna ferida. *Eu devia estar fazendo mais...*

Ele olhou para Sulu e McCoy do outro lado do corredor. O piloto escorregara para uma inconsciência pálida a cerca de meia hora atrás, mas os medicamentos que McCoy aplicava-lhe agora fizeram-no acordar. Quando ficou consciente do lapso, Sulu murmurou: — Acho que adormeci... Desculpe, senhor...

Kirk deu de ombros, então percebeu que Sulu não estava em posição de apreciar o gesto. — Você não perdeu muito.

— O Capitão trapaceou no *Kobayashi Maru* dele — Chekov declarou de uma fileira atrás dele.

— Senhor? — perguntou Sulu. Kirk suspirou. McCoy contou-lhe.

— Não estou tão surpreso — o piloto admitiu com um sorriso, quando o doutor terminou de falar.

McCoy bufou. — *Eu* disse a mesma coisa — falou a Sulu. — Só que o capitão quase *me* rebaixou!

— É o ferimento, Doutor, me garante imunidade. — Sem qualquer aviso Sulu dissolveu-se em risadas calmas e cheias de dor. — Deus protege os tolos, as crianças e os inválidos.

McCoy lançou um olhar inquisidor a Kirk, e o capitão apenas deu de

ombros. Voltando-se para o piloto, o doutor encorajou: — Vamos lá, Sulu... Qual é a graça?

Sulu juntou seu fôlego em um suspiro divertido. — Eu estava pensando sobre tolos, e o *Kobayashi Maru*...

Antes que Sulu pudesse continuar, Chekov sugeriu de trás dele: — Você não tem *tanta* imunidade assim...! — Apesar do tom ameaçador de Chekov, a declaração pareceu divertir Sulu ainda mais.

— O que é isto? — As sobrancelhas de McCoy ergueram-se em interesse inocente. — Alguém *mais* nesta nave fez o teste do *Kobayashi Maru*?

Chekov permaneceu fitando teimosamente o que quer que estivesse do lado de fora de seu posto de observação, seu rosto fechando-se, com constrangimento, ou raiva, Kirk não saberia dizer. Quando ele não ofereceu uma resposta, Sulu explicou: — Nós dois fizemos. — A risada dominou-o novamente. — Só que *eu* deixei o simulador intacto quando *eu* o fiz!

McCoy caiu na risada e Kirk fez força para suprimir um sorriso. — Uma reviravolta e tanto, Senhor Chekov — divertiu-se Kirk.

A resolução de Chekov dobrou-se ligeiramente. O teimoso "...é *constrangedor*..." saiu tão baixo, que Kirk quase temeu não tê-lo ouvido.

— É sempre *constrangedor* — assumiu o Capitão. — É parte do teste.

— Na verdade — declarou Sulu, — o *Kobayashi Maru* não é a parte *constrangedora*.

— Sulu...! — Chekov avisou-o, desta vez com mais seriedade.

— É só uma espécie de *preparação* para a parte boa — insistiu Sulu, apesar do desprazer de Chekov. — É uma grande história. Verdade!

O russo soltou um pesado suspiro de frustração e manteve seu estudo nas estrelas. — Tudo bem, então — grunhiu ele. — *Você* conta a eles, se quiser. Eu não me importo.

— Vamos, Senhor Chekov. — Kirk sentiu a necessidade de aliviar um pouco a tensão crescente entre os dois oficiais. — Quão ruim pode ser?

Sulu riu. — O Senhor ficaria surpreso.

Quando Chekov voltou um olhar confuso e traído para o amigo, Kirk entoou a declaração anterior de McCoy, "fará as horas passarem", e esperou que o oficial de segurança compreendesse.

Chekov não pareceu notar as palavras ditas até que Kirk fez contato visual com ele por alguns segundos. Então o Capitão viu compreensão nascer nos olhos escuros do russo e Chekov assentiu leve e lentamente. Em algum lugar atrás de seu consentimento, Kirk pôde ver aquela tênue guerra ainda acontecendo; ele observou o pragmatismo ter uma vitória difícil sobre o que quer que as emoções de Chekov exigiam, e sentiu-se tanto culpado

quanto aliviado. — Isso *não é* realmente engraçado — insistiu Chekov. O Tenente mordeu os lábios e voltou-se para seu posto de observação. — É mais constrangedor que qualquer outra coisa...!

QUATRO

COMO SE JOGA ESSE JOGO

Quando a *U.S.S. Yorktown* explodiu em uma nuvem de neutrinos e uma luz de alta frequência, o Cadete Pavel Chekov recostou-se novamente em seu lugar no auditório e soltou um suspiro de contentamento. As três naves klingons cercando a nave estelar da classe *Constitution* seguiram-na quase imediatamente, banhando a tela do vídeo na frente do salão de apresentações com um branco impressionante e ressonante. Os outros alunos no salão aplaudiram calorosamente, brindando e rindo como a audiência de um teatro. Quatro Cadetes de Ciências eram as únicas pessoas que pareciam descontentes com os procedimentos. Chekov notou Alan Baasch no centro desse grupo e sorriu; se alguém iria objetar quanto a esse *finale* criativo, seria "Pelas Regras" Baasch. De algum modo era satisfatório saber que ele estava tão profundamente irritado com o outro Cadete.

Quando as luzes do auditório se acenderam, os Cadetes piscaram como crianças que acabavam de acordar. Robert Cecil, na cadeira próxima a Chekov, declarou para puxar conversa: — Kramer vai matar você.

Chekov inclinou-se novamente sobre sua mesa, observando Cecil tirar fuligem de seu cabelo louro. Cada Cadete na sala estava coberto e cheirando à fuligem da sala do simulador. Chekov perguntava-se o que seu ídolo, James Kirk, teria pensado se o visse em tal estado de descompostura. Chekov nunca fizera nenhum segredo sobre seu respeito por Kirk ou sua certeza de que seria enviado para a *Enterprise* quando se graduasse.

— O que ele pode fazer? — Chekov perguntou ao outro Alferes. — Eles me colocam num simulador e me dizem para explodir os klingons, então eu os explodi!

Cecil bufou e sentou-se novamente em seu lugar. — Eles lhe disseram para agir como comandante de uma nave estelar — apontou ele. — Eu não creio que eles tivessem a intenção de que você explodisse sua própria nave no processo.

— Eles então deveriam ter acentuado isso antes dos klingons chegarem. — Chekov sabia que sacrificar a *Yorktown* era muito provavelmente uma reposta singular para uma simulação tensa, mas ele ainda acreditava que a solução era aceitável. O Comodoro Aldous Kramer poderia pavonear-se e fumar tanto quanto quisesse, Deus sabia, essa parecia ser a única justificativa para a existência desse homem desde que Chekov entrara para a Escola de Comando mas isso não mudaria o que Chekov fizera. E não mudaria o fato

de que eles haviam sido informados antes de entrar no simulador que essas situações eram primeiramente projetadas para testar o *caráter* para comando, sem nenhuma regra definida pelos burocratas da Escola de Comando que jamais estiveram em campo. Se Kramer não gostava do caráter de Chekov, o Alferes achava que isso era problema de Kramer; Chekov certamente não gastaria seu tempo gostando do dele.

Kramer agora encontrava-se de pé diante da imensa tela que ia do teto ao chão. Seus cabelos eram grisalhos afora o branco que cobria o alto da cabeça, seus desinteressantes olhos nada mais eram que passas negras e escuras enterradas na brancura de seu rosto. Ele não disse nada à turma quieta de Cadetes, não fez nada para chamar-lhes a atenção. Em vez disso, apenas transmitiu um desprazer arrogante até que parassem de balançar em suas cadeiras e a conversa morresse. Não demorou muito.

Quando a sala de conferências chegou a um nível aceitável de ordem, Kramer caminhou elegantemente até o palanque e chamou: — Cadete Chekov! — em sua potente voz de barítono.

Chekov endireitou-se obedientemente em sua cadeira. — Senhor?

Kramer girou a cabeça de modo a poder fitar todo o auditório até o jovem Cadete. Sua face torceu-se ligeiramente, como se tivesse acabado de morder uma torta de limão particularmente azeda. Chekov reconheceu a expressão como uma forma de sorriso. — Eu me sentiria mais confortável ao falar com você se pudesse *vê-lo*.

Chekov saiu de sua cadeira antes que Cecil pudesse cutucá-lo subrepticiamente sob a cadeira. Ele aparentemente temia sofrer da explosão que viria com o mal-humor de Kramer; afora Chekov sentir-se impelido a responder a todo comando de Kramer, Cecil sentia na necessidade de cutucá-lo, o que freqüentemente significava ainda mais constrangimento do que Chekov se sentia capaz de suportar. Apesar de desobediência jamais ter sido uma coisa sequer levada em consideração pelo jovem russo, a impaciência de Cecil conseguira aumentar sua prontidão em responder ainda mais.

Depois que Chekov já estava de pé, Kramer juntou as mãos em suas costas largas e disse: — Cadete Chekov, você acabou de rever a gravação em vídeo de seu teste *Kobayashi Maru!* Sim? — Suas palavras eram arredondadas por um lírico sotaque do Reno, os tons suaves em contraste com sua personalidade dura e não imaginativa.

— Sim, senhor — replicou Chekov com civilidade, sua própria voz firme e com sotaque. — Eu revi.

— E como classificaria seu desempenho nesse teste?

A hesitação de Chekov foi quase imperceptível. — Creio que meu desempenho foi bastante satisfatório, senhor.

Kramer assentiu, andando pelo palanque com passos medidos. — Um capitão de nave estelar está jurado em proteger sua nave e tripulação. Sim?

— Sim, senhor. — Chekov tentou ignorar a dança esquisita que agitava seu estômago.

— E o Capitão está jurado em manter e defender as relações pacíficas que desenvolvemos com nossos vizinhos klingons — continuou Kramer. — Sim?

— Os klingons atacaram primeiro! — reagiu Chekov.

Mas antes que o Cadete tivesse uma chance de protestar mais, Kramer parou e insistiu firmemente: — Responda à minha pergunta, Senhor Chekov. O jovem russo fechou os punhos e obrigou a desistir do embate verbal.

— Sim, — retrucou finalmente, — ele está.

Aparentemente contente com essa pequena vitória, Kramer dobrou suas mãos na direção da bancada e não interrompeu seu andar. — Você violou a Zona Neutra. Entrou em combate com três naves klingons em patrulha enquanto ainda havia recuo possível. Você destruiu intencionalmente uma nave da Federação que vale vários *bilhões* de créditos e matou uma tripulação inteira. Tudo para resgatar um cargueiro de combustível que você nem mesmo pode provar que realmente pediu ajuda nessas coordenadas! Então me diga, *o quê* em seu desempenho considera tão "satisfatório"?

— Se eu puder, Comodoro...? — A polidez foi dura e difícil de conseguir.

Kramer abriu os braços em um convite zombeteiro. — Por favor, *explique!* Estou muito interessado!

Chekov tentou ignorar as risadas leves que ecoaram no salão. Foi apenas parcialmente bem sucedido. — Também é dever do Capitão de uma nave estelar proteger os direitos e vidas dos civis nesta área de patrulha. Isso inclui transportes civis de combustível e suas tripulações. Nós *informamos* aos klingons que estávamos na área em uma missão de resgate não hostil

— Eles não ofereceram nenhuma explicação por sua própria ruptura da Zona Neutra.

— Só porque os klingons violam as regras, — interrompeu Kramer, — isso não significa que nós o devemos fazê-lo.

— Eu percebo isso, senhor — permitiu Chekov. — Eu apenas indico que quaisquer repercussões em larga escala são improváveis, já que a violação foi mútua.

Kramer inclinou a cabeça, gesticulando seu consentimento com uma mão. — Sendo esse o caso, — concordou, — devemos apenas discutir as possibilidades de sua Corte Marcial *póstuma*. — Novamente houve risadas, desta vez mais alto.

Chekov segurou a língua contando até três antes de continuar. — Em acréscimo, senhor, — continuou, — eu *não* matei a tripulação da *Yorktown*.

— Você — interferiu Kramer — vai argumentar que sua tripulação sobreviveu porque você evacuou a nave antes de destruí-la, certo?

A compreensão repentina pegou Chekov despreparado. Ele hesitou antes que pudesse instruir-se para não fazê-lo. — Bem... sim, senhor...

Kramer soltou um suspiro tão profundo que Chekov maravilhou-se com a capacidade dos pulmões do homem mais velho. — Você colidiu fisicamente uma nave estelar da classe *Constitution* com um esquadrão de cruzadores klingons — o Comodoro pronunciou com paciência dolorosa. — Isso significa que você obliterou quatro, você me entende? *Quatro* naves com propulsão antimatéria, cada uma delas com uma bateria completa de torpedos fotônicos e aparelhos de plasma! A Federação terá sorte se conseguir transmitir *mensagens de rádio* através desse setor do espaço nos próximos cem anos, quanto mais mover gente por ele! Chekov sentiu uma onda de calor subir pelo colarinho de seu uniforme.

— Você não pensou nisso, pensou, Cadete?

Mentir não era nem mesmo uma opção. Com o rosto ainda queimando, Chekov balançou rapidamente sua cabeça e disse tão firmemente quanto sua voz o permitiu: — Não, senhor... não pensei.

— E claro que não. — E Kramer pegou suas anotações como se tivesse terminado o assunto.

— Mas se eu pudesse, senhor...?

O Comodoro fez uma pausa com suas mãos cheias de papéis, sua cabeça ainda inclinada como se estudasse alguma coisa surpreendente em meio às notas da reprimenda.

— Ainda acredito que a destruição da *Yorktown* era uma alternativa viável à captura — Chekov insistiu quando finalmente Kramer ergeu os olhos. — Mesmo se a tripulação fosse perdida, senhor. Recuar não era possível. Os klingons já haviam atirado em nós e nossa velocidade de dobra e nossos sistemas de armas estavam inoperantes. Já é bastante difícil vencer um cruzador de guerra klingon com uma nave *funcional*, Comodoro, a *Yorktown* não tinha nenhuma chance.

Kramer, estudando-o através da distância, não o interrompeu, então Chekov continuou. — A possibilidade da *Yorktown*, com ou sem sua tripulação, ser tomada pelos klingons também existia. Em vez de permitir-lhes acesso a nossas mais avançadas tecnologias, eu optei pela destruição da nave.

— Sei — o instrutor disse friamente, seu tom de voz deixando claro que ele não fizera nada parecido.

A cor subiu novamente às bochechas, mas desta vez não foi de constrangimento. — Eu fiz o que podia pela tripulação — insistiu Chekov. — Eles teriam sido capturados e interrogados se alguma das naves klingons sobrevivesse. — Engoliu em seco e pensou brevemente em não concluir seus pensamentos. Mas a raiva venceu seu bom senso. — Já li explicações sobre o que acontece durante tortura klingon, Comodoro. *Eu* acredito que minha tripulação preferiria mesmo morrer.

Ninguém estava rindo agora. A voz de Kramer, quase calma demais para atravessar o grande salão de conferências, indagou lentamente: — Você já terminou?

Chekov de repente queria muito sentar-se e desviar a atenção para longe dele. — Sim, senhor... É tudo.

O Comodoro circundou o palanque com passos duros e curtos. — Sr. Chekov, — disse Kramer, em um tom de voz tão desprovido de cor quanto seu olhar, — eu não tolerarei uma outra interrupção desta aula novamente. No futuro, se suas explicações forem solicitadas, eu as pedirei. Está claro?

— Sim, senhor.

Chekov manteve o olhar de Kramer do modo mais impassível e duro quanto podia conseguir, então seus dentes bateram-se tão rigidamente que suas mandíbulas doeram. Ele perguntou — Posso retornar para meu lugar, senhor? — em um tom que pareceu mais humilde do que gostaria.

— Pode. — Chekov sentiu os olhos do Comodoro seguirem-no enquanto se sentava em seu lugar. Então, sem qualquer aviso, o Comodoro perguntou: — Senhor Chekov, o senhor joga paciência?

Chekov percebeu um outro sentido na pergunta, mas o sentido não chegou até ele. — Eu sei jogar — admitiu secamente. — Mas, não, senhor, eu não jogo.

Kramer balançou a cabeça. — Achei que não. — Seus olhos dançaram pela sala a fim de observar o restante da turma; Chekov a reconheceu como a dispensa que era. — Alguém mais gostaria de acrescentar alguma coisa relativa ao desempenho do Senhor Chekov?

O primeiro voluntário, é claro, foi Alan Baasch. — A nota da turma será baseada nas ações do Senhor Chekov, Comodoro?

Kramer deu um ligeiro sorriso. — É claro, Senhor Baasch! Um Capitão fala e age por toda sua tripulação. Ou já se esqueceu?

— Mas isso não é justo! — Baasch reclamou indignado. — *Eu* não teria cometido um *kamikaze* com os klingons!

O Comodoro deu de ombros. — Mas você não era o Capitão. Mais alguém?

Chekov gastara bastante de seu tempo na Academia estudando os

klingsons e suas táticas de guerra, tempo demais para se importar muito com o conselho oferecido pelos Cadetes presos a seus postos. Em vez disso, ficou ruminando na parte de trás da sala, os braços cruzados talvez com força demasiada sobre o peito e fitou Aldous Kramer, perguntando-se o que seu desinteresse em paciência tinha a ver com todo o resto.

A sirene tirou Chekov de seu sono como uma mão gelada envolvendo-lhe o coração. Em algum alto-falante distante, uma voz de mulher dava calmas instruções cadenciadas; Chekov lutava para levantar-se, tentando lembrar-se se a nave estava em alerta amarelo quando seu turno terminara. Ele ainda estava se desfazendo das roupas de cama quando o som de vozes sonolentas e portas de armários de equipamentos penetraram em seu pânico confuso pelo sono. Não era uma sirene de alerta vermelho, mas um toque de despertar. Repentinamente alerta para o fato de que apenas sonhara em estar a bordo de uma nave estelar, ele soltou um suspiro lento e trêmulo.

— ... *Cadetes do Bloco G, apresentem-se no Hangar 7... Cadetes do Bloco G, apresentem-se no Hangar 7...*

Cecil, já de pé em seu uniforme escarlate e preto de Cadete, fez uma careta para seu amigo quando Chekov chutou as cobertas para o pé de sua cama. — Você sabe que horas são? — Chekov ainda tentava sacudir o sono de seus olhos quando Cecil informou-o. — 04:00. Eles estão nos mandando para o hangar às 04:00! Tome...

Chekov pegou a camiseta que Cecil jogou-lhe. Suas mãos ainda tremiam enquanto ele pulava dentro do uniforme e fechava a frente; a necessidade em seu sonho de correr para a ponte de uma nave estelar e apresentar-se não desapareceu, mesmo depois de correrem pelo corredor que levava na direção dos hangares.

Eles estavam entre os primeiros do Bloco G a deixarem os dormitórios. — Eu queria saber onde é que estão nos levando — Cecil não interrompeu seus esforços de pentear seus cabelos louro-cinzentos com os dedos, mesmo quando ele e Chekov viram-se no meio das quinze mulheres que já estavam a caminho do hangar. — Pode ser qualquer lugar, suponho, esse tipo de coisa que significa ser um Cadete.

Chekov sondou as pessoas a sua frente à procura do brilho distinto dos cabelos louro-avermelhados de Sasha Charles, encontrando-o exatamente quando Cecil refletiu: — Deus, isto deve ser mesmo importante, Pavel!

O tom de Cecil dizia que era uma piada, mas o simples pensamento lançou Chekov à sua ansiedade anterior ainda por demais recente para que pudesse levantar seu ânimo. — Não se preocupe — encorajou, tanto para o

benefício de Cecil quanto seu próprio. — Eles provavelmente enviariam oficiais *de verdade* se fosse... — isso não acalmou seus nervos novamente alertas.

Sasha Charles olhou para trás ao som de suas vozes. Quando Chekov e Cecil acenaram-lhe, ela encostou-se em um anteparo para permitir que os Cadetes entre eles passassem. Ela voltou ao corredor quando eles se aproximaram e possessivamente passou um braço na cintura de Chekov. — Então, o que se passa?

— Estamos especulando — Cecil lhe disse, fazendo uma careta. — O favorito atual é uma ruptura na atmosfera da Lua.

Um som rude demonstrou a descrença de Sasha. — Qual o propósito da correria?

Quando Cecil, pela primeira vez na memória de Chekov, não sugeriu uma alternativa imediatamente, Chekov disse simplesmente: — *Eu* acho que é Kramer.

Sasha cingiu seu braço um pouco mais apertado em volta de sua cintura, mas não replicou. Foi Cecil quem o tocou no ombro e reclamou: — Vocês russos às vezes me deixam louco, sabia disso?

Chekov livrou-se do tapa do outro homem, engolindo um comentário cáustico com alguma dificuldade. Os olhos pálidos de Cecil brilharam em contrariedade por demais amigável e sincera para ser interrompida. — Quando você cisma com alguma coisa, é como tentar ser razoável com a chuva!

Cecil era de Ohio, na América do Norte, e freqüentemente dizia as coisas mais incompreensíveis. — O que isso significa? — perguntou Chekov.

— Isso significa que Kramer mal sabe que você existe — disse Cecil. Mas ele abaixou a voz para que ninguém mais pudesse ouvi-los. — Isso significa que nem tudo o que ele faz é reflexo de sua atitude em relação a você!

— Eu não disse que era. — Chekov estava distintamente cansado de tal assunto, o fato de não poder discernir se o que fazia seu rosto queimar era constrangimento ou indignação apenas aumentou seu próprio constrangimento. — Mas você não pode dizer que ele não gosta de apontar meus erros.

— Ele está tentando torná-lo um oficial melhor.

Chekov franziu a testa. — Melhor que quem? Ele é um acadêmico! O que ele sabe sobre ser um oficial de linha além do que já leu nos livros?

— *Esse* é o seu problema! — Cecil apertou-se novamente contra a parede, segurando o cotovelo de Chekov até que o outro Cadete, resmungando, também parasse. Chekov, por sua vez, pegou a mão de Sasha

quando ela teria continuado, fazendo com os três estivessem parados em intervalos irregulares. — Vamos chegar atrasados — lembrou Cecil irritado.

Um gesto de descaso foi a única compreensão de Cecil quanto ao fato. — Lembra-se que eu queria ir dar uma olhada nos registros de serviço de nossos instrutores no início do ano?

Chekov assentiu; ele não vira nenhuma importância na busca de Cecil naquela época e ainda não via. — Eu me lembro.

— Bom, Kramer tem um registro tão longo quanto o seu nome! Ele foi oficial de armas de defesa *n&Farragut* por *catorze anos*, e assistente do Administrador-Chefe da Frota Estelar por outros sete antes de começar a lecionar.

Chekov piscou, honestamente surpreso. — Quem teria adivinhado?

— *Eu* teria — ofereceu-se Sasha. Quando Chekov lançou-lhe um olhar inquisidor, ela deu de ombros e voltou-se para juntar-se a eles. — Eu só presumo que todos que lecionam na Escola de Comando teriam que ter *alguma* experiência.

— Por quê? — perguntou-lhe Chekov. — Noventa por cento dos Cadetes jamais servirão a bordo de uma nave estelar. — O fato de que Chekov mantinha a confiança de que ele conseguiria tal designação, e que seria nada menos do que na *Enterprise*, transformaram-no a princípio em alvo de chacotas e depois de olhares suspeitos.

— Isso não é tudo. — Cecil chamou-lhe a atenção outra vez logo depois que o último grupo passou por eles. — Kramer também conhece seu herói Kirk. Eles já viajaram juntos, parece. Apostaria como foi ele quem convenceu Kirk a vir dar aquela palestra no mês passado.

Um mês antes, Chekov pensara que a visita de Kirk à Academia seria sua única chance de ver o homem em pessoa, e fora necessário menos de uma hora para que se decidisse que seguiria Kirk até o inferno sem questionar. Pensar que Kirk poderia conhecer, e possivelmente até mesmo *gostar* de Kramer pressionou um teimoso botão de rejeição contra a opinião de Chekov quanto a seu instrutor. — Isso não pode estar correto — foi tudo o que disse em voz alta.

— Quando Kirk era Tenente — explicou Cecil, — salvou nove pessoas após uma detonação prematura de armas que arrasou com quase toda a proa de estibordo da *Farragut*. Kramer era um desses nove! *Kramer* recomendou Kirk por notável bravura e apresentou a citação quando a Frota Estelar a entregou.

Sasha cutucou Chekov com seu cotovelo. — Estou impressionada... você certamente pretende servir com o melhor!

— Eu sei... — Mas pensar em Kramer em associação com Kirk

perturbou a percepção de Chekov quanto aos dois homens. Talvez isso explicasse a atitude do Comodoro, não ciúmes ou rancor em relação a Chekov, mas em relação a *Kirk*, com Chekov como o único repositório conveniente. A percepção ateou nova raiva e frustração, reforçando o que ele já sabia: que estava sendo tratado de modo injusto.

— Devemos nos apressar. — Finalizou a discussão assentindo para o salão, então seguindo seu gesto. — Não importa o que Kramer pensa do Capitão Kirk, ou de mim, não nos ajudará se estivermos atrasados.

Chekov observou uma gama de emoções passar pelo rosto transparente de Cecil, mas virou-se antes que Cecil pudesse objetar.

Um vento úmido e tempestuoso corria pelo hangar vazio, ondulando sal marinho e inverno pelas roupas e cabelos de Chekov. Aguardando sob a luz branca estava uma nave auxiliar marcada como intra-sistema. Kramer permanecia ao pé da escotilha, uma escultura sombreada em azul com cabelos cinzentos selvagens e soltos ao vento; ele assentiu com uma vaga satisfação quando os Cadetes juntaram-se diante dele.

— Como muitos de vocês sabem, — começou o Comodoro, sua voz fria em perfeita harmonia com o tempo sazonal, — a Estação Industrial Aslan está abandonada nos últimos sete meses devido a reparos na estrutura.

Sasha soltou uma gargalhada e Cecil gaguejou um "*Eu sabia!*" em um sussurro alto meio sério. Chekov mandou que ficasse quieto.

— Aslan não pretende utilizar a Estação até depois do início do ano — continuou Kramer. — Até então, a Estação foi emprestada à Frota Estelar para uso de nossa escola de treinamento de oficiais. — Ele sorriu levemente. — São vocês.

Cecil soltou um som curto e estrangulado. — Mas ela tem *ar*? — sussurrou entredentes.

O sorriso de Kramer desapareceu e ele dardejou um olhar glacial para Cecil e Chekov. — Sim, Senhor Cecil, ela tem ar. — Cecil esticou-se ainda mais na sua posição de sentido, seus olhos presos na distância em constrangimento cego. — Não fui designado para esta Academia para matar meus Cadetes.

Isso eu me pergunto, formulou a mente de Chekov contra sua vontade. Ele foi recompensado com um banho de humor misturado a ressentimento, e esperava que Kramer não pudesse ler sua expressão através da escuridão.

Se o Comodoro notou, continuou sem qualquer comentário. — Nos próximos três dias, — explicou Kramer, — estarão envolvidos em uma situação desenvolvida para testar sua aptidão em realização individual. — Ele não direcionou sua atenção para Chekov, mas o russo quase podia sentir a Unha de pensamentos de Kramer. — Alguma coisa parecida com uma

paciência de três dimensões, se desejarem, vocês contra vocês mesmos.

— Na simulação do *Kobayashi Maru*, vocês eram comandantes de uma nave estelar; neste teste, vocês são simplesmente oficiais da Frota Estelar, presos em uma Estação que sofreu uma ruptura séria no casco causada por um assassino que está com ordens de matá-los. O objetivo desta situação é simples: Vocês devem permanecer vivos.

Por um tempo ninguém disse nada, então uma mulher na frente aventurou-se: — Senhor, quem é o assassino?

O sorriso de Kramer foi de algum modo particularmente agravado quando ele elegantemente deu de ombros. — Um de vocês. Contar-lhes seria estragar o propósito, já que também é um passo em seu caminho de descoberta. Creio que vocês todos ficarão surpresos. — Uma expressão enigmática suavizou-lhe o rosto por um instante, então desapareceu tão completamente que Chekov não estava seguro de sequer tê-la visto.

— Vocês serão equipados com phasers, colocados em tonteio de modo inalterável, e transmissores para informar ao monitor central quando vocês foram "mortos". Vocês também podem usar os transmissores se surgir algum problema. A comida pode ser obtida através dos processadores na Estação e as instalações para dormir e banheiros estão disponíveis. — Kramer fez uma pausa para sorrir em concessão paternal para Chekov. — E, Senhor Chekov, apesar de que isso possa chateá-lo muito, a destruição da Estação *não* é uma solução aceitável para esta simulação. Então, por favor, contenha-se.

O Bloco G dissolveu-se em risadas. Chekov elevou ainda mais o seu queixo e fitou o nada do outro lado do hangar como se esperasse que a jocosidade morresse.

— Mais alguma pergunta?

Quando ninguém mais falou nada, Kramer chamou o ordenança para começar o carregamento e desapareceu pela escotilha da nave.

— Honestamente, — murmurou Cecil enquanto realizavam um lento esquerda-volver, — eu não acho que ele odeia você!

A humilhação queimou a garganta de Chekov. Ele rosou um simples: — Cala a boca! — antes de seguir Cecil para dentro.

— Então, você está conosco?

Chekov desviou os olhos da paisagem à pergunta sussurrada de Sasha Charles. — Com vocês em quê?

— Esta coisa da Estação. — Ela estava sentada à esquerda de Chekov, sua cabeça apoiada no descanso de cabeça e seu cinto de armas amontoado a sua esquerda. — Eu, Cece, Westbeld, Cantini e Gugin vamos tentar resolver isso tudo juntos, você sabe, uma cooperativa. Nós pensamos que temos uma chance melhor de sobreviver desse jeito.

Chekov não respondeu de imediato, aproveitando a oportunidade para admirar a nuvem âmbar de cabelos soltos que emoldurava o rosto jovem de Sasha, o formato delicadamente rasgado de seus olhos de água-marinha. Apesar de ter passado mais do que apenas pouco tempo com Sasha desde que chegara a São Francisco (alguns desses momentos de bastante privacidade), a perspectiva de formar um grupo parecia-lhe fraca; ele não estava certo de querer abandonar sua condição de solitário tão facilmente, mesmo por ela. — Eu não sei...

— Mas o que há pra não saber? — pressionou Cecil do outro lado de Sasha. — Ou andamos juntos e tomamos conta das bundas uns dos outros, ou nos sentamos aqui a noite toda tentando evitar que sejamos mortos. — Ele fez uma pausa para focalizar um franzir de sobrancelhas estudioso em alguma coisa em seu phaser. — Não é uma decisão difícil — continuou, aparentemente dispensando o que quer que o distraíra na arma. — A menos que você tenha um desejo de matar, ou coisa parecida.

Chekov sorriu. — Eu não tenho um desejo de matar. É que estou bem ciente de que nada disso será real.

— Deveríamos *fingir* que é — Sasha apontou.

Chekov deu de ombros para o qualificador dela ao lado. — Eu só acho que não deveríamos andar em bandos — contrapôs ele, esperando que isso terminasse com a discussão.

— Baasch e seus companheiros estão — contra-atacou ela. — E Kramer nunca nos disse que não poderíamos.

— Também não disse o que deveríamos fazer. Ele disse que é um teste de habilidade individual. Devemos sobreviver por conta própria.

Cecil deu de ombros e recolocou seu phaser no cinto. — Então por que não podemos sobreviver por nossa conta juntos?

Um aumento de indignação corroeu Chekov, e ele virou-se bruscamente para a janela. *Porque eu não preciso de vocês!* ele não lhes disse. *Porque eu posso fazer mais pontos sozinho!* Quase que imediatamente, a culpa baixou as chamas desses sentimentos; Chekov estava constangido por sua falta de fé em seus amigos, mas não menos determinado. — E se um de vocês for o assassino?

Ambos riram. — Se algum de nós fosse o assassino, — disse Sasha, — nós não andaríamos com os outros.

Chekov fitou-a abertamente, sem riso em seus próprios olhos escuros. — E se *eu* for?

Sasha examinou-lhe o rosto à procura de alguma coisa, nem mesmo ele tinha certeza do que, então afastou-se para sentar-se novamente. — Você não é, é? — Sua voz e olhos estavam agora embaçados pela incerteza.

Chekov olhou novamente para a janela sem responder.

— Mas você não nos mataria em nosso sono ou coisa parecida, certo? Não se estivesse trabalhando conosco.

É uma simulação, ele queria dizer enquanto observava a Terra se afastar envolta em um brilho azul-esverdeado. — Não, — suspirou, finalmente, — eu não mataria. — Mesmo essa admissão pareceu-lhe sem força de vontade e injusta.

Quando a nave bateu gentilmente contra a câmara da Estação Aslan, Sasha pegou-lhe o rosto entre as mãos e o beijou brevemente. Era seu sinal de que não o odiava por ser teimoso, mesmo que ele a deixasse enlouquecida volta e meia. — Então, está conosco?

Chekov tentou manter o desprazer fora de sua voz. — Estou com vocês. — Isso apenas aumentou-lhe a irritação quando Kramer começou a contar os grupos que saíam. — Este nível. Você acha que pode encontrá-lo?

— Posso encontrá-lo, — Chekov disse a ela, e então acrescentou, — e é melhor esperar por mim — mesmo que ele tivesse uma meio-esperança de que não se encontrassem.

Sasha sorriu e deu-lhe um piscar secreto. — Sempre.

Kramer fê-lo esperar até o final.

Os Cadetes, armados com nada mais que seus phasers, desapareceram pela Estação a intervalos irregulares. Kramer indicava quem poderia partir aparentemente ao acaso, algumas vezes liberando indivíduos, outras liberando grupos de até quatro; a *entourage* de Sasha partiu em três migrações em separado. Durante a próxima hora e meia, Chekov entreteve-se com especulações sobre como chegar até o ponto de encontro, então experimentava uma insatisfação corrosiva por ter-se deixado atar a eles pelos próximos três dias.

O ar frio vindo da Estação fracamente iluminada soprou por entre a escotilha aberta da nave. Chekov estudou o reparo cinza-negro para a rampa escondida da Aslan pela janela traseira da nave; o frio e a meia-luz na Estação eram sem dúvida alguma tentativa de estimular os sintomas sombrios de uma distante brecha no casco. Como sempre, Chekov começou a inconscientemente citar os erros nos detalhes finais desta simulação de comando: sem "brisa de astronauta" suspirando pelos corredores vazios; sem fantasma congelado desejoso da umidade de seus pulmões; sem sirenes, sem gritos, sem berros distantes e desesperados; sem jatos de cristal empoeirando o espaço bem do lado de fora do casco partido; sem olhos negro-gélidos chorando escarlate do lado errado do visor de um traje ambiental.

As imagens eram de memórias de novos *clips* que ele vira de um cagueiro de passageiros para espaço profundo, danificado, que uma nave

espacial tentara inutilmente resgatar alguns anos antes. Aquilo era o mundo real, percebeu de repente. Era assim que servir em uma nave estelar era *de verdade*. Como uma rajada de energia em suas entranhas, Chekov lembrou-se de tudo sobre aquele panorama congelado em um único instante cegante; ele girou em seu lugar até que a visão da Estação ficou fora de sua visão, atrás dele, não mais preocupado em criticar a exatidão.

Kramer permaneceu de guarda no compartimento central vazio da nave. Suas costas estavam encostadas no terminal duplo de navegação e leme, suas mãos descansavam nas cadeiras abandonadas, quando ele prendeu o olhar escuro de Chekov com o seu. — Você acha que eu o mantenho aqui como punição, não é?

Chekov interrompeu-se antes de virar e olhar novamente para a Estação.

— E este o orgulho que James Kirk inspira? — continuou o Comodoro.

— A convicção de que qualquer ambiente em que habite se adapte para vir de encontro as suas necessidades, suas ações, suas crenças?

As mãos de Chekov fecharam-se no cinto de armas jogado sobre seus joelhos e devolveu o olhar de Kramer com propriedade implacável. — O Capitão Kirk é um oficial brilhante, não há melhor comandante que ele na Frota Estelar.

Kramer deu três passos a frente, sem ameaçar, mas apenas diminuindo a longa distância entre eles. — Eu nunca disse que ele não era. Eu simplesmente questionei o efeito que ele tem em Cadetes que ainda não ficaram perto dele o tempo suficiente para contrapor-se a seu charme.

O comentário atingiu mais fundo do que Chekov gostaria. Ele sentiu uma onda quente de raiva em seu peito que às vezes o levava a dizer coisas que ele não deveria. Levantando-se, ocupou-se com o cinto de armas para que Kramer não pudesse ver-lhe os olhos. — Você não entenderia... — Por quê? Por que você não gosta de mim? Por que sou velho demais?

— Chekov lançou um olhar atônito para seu comandante e Kramer resmungou: — Você pode *me* odiar agora — disse a Chekov calmamente. — Mas posso garantir-lhe, depois deste final de semana, você não odiará a ninguém a não ser a si mesmo.

Chekov fitou Kramer sem fala. Ele experimentou um desconforto momentâneo quando a busca dos olhos do homem mais velho revelaram apenas um desapontamento tênue, dolorido, e não o rancor ciumento que esperava ver. Ele desviou os olhos a fim de terminar de prender seu cinto.

— Devo entrar no cenário agora, Comodoro?

Kramer fez uma ligeira pausa, então colocou-se entre os assentos estreitos e gesticulou para Chekov descer o corredor. — Vá — disse. — Nós dois já perdemos tempo demais.

Chekov estimava que a temperatura ambiental da Aslan estava pouco abaixo de quinze graus centígrados; bastante frio para espantar um pouco de suor, assim como tornar o dormir em decks um problema. Se os outros chegassem à mesma conclusão ainda não podia ser verificado. Chekov teria que esperar até a "noite" para ver quem tentava dormir onde quer que conseguisse cobertura e quem é que procurava sofás e mesas nos laboratórios.

Os corredores da Aslan não provavam ser tão sem características quanto Chekov esperara; trabalhos de vários artistas pendiam de paredes descuidadas e mais de uma tela visual refletia distorções cinzas de sua imagem quando ele passava silenciosamente. Diabo de Kramer por prendê-lo até o final! Se Sasha não conspirara para emboscá-lo, certamente alguém mais pensara em ficar à espreita neste corredor central, se não por ele, especificamente, então meramente para eliminar os estudantes obrigados a passar por esta rota ao sair da nave. Chekov trilhou nervosamente uma mão pelo casco de metal frio, perguntando-se onde o corredor daria e quanto cuidado ele deveria ter.

Quando o corredor dividiu-se adiante, Chekov notou um rápido brilho de luz muito antes da abertura surgir em seu campo de vista. Ele agachou-se e arrastou-se de barriga no chão nos últimos dez metros. Calor passava de seu uniforme para desaparecer no convés, lembrando-o de que hipotermia seria um perigo muito real durante o final de semana. Ainda assim, ele arrastou-se até a entrada do pátio, então continuou abraçado ao chão à escuta de um adversário.

Nenhum som enchia o quarto além do gentil murmúrio produzido pela escultura cinética no centro do local. A massa torcida e polida de um metal azul-esverdeado oscilava lentamente em sua base chanfrada, lançando raios de luz pastel nas paredes. Chekov observava a escultura girar, tentando decidir se o movimento constante poderia fornecer cobertura adequada para alguém planejando uma emboscada para uma das outras três saídas do pátio. Ele quase se decidira que seria mais um estorvo do que uma ajuda quando um rosto pálido e manchado piscou para ele de uma das asas convexas da escultura.

Chekov segurou a respiração, esperando que a superfície rodasse novamente. O reflexo manchado mostrou sua existência exatamente quando a escultura ficou perpendicular à linha de visão de Chekov; estava a meio caminho da folha de metal, quase distorcido demais para ser reconhecido como um rosto. Chekov esperou até realizar uma terceira rotação para ter certeza: o reflexo não se moveu. Isso significa uma quarta saída, a no máximo dois metros à esquerda de sua posição atual, com pelo menos um

Cadete armado protegendo-a.

Chekov colocou ambos os braços sob seu queixo e estudou a escultura enquanto pensava. Era duvidoso que o outro Cadete pudesse vê-lo, o ângulo estava a favor de Chekov e o reflexo tão sem sentido que ele próprio quase não o percebera. Ainda assim, quaisquer tentativas de mover-se para além desta abertura poria tudo a perder, e a própria escultura evitava um ataque corajoso de outro corredor. Ele observou o rosto manchado passar lentamente outra vez.

Lenta, cuidadosamente, elevando suas botas do chão para não fazer nenhum barulho, ele girou até estar deitado ao longo da passagem. Foram necessários quase cinco minutos para ficar de joelhos e outros três para silenciosamente andar de gatinhas até meio caminho entre sua passagem e a próxima. Enquanto isso, o rosto abstrato piscou para ele a cada passada da escultura. Seu próprio rosto juntara-se na parte de baixo do painel, mas a caça não parecia ter notado; isso seria sua ruína.

Ainda de joelhos, Chekov pressionou seu ombro bem apertado contra o anteparo, segurou a respiração e levantou o braço até onde achou que era aproximadamente uma boa alça de mira. Então segurou seu phaser com firmeza e levou-o na virada do corredor, como se estivesse examinando à frente antes de virar.

Outro phaser brilhou à vista, também preparado, e atirou. O feixe passou acima da cabeça de Chekov e explodiu na parede distante, perdido. Chekov pegou o pulso do Cadete com sua mão livre e liberou o phaser com um simples golpe direto certo contra o anteparo; ele estava de pé e já virará a esquina antes do outro Cadete ter a chance de fazer algo mais além de praguejar.

O Cadete mostrou-se ser uma mulher — Pamela Spurlock, uma estudante de engenharia/comando que despendera tempo como Assistente de Engenharia em uma Estação baseada na Terra. Chekov ficou impressionado quando a mulher magra e de olhos grandes não tentou implorar por sua vida.

— Como é que soube que eu estava aqui? — perguntou ela, sua voz incrédula e irritada. — Um palpíte de sorte?

Chekov fez uma careta de desculpa enquanto assentia sobre seu ombro. — A escultura. — Ele então deu um passo atrás para deixá-la ver.

A boca de Spurlock torceu-se com desprazer. — Bom, isso foi muito perto de ser brilhante. Droga...

— Sinto muito.

Ela deu de ombros, aparentemente não o culpando por seu fracasso. — É, eu também — suspirou ela agradavelmente. Então animou-se. — Ah, bom! Creio que o verei quando a simulação estiver terminada?

Chekov assentiu. — Eu a verei então. — Ele estava para tonteá-la quando outro phaser disparou.

Ambos jogaram-se juntos ao chão, instintivamente procurando uma posição baixa, enquanto armas disparavam das três saídas que os cercavam. Chekov nem mesmo se atreveu a levantar sua cabeça para identificar seus atacantes. — Amigos seus? — perguntou para Spurlock.

Ela riu secamente. — Não exatamente! *Eu* saí sozinha e *eles* devem ter saído na minha frente... Eu matei todos os outros que entraram por aqui.

Outra barragem de fogo respondeu ao comentário de Spurlock, seguida pela voz estridente de Baasch: — Eu sei que você está com ela, Chekov!

Chekov rosnou. — Ah, maravilha...

— Saia daí e seja morto! — continuou Baasch. — Eu não vou deixar você estragar minhas notas de novo!

— Ele certamente se ressentiu com essa história de média de notas — comentou Spurlock, aparentemente não tão preocupada. — Você quer se livrar dele?

Chekov tentou se lembrar se Sasha mencionara quantas pessoas Baasch recrutara, ou quantos ele vira saindo com Baasch. — Acho que eles estão em maior número que nós — disse finalmente. — Eles são pelo menos três.

— Eu contei quatro phasers — acrescentou Spurlock. Ela então sorriu e bateu ombro a ombro com ele, brincando. — Mas somos mais espertos! Você fez um bellissimo trabalho com aquela escultura e *eu* tinha uma bela armadilha armada pra pegar esses bundões em primeiro lugar. Por que não tentamos convencê-los de que estamos dando a volta pelos dois lados da escultura, e então o fazemos por apenas um dos lados? Aposto como poderíamos abrir pelo menos uma passagem.

Chekov mastigou seu lábio inferior e esperou pelo fim da última descarga de phaser. — Nós vamos fazer a volta pela direita — decidi finalmente. A voz de Baasch viera da esquerda. — Você dispara para aquele lado, eu cobrirei este lado. — Ele lhe deu um sorriso e acrescentou: — Nos preocuparemos em matá-la depois.

— MUITÍSSIMO obrigada.

Eles dispararam juntos, atingindo as paredes de ambos os lados da escultura em um esforço inútil de fazer o pessoal de Baasch recuar. A manobra deu-lhes tempo suficiente para pularem para a proteção da escultura, então os phasers inimigos soaram novamente; desta vez, os disparos estavam concentrados entre as duas paredes.

Alguém colocou brevemente sua cabeça à mostra detrás da passagem mais próxima. Spurlock acertou o homem com um único disparo, então gritou: — Vamos! — sem nem mesmo virar-se para ver se Chekov a seguia.

Cobrando sua fuga com uma série de disparos rápidos, ele permaneceu o mais próximo possível de Spurlock. Parecia que estavam quase conseguindo, que Baasch teria que esperar até mais tarde para realizar sua vingança pela destruição da *Yorktown* por Chekov, então Spurlock cambaleou e seu phaser foi lançado adiante dela sobre o corpo do homem que ela acertara.

Chekov já a pegara antes de perceber que fora tonteada. Passando um braço em sua cintura, ele apenas evitou que ela caísse. Ela foi seu escudo enquanto ele tropeçava para dentro do corredor e por cima do corpo do homem "morto".

Baixando Spurlock para o chão para que ela não batesse com a cabeça no convés, Chekov tonteou outra dos Cadetes de Baasch quando a mulher ousou uma olhada em volta da passagem a fim de verificar sua presença. Ele então ouviu alguém praguejar violentamente, seguido pelos sons furtivos de recuo.

Recolhendo o phaser do homem caído, Chekov deu rápidas batidas no corpo do outro Alferes. Ele não estava seguro do que esperava encontrar, mas sabia que o encontrara quando o estômago do homem estalou.

Chekov deu um golpe seco com os nós de seus dedos na frente da camiseta do outro homem, só para ter certeza, e então cuidadosamente abriu-lhe a frente do uniforme. Fixado no abdômen do homem com quatro tiras de fita cirúrgica encontrava-se o que parecia ser um prato fino, com cerca de dez centímetros quadrados. Chekov removeu o artigo gentilmente, fechou a frente do uniforme do Cadete e sentou-se contra a parede para examinar seu prêmio.

Após apenas alguns momentos de investigação, Chekov deduziu como desdobrar o prato em uma tela de quatro painéis que ele reconheceu como uma tela de exibição com memória apenas para leitura. O ativador corria ao longo da ponta da direita; afagando o prato com seu dedão, imediatamente produziu um esquema detalhado e intrincado no rosto da tela, completo com códigos e teclas de referência. Chekov sorriu, então começou a rir.

Um mapa! Uma cópia dos circuitos e *layout* da Estação Aslan inteira! Ele passou o dedão pelas várias telas, tomando ciência de quê informações o pequeno aparelho tinha à disposição. As junções de circuitos e computadores cobriam apenas uma subcategoria; rotas administrativas, referências eixo a eixo, e caminhos de acesso de manutenção estavam entre outros. Chekov estava tonto com todas as vantagens que esta cópia poderia lhe dar, sem mencionar a desvantagem que acabara de roubar de Baasch. Não surpreendia que seu adversário quisesse arriscar outro soldado para tentar recuperar o corpo. Porém, Baasch não era o único que podia procurar e destruir; Chekov pretendia fazer um bom uso deste mapa assim como Baasch o fizera,

provavelmente até mesmo melhor. Revendo o mapa administrativo uma última vez, ele dobrou a tela para suas dimensões portáteis e colocou-a na frente da camiseta de seu próprio uniforme. Então, pegando os phasers deixados por Spurlock e os dois camaradas de Baasch, lançou um adeus agradecido a Spurlock e caminhou rapidamente para a escada mais próxima.

Os escritórios administrativos ficavam sete níveis acima do hangar de abordagem. Chekov passou pelas rotas convencionais por tempo suficiente para adquirir mais seis phasers, então localizou o poço de manutenção que o deixou a dois metros da administração. Parando no alto da longa subida, ele esperou que sua respiração se normalizasse e o corredor esteve livre antes de silenciosamente elevar-se novamente para o campo de batalha.

A porta do escritório da administração estava fechada, mas a fechadura, que já fora forçada, ainda estava marcada *ABERTA*. Inspirado em seu sucesso com Spurlock, Chekov aproximou-se da porta de joelhos, esperando até o último instante para abri-la. Quando a escotilha afastou-se com um sussurro, uma rajada violenta brilhou acima da cabeça de Chekov, o jovem oriental à mesa do administrador teve apenas tempo suficiente para rosnar um xingamento frustrado antes de Chekov acertá-lo em pleno peito.

Chekov apressou-se a entrar no escritório engatinhando, virando-se para fechar e trancar a porta antes que alguém pudesse ser atraído pelo barulho. Ele o fez manualmente; depois sempre poderia forçar a entrada novamente. O oriental estava estirado sobre a mesa do administrador, seu rosto era uma silhueta contra uma tela de computador pessoal ativada. Chekov pegou o phaser do jovem e estava justamente tirando o corpo da cadeira quando olhou na tela cor de âmbar.

*ACESSO TERCIÁRIO ACEITO
RECUSA DESL
DECODIFICAR DESL
BEM VINDO, USUÁRIO 293724443A*

Chekov quase deixou sua vítima cair. O filho da puta tinha entrado no computador principal da Aslan. Afundando-se lentamente na cadeira, ele leu e releu a mensagem na tela em admiração respeitosa.

BEM VINDO, USUÁRIO 293724443A

— Computador... — chamou finalmente. Ele queria desesperadamente aproveitar esta oportunidade, principalmente devido ao fato de que a quebra do sistema era uma coisa que ele não poderia fazer por si mesmo. —

Computador, responda.

Nada.

Chekov enfiou-se debaixo da mesa para recuperar o teclado que caíra durante seu ataque. Colocando-o sobre os joelhos, pensou durante um instante antes de digitar:

VOZLIG

A tela piscou uma vez.

VOCÊ DESEJA ENTRADA DE ÁUDIO OU MANUAL (A/M)?

Chekov sorriu. Um computador administrativo, projetado para usuários não técnicos; decifrar um sistema tão auto-explicativo não poderia ser tão difícil quanto ele temera. Escolheu a função de áudio e então chamou o computador novamente.

— *Boa tarde, usuário 293724443A* — uma voz macia de contralto respondeu. — *Como você gostaria de ser chamado?*

Chekov verificou o uniforme do outro homem até encontrar um cartão de grau técnico (um surpreendente nível técnico IX). — Gregory L. Jao — disse ao computador, pensando se pronunciara o nome corretamente.

— *Por favor, introduza seu nome manualmente* — pediu o computador. Chekov digitou o nome de Jao.

— *Obrigada, Gregory L. Jao. Como posso ajudá-lo?*

É isto! — Eu gostaria de acessar seu sistema operacional principal.

— *Sistema operacional principal acessado para alteração às 18:27.* Ótimo. Isso significava que Jao quebrara todos os códigos de segurança e não apenas o do usuário.

— *Gostaria de alterar minha programação?*

No período de uma batida do coração, Chekov perguntou-se quem receberia a culpa caso quebrasse o sistema da Aslan; ele desejava assumir a culpa sozinho, mas duvidava que Jao ficaria satisfeito em descobrir como seu grau técnico fora usado. Lembrando-se do rosto de Kramer após a bagunça deixada na câmara de teste do *Kobayashi Maru*, duvidava que tampouco o Comodoro ficasse satisfeito. Chekov, porém, resolveu que isso era parte dos riscos da situação e prosseguiu apesar da imagem do rosto zangado de Kramer que o assombrava. — Sim — disse ao computador. — Eu gostaria de alterar sua programação.

— *Por favor, apresente prova de grau técnico IV-B ou acima.*

Ele colocou o cartão de Jao na leitora. A luz verde da sonda brilhou e o

computador respondeu simplesmente: — *Obrigada.*

Em face a todas as opções que um mapa detalhado e um computador central ofereciam, Chekov não tinha certeza por onde começar. Tinha que haver um meio de mesclar as duas vantagens, mesmo que fosse cruzando referências uma contra a outra. Retirando o mapa de dentro de seu uniforme, ele o abriu sobre o tampo da mesa. — Computador, você possui esquemas dos circuitos e layout da Estação Aslan?

— *Sim, Gregory L. Jao.*

— Mostre-os então, por favor.

A tela piscou e uma série de esquemas idênticos aos do mapa foram mostradas. Mesmo a grade referida era a mesma. — Você pode sondar o número de formas de vida... — ele escolheu ao acaso uma localização em seu mapa — ...nas coordenadas 273-185-55?

— *Sinto muito, não tenho capacidade de sondagem.*

— Droga... — Chekov passou os dedos pelos esquemas em seu mapa, esperando uma inspiração. Não parecia haver nada de consistente de um mapa para outro, nem mesmo de nível para nível. A única coisa que todas as telas exibidas tinham em comum eram coordenadas destacadas em vermelho em algumas das junções dos circuitos. — O que é este indicador nas coordenadas 45-633-33?

— *As coordenadas destacadas em vermelho indicam unidades de comunicações.*

Ele franziu a testa. — Intercom?

Isto tinha algum potencial. — Você pode monitorar os canais de intercom na Aslan?

— *Posso acessar todas as formas de comunicação na Estação Aslan.*

Chekov bateu com o punho na mão em triunfo, então lembrou-se que alguém ainda poderia estar do outro lado da porta para ouvi-lo. — Monitore todas as unidades de intercom, — disse, mais moderadamente, — e relate quaisquer coordenadas de quaisquer unidades onde houver atividade.

Seguiu-se um instante de silêncio, então a tela exibiu uma longa lista de coordenadas correspondente ao precioso mapa. Chekov recebeu visões de fechamentos de passagens de acesso e anteparos baseados nos relatórios do computador, confinando grupos de Cadetes para disposição posterior. Isso limitaria a quantidade de espaço físico que ele teria que cobrir e simplificaria imensamente seu trabalho.

Mas nenhum desses planos importaria se alguém com um grau técnico adequado (como Cecil) entrasse no computador e minasse seus planos. Pensar em Cecil fê-lo lembrar-se de que supostamente deveria ter ido direto para o ponto de encontro à procura de Sasha e dos outros; uma onda de culpa

distraiu-o de suas estratégias táticas. Ele ficaria apenas um pouco mais, prometeu-se, apenas o tempo suficiente para verificar suas suspeitas, e para proteger sua posse no sistema operacional principal.

Retornando sua atenção para a tela âmbar, ele pediu: — Computador, você fala russo?

— *Russo Alto Moscovita, Georgiano ou Moderno?*

— Moderno.

— *Eu falo Russo Moderno a um grau quinze de fluência.*

Chekov dobrou o mapa e recostou-se com um sorriso: — Que esta seja uma prioridade, reconfigure seus sistemas de comunicação para enviar e receber exclusivamente em Russo Moderno. Todos os outros acessos devem ser negados.

— *Como desejar, Gregory L. Jao. Por favor, aguarde.*

Quase imediatamente, o esquema complexo sumiu da tela, substituído pela mensagem que originalmente saudara Chekov. Só que desta vez a mensagem estava em cirílico. — *Pokonchyl.*

Chekov sorriu e desligou a tela. — *Prekrasneya* — replicou suavemente. — Excelente...

Apesar do retumbante ruído branco do gerador de sono da Aslan, o ponto central estava inquietantemente quieto. O rugido era uma presença subliminar e suave, constante como as batidas de um coração, pelo grande convés da nave, palpável em qualquer lugar em que se estivesse. Era um som vibrante, vital, tão profundo quanto a Terra; significava que tanto a nave quanto sua tripulação estavam sendo cuidados, e vivos.

Chekov fez uma pausa para colocar uma mão na porta mais externa do local. Se tivesse percebido o nível de decibéis que estavam por trás destas portas, jamais teria instruído ao computador para trancar as saídas. A caminho do ponto central, ocorreu-lhe que Sasha e Cecil pudessem ficar impacientes com seu atraso e descartá-lo como perdido. Ordenara ao computador para realizar uma escuta na área e ele relatara que não tivera qualquer sucesso em discernir atividade humana. Não considerara que o fracasso do computador pudesse ser devido a outro barulho.

Ele selara os anteparos porque não queria que os outros o deixassem para trás. Não, porque ele não queria que eles pensassem que ele falhara. A admissão o constrangera um pouco, mas ele preferia que pensassem que ele os abandonara do que saber que eles pensassem que ele fora incapaz de juntar-se a eles.

Tocando no intercom ao lado da imensa porta dupla, ele inclinou-se para bem perto e entoou em russo: — Computador.

— *Da, Gregory L. Jao?*

Ouvir a máquina responder em russo ainda o fazia sorrir. Usando a mesma língua, respondeu: — Abra os anteparos em minhas coordenadas.

O computador executou.

O som choveu sobre ele na forma de uma brisa branca congelante. Chekov passou pelas portas para aproximar-se com cuidado do maquinário cantante. Fendas e buracos grosseiros infestavam o aposento irregular. Ele nem mesmo podia ouvir o som da própria respiração acima do gerador; só sabia que a porta externa fora fechada porque a luz ambiental no aposento diminuía pela metade. Sasha e os outros não estavam em nenhum lugar visível.

Parando ao lado de um motor de derivação, ele soltou um dos pacotes de força de phaser de seu cinto e jogou-o para o meio do aposento.

Ele bateu ruidosamente no convés cinzento e então parou.

— Você está atrasado!

Chekov girou, o phaser na mão. Sasha franziu as sobrancelhas ao ver a arma quando saiu detrás do gerador barulhento. Cantini e Gugin apareceram atrás dela, mas não se aventuraram mais adiante. Todos os três Cadetes estavam com grandes tampões de orelha para reduzir o ruído. — Onde diabos você estava? — Sasha perguntou com toda a força de seus pulmões, empurrando o phaser de Chekov para longe dela com uma de suas mãos. Chekov recolocou-o em seu cinto.

— Eu estava tentando ser furtivo.

Ela franziu a testa irritantemente e bateu em seu tampão. Chekov levantou as mãos para indicar que não tinha nenhuma sugestão para uma melhor comunicação. Então ele mostrou-lhe o cinto para deixá-la ver os vários phasers que estavam pendurados.

Ela ajustou seu tampão, mas não sorriu. — É melhor do que colecionar escalpos, acho.

Chekov preferiu não ouvir o comentário.

Sasha guiou-o pelo corpo do gerador, gesticulando para Gugin e Cantini juntarem-se a eles. Surpreenderam Cecil e Westbeld na entrada traseira e quase foram atingidos por causa disso. Depois que todos já estavam novamente calmos, Sasha empurrou-os para a quietude paralisante do corredor mais adiante.

— Eu tinha esperança de que vocês esperarariam — disse Chekov quando Sasha removeu seu tampão e cocou a orelha. — Eu fui detido.

— Não tivemos escolha. — Cecil massageou seu próprio escalpo com uma mão, revirando o tampão entre os dedos da outra. — Alguém obstruiu as portas, tentamos partir quase uma hora atrás.

Chekov pensou em explicar-lhes a situação difícil em que se encontrara,

mas resolveu não fazê-la — Bom, agora estou aqui. Nós provavelmente devíamos ir embora antes que alguém nos encontre no corredor.

Westbeld riu uma vez, azeda. — Para aonde iremos? — ela perguntou.

— O que há de errado com simplesmente permanecer aqui?

— Não é bastante seguro — informou Chekov. — E é muito barulhento. Jamais dormiríamos.

— Mas ninguém pode nos emboscar aqui — Sasha apontou. — As entradas são fáceis de vigiar por dentro. E temos os tampões. — Ela mostrou-lhe o seu como se ele já não tivesse reparado neles antes.

Chekov empurrou-lhe o tampão de volta. — Há outros lugares defensáveis, a maioria deles com uma acústica melhor. Apenas Cecil pareceu interessado. — Tal como?

— Os escritórios administrativos.

Mesmo estando meio surdo pelo gerador, Chekov ouviu a risada baixa de Sasha. — Claro, nós e todos os outros neste exército humano! Pavel, esse é o primeiro lugar para onde *todo mundo* vai!

Chekov brindou-a com um sorriso presunçoso. — É claro que é. Mas *eu* já estive lá e pus armadilhas nas portas para que apenas *eu* possa entrar.

Os outros cinco fitaram-no. Westbeld sorriu com entusiasmo, mas os outros apenas brincaram com suas armas ou tampões sem dizer nada.

— Isso é legal? — Gugin finalmente se aventurou.

Chekov tentou mascarar seu aborrecimento. — É ilegal? — retrucou. — Eles nos disseram que podíamos fazer qualquer coisa, desde que sobrevivêssemos. Tenho phasers extras de outras três pessoas que eu tirei da simulação. — Ele agora sabia que não mencionar sua relação com o computador fora uma decisão sábia. — Pôr seguranças na administração pareceu-me um curso de ação seguro — finalizou.

— É — suspirou Cantini. — Suponho que sim...

Gugin finalmente deu de ombros e jogou seu tampão de volta na cabine de suprimentos ao lado da porta... — Se você já os mantém seguros, acho que podemos muito bem usá-los. Alguém mais se importa?

Ninguém pronunciou nenhuma objeção. Chekov pegou o tampão de Gugin, levantando uma mão para evitar que Cecil também depositasse o seu.

— Leve-o — insistiu Chekov. Então, olhando para os outros. — Levem todos deixemos que aqueles que vierem aqui enfrentem o barulho.

Cecil suspirou ruidosamente em frustração: — Por quê?

— Isso os distrairá — Cantini explicou, apontando para os tampões em suas mãos. — Será mais fácil para alguém pegá-los. — Ele sorriu para Chekov. — Bom plano. — Chekov sorriu em resposta.

Sasha preocupou-se com seu tampão. — O que ganhamos em fazer

alguém miserável? — perguntou. — Isto é, por que nos preocupamos?

Chekov deu de ombros. — Se alguém os tontear, são melhores chances pra nós.

Todos menos Sasha pegaram os tampões; Chekov hesitou apenas brevemente, então pegou os dela sem comentários.

Um crepúsculo simulado transformou a já inadequada iluminação em sombras frias e deformadas ao longo do chão e paredes que refletiam essas imagens. Disparos de phaser ao longe surpreenderam Chekov mais de uma vez, alfinetando-o com o estado de alerta de presa pela primeira vez nessa simulação; o convés parecia invadido por eletricidade, tornando cada passo tanto desagradável quanto exaustivo. Ele ficou feliz quando finalmente alcançaram os escritórios da administração.

O corpo de Jao se fora, mas um Cadete Tseyluri estava esparramado no corredor quase na mesma posição em que Chekov deixara Jao. Ele lançou um sorriso vitorioso para Sasha por sobre o ombro enquanto se dirigia para a porta; ela fitou o Tseyluri e não sorriu de volta.

Chekov pegou uma sonda portátil do carregador de seu cinto e estendeu-a no chão. — O que está fazendo? — Cecil sussurrou em sua orelha.

Chekov fitou seu amigo, então voltou para seu trabalho. — Desarmando armadilha — explicou, contente pela distração depois do óbvio desprazer de Sasha. — Mantenha todos longe da porta.

A sonda tinha apenas um metro de comprimento em sua maior extensão. Chekov encostou-se ao longo do anteparo, colocando os pés inconfortavelmente próximos ao longo da parede e torceu a sonda pelo sensor que lhes dava acesso.

A porta abriu-se com um suspiro e uma rajada curta e triplicada de phaser explodiu contra a parede oposta. Chekov chutou-a com um pé, fazendo a porta abrir com seu dedão, e esperou que os disparos terminassem.

— Seria mais fácil — sugeriu Cecil, após Chekov ter cruzado a soleira para manter a porta aberta para os outros — apenas forçar a porta.

Chekov tentou aparentar um ar de descaso enquanto punha a sugestão de lado. — Não sou um técnico — racionalizou. — Eu provavelmente seria incapaz de abri-la novamente. — Na realidade, ele simplesmente pensara na armadilha como um meio melhor de impedir Baasch para o caso do outro Cadete segui-lo até aqui.

Cantini jogou-se sobre um divã do comprimento da parede. — Bem, vai ser mais confortável que a sala do gerador — Ele cruzou os braços atrás da cabeça com um suspiro de contentamento.

— Como se o conforto das criaturas fosse tudo o que importasse na vida. — Sasha largou *seu phaser* em uma mesa, então gesticulou para Gugin

quando a outra mulher começou a falar. Chekov observava enquanto Sasha caminhava até a outra ponta da sala e fitava a parede.

— Ei, Pavel...

Chekov virou-se para encontrar Cecil inclinando-se sobre a mesa em que se encontrava o terminal de computador. Com a cabeça erguida como se tentasse ler alguma coisa escrita ali, Cecil perguntou: — Este é um terminal da estrutura principal?

— Ele está desligado. — Cecil franziu a testa para ele, e Chekov torceu para não ter respondido rápido demais. — Eu tentei antes — elaborou Chekov, com um dar de ombros. — A tela inicial nem mesmo aparecia. Acho que eles desativaram o sistema.

Cecil fitou a tela com uma expressão que Chekov não pôde interpretar. — Acho...

— Estou com fome — Cantini anunciou abruptamente. — Alguém mais tá afim de arrumar comida?

Westbeld levantou a mão de onde estava sentada em uma cadeira do outro lado da sala. — Eu estou. Não comi nada desde o café da manhã!

— Veja se consegue achar uma sala de recreação — instruiu Sasha sem virar-se. — Eles terão serviço alimentar lá.

— E tenham cuidado com as armadilhas — acrescentou Cecil. Chekov dirigiu um olhar surpreso para o técnico em computação, mas não fez nenhum comentário. — Você não pode ser o único que pensou nisso — apontou Cecil, afundando-se na cadeira da mesa. — Todos *nós* devíamos ser cuidadosos.

Mais cuidadosos do que vocês imaginam, pensou Chekov, voltando-se para os outros. Não importava se outro Cadete colocara ou não armadilhas, Chekov sabotara a maioria dos processadores de comida e dos banheiros entre os escritórios da administração e o ponto central; banheiros e refeitórios eram os únicos dois lugares que todos eventualmente tinham que visitar. — Há um posto de alimentação descendo uns quatrocentos metros por aqui — Chekov informou, indicando a direção. — Creio que é o mais próximo. — Era também o único que ele não sabotara a fim de deixá-lo para seu próprio uso.

Os dois Cadetes assentiram antes de abaixarem-se no chão.

Chekov aproveitou a partida de Westbeld e Cantini para instruir Cecil e Gugin em como desativar a porta; Sasha, agora sentada, observava-os sem interromper, seu desprazer dolorosamente aparente. Chekov de repente lamentou por estarem envolvidos nessa simulação, por ter-se mantido quieto quanto a seu envolvimento com o computador, por seus bombardeios subreptícios. Mais que tudo, lamentou por isto aparentemente importar tanto

a Sasha quando para ele era pouco mais que um jogo elaborado. O fato dela estar toda melindrada o chateava, mas ele não queria aliená-la por causa de alguma coisa que nem era real.

Deixando que Cecil modificasse a armadilha, Chekov foi se sentar na ponta da mesa próxima à Sasha. Quando ela não falou com ele durante um minuto inteiro, ele perguntou: — Você está zangada comigo?

— Não quero falar sobre isso aqui. — Mas seus olhos falavam de alguma coisa diferente, alguma coisa furiosa.

Chekov puxou-a até ela ficar de pé. — Há outro escritório — disse, mostrando uma porta no fim do aposento. — Vamos conversar lá dentro.

Cecil olhou interrogativamente quando eles passaram; Chekov mostrou sua incerteza com um dar de ombros sem esperanças, então seguiu Sasha até o aposento vizinho.

Ela caminhou até a longa mesa laqueada que dominava a parede oposta e pegou um ornamento amorfo em uma mão para simplesmente jogar na outra. Chekov observou-lhe os movimentos fluidos com fascínio apaixonado. Sasha era treinada em mais formas de combate desarmado do que ele sequer sabia seus nomes; ela provavelmente conseguiria matar um assassino *Barbarbaar* 'yoat uma centena de vezes com apenas aquele peso de papel antes que o assassino até mesmo percebesse que a Segurança estivera no aposento. Bom, talvez ela não fosse assim *tão* rápida. Mas era talentosa, e equilibrada por uma tradição familiar de artes marciais. Chekov jamais soubera que ela fosse tímida ou circunspecta em nenhum aspecto de seu relacionamento, profissional ou pessoal.

Ela não o desapontou agora. — Você se transformou em um belo açougueiro, não foi?

Chekov cruzou os braços e encostou-se na parede. — O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que eu vi a tua cara lá dentro! Quer dizer que você sabotou todos os centros alimentares, provavelmente a maioria dos elevadores e talvez até mesmo alguns dos alojamentos. — Ela devolveu o peso de papel para a mesa com um sonoro *clank*.

— Lembra-se dos parâmetros da simulação? — perguntou-lhe Chekov.

— Estamos em guerra.

— Então você a transformou em guerrilha?

A acusação atingiu-o mais do que esperava. — Eu tornei-a prática. Nós não sabemos quem é o assassino, não sabemos do que ele ou ela é capaz. Se isso aqui fosse a vida real, você não estaria reclamando.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Não tenha tanta certeza, moço.

Chekov examinou-lhe os pálidos olhos à procura de algum sinal de

incerteza ou fraqueza, mas não encontrou nada. Finalmente, ele virou-se com um suspiro frustrado. — Você não compreende...

— Não me proteja! Não sou criança!

— Então você devia saber que às vezes os mocinhos também ficam feios! — ele gritou em resposta.

— Mas quando é que isto termina? Quando é que vamos parar de responder fogo com fogo e resolver não fazer as coisas pelo jeito mais fácil simplesmente matando todos os nossos concorrentes? Não é isso que significa a Frota Estelar e você sabe disso.

— Isso é uma *simulação*, Sasha! — insistiu, resignado em perder esta discussão, não importando o que ele dissesse. — É como o *Kobayashi Maru*: não é real. Eles estão testando nossas reações e engenhosidade, não nossa moralidade. Não importa se devemos admitir isso ou não, todos nós sabemos que *ninguém morre!* Eu sei disso. Você sabe disso! Isso significa que *todos* nós nos comportamos diferente do que o faríamos na vida real!

— Os músculos da mandíbula dela se torceram enquanto ele mexia no peso de papel, mas ela não o fitou. Pegando-lhe o queixo com uma mão, Chekov colocou-lhe os olhos sob a luz e disse gentilmente: — Sasha, *na vida real*, eu não explodiria minha própria nave espacial só para contrariar os klingons!

Ela puxou o queixo de sua mão e abaixou o olhar uma vez mais. — Eu me pergunto, Pavel — disse ela, muito suavemente. — Às vezes, eu apenas me pergunto.

— Sasha...

— Eu só queria saber pra que estamos sendo testados! — Sua voz traiu um sentimento entre frustração e raiva, mas ela não objetou quando Chekov moveu-se para mais perto e passar-lhe um braço em volta da cintura. — É como o *Kobayashi Maru*. Eles não fazem esse teste só pra descobrir quanto tempo leva pra uma frota de guerra klingon chutar nossos traseiros, eles o fazem pra descobrir quem desiste, quem vai até o fim, quem jamais nota que a batalha terminou. Eles querem saber tudo sobre nós... — Ela suspirou, um som suave e profundo que parecia o eco de alguma insegurança da qual Chekov não compartilhava. — Se eu soubesse o que eles realmente desejam, — ela admitiu finalmente, — eu me sentiria muito melhor sobre isto.

— Eles querem que sejamos fortes — Chekov lhe disse, desejando que fosse capaz de transmitir-lhe sua crença. — O que quer que façamos, sejam quais forem suas razões, eles querem que provemos que podemos lidar com qualquer coisa que a Frota Estelar possa nos pedir. Isso significa que fazemos o melhor para vencer, mesmo quando o nosso melhor parece cruel ou difícil.

Ela riu uma vez e sorriu para ele. — É o fato de você estar tão certo sobre o que significa vencer — ela lhe disse abertamente. — É o fato de que você acha isso tão fácil que me preocupou mais. Eu acho que você vai descobrir que está se vendendo à Frota Estelar barato demais.

Na manhã seguinte, Chekov acordou com o som de disparo de *phasers* e gritos. Sasha, esticada a seu lado no único sofá do escritório interior, rolou sobre seus pés com graça silenciosa, os olhos treinados, como os de um gato, na porta externa. Reconhecendo as vozes, Chekov segurou-lhe o ombro e sibilou: — É Baasch! Tranque a porta!

Sasha voou pelo aposento para bater no controle da porta até que a luz piscasse de verde para vermelho. No outro escritório, a voz de Cecil podia ser ouvida acima das outras, gritando para Cantini mover-se para uma posição mais defensável; Chekov mal podia pensar nas palavras, e suspeitava que as especificações não importavam muito. Praguejando sob seu próprio fôlego, ele puxou Sasha para longe da porta, na direção da mesa no outro lado da sala.

— Devíamos ir até eles — ela insistiu com um sussurro rouco. — Eles vão ser trucidados!

A mente de Chekov ainda procurava uma outra solução, tentando descobrir como alguém sobrevivera tempo suficiente para passar por sua proteção na porta. — Não podemos ajudá-los.

— Devíamos morrer tentando!

Ele quase riu alto. — E provar o quê? Que não somos nem um pouco mais sérios sobre esta simulação do que todos os outros nesta Estação? — Além do mais, ele não tinha nenhum desejo de entregar-se a uma morte fácil.

Uma rajada de *phaser* atingiu a porta fechada, fazendo com que o aço e o plástico cantassem. Chekov arrebanhou Sasha para o abrigo sob a mesa enquanto ele se lançava pelo aposento à procura de alguma saída.

Ela segurou a mesa com uma mão e recusou-se a ser empurrada para baixo. — Eles são nossos *amigos!* — insistiu. — Não podemos deixá-los lá!

— Sim, podemos. — Uma grade de ventilação na parede acima do sofá era o único meio de fuga que não implicava correr pelo meio das forças que estavam lá fora. Chekov sabia bem, através de seu mapa, quão erráticos e traiçoeiros podiam ser os tubos de ventilação; nada menos que uma morte iminente, de uma natureza muito real e dolorosa poderia inspirá-lo em ousar aventurar-se por aquelas passagens íngremes e tortuosas.

— Você continua insistindo que isto não é a vida real. — Sasha, ainda de pé, também olhava para cima e para baixo no aposento. — Apenas mantenha

em mente que todos estarão vivos depois desta simulação, e que todos eles vão estar *realmente* nos censurando! — Ela jogou o peso de papel em uma mão. — Use isto — ela disse, dando-o por sobre a mesa para Chekov. — Você pode derrubar a grade, e então podemos nos esconder por aqui. Eles *vão pensar* que entramos no sistema de ventilação e podemos sair do escritório depois que eles tiverem ido embora.

Chekov sorriu quando pegou o peso. — Você é melhor nisso do que gosta de admitir.

— Não acredito em fazer as coisas pela metade.

Cada um dos prendedores da grade de ventilação quebrou ao primeiro golpe. Chekov quebrou três deles, deixando a grade torta, como se ele e Sasha tivessem tentado colocá-la de volta no lugar em sua fuga apressada. O peso de papel foi deixado no sofá.

O espaço embaixo da mesa preta e prateada jamais fora projetado para esconder dois Cadetes da Frota Estelar; eles só couberam no espaço após rearrumações constrangedoras, e isso apenas quando sentaram-se quadril contra quadril e com seus joelhos nas orelhas. Sasha acabara de arrumar a cadeira de rodinha na abertura quando a porta entre os dois escritórios explodiu. Chekov segurou o fôlego quando passos leves atravessaram o aposento exatamente para além da outra parede da mesa. Cada músculo de sua perna de repente estava doendo e com câimbras, a necessidade de mover-se quase insuportável enquanto ouvia o intruso subir no sofá e levantar a grade quebrada. Ele viu Sasha levar uma mão para cobrir a boca, seu maxilar apertado e os olhos fechados; aparentemente, ele não estava sozinho em seu desconforto.

— ...Droga... — A voz, suave e abafada, foi engolida quase até a incompreensão pelo duto de ventilação. Então os passos atravessaram o aposento novamente e partiram.

Sasha exalou alto. — Posso me mover agora? — sussurrou.

Chekov balançou a cabeça. — Espera mais um pouco — sussurrou em resposta. — Pra ter certeza que já foram.

Eles esperaram por quase uma hora. As câimbras nas pernas de Chekov agora eram muito reais; ele se sentia tonto por causa da posição contrita. Ainda assim, foi só após ouvir um grupo de limpeza no escritório externo que ele considerou seguro sair.

Sasha caiu de lado em agonia exagerada, empurrando a cadeira para longe com bastante força para lançá-la contra a parede. — Estou mutilada pra sempre! Nunca mais vou andar de novo!

Chekov engatinhou atrás dela, contente em ouvir novamente a risada de Sasha depois de seu mau humor anterior. Ele fez um gesto com a cabeça em

direção à porta. — O pessoal da limpeza já foi?

Ela vacilou de pé e meio correu, meio manquejou para a saída. Apoiando-se de lado enquanto abria a porta, ela lançou uma rápida olhada pelo aposento. — É — ela confirmou com um assentimento. — Tudo limpo.

— Ótimo. — Chekov terminava de esticar-se quando sentiu uma pontada em seu ombro. — Acho que nunca vou me recuperar.

— Não vou viver pra me recuperar se não for a um banheiro! — Sasha olhou o escritório externo novamente. — Pavel, estou indo para o toailete feminino no final do corredor. Espere por mim.

Ele assentiu, ainda fazendo uma massagem em seu ombro. — Não demore muito, quero pegar comida também.

— Vou me apressar — prometeu ela. Então foi para o outro aposento e desapareceu.

Chekov deu-lhe um certo tempo para ela descer pelo corredor e então ele mesmo entrou no escritório externo. Nada restara da emboscada; até mesmo os três *phasers* que ele usara na armadilha haviam sido pegos pelo grupo de limpeza. Tentou não permitir que sua perda o chateasse; sempre poderia obter mais.

A tela do computador pessoal ainda estava escura. Chekov parou ao lado da mesa mais próxima da parte externa, desejando ouvir o retorno de Sasha a tempo de terminar a conversação, e ligou o mecanismo. — Computador - chamou, em russo baixo.

— *Bom dia, Gregory L. Jao* - replicou o computador.

— Por favor, monitore todas as saídas de intercom e informe as coordenadas onde você detectar atividade.

— *Sim, Gregory L. Jao.*

Chekov olhou o corredor à procura de Sasha; não havia sinal de ninguém naquela direção. Ele voltou a abaixar-se no escritório, preparado para aguardar até a resposta do computador e foi surpreendido quando o saudou com: — *Dois seres detectados nas coordenadas 456-779-340, quatro seres detectados em 55-56-47.*

Chekov esperou que continuasse. Quando não o fez, pressionou: — Há outros?

— *Apenas você nas coordenadas 147-90-423. Gostaria que eu verificasse meus achados novamente?*

— Não... Não, computador, tá bom. - Ele abriu o mapa no tampo da mesa. As coordenadas relatadas pelo computador estavam separadas por vários andares, e os dois locais ficavam bem distantes de sua localização atual. Se ele e Sasha haviam sobrevivido com apenas mais seis outros estudantes, ele podia apenas imaginar que o grupo de quatro era o esquadrão

de Baasch. Traçando um dedo ao longo de vários planos de convés, ele memorizou a rota mais rápida entre os escritórios da administração e o menor dos dois grupos, sempre consciente que Sasha logo viria juntar-se a ele. Não estava certo sobre como ela reagiria ao descobrir sua relação com o computador, mas ele sabia que ia contar-lhe; o computador oferecia vantagens demais para simplesmente abandoná-lo agora que a simulação estava tão próxima de um fim. Ademais, ter Sasha como co-vencedora não lhe parecia tanto um compromisso quanto esperara.

— Computador, isole os andares de um a sete e decks vinte, vinte e dois...

Ao longe, sons retumbantes e cavernosos informaram-no sobre a descida das imensas portas maciças. Chekov deixou apenas um espaço de dois decks em ambos os lados dos dois grupos, o suficiente para dar-lhes a ilusão de liberdade, caso decidissem emigrar. Preocupar-se-ia em realmente confiná-los quando ele e Sasha chegassem mais próximos dos locais.

— *Isso é tudo, Gregory L. Jao?*

Ele assentiu enquanto fechava o mapa, então percebeu que o gesto fora inútil para o computador. — Sim, computador, obrigado.

— *Não há de que.*

Sorrindo pela incongruência da cortesia tecnológica, ele se inclinou sobre a mesa para desligar a tela. Lá fora, o corredor ainda estava silencioso e vazio.

Chekov trotou pelo corredor sem se importar em sacar seu *phaser*. Sabia a localização de todos que ainda estavam "vivos" na Estação; não havia ninguém de quem se defender neste nível, já que não havia ninguém funcional além dele mesmo. Esse pensamento percorreu-o como um arrepio gelado de percepção; diminuiu sua alegria para um passo hesitante.

Ninguém. O computador relatara não existir atividade neste nível a não ser por Chekov no escritório da administração. Isso significava ou que Sasha deixara o nível ou que não estava mais ativa. Ele tinha uma sensação de saber qual era a resposta.

Ficando de joelhos, mexeu na frente de sua camiseta à procura do mapa, equilibrando-o em uma mão enquanto abria os painéis com a outra. O nível da administração piscava na tela, cheio dos indicadores azuis de cobalto que ele mandara sobressaltar a fim de indicar a localização de suas próprias armadilhas. Cinquenta metros descendo pelo corredor, o banheiro feminino piscava com a luz azul.

Chekov grunhiu e enterrou o rosto no mapa. Era um homem morto. Mesmo que Robert e os outros nunca soubessem que ele montara armadilhas por toda a Estação Aslan, Sasha já adivinhara o fato. Ela saberia quem

pusera a armadilha no banheiro e o mataria.

Ele pulou de pé e correu os últimos poucos metros até o banheiro. A porta se abria ao menor toque; lá dentro estava tão silencioso quanto no corredor. — Sasha? - Diferentemente da administração, ele não planejava entrar novamente em nenhum dos banheiros com armadilhas, e por isso não deixara nenhuma opção para se passar pela armadilha. Os *phasers* disparariam tão logo alguém virasse na primeira volta do aposento. Chekov permaneceu cuidadosamente à porta e chamou-a novamente.

Ele recuou até um painel do intercom após convencer-se que até mesmo Sasha não manteria um silêncio tão longo por causa de uma piada. Batendo no interruptor de áudio, chamou o computador com um suspiro apático.

— Monitore todas as saídas de intercom e informe as coordenadas onde detectar atividade.

Os mesmos grupos reapareceram - dois e quatro - apenas o grupo de duas pessoas se movera para um convés; o grupo de quatro ainda permanecia na biblioteca.

— Desça os anteparos até o décimo nono andar - disse. — Se as duas pessoas nas coordenadas 425-457-77 se moverem para fora do aposento que ocupam no momento, sele o aposento atrás deles.

— *Como desejar, Gregory L. Jao.*

Ele seguiu para um elevador sem agradecer ao computador. Dezoito horas nesta simulação, ele planejava terminá-lo em menos tempo que o limite de vinte e quatro horas chegasse ao fim, se ele ao menos pudesse alcançar o convés dezoito antes que sua caça encontrasse um meio de passar pelos anteparos. Ele primeiro teria que parar no estoque da Engenharia onde pegara seu primeiro grupo de contadores e dispositivos de detonação; ainda tinha sete *phasers* com os quais construir uma pequena forma de segurança.

Os dois do décimo nono andar foram fáceis de despachar, Chekov encontrou-os discutindo no corredor do lado de fora de um dos aposentos amurados, cada um deles aparentemente culpando o outro por ter trancado a porta em seu caminho de saída. Chekov tonteou-os antes mesmo de saberem que ele estava lá.

Sentou-se no chão quando o grupo da limpeza veio pegar os corpos, meticulosamente interligando os *phasers* por um fio e fixando-os em seu cinto. Um dos técnicos da limpeza fitou-o curioso enquanto colocava um "corpo" em uma maça. — O que está fazendo? Trenzinho?

Chekov não levantou os olhos de seu trabalho. — Uma bomba.

— Ah. - O técnico assentiu sabiamente para sua companheira. — O melhor da Frota Estelar - assegurou à mulher a seu lado. Ambos riram enquanto levavam as maças embora.

Chekov ignorou-lhes as risadas. Ele dissera a Sasha que não sacrificaria toda uma nave da Frota Estelar apenas para contrariar o Império Klingon, e ainda acreditava que isso era verdade. Também acreditava que era seu dever de oficial tornar sua morte ou captura tão dispendiosa que ela deixaria de ser um objetivo digno de valia dos esforços inimigos. No mundo real, isso poderia não significar destruição de uma nave estelar da classe *Constitution* completamente tripulada, mas poderia significar morte voluntária em face de derrota inevitável, morte que levava o preço de muitas outras vidas além da sua própria. Sem dúvida alguma Baasch não percebia a ironia no gesto, mas não era sua intenção que fosse uma vingança contra o outro Cadete. Pelo menos não inteiramente.

Chekov enfiou o último phaser na linha, e então começou a esconder os fios multicoloridos em seu cinto. Com o aparato novamente completo preso em volta de sua cintura, parecia nada mais que um cinto de equipamento um pouco volumoso com uma meia dúzia de phasers extra. Somente Chekov sabia do fio amarrado em baixo da manga esquerda de sua camisa, ou do laço próximo a seu dedo anular e que ele podia puxar quase sem nenhum esforço. Ninguém veria o fio que acionaria o primeiro phaser em seu cinto quase ao mesmo tempo em que dispararia o segundo, e o terceiro...

Chekov passou os dedos pelo fio que saía de sua manga. — ... *boom...* - murmurou para si mesmo.

Na vida real, o inimigo sem dúvida alguma teria detectores de circuito ou pessoal treinado em busca e remoção. Mas, como Sasha o lembrara tão de mau humor, isto não era a vida real. Nem era a morte real. Era tudo um teste em que outra pessoa estabelecera as regras, mas que Chekov não pretendia perder; mesmo que tudo de que pudesse ter certeza fosse que ninguém mais ganhasse também.

A porta para a biblioteca estava trancada.

Chekov franziu a sobrancelha para o anteparo selado, brincando com o laço de fio que cocava seu pulso e tentando decidir por que alguma coisa tão prudente quanto uma porta trancada faria sua espinha arrepiar-se e seus músculos doerem como se ele estivesse levando uma nave estelar em batalha. Verdade, ele não instruíra o computador para selar este anteparo; ele abrira o restante do convés, meio na esperança de que este grupo mostrasse um pouco mais de iniciativa que o último. Eles, porém, nem mesmo haviam deixado a biblioteca, e agora descobrira que o lugar estava trancado por dentro sem nem mesmo um guarda localizado no corredor. Ele se perguntou se Baasch estava de algum modo ciente de que Chekov era o único que restara para enfrentá-lo, se é que ele estava esperando lá dentro que o russo abrisse a tranca. Quando Chekov entrasse, Baasch atiraria nele.

Praguejando baixinho em frustração, Chekov afastou-se da porta. Se houvesse ao menos algum meio de obrigá-los a sair, de ter mais certeza de onde eles estavam, do que estavam fazendo. Lembrou-se de um intercom apenas alguns metros abaixo no corredor e foi até ele, enquanto pensava em seu plano. — Computador.

Uma pausa mais longa do que ele esperava, e então: — *Sim, Gregory L. Jao?*

— Você ainda pode verificar quatro formas de vida na biblioteca? Outra pausa, mais longa desta vez. — *Sim, Gregory L. Jao.*

— Você pode mostrar a localização delas dentro da biblioteca?

— *Sinto muito, Gregory L. Jao, mas meus monitores de áudio não foram projetados para tal nível de acuidade.*

Chekov bateu seus dedos contra a parede, seus pensamentos perseguindo uns aos outros como pássaros furiosos. Se ele soubesse onde estavam. Se soubessem o que estavam fazendo. Se, se, *se!* — Computador, - continuou, pondo seus pensamentos sob controle pelo tempo suficiente de estabelecer um curso de ação, - você pode estabelecer prioridade para abrir a fechadura manual da porta da biblioteca?

— *É claro, Gregory L. Jao. Meu sistema é...* - Desta vez uma pausa infinitesimal no meio de sua resposta; Chekov não tinha certeza do por quê, mas o fato o preocupou. - *...projetado para uso conveniente pelo pessoal administrativo. Você gostaria que eu realizasse tal prioridade agora?*

— Sim.

Desta vez a pausa de silêncio foi aceitável. Então o indicador luminoso, a uns doze passos corredor abaixo, mudou silenciosamente de vermelho para verde e o computador anunciou simplesmente: — *Feito.* Chekov realocizou o laço em Mia manga, empurrando para longe da vista enquanto retornava para a porta da biblioteca.

Ele seguiu as sombras da parede durante sua aproximação, acionando os sensores da porta no último instante possível. O chiado característico da porta se abrindo pareceu-lhe quase alto demais para suportar.

Dentro da biblioteca estava escuro e cavernoso. Quadros que iam do teto ao chão enfeitavam as alcovas onde encontravam-se terminais colocados sobre longas mesas. Um labirinto de estantes, guardando uma coleção de antigos livros de papel impressos empoeirados e com cheiro de madeira, ziguezagueava pelos primeiros poucos metros diante da porta. Chekov abaixou-se até ficar mais baixo que a unidade mais alta da estante e empunhou seu próprio phaser.

Vozes bem familiares chegaram até ele passando pelos terminais abandonados: — ...o jardim pareceu muito maior depois que tiramos os

arbustos.

— E com que vocês substituíram? - Laurel Gugin queria saber, parecendo mais interessada no assunto do que Chekov lhe daria crédito.

— Anne queria plantar mais arbustos, replicou Westbeld, - mas eu lhe falei de flores sombreadas e outras plantas rasteiras. Na verdade, ela também queria azaléias.

Chekov apoiou-se novamente nos calcanhares, repentinamente hesitante. Westbeld e Gugin? Aqui? Será que Baasch as fizera prisioneiras ou os dois grupos juntaram-se de algum modo? Onde estavam Cantini e Cecil? Outros sons vinham de muitos cantos do aposento: passos, rastejantes e repetitivos, como os de um leão capturado que andava em seu hábitat para afastar o aborrecimento; sua própria respiração, voltando duas vezes mais altas com o eco causado pelas prateleiras à esquerda e à direita; o ruído peculiar de um teclado de computador; um impropério abafado ocasional.

Robert. Chekov trincou os dentes contra um fio de palavras furiosas enquanto seus pensamentos pululavam novamente em confusão. Robert, o especialista em computador. Robert, que estava, sem dúvida, à distância de um código de descobrir por que o computador não estava tão cooperativo quanto deveria. Robert, que afinal aparentemente vencera o esquadrão de Baasch, então deixara Chekov e Sasha para morrer. Robert, seu tendão de Aquiles.

Chekov resolveu que teria que disparar primeiro em Robert.

— Onde diabos você esteve? - Uma pancada de um phaser em suas costas, não a voz de Cantini, interrompeu-o em sua ida para a frente.

— Não atire em mim - disse Chekov, tentando esconder seu aborrecimento por ser pego. — Estou do seu lado.

Cantini não pareceu ficar impressionado. — Responda minha pergunta - grunhiu enquanto Chekov virava-se para encará-lo. — Onde é que você esteve? - Chekov percebeu que a conversa entre Westbeld e Gugin fora interrompida ao som da voz de Cantini.

— Eu estive onde eu consegui ir - Chekov disse simplesmente a Cantini. — Não há muitas rotas abertas pela Estação, como ... se alguém estivesse trancando as portas.

— Nós notamos - Gugin comentou quando ela e Westbeld aproximaram-se da posição deles. Elas, pelo menos, não haviam pego em seus phasers, mesmo se Cantini se recusasse a baixar o dele. — Al tentou deixar este nível quase há uma hora atrás, mas não pôde encontrar um acesso que pudesse ser aberto.

— Então onde é que você esteve?

Chekov voltou-se para Cantini. Os olhos escuros do homem menor

brilhavam em seu rosto redondo e chato, de algum modo acusando Chekov de alguma coisa indefinida demais para ser dita em voz alta. Chekov perguntou-se quanto Cantini adivinhara.

— O que quer que eu lhe diga? - perguntou ele. — Fui confinado a esta droga de Estação, exatamente como vocês. Tentando evitar que eu mesmo fosse tonteado. Exatamente como vocês.

A raiva nos olhos de Cantini diminuiu momentaneamente. — Nós o deixamos com Sasha nos escritórios da administração. Vocês fugiram quando fomos atacados, vocês nem mesmo saíram para nos ajudar!

— Não pensamos que houvesse algo que pudéssemos fazer - Chekov lhe disse. — Quando percebemos o que estava acontecendo, pensamos que vocês já tinham sido dizimados.

Cantini bufou. — Então fugiram.

Melhor repetir uma mentira na qual já acreditavam do que enlamear as águas com a verdade. — Sim - Chekov lhe disse. — Nós fugimos.

Quando Cantini diria mais alguma coisa, Westbeld interrompeu: — Então onde está Sasha?

— Fora da simulação - respondeu Chekov. A menção de seu nome, e o pensamento de como ela estaria zangada com ele quando o visse da próxima vez, fez seu rosto pegar fogo. — Fomos surpreendidos por outros dois Cadetes no décimo nono andar. - As mentiras agora pareciam vir terrivelmente fáceis.

O ruído do teclado atraiu-lhe a atenção novamente; tentou olhar pela unidade de estante que havia entre ele e Westbeld, mas não pôde ver além dos ombros dela. — Onde está Robert? - perguntou, tão casualmente quanto possível.

Gugin fitou por sobre seu ombro, como se esperasse ver alguém lá. Quando percebeu que não havia nada, voltou-se para Chekov com um dar de ombros. — Com o computador. Fazendo alguma coisa.

Chekov levantou o fio de sua manga. — Vocês sabem *o que* ele está fazendo?

— Isso importa? - perguntou Cantini, avidamente. Chekov apenas lançou-lhe um olhar; ele sabia o bastante.

— Ele está tentando entrar - falou Gugin. Ela voltou-se para o aposento, obviamente perdendo o interesse agora que sua presa mostrara-se ser amigo em vez de inimigo. — Ele acha que o fechamento dos anteparos pode ter sido feito pela estrutura principal.

Chekov, ainda sob o olhar observador de Cantini, continuou a seguir as mulheres para dentro do aposento. — Há quanto tempo ele está trabalhando?

Westbeld recostou-se novamente em um dos assentos duros e sem

almofada. — Quase três horas. Ele diz que quase conseguiu uma ou duas vezes, mas que o computador continua negando-lhe seu protocolo de comunicação - mesmo em binário.

Chekov assentiu vagamente, e brincou com seu fio.

Cantini bateu nas costelas do outro Alferes com seu phaser, fazendo sair uma boa quantidade de impropérios profanos. — Qual é o problema?

— Cantini perguntou-lhe de modo perspicaz. — Você não parece achar que é uma boa idéia.

— É só que... - Chekov obrigou-se a parar de mexer no fio do gatilho.

— E se ele romper alguma coisa? Esta é uma Estação civil... eles podem não gostar muito de terem seus dados corrompidos.

— Ele sabe o que está fazendo - Gugin disse sem se preocupar. Ela virou-se para uma leitora a sua esquerda. — Além do mais, alguém já entrou uma vez. Que outros danos Cece pode fazer?

Se eles soubessem.

— *Droga!*

Apenas Chekov sobressaltou-se com a interjeição de Cecil; a esta altura os outros sem sombra de dúvida já estavam acostumados com suas explosões. Afastando-se da mesa, Chekov começou a andar na direção da voz de seu amigo, ignorando a beligerância de Cantini: — Não vá a *lugar nenhum*, Chekov!

Cecil inclinava-se sobre um terminal ativo, seus olhos da cor do cobre por causa da luz âmbar. Ele não levantou o rosto quando Chekov se aproximou, nem mesmo desviou os olhos da tela iluminada quando ele parou atrás do monitor para fitá-lo.

— Robert...?

— Não me importune - Cecil murmurou distraidamente. — Estou ocupado.

Aposto como está. — O que está fazendo? - Chekov pressionou. — Este equipamento não é nosso.

Cecil resmungou inarticuladamente e apertou uma série de botões. — É, bem, diga isso ao Técnico Nove que quebrou o sistema. - Ele bateu com as mãos nas coxas em sinal de frustração.

Cantini materializou-se ao lado de Chekov. — Deixa ele em paz, cara! - murmurou mal humorado, segurando o cotovelo de Chekov. — Ainda não estou convencido que você não é o assassino de Kramer, então é só...

Chekov puxou seu braço exatamente quando Cecil exclamou: — Pavel! - e Westbeld e Gugin correram para juntar-se a eles.

— O que está acontecendo?

— Você entrou?

— *Bem vindo, Usuário 128641937F...*

Chekov agarrou o terminal e girou-o antes de Cecil poder responder. — Computador! - gritou. — *Slushayete! Otkluchenoe!*

O terminal desligou-se.

Ninguém disse nada por um segundo. Então Cantini pegou Chekov pela parte de trás do pescoço e girou-o com rudeza. — Por que, seu filho de uma...!

Chekov empurrou a mão do outro homem, inclinando-se até ficar distante quando Cantini voltou-se para atingi-lo. — Lembra-se do início da simulação? - ele cuspiu. — Nos disseram que tudo funcionava! - Westbeld sacou seu próprio phaser, mas não tinha o ar de quem sabia o que queria fazer com ele.

— Você não tem nível nove! - argumentou Cecil. Ele ainda parecia vagamente atônito, nem mesmo capaz de ter raiva em meio a sua confusão. — Eu vi você trabalhar, droga. Você *não* entrou no sistema!

Chekov virou-se um pouco para Cecil, feliz pela distração. — Não entrei — admitiu. — Eu o peguei do Técnico Nove que *entrou*. Cecil balançou a cabeça lentamente. — *Como?*

— Quem se importa como? - intrometeu-se Cantini. — Ele nos sacaneou, Bob! Ele concordou em trabalhar conosco e então nos sacaneou direitinho! - Ele novamente lançou um olhar zangado para Chekov. — Você montou aquela emboscada também? Como é, você matou Sasha *de verdade?*

— Eu não matei! - Chekov atirou de volta, furioso com a sugestão. — Nós realmente pensamos que vocês tinham morrido... Sasha e eu queríamos ajudar vocês!

— Bem, você acabou mostrando ser uma enorme montanha de ajuda! - Westbeld mordeu os lábios e afastou os cabelos para longe dos olhos com uma mão. Olhando para Cecil, ela declarou: — Eu digo para matá-lo.

Cecil ainda fitava a tela vazia, ocasionalmente apertando um botão no teclado como se esperasse alguma resposta. — Não posso acreditar nisso...!

— Nós vamos matá-lo, Bob - disse Cantini, um pouco mais alto. — É três contra um, a menos que queira ajudar.

— Laurel não votou - Chekov começou a dizer, mas Gugin acrescentou:

— Eu também quero matar você - antes mesmo dele terminar a frase. Chekov jogou os braços para o alto, exasperado. — Vocês não compreendem...!

— Eu compreendo o bastante - Cecil disse calma e imparcialmente — para saber que nós seis concordamos em trabalhar como um grupo. - Ele ergueu a vista do teclado, seus olhos azuis duros e brilhantes como gelo. — Por que não respeitou isso? Por que não nos falou sobre o computador, ou as

armadilhas? Que tipo de jogo estamos supostamente jogando aqui?

Chekov suspirou. — Esse é o seu problema - disse ele. — Isto *não é* só um jogo.

— Foi uma expressão idiomática - começou Cecil, mas Chekov interrompeu-o.

— É mais do que isso. A cada passo no caminho vocês agiram como se estivessem na vida real, como se estivessemos realmente em perigo de sermos mortos por alguma situação desesperada! Mas isto é uma *simulação de comando*, e os únicos pontos que qualquer um de nós alcançar estará em nossos registros pelo resto de nossas vidas. - Ele olhou do rosto frustrado de Cecil para o zangado de Cantini e para o de Cecil de novo. — Não tenho nada de pessoal contra nenhum de vocês - insistiu. — Vocês são meus amigos. Mas esta é a minha *carreira*. Se ao menos um de nós pudesse estar vivo ao final desta simulação... então tinha que ter certeza de que seria eu.

— Por que não podemos todos nós permanecermos vivos? - suspirou Cecil. — Andar juntos ou coisa parecida, só nós cinco. Uma nota dividida por cinco ainda deve contar pra alguma coisa.

— É - disse Westbeld. — Não seria melhor que eles tivessem cinco Cadetes que foram bons sobreviventes do que apenas um?

— Não acho que funcione desse jeito - admitiu Chekov. — Se um de nós não vencer, então nenhum de nós vence.

— Eles nunca disseram isso - Cecil apontou.

Chekov deu de ombros. — Eles também nunca disseram que iam dividir a nota.

Cecil correu a mão pelo alto do terminal, fazendo a caixa cinza e branca girar mansamente. — Então aonde isso nos leva?

— Do modo como *eu* vejo, - disse Cantini, — nosso camarada, o guerreiro louco... - Ele apontou com o dedão na direção de Chekov — ...vê como seu dever ou nos matar ou morrer. O resto de nós quer correr o risco de obter uma nota dividida. Então vamos matá-lo e acabar logo com isso.

Cecil olhou para Chekov; o russo, mais baixo, deu de ombros. — Não quero discutir com vocês - disse Chekov. — Mas eu também não quero perder.

— Você fez as regras de lixo - Cecil lhe disse. Chekov assentiu. — Acho que fiz.

Cecil girou o terminal uma última vez, então virou as costas para o restante deles como se desejasse lavar suas mãos da situação. — Então que seja - instruiu Cantini. — Eu ainda quero entrar neste sistema.

— Robert... - Chekov escorregou o dedo pelo laço de sua manga exatamente quando Cecil parou para encará-lo. — Eu realmente compreendo

sua escolha. E não é nada pessoal. - Ele esperava que Cecil se lembrasse disso quando tudo estivesse acabado.

O rosto de Cecil se suavizou em um breve sorriso. — Não - disse suavemente. — Não é nada pessoal.

Antes que Cecil se virasse novamente, Chekov puxou o gatilho escondido uma vez. Ele nem mesmo notou a reação de Cantini antes que as rajadas dos seis phasers disparados "matassem" todos eles.

Ele acordou com uma dor de cabeça e os músculos tão duros que mal podia levantar as pálpebras para olhar os arredores. Quando o fez, encontrou-se sozinho em um aposento de armazenamento simples, deitado no alto de uma beliche estreita em um mar de outras beliches também vazias. Empurrando-se sobre os cotovelos, ele cuidadosamente balançou as pernas para o lado até que pôde enfiar a cabeça nas mãos. Então esperou que a dor diminuísse e tentou se lembrar do por quê de estar aqui.

Sua memória voltou rápido. Ele provavelmente ficara inconsciente mais tempo que os outros graças a sua proximidade com a linha de fogo. Isso sem dúvida alguma tinha a ver também com sua rigidez e dor de cabeça; ele jamais fora tonteado por um phaser antes, mas tinha um primo que sempre contava tais histórias de horror nas reuniões de família. Chekov sorriu. Agora ele tinha alguma coisa para contribuir naquelas discussões, se pelo menos sua dor de cabeça diminuísse o suficiente para que ele se levantasse.

As vozes vindas do aposento ao lado finalmente chamaram-lhe a atenção o suficiente para encorajar-lhe os movimentos. Com uma mão ainda protegendo-lhe os olhos contra a luz, ele ficou de pé e arrastou-se lentamente na direção da porta.

O salão ao lado estava escuro e vazio. A única luz vinha da grande tela de um monitor em uma parede, a mesma fonte das vozes distantes. Cenas de vários locais da Estação Aslan passavam na tela em seqüências de trinta a noventa segundos, mostrando efetivamente cada centímetro quadrado da Estação no período de mais ou menos uma hora. Chekov aproximou-se da tela, estudando os dados impressos no canto esquerdo inferior. Horas, minutos, segundos, data. Ele se perguntou se haviam gravado o final de semana inteiro.

— Com licença?

Ele virou-se, encontrando uma pessoa do grupo de limpeza atentamente posicionada na porta atrás dele.

— A nave está carregando, senhor, eu... - O técnico fez uma pausa, então deu a volta na porta para acender as luzes. Chekov viu algo parecido com divertimento e prazer cruzar as feições do jovem. — É você!

Pela primeira vez naquele final de semana, Chekov sentiu um arrepio de

medo. — Como?

O técnico recuperou-se rapidamente; polidez estudada substituiu sua expressão animada quando juntou-se à Chekov perto da tela. — Eu o reconheci do exercício - explicou. — Estive ajudando com o grupo de reavivamento, todos que você encontrou neste final de semana passaram por aqui!

Chekov seguiu-lhe o gesto largo, olhando uma vez para o aposento abandonado, então voltando-se para a tela alta. — O que é isto? - perguntou.

O técnico surpreendeu-o ao rir. — Monitor de vídeo - explicou. — Usamos as câmaras de segurança para gravar tudo o que aconteceu neste final de semana. Todos que foram mortos cedo no jogo puderam sentar-se aqui e ver o que todos os outros estavam fazendo. Ou rever todas as coisas que aconteceram antes deles morrerem.

A dor de cabeça de Chekov aprofundou-se atrás de seus olhos enquanto o técnico inclinava-se para intimar: — Você foi um assunto bastante popular, meu caro.

Ele podia imaginar.

— Era uma simulação de comando - disse Chekov cuidadosamente. Ele estava surpreso como essa litania agora estava fina e desgastada. — Eu fiz o que me disseram. É tudo.

O técnico deu de ombros. — Suponho que sim. - Ele inclinou-se para desligar o monitor, então deu um sorriso luminoso para Chekov. — É isso que você vai dizer a todos os outros?

Chekov abriu a boca, e então percebeu que não tinha a menor idéia do que ia dizer. Lutando contra pensamentos em pânico sobre Sasha, Cantini e Cecil, disse titubeante: — Eu... eles sabiam o que esperar. Somos todos Cadetes aqui.

O técnico passou um braço em volta de seus ombros para levá-lo na direção da porta. — Se isto é o melhor que pode dizer em sua defesa, - disse com companheirismo, — faça-se um favor e pegue uma nave auxiliar *civil* para casa...!

Isto deve ser como sentir-se afundarem nitrogênio líquido, pensou Chekov ao passar pelo compartimento para a nave já bem cheia. Ninguém falou com ele quando atravessou a distância interminável até o único lugar vazio. Ele olhou para fora da janela, não querendo encarar nada vivo durante a viagem de horas de volta à Terra.

O silêncio total era enlouquecedor. Ele se sentia como se pudesse sentir os pensamentos raivosos de seus sessenta e quatro colegas tão profundamente como punhais colocados sob sua pele. Ele gostaria de tentar explicar, de dizer que sentia muito. Só que ele não sentia. Não de verdade.

Ele sentia muito deles estarem com raiva, e sentia que *ele* é que pagaria o preço pela falta de compreensão deles. Mas isso não mudava o que ele fizera.

Talvez esta fosse a diferença entre oficiais de linha e os de escrivania, pensou, não sem algum rancor. A capacidade de fazer o que era necessário sem precisar jogar a culpa em alguém. Todos estavam tão prontos em pôr a culpa nele por ele ter agido rápido, decisivamente, mas ninguém queria oferecer sugestões sobre o que deveria ser feito então. Todos eles pensavam exatamente da mesma maneira: *Corra e se esconda! Proteja o que você tem! Não tente fazer demais, você pode fracassar e acabar com nada!* Ele apenas provara que a resposta de um oficial para uma situação ameaçadora não se limitava à defesa passiva e todos o odiavam porque ele agira fora das capacidades deles. Muito ruim. Eles ainda estariam reclamando sobre a *injustiça* disso tudo muito tempo depois dele ser designado para uma nave estelar e de ter saído de seu mundinho de brinquedo.

Chekov cruzou os braços em um gesto de desafio zangado, então sentou-se de costas para sua cadeira a fim de observar os outros lugares da nave.

Porém, quarenta minutos de vôo fez com que um pouco de sua autoconfiança começasse a desaparecer. O silêncio opressivo pesava em seu espírito como um camarada morto, e Kramer pusera-se de pé, igualmente não comunicativo, na parte da frente do corredor. Chekov observava resolutamente para fora de sua janela, mas começou a pensar novamente em desculpar-se.

— Eu creio - começou Kramer, como se tivesse acabado de chegar no local — que nenhum de vocês está incrivelmente feliz com os resultados dessa manobra.

Resmungos descontentes borbulharam da parte de trás da nave até a frente. Kramer sorriu. — O que perceberam como sendo o problema?

Sem hesitação, Cantini falou: — Chekov.

Outros resmungos fizeram coro indicando uma concordância maciça. Chekov trincou os dentes, fingindo ignorá-los.

— Você tem um comentário quanto a isso, Alferes Chekov?

Ele odiou Kramer ainda mais intensamente do que jamais odiara o homem antes, mas não virou-se de sua janela. *Eles são um bando de crianças idiotas*, queria dizer. Em vez disso, disse simplesmente: — Não, senhor. Não tenho comentários.

— Nenhum? - Kramer franziu levemente a testa, seus olhos brilhantes e atentos. — Cadete Chekov... estou desapontado. - Se ele pretendia ser cortante, seu tom de voz não transmitiu-lhe o recado. — E quanto a mais alguém?

Chekov sabia que os Cadetes deviam estar fervendo de reclamações e argumentos, mas ninguém se ofereceu. Não se importava. Não mais. Pensava que talvez se repetisse isso muitas vezes para si mesmo, ele já acreditaria nisso no momento em que chegassem em casa.

— Muito bem - continuou Kramer. — Então devemos começar com minhas avaliações de seu desempenho. - Chekov fingiu bastante desinteresse para fazê-lo sentir-se suficientemente melhor quanto a virar-se para fitar o Comodoro. Kramer esperou até que a atenção de todos estivesse sobre ele antes de anunciar: — Vocês todos falharam.

— O quê? - Chekov não foi o único a fazer essa pergunta em voz alta; ele presumiu que foi esta a razão para que ninguém se virasse de cara fechada para ele.

— Mas o que diabos você queria? - perguntou Baasch. — Não fizemos *todos* as mesmas coisas!

— Alguns de nós nem mesmo mataram outras pessoas!

Kramer permaneceu imóvel, parado na parte da frente da nave, sem nem mesmo levantar as mãos para pedir silêncio. — E nenhum de vocês agiu apropriadamente para a situação apresentada. - Ninguém o interrompeu. — Cadete Nabuda - chamou. — Explique o objetivo da Simulação Aslan.

Nabuda franziu a testa, olhando para a direita e a esquerda como se fosse ganhar alguma informação de seus colegas. — Devíamos ficar vivos -disse finalmente. — Evitar que fôssemos mortos.

— Sei. - Kramer olhou de um rosto confuso para outro, seu olhar descansando sobre Chekov apenas o tempo suficiente para que o Alferes compreendesse que ele fora notado. — Não preciso perguntar para saber que era isso o que todos vocês acreditavam. Observei emboscadas e armadilhas demais neste final de semana para saber como vocês estavam pensando.

— *Chekov* foi o único que montou armadilhas.

Chekov girou em sua cadeira para fitar quem falara, alarmado e magoado pela secura em suas palavras. Sasha manteve seus olhos presos em Kramer, sem nem mesmo dar conhecimento à atenção de Chekov com um franzir de sobrancelhas. Ele sentiu o coração derreter.

— Ele simplesmente foi o assassino mais criativo entre vocês. Nenhum de vocês compreendeu *realmente* a diferença entre autodefesa e comando. — Kramer cruzou seus braços e inclinou-se contra o anteparo. — Muitos anos atrás, este mesmo exercício foi realizado com uma turma de Cadetes em uma base lunar abandonada. Foi-lhes dito as mesmas coisas que a vocês, que eles estavam sendo caçados, que deviam sobreviver. Contudo, diferente de vocês, havia entre eles um Oficial muito criativo que *comandou* a situação, em vez de meramente preservar-se.

—O Oficial em questão inferiu, corretamente, que não fazia diferença se um ou centenas de Cadetes sobrevivessem à simulação. O que importava era evitar o assassino. Ele fechou um dos refeitórios e começou a montar uma força de segurança para vigiar as entradas. Qualquer um que desejasse entrar tinha que render suas armas; elas então foram guardadas por um punhado de Cadetes que já sabia-se eram confiáveis. Dessa maneira, a simulação concluiu-se sem uma única morte e esse estudante recebeu uma nota muito alta.

Kramer olhou novamente para Chekov. — Você se importaria de lançar uma hipótese sobre a identidade do Cadete, Cadete Chekov?

Chekov meneou a cabeça, sufocando de vergonha. Foi Cecil quem falou: — James Kirk.

Kramer assentiu. — Comando não é um quadro pintado em branco e preto - disse-lhes gentilmente. — Nem um jogo em que alguém vence ou perde, dependendo das decisões que tomarem. Comando é uma luta contínua. Uma vez nele, você luta para *mantê-lo*, não vencer. No mundo real, ninguém está fazendo pontos. Creio que o Senhor Chekov pode dizer-lhes que vencer e não perder não é necessariamente a mesma coisa.

Depois disso ninguém falou nada. Chekov entrelaçou fortemente suas mãos e observou as estrelas de sua janela. Todas suas esperanças de uma carreira brilhante na Frota Estelar caíram a seus pés como pássaros moribundos, mortos pela percepção de que jamais poderia ter a esperança de viver pelo padrão que James Kirk estabelecera tanto na Frota Estelar quanto na vida do próprio Chekov, a percepção de que Kirk teria vergonha de Chekov e de tudo que Chekov fizera nas últimas vinte e quatro horas.

Quando a nave desceu gentilmente no solo várias horas depois, os raios rosa-coral do nascer do sol estavam apenas acariciando no horizonte leste. Chekov permaneceu em seu lugar, fitando o hangar de pouso, esburacado e imenso, enquanto os outros passavam silenciosamente por ele. Ele olhou apenas uma vez para cima, para observar Sasha passar por ele como se ele não significasse, nem jamais tivesse significado, nada para ela. Por um instante, ele pensou que ia gritar.

— Então, você quer tomar café da manhã?

Chekov fechou os olhos, não desejando encarar ninguém ainda - nem mesmo Cecil. — Não estou com fome - disse em voz baixa. Cecil sentou-se a seu lado. — Eu estou. Quer me fazer companhia?

— Não.

Os últimos passos tornaram-se ecos distantes na laje externa. Chekov sentiu que Cecil mexia-se na cadeira, então o técnico em computadores disse duramente: — Rapaz, *você* é mesmo um péssimo esportista, hein?

Chekov riu sem humor. — Minha carreira foi destruída em único final de semana e você espera que eu ache graça?

— Você exagera - zombou Cecil. — Ninguém vai te expulsar da Frota Estelar por fazer armadilhas em uma simulação.

— Você não compreende...

— É claro que sim. - Cecil pegou-lhe o ombro e fez Chekov virar-se para encará-lo. — *Todos* nós nos demos mal - disse simplesmente. — Tenho a impressão de que isso é a verdadeira razão dessas simulações, temos que fazer isso aqui para não fazermos na vida real. Kramer até mesmo disse que *seu* Capitão Kirk foi o único que *não* foi reprovado nessa porcaria!

A simples menção do nome de Kirk apertou-lhe o coração em desespero. — Eu devia ter adivinhado! - insistiu. — Pensei que tinha o direito de servir com ele, mas eu não sei *nada!* - Segurou os ombros de Cecil. — Eu sinto muito, Robert! Eu sei o que eu estava pensando, só que... Eu *não* sei! Não agora. É só que não faz mais nenhum sentido... - Voltou-se novamente para a janela. — Me sinto como um tolo...!

— Eles já deram comandos de naves estelares para tolos antes - Cecil tentou consolá-lo. — Eles já deram comandos antes de Kirk surgir, agora eles não podem mais quebrar a tradição!

Chekov sorriu triste e sentou-se direito em sua cadeira. — Se eles algum dia me derem um comando, eu quero que *você* seja meu Primeiro Oficial. Para não permitir que eu me esqueça de mim desse jeito... para não permitir que eu seja idiota.

Cecil deu de ombros, corando de prazer. — Depois deste final de semana - falou ele, — não creio que você precisará tanto assim de alguém para lembrá-lo. Então... - Ele se levantou e ofereceu uma mão para Chekov. — Você deseja discutir o pagamento de minhas férias futuras no café da manhã?

Chekov também se levantou, resmungando ao simples pensamento de encarar os outros logo depois de seu constrangimento. — Eu não posso! Se eles não me matarem, vou ter que me matar!

Rindo, Cecil seguiu para o compartimento. — Certo - aquiesceu. — Vamos conseguir comida civil. Mais carboidratos, mais energia! - Ele pulou no hangar de pouso com entusiasmo ridículo. — Nós vamos *precisar* de energia! - assegurou fervorosamente para Chekov. — Vamos ser *heróis!*

Chekov desceu mais suavemente. O rosto de Cecil tinha uma tal expressão de confiança, que Cecil não sabia como dizer-lhe que temia que tal confiança fosse mal direcionada. — Vamos? Eu tinha esquecido.

Cecil passou um braço em volta dos ombros do amigo e sorriu. — *Eu* sei o que você é - disse serenamente. — Sempre soube. E eu *nunca* esqueci...

CINCO

HALLEY

— Eu não acredito que a Frota Estelar tenha deixado vocês dois saírem em campo!

Chekov premiou o Doutor com um olhar de profunda irritação; Sulu simplesmente começou a rir novamente.

— Não é tão ruim assim, Magro — declarou Kirk de seu próprio lugar. Ele não perdera a profundidade do desgosto nos olhos escuros de seu Oficial de Segurança, ou do constrangimento ainda evidente no rosto do Tenente. — Faz-se muitas coisas em "encenações" de situações de comando que não correspondem exatamente a suas atitudes na vida real.

McCoy assentiu, obviamente não convencido. — Assim como arrumar as coisas de um jeito que você consiga usar sua lábia para sair bem de uma situação ruim.

Kirk sentiu as próprias bochechas começarem a queimar. — Isso é diferente...

— Claro que é. — O Doutor virou-se para Sulu o tempo suficiente para ordenar bruscamente: — Pare de rir! É ruim para seu ombro! — e então comentou com Chekov: — Se você sentir a necessidade de tomar uma ação direta nas próximas duas horas, vá lá pra trás e faça alguma coisa, certo?

Chekov continuou a fitar a janela, recusando-se a produzir uma reação. Recostando-se com um suspiro cansado, Kirk esperava que o Doutor pegasse a deixa e esquecesse os constrangimentos do tempo de Academia de Chekov no passado.

Uma hora depois, as sirenes de emergência derreteram os sonhos agitados de Kirk como um laser em cera quente. Ele tentou sentar-se reto, somente para descobrir que já estava sentado, os ombros encostados na parede interna da nave. Os músculos em sua coxa repuxaram seu joelho inchado; ele amaldiçoou sua inabilidade em voz alta enquanto agarrava as costas do assento com uma mão.

— Scotty? — A luz do compartimento frontal espalhava-se sobre o chão da área dos passageiros. Kirk podia apenas ouvir a voz de barítono de Scott acima do barulho da sirene, respondida pelo tenor mais agudo de Chekov. — Scotty! Chekov! — Ele xingou novamente, sabendo que não podiam ouvi-lo.

McCoy pulou de seu lugar assim que Kirk pendurou suas pernas para o convés. — Espera aí, Capitão! Você não vai a lugar nenhum!

— Sai do meu caminho, Magro... — Kirk apertou os dentes, apoiando

todo seu peso no pé esquerdo enquanto se puxava para cima. — Estou indo lá pra frente.

McCoy segurou-lhe o braço para não deixá-lo cair. — Diabos, Jim!

— Scotty! — Kirk puxou seu braço da mão do Doutor, imediatamente arrependendo-se do gesto quando quase se desequilibrou e caiu. Dois saltos frenéticos, mais guiados pela sorte do que pela habilidade, colidiram-no com a entrada da seção frontal. Kirk agarrou-se ao batente, ignorando o olhar desaprovador de McCoy enquanto ele se aproximava mais de Scott. — O que há de errado?

O engenheiro lançou um olhar rápido por sobre o ombro. — Destroços _ foi tudo o que disse enquanto voltava-se para onde Chekov estava agachado no assento do navegador, tentando alcançar por debaixo do painel em pedaços.

Mesmo sem colocar seu peso no joelho, Kirk podia sentir a junta enchendo-se de líquido quente; a pressão ascendente fazia-o sentir como se o osso fosse quebrar. Passando manquejando desequilibradamente por Scott, o Capitão abaixou-se na cadeira do piloto para que pudesse esticar sua perna ferida sob o painel.

— Consegui! — Chekov soltou alguma coisa das profundezas abaixo de seu terminal, e o alarme silenciou repentinamente. Scott já estava colocando as coordenadas nas telas de navegação, enquanto Chekov endireitava-se na cadeira.

— Eu usei o rádio para atar o alarme — o engenheiro explicou sem deixar de olhar o painel. — Esperava que não precisássemos fazer isso.

— Um alarme para o quê? — Kirk perguntou novamente.

Scott bateu em uma tela para atrair a atenção de Chekov, então deu um passo atrás quando o Tenente assentiu e voltou ao trabalho. — Destroços espaciais — respondeu a Kirk. — Há vários deles flutuando por aí que são grandes o bastante para furar uma nave espacial, mesmo alguns dos pequenos poderiam furar o casco de uma nave deste tamanho! Eu armei os sensores para nos avisar quando alguma coisa chegasse perto demais. — Ele examinou o espaço à frente, como se pudesse ver alguma coisa que Kirk não conseguia. — Alguma coisa está perto, é grande e estamos em seu caminho. Se fosse menor poderíamos tentar sair de seu caminho, mas como está... — A voz de Scott dissipou-se.

Kirk seguiu o olhar do engenheiro. — Qual a distância?

— Dez mil quilômetros — informou Chekov. — A boreste de nossa popa. — O russo franziu a testa para os instrumentos, seus olhos passado para cima e para baixo das colunas de números. — Mas está se aproximando rapidamente, cerca de duas horas para impacto.

— E então?

A voz de McCoy, vinda da porta, assustou os três. Kirk fitou o Doutor, então voltou a olhar para Chekov, que preocupava-se com os painéis. — Não se preocupe com isso, Magro — Kirk falou suavemente. — Vamos ficar bem. — *Mentiroso!* censurou-se. *Como pode ser assim tão mentiroso?* Optou por não pensar no assunto.

— Senhor...?

A voz de Sulu, vinda da cabine dos passageiros, mal chegava até o convés dianteiro. McCoy deu meia volta no batente e virou-se na direção do piloto; Kirk falou: — O que está pensando, Senhor Sulu?

— Poderíamos desviá-lo — Sulu respondeu roucamente. Seus olhos estavam fechados, o rosto pálido e abatido sob a meia-luz. — A nacele do motor de boreste não é a que está ruim?

Scott assentiu, seus olhos perdidos em pensamentos. — É isso...!

— Não poderíamos usar o reator daquela nacele para tirar essa coisa do curso?

— Sim! — O rosto do Engenheiro iluminou-se. — Ou pelo menos usá-la para desfazer a rocha em pedaços tão pequenos que os escudos possam agüentar!

Chekov soltou uma gargalhada curta e desolada e então corou quando Scott fitou-o. — Então nós soltamos o casulo — apontou Chekov. — O casulo está na mesma velocidade que a nave... — Ele cobriu uma coluna das leituras com sua mão, como se fosse impossível continuar a fitar os números por mais tempo. — Chegaremos todos ao mesmo ponto simultaneamente.

— Não podemos fazer *alguma coisa*? — pressionou McCoy. — Sair e chutá-lo, pelo menos?

Chekov parecia frustrado ao ponto da raiva, mas Scott apenas riu. — Podemos chutá-lo para bem mais longe do que pode imaginar!

— Com o quê? — Chekov queria saber.

Scott bateu no ombro do homem mais jovem. — *Aceleradores!*

A revelação atingiu Kirk exatamente o mesmo instante. — Os trajes ambientais! Prossiga, Scotty!

Scott passou por McCoy a caminho da seção principal, deixando o Doutor perguntando a ninguém e a todos: — O que os trajes ambientais têm a ver com isso?

— Eles têm bolsões de impulso — explicou Kirk, sentindo-se tonto de alívio. — Colocados para queima contínua, poderiam acelerar o casulo até cerca de meia hora a frente da nave.

— Isso nos atingirá um pouco, — falou Scott da outra câmara, — mas nos livra de colidir com o inferno!

— Também deve dar um belo espetáculo de luzes, não deve? — McCoy deu uma olhada em volta, esperançoso, parecendo otimista pela primeira vez depois do acidente. — Mesmo Spock não poderia perder uma explosão como essa!

Kirk assentiu; a fé de McCoy era contagiante. — Esperemos que sim, Magro. — *Esperemos que Spock esteja olhando bem nessa direção.* Havia tantas direções para onde olhar no espaço.

Um *snapt* alto chamou a atenção de Kirk de volta para o terminal de navegação-leme. Chekov levantara o rosto do painel, e agora sentava-se com ele levantado a um ângulo de setenta graus enquanto inclinava-se para inspecionar os circuitos.

Kirk também inclinou-se para a frente, mas foi brutalmente lembrado de seu joelho ferido e sua mobilidade limitada. Ele parou o movimento a meio caminho do terminal. — O que há de errado?

— Felizmente, nada, senhor... — Chekov empurrou a cabeça para trás o suficiente para chamar: — Senhor Scott, preciso puxar a memória!

Scott reapareceu no batente. — O que está fazendo? — perguntou com um franzir de testa.

Chekov assentiu na direção do painel aberto. — Eu extrapolei o curso do projétil contra o nosso. Se quer que a nacele realmente o atinja, vamos precisar de alguma coisa que possa lembrar-se de um curso. — Ele fez um movimento na direção do circuito com a mão livre.

Scott sorriu e foi até o compartimento. — Bem pensado, rapaz!

McCoy inclinou-se sobre o ombro de Scott quando o engenheiro agachou-se e começou a bater em um painel de circuitos. — Não vamos sentir *falta* disso? — perguntou o Doutor.

Scott balançou a cabeça. — Com todos os motores não operantes, — finalizou, — o piloto não pode mesmo manobrar, então é realmente um ponto morto. — Ele soltou dois painéis interconectados, então recuou de baixo do painel. — Isso funcionará — anunciou ele. Chekov recolocou o terminal no lugar.

McCoy virou-se para seguir Scott na direção do armário de roupas quando o engenheiro deixou o compartimento dianteiro pela segunda vez. — Vamos só esperar que não precisemos desses trajes depois.

Kirk suspirou. — Magro, você está virando um "boca de sapo".

O meio-sorriso do Doutor se desfez. — Eu me preocupo.

O primeiro impulso de Kirk foi dizer a McCoy que preocupar-se em não ter trajes ambientais seria sem sentido se o monte de rochas de Scott acertasse-os a bombordo. E mesmo que esse desvio funcionasse, eles estariam melhor sufocando em uma nave auxiliar juntos do que flutuando

separados uns dos outros em trajes frágeis, para um só homem e com menos de seis horas de ar. No entanto, apresentar tais pensamentos também não fazia sentido; os ânimos já estavam bastante abalados para que Kirk lhes desse alguma coisa mais com que se preocupar. — Scotty sabe o que está fazendo. Se ele não puder convencer sete bolsões de impulso a trabalharem juntas, ninguém pode.

— Seis. — Quando Kirk franziu a testa para Chekov, o Tenente falou simplesmente: — Seis. — Ele virou-se para fitar a imagem externa frontal com um ar distintamente infeliz. — Alguém ainda tem que vestir um deles lá fora para soltar a nacele. É simplesmente lógico, eu sou o membro mais dispensável desta expedição.

Kirk sentiu uma mistura de contrariedade e admiração pela persistência de Chekov. O Tenente estava com um péssimo humor desde que fora coagido a explicar o resultado do *Kobayashi Maru* e Kirk não estava certo sobre quanto disso era devido à narrativa improvisada ou à solenidade usual de Chekov. Em ambos os casos, ele não gostava da direção que os argumentos do Tenente tomavam.

— Senhor Chekov, — disse em voz alta, — tenho certeza que o Senhor Scott aprecia seu desejo de ir, mas eu não acho que já tenhamos chegado ao ponto de discutir quem é mais dispensável.

Chekov olhou para cima de onde estivera observando Scott enquanto o engenheiro amarrava os aceleradores. Pela primeira vez, o fato de que

Chekov fora o único que não descartara sua jaqueta de serviço quando restabelecera o aquecimento atingiu Kirk; as estrelas de latão e prata em seus ombros e punhos brilhavam insensíveis enquanto ele se levantava. — É sério, Capitão

— Você não vai — Scott declarou secamente. A obstinação do escocês surpreendeu Kirk ainda mais do que a Chekov.

Chekov fitou-o. — Você é nosso único engenheiro — insistiu. — Se alguma coisa acontecer com você, não há mais ninguém aqui dentro que possa reparar os sistemas!

Scott nem mesmo levantou os olhos de seus reparos. — Nada aqui vai quebrar mais do que já está quebrado.

— Fui trazido junto para navegar. Não temos capacidade de navegação, não temos leme. Se eu morrer, não fará nenhuma diferença.

— Me ouça — Scott falou mais alto, voltando-se surpreso. — lemos um cortador laser envolvido no caso. Há muitas conexões e condutos que precisam ser selados se não quisermos contaminar a nave toda. Há esses aceleradores para colocar, e uma memória de curto alcance para instalar. Todos esses são procedimentos que *eu* estou melhor qualificado para

realizar.

— Então me mostre o que fazer — insistiu Chekov. — Já trabalhei com você antes, você *sabe* que posso aprender a mexer neste equipamento!

— Chekov...! — Scott permaneceu sentado em silêncio por um instante. Kirk observava suas mandíbulas ficarem duras enquanto o escocês mexia uma ferramenta estreita em sua mão de um lado para outro. — Isso foi há muito tempo atrás, rapaz — Scott disse lenta e tranqüilamente. — Estou preocupado com a segurança das pessoas deixadas na nave. Eu poderia mostrar-lhe o equipamento, poderia exercitá-lo nos procedimentos, mas *eu* sou o único que poderia ter *absoluta* certeza de que *tudo* foi feito direito! Se você perdesse pelo menos um condutor, ou escorregasse e danificasse o núcleo...

— Eu terei cuidado.

— Você não terá *nadai* — explodiu Scott, enraivecido e insistente. — Porque você *não vai lá fora!*

— Por que você nem mesmo *conversa* comigo sobre isso? — Chekov queria saber.

— Porque você não é qualificado! — o engenheiro jogou de volta. Chekov recuou como se tivesse sido atingido, seus olhos arregalados e magoados. — Você não tem gasto nem mesmo uma única hora mexendo em equipamento delicado há cinco anos! — continuou Scott. — Que eu vá pro *inferno* se depender de que você se lembre o suficiente do que te mostrei uma vez pra fazer isto!

Chekov fitava Scott em silêncio pétreo, seu rosto impassível, as costas rígidas. Ele lembrava a Kirk dos antigos soldadinhos de chumbo que seu avô costumava ter, com suas expressões igualmente estóicas e uniformes igualmente escarlates. Kirk ficou imediatamente constrangido com a comparação, principalmente devido à história de Chekov e das palavras zangadas de Scott.

— Sinto muito, rapaz — disse Scott, com mais gentileza. — Mas é verdade e você sabe que é verdade. Não posso correr um risco como esse. Não com a vida de outras pessoas.

Ninguém disse nada por um longo tempo. Kirk finalmente quebrou o silêncio doloroso. — Scotty, termine o que está fazendo, então se vista e vá lá pra fora. Chekov, vá lá pra frente e monitore a posição dessa coisa. Podemos manter contato de rádio com Scotty pelo terminal principal.

Chekov hesitou por apenas um instante, então virou-se e entrou no compartimento frontal sem nem mesmo dar conhecimento sobre a decisão de Kirk. Kirk ainda estava lutando com o fato de que deveria sentir raiva ou simpatia pelo jovem russo quando percebeu que Scott o fitava depois que

Chekov saíra.

— Volte ao trabalho, Senhor Scott — sugeriu Kirk, suavemente. Scott piscou, lançando um olhar atônito e embaraçado a seu Capitão, então assentiu e juntou as bolsões de impulso novamente.

Sentando de novo em seu lugar, Kirk ouviu a respiração arfante de Sulu, os consertos ensurdecedores de Scott e o silêncio acusador de Chekov na cabine dianteira. Seu próprio joelho cantava uma irascível canção de dor onde McCoy o elevara novamente. O Doutor reenfaixara seu joelho com outras bandagens frias e suporte, mas o curativo era tão confortável quanto o primeiro. Seu corpo exigia-lhe que se entregasse, que fosse dormir... mas sua mente se recusava a deserdar dos quatro homens que dependiam de sua força mesmo que ele não ajudá-los. Forçou seus olhos a se reabrirem para encontrar McCoy situado na fileira atrás dele. — Estou bem — disse ele, mais de hábito do que como espelho da verdade.

Os olhos de McCoy, direcionados para a frente, voltaram-se para fitá-lo.

— Estamos presos nesta caixa por tempo demais. — Sua voz estava baixa e preocupada. — Começar a acusar uns aos outros...

Kirk também lançou um olhar para o compartimento dianteiro. — Sim... — Scott estava vestindo um traje ambiental na câmara, as costas voltadas para eles; ainda não havia qualquer som ou visão de Chekov. Pensou no jovem e veemente alferes que fora seu navegador por quatro anos, agora seu chefe de segurança, e quão seriamente as palavras de Scotty teriam atingido a ele, Kirk, quando era ainda um jovem Tenente, e quão vulnerável Chekov devia sentir-se após confidenciar sobre seus dias na Academia.

Kirk estava quase de pé antes de McCoy segurar-lhe o ombro e insistir:

— Onde é que você pensa que vai?

Ele afastou a preocupação do Doutor quando McCoy levantou-se para interceptá-lo. — Para a frente — disse, nem um pouco interessado em tentar explicar mais. — Preciso falar com Chekov.

— Você é seu Capitão, — disse o Doutor, tão suavemente que apenas Kirk podia ouvir, — não seu pai.

— Isso mesmo — replicou Kirk, manquejando na direção do compartimento dianteiro. — Mas sou seu Capitão, mesmo agora. — *Mesmo quando não há mais nada que eu possa fazer.* — Deixe-me simplesmente falar com ele.

McCoy segurou o cotovelo de Kirk protetoramente por um longo momento, então assentiu. O Capitão sentiu-se mais seguro ao ver a confiança nos olhos azuis de seu amigo.

O terminal de navegação estava em completo desarranjo, um legado dos esforços de reparos heróicos de Scott. Chekov sentava-se com as costas

voltadas para a porta, fitando pensativamente as estrelas empoeiradas; ele nem mesmo virou-se quando Kirk sentou-se na cadeira do piloto.

— Você compreende por que o estou mantendo aqui dentro? — o Capitão perguntou-lhe sem prelúdios. Eles não tinham tempo a perder com conversas amenas.

Chekov lançou um breve olhar sobre Kirk, então pareceu controlar-se novamente e endureceu sua expressão novamente enquanto virava o rosto. — Sim, senhor, acho que sim.

Kirk sabia por sua reação que ele não compreendera. — Não tem nada a ver com o que nos contou, ou com o que Scotty disse. — Alguma coisa parecida com surpresa passou pelo rosto do Tenente, mas ele não desviou o olhar. — Eu não me importo com que o você fez na Escola de Comando. Eu *sei* como pode ser difícil reconciliar o que se fez como estudante com o que se deseja fazer agora, a vida real não é exatamente como eles o testaram pra ela, e as coisas que parecem óbvias para um Oficial experiente não eram óbvias na ocasião. Fracassar em uma situação de teste não é a mesma coisa que fracasso.

— Não é? — Chekov voltou o rosto para ele, a expressão beligerante, mas seus olhos ainda estavam magoados. — O que o Senhor Scott disse antes, que não sou qualificado... O senhor acredita nele?

Kirk fitou honestamente os olhos escuros do russo. — Você é um bom navegador — disse ele, — e um bom chefe de segurança. — Qualquer verdade além disso era por demais subjetiva. — Scotty valoriza muito a especialização técnica, *eu* valorizo bons oficiais. Você faz o que sente que deve fazer, e o faz bem. Ninguém jamais pode culpá-lo por isto. — Ele desejava que pudesse oferecer-lhe mais.

A expressão de Chekov fechou-se novamente, e ele voltou-se para o terminal a fim de escutar alguma coisa nos sensores. — Sinto muito se o desapontei — disse baixinho.

Kirk queria tranqüilizá-lo de algum modo, inclinar-se e tocá-lo, espantar a insegurança. No entanto, nada do que pensava parecia-lhe apropriado; novamente, ele reconheceu a distância que crescera entre ele mesmo e o navegador que pensou conhecer um dia. — Você jamais me causou outra coisa além de orgulho.

Nada mais foi oferecido, e Kirk não quis pressionar o assunto. Sentindo-se com frio e cansado, manquejou de volta para seu lugar e encontrou McCoy esperando-o. — Ele ficará bem — disse calmamente ao Doutor. — Você verá.

McCoy franziu a testa, pouco convencido. — E nós também?

Kirk abaixou-se até a cadeira, sem encontrar o olhar do médico. — Eu

confio em Spock.

— Eu confio também — admitiu McCoy, sentando-se de novo. — É fato que não sou muito entusiasmado quanto a isso. — Ele olhou para boreste. — Parece haver muitos "ses" no plano de desvio de Scotty. Se ele conseguir livrar o casulo a tempo, *se* os bolsões de impulso forem bastante fortes, *se* o destroço não for de titânio ou alguma liga resistente à rajada. Uma expressão assombrada, amedrontada, dançou pelas feições vincadas e ele finalmente desviou os olhos. — Se não formos resgatados, — confessou ele, — eu preferiria ser atingido pela rocha de Scotty do que morrer de desidratação quarenta ou cinquenta horas depois.

— Está tudo pronto — anunciou Scott, inadvertidamente salvando Kirk de responder à revelação de McCoy.

O Capitão assentiu uma vez. — Verifique o curso com Chekov antes de sair. — E a manobra estava acontecendo.

Kirk moveu-se para o compartimento dianteiro enquanto Chekov permanecia na câmara de descompressão para monitorar a partida de Scott. McCoy inclinou-se sobre o ombro esquerdo de Kirk, imprensado no canto entre a cadeira do piloto e a parede, tão fora do caminho quanto conseguia ficar. O alto-falante do rádio estava colocado sobre os controles do leme, depois de ter sido removido do próprio painel por Scott quando o engenheiro desconectara o alarme. Kirk ouvia à primeira transmissão do escocês, já pensando que ficaria louco sem qualquer imagem visual para manter seus olhos ocupados.

— *Estarei fora da câmara em apenas um instante. Ah, lá vai ela...* — A voz de Scott arranhou o alto-falante danificado quando Chekov retornava para a cadeira do navegador em um silêncio frio. — *Eu sei que vocês não podem confirmar que me ouvem,* — continuou o engenheiro, — *então posso apenas esperar pelo melhor. Vou seguir pelo casco até que possa me amarrar e ir até esse casulo danificado. É muito simples até lá, então eu só vou avisá-los quando estiver lá. Scott desliga.*

McCoy resmungou atrás de Kirk. — Maravilha! Se ele for levado por um vento estelar ou alguma coisa parecida, saberemos quando ele não chamar.

— Magro, cale-se. — Os comentários sarcásticos do Doutor estavam afetando os nervos de Kirk.

— Quanto tempo você acha que vai levar para que ele chegue até lá? — McCoy, previsivelmente, ignorava os desejos de Kirk, mas pelo menos mudara de assunto.

— Cinco, dez minutos — respondeu Chekov, sua atenção permaneceu fixada no painel de navegação. — Talvez nem mesmo tanto tempo.

— Quanto tempo antes da colisão? — perguntou Kirk. Chekov examinou uma leitura. — Uma hora, quinze minutos. Uma margem de erro não muito grande.

Passaram-se quase treze minutos antes de Scott chamá-los novamente. Kirk traçou a linha de cada botão e luz do terminal de navegações com o dedo enquanto esperava, desejando uma dezena de vezes a cada minuto que alguém pensasse em alguma coisa sobre o que falar para que o tempo pudesse passar de modo menos doloroso. Quando o rádio finalmente voltou à vida, Kirk pulou tão rápido que seu joelho gritou de dor bem dentro de seu crânio.

— *Tudo bem, estou na nacele agora... Opa, mas que bagunça total! Ela sofreu tantos danos aqui atrás que tivemos muita sorte dela não ter ficado em estado crítico cinco minutos depois de termos acertado a mina!*

McCoy inclinou-se sobre Kirk para rugir no alto-falante: — Esqueça do editorial, Scotty! *Lance* essa coisa!

— Ele não pode ouvi-lo — avisou Chekov, impaciente.

Bem nesse momento, Scott informou: — *Vou colocar os bolsões antes, então começar a cortar. Eu não sei o que posso dizer-lhes antes de ter feito isso, então só vou trabalhar, acho.*

— Maravilhoso... — suspirou Kirk.

— *Eu informarei quando estivermos prontos para nos soltarmos. Scott desliga.* — A transmissão novamente foi desfeita.

Enquanto Kirk tentava controlar-se para não ficar batendo com os dedos, McCoy perguntou a Chekov: — Que tipo de margem ele tem? Isto é, quanto tempo antes de ser tarde demais para lançar?

Chekov deu de ombros, os lábios apertados de irritação. — Isso depende.

— De?

— De nossa posição na confusão quando ele terminar, na rapidez com que os bolsões podem acelerar a massa. — Ele se levantou e andou até o meio do compartimento. — Isso apenas depende.

Kirk impediu que McCoy continuasse. — Deixe-o em paz, Magro.

— Tá certo. — O Doutor parecia desconfortável com sua difícil adaptação nesta nova questão. Kirk sabia muito bem como McCoy se sentia. — Vou dar uma olhada em meu paciente.

Kirk pegou a mão que McCoy lhe oferecia para levantar-se penosamente. — Qual deles? perguntou. — O ativo ou ...?

— O cooperativo — alfinetou McCoy. — Nenhum de meus pacientes deveria estar ativo!

Kirk riu, mas não contradisse o homem mais velho. Sulu observava McCoy reposicionar Kirk no corredor dianteiro, sorrindo. — E eu pensei que

eu era um paciente horrível!

— Você é um santo — assegurou-lhe McCoy. — Você pelo menos age como se compreendesse a própria língua.

— Ora, isso não é justo, Magro.

McCoy ignorou o Capitão. — Então, como está, Sulu? — indagou, dando uma olhada sob a bolsa fria de Kirk antes de ajustar a bandagem em volta da perna do Capitão. — Você também fez esse tal de *Kobayashi Maru*, não fez?

— Como um soco no estômago — admitiu o piloto.

— Bem, ainda temos um pouco mais de tempo pra preencher. Eu diria que é a sua vez de "encher lingüiça".

Sulu fitou-o estranha e repentinamente desconfortável. — Não é nada assim tão interessante — esquivou-se ele. — E também não é apropriado, acho. — Quando Chekov resmungou algo incompreensível atrás dele, ele insistiu: — Não, é sério.

— O Capitão trapaceou, Chekov explodiu com todo mundo que ele conhecia... — O Doutor voltou a sentar-se em seu lugar bem diante de Sulu. — Quão ruim pode ter sido o seu?

Sulu não sorriu. — Você ficaria surpreso.

Kirk sentia uma tensão no tom normalmente leve do piloto. — Não pressione, Magro — sugeriu. — Estamos todos cansados. Isso pode esperar por outro dia.

— Se houver outro.

A franqueza do Doutor o horrorizou. — Já chega, McCoy...

— O que quero dizer, — disse McCoy, empenhando-se em ser engraçado, — é que estamos todos extraordinariamente receptivos em descobrir anedotas embaraçosas neste momento. Se ele não nos contar agora, jamais poderemos conseguir tirá-la dele. Considerando-se que ele insistiu com o pobre Chekov, me parece apenas justo.

— Ele está certo — Chekov concordou simplesmente. Kirk olhou para Sulu. — Senhor Sulu?

Sulu suspirou e fechou os olhos. — Não é engraçado — falou, cansado. — Não é nem mesmo inteligente.

— Nós decidiremos — declarou Kirk.

— Porém — intimou McCoy, — acho meio difícil de acreditar em você desenvolvendo uma solução maçante.

— Não é maçante — explicou Sulu. — Eu apenas disse que não era engraçado, só isso. E também exige algumas explicações extras, para compreender realmente, quero dizer. Muitas coisas foram importantes pro que eu fiz, não apenas as decisões que tomei durante o teste...

— Bom — McCoy falou placidamente. — Nós certamente temos bastante tempo.

SEIS

A DANÇA DA GARÇA

Sulu agachou-se contra a retranca azul brilhante do veleiro enquanto ele deslizava como um dragão voador sobre um oceano verde garrafa. Água jorrava como uma cortina espalhada e esvoaçante na esteira estreita da embarcação e Sulu gritou com fervoroso entusiasmo quando, por um instante, o veleiro pulou em silêncio, e então caiu sobre a água novamente. Água salgada molhou seu rosto e aferrou-lhe os olhos escuros. *Se toda a felicidade e excitação em minha vida, pensou Sulu, pudesse ser guardada em um único momento puro e estonteante, seria agora!*

— Como estamos indo, Poppy? — Sulu riu novamente para ouvir como sua voz tornava-se insignificante e frágil contra o som de um mar brincalhão. Quando o homem idoso sentado a sua frente na embarcação não respondeu, Sulu inclinou-se para a frente, desequilibrando o veleiro, e chamou novamente: — Ei, Poppy! Tem alguém em casa?

Tetsuo Inomata virou-se tanto quanto seus músculos de cento e três anos o permitiam, mas não soltou o mastro principal que segurava. — Você vai nos ensopar, garoto! — Seu rosto dourado e enrugado coroava o alto de sua jaqueta salva-vidas laranja como uma maçã seca feliz.

Sulu inclinou-se para a retranca, cortando o veleiro como um caminho de ondas que o fazia pular e estremecer como um peixe marinho na terra. — Adoro esta embarcação! Eu adoro este *vento!* Como é que você pode não confiar num vento como este?

— *Nunca* confie no vento! — Tetsuo baixou a retranca com a graça de um especialista enquanto Sulu passava-a por ele para equilibrar a embarcação. — Mais uma — Tetsuo informou-o sabiamente, depois que a embarcação estava novamente equilibrada. — Mais uma, e ambos ficaremos molhados!

Sulu abriu a boca para zombar da falta de fé de Tetsuo, e o vento de repente golpeou o arco do veleiro com a falta de cuidado de um elemento, virando a suave embarcação de ponta a cabeça.

Água salgada envolveu o torso aquecido pelo sol de Sulu em um ímpeto de entusiasmo pungente e por demais gelado. Ele cerrou os olhos, evitando a maior parte da dor que a água do oceano poderia infligir e voltou à superfície com um único e poderoso golpe. Boiando entre as ondas como uma gaivota preguiçosa, avistou não muito longe o veleiro azul e branco; a cabeça calva de Tetsuo e a jaqueta salva-vidas laranja entravam e saíam de seu campo de

visão logo depois da embarcação emborcada.

Depois de descer a vela e acertar a borda, Sulu ajudou seu bisavô a sentar-se contra o mastro delgado. — Não preciso de ajuda — reclamou Tetsuo. Mas não afastou Sulu.

— Você nunca precisa de ajuda. — Sulu manteve uma mão em volta do pulso do homem idoso, não gostando do frio que sentia na pele de seu bisavô. Esforçou-se para encobrir sua preocupação com um sorriso. — Estou indo para a praia — disse enquanto atava uma corda ao anel de reboque da embarcação. — Logo vai estar escuro e ainda tenho que arrumar a mala para amanhã!

— Você já não tem tanta coisa para guardar. — Tetsuo mudou de posição para encarar Sulu enquanto o ágil oriental rolava de costas e começava a nadar para a praia. — Você já pegou a maioria dos objetos familiares.

Sulu sorriu torto. — Apenas alguns deles, só que parecem todos. Tetsuo fez uma careta que logo se dissolveu em riso. — Você sabe o que quero dizer!

— É, eu sei...

Não disseram nada por algum tempo. O oceano sussurrava suaves segredos para ninguém em especial e as ondas sibilavam uma mensagem distante para as areias branco-cinzentas que ficavam uma centena de metros distantes. Sulu continuou até a praia, observando o céu escurecer enquanto os últimos raios vermelhos desafiantes pulavam em direção ao horizonte leste, como se acelerassem o despontar do dia. *Todos anseiam pelo amanhã*, pensou, suspirando. *Quero apenas o hoje. Eternamente e para sempre.*

Porque amanhã, ele partiria.

Parecia a Sulu que não fazia muito tempo que Poppy corria com ele todo o caminho até a velha estação do metrô e voltava, e até mesmo ganhava algumas vezes. Eram muito mais jovens então, Sulu tinha nove ou dez anos, Tetsuo apenas iniciando seus noventa, mas os catorze anos que se seguiram, passaram voando como uma distante gaivota branca. Em algum momento nesse meio tempo, Sulu devotara completamente dois períodos de sua vida à Frota Estelar e Poppy começara o que seria uma longa e árdua luta contra o que os neurocirurgiões chamavam de um "glioblastoma grau quatro". O homem com quem velejara hoje era incomensuravelmente mais velho do que o bisavô que sua infância deixara para trás.

A maioria dos jargões médicos nada significavam para Sulu. Ainda assim, ele compreendia o bastante para saber que o crescimento no cérebro de Poppy podia ser controlado com radiação e quimioterapia, mas jamais poderia ser extinto. Ele se movera de modo a ficar geminando-se com nervos

e tecidos sadios até que a remoção do tumor significaria remover quase tudo do que Poppy era. Os médicos não tinham opiniões sobre quanto tempo o regime desgastante de radioquímicos e toxinas poderia continuar; levaria anos antes que o sistema corporal finalmente falhasse, antes que as células sanguíneas de cento e três anos se recusassem a tolerar as químicas que as limpavam a cada semana. Quando isso finalmente acontecesse...

Sulu procurou a mão de seu bisavô enquanto velejavam sob o céu gentilmente cinzento, tentando imaginar aquelas mãos que já haviam sido fortes, retorcidas e inúteis. Sem ter a intenção, ele aumentou a pressão protetoralmente.

— Preocupado com amanhã?

Sulu esticou seu pescoço para fora da água a fim de ver seu bisavô estudá-lo através da escuridão que descia, e pela primeira vez notou que segurava a mão do homem idoso. Ele não a soltou. — Um pouco, acho — admitiu, feliz por Tetsuo não perceber o verdadeiro curso de seus pensamentos. — A Escola de Comando não é como a Academia. Eles não me deixarão simplesmente ser bom no que faço, lá também terei que ser bom no que todos *os outros* fazem! É isso o que significa ser um capitão, acho... — Sua voz desfez-se em um suspiro. — Não quero fazer nada de errado.

Tetsuo fez um pequeno barulho que Sulu identificou como sendo seu desprazer. — Que besteira!

— Não é besteira! — As bochechas de Sulu arderam tanto quanto seu orgulho foi ferido. — É uma coisa muito séria! Nunca há mais do que mil pessoas na Escola de Comando por vez, e eles são muito seletivos quanto a quem escolhem para ficar!

— E você acha que não o escolherão?

Sulu fez uma pausa nas braçadas. — Eu não sei... Eu acho que sim... Tetsuo jogou-se na direção da frente do pequeno veleiro. — Ouça... — instruiu ele. — Eu já te falei sobre as garças?

— Isto é *Escola de Comando* ... — Sulu elevou sua voz como uma reclamação, mesmo apesar de estar sorrindo — ...não uma companhia de construção!

Tetsuo riu, molhando seu bisneto com uma generosa mão de água. — Estou falando de pássaros, não de máquinas!!

— Você as mostrou a mim no zoológico. — Sulu voltou a nadar, angulando o corpo de modo a falar enquanto nadava. — Todas elas ficavam apoiadas em uma perna e nos olhavam. Eu joguei amendoins em suas cabeças e o zelador do zoológico nos fez ir embora.

— Você era uma criança terrível — comentou Tetsuo.

— E você dobrou mil delas com os guardanapos da minha festa de

dezessete anos. — Sulu sorriu com a lembrança. — Pelo menos, você me *disse* que eram garças, *eu* pensei que se pareciam com patos!

— Aqueles eram patos — Tetsuo reconheceu secamente. — Quem quer que tenha inventado o "origami" só pensou que garça soaria mais distinto. Você sabe por que eu te fiz todas aquelas garças?

— Você pensou que eu gostasse de aves?

— Não — disse-lhe Tetsuo. — É por causa de uma lenda japonesa. Sulu virou os olhos em descrença zombeteira. — Uh, oh... mais filosofia japonesa! — Era uma piada interna entre Sulu e o ancião; como Sulu, Tetsuo nascera de imigrantes e crescera na velha Califórnia sem jamais ter visto o Sol oriental.

— Você vai me ouvir? — reclamou o ancião. — Eu ia apenas dizer que os japoneses antigos acreditavam que se você fizesse mil garças de origami, de preferência durante meditação, você poderia realizar um milagre.

— Você conseguiu?

Tetsuo deu de ombros. — Você entrou na Academia, não foi? Sulu fez uma careta, admitindo que caíra direitinho na armadilha verbal de Poppy. — Então o que é que isso tem a ver comigo e com a Escola de

Comando? Você fez mais garças para ter certeza que eu não seria expulso?

— Nem pensei nisso. Na verdade, estava pensando em te falar sobre garças *de verdade*, não as de papel.

— Ta bom — concordou Sulu. — Estou ouvindo.

— Você sabe por que elas ficam apoiadas em uma perna? — Tetsuo perguntou-lhe.

Sulu balançou a cabeça. Então, percebendo que sem dúvida alguma Tetsuo perdera o movimento em meio às ondas, acrescentou: — Não, Poppy. Por quê?

— Porque são desajeitadas pra diabos — replicou o ancião. — A Natureza realmente as amaldiçoou quando deu às garças virtudes além de sua boa aparência, então sempre que as aves colocam ambas as pernas no chão, elas tropeçam em si mesmos.

Sulu caiu na risada. — Eu pensei que você ia me falar de *biologia!*

— *Estou* falando de biologia! Você não acha que a Natureza é parte da biologia?

— Você tem *certeza* que não estou sendo exposto à filosofia japonesa? — perguntou Sulu, tentando conter sua alegria.

— Eu não conheço nenhuma filosofia japonesa — resmungou Tetsuo. — Você vai ficar quieto e ouvir?

— Isso tem alguma coisa a ver com o fato de garças de origami se

parecerem com patos? — perguntou Sulu.

— Eu disse pra ficar quieto.

Sulu mostrou uma expressão divertida em seu rosto. — Tá bom.

Aparentemente satisfeito, Tetsuo recostou-se novamente contra o mastro e continuou. — Na esperança de consertar as coisas, a Natureza foi e deu a algumas garças o dom da graça que não dera a outros. Nem mesmo as garças sabem quais, elas só podem descobrir *tentando*. — Sombras púrpuras brincaram em seu rosto quando ele virou a cabeça para fitar Sulu. — Cada garça precisa ter a coragem de colocar ambos os pés no chão — disse ele seriamente. — Dar alguns passos, descobrir pelo meio mais difícil se é possível dançar. Uma garça que dança é uma coisa muito bonita de se ver, mas é o diabo para aquelas garças que fracassam, porque têm que olhar para todas as outras garças dançando e saber o que poderiam ter sido.

Sulu não fez comentários. Gaivotas grasnavam furiosamente acima deles e, de não muito longe, Sulu pensou ter ouvido a algazarra de uma solitária garça branca.

— Somos exatamente como as garças, você e eu — Tetsuo finalmente disse, lentamente. — Enquanto o resto do mundo está preocupado em equilibrar-se nessa única perna segura, você e eu estamos vendo até onde a outra se estica. Mesmo se cair, você tem que se lembrar que no final das contas todo mundo tem duas pernas, mesmo que você caia, sempre pode se levantar novamente.

Sulu tentou ouvir a garça novamente, mas não escutou nada além das gaivotas e do mar sonolento. — Isso significa que você acha que não devo me preocupar com a Escola de Comando?

Tetsuo sorriu para ele. — Isso significa que acho que você não deve se preocupar com a Escola de Comando. Você vai se sair bem.

Ele devolveu uma careta e jogou um pouco de água sobre a proa do veleiro. — E *you* disse que não conhecia nenhuma filosofia!

Tetsuo deu de ombros e jogou água sobre ele. — Eu não conheço. Li isso em um livro há muito, muito tempo atrás...

Devolver o veleiro alugado levou mais tempo do que a viagem de volta de Los Angeles, quando chegaram em Oakland, Sulu e Poppy ainda estavam molhados de seu passeio. Deixando seu bisavô na sala de estar para livrar-se de sua camiseta e seu calçado cheios de areia, Sulu tirou seus próprios sapatos enquanto entrava na cozinha para acender as luzes.

Um ronronar baixo surgiu em resposta ao toque de Sulu no painel de luz; o jovem cadete praguejou rápido e gritou para a planta do outro lado da cozinha: — Cala a boca, Filbert!

Longas gavinhas felpudas recuaram por cima do balcão e enroscaram-se

em volta do vaso como se jamais tivessem saído dali. Filbert emitiu outro som de desespero e Sulu foi forçado a cruzar a cozinha em dois passos apressados e bater com uma mão no tronco central plano da planta. Filbert lamuriou-se e fez silêncio.

— Ninguém te alimentou hoje? — perguntou Sulu, imediatamente sentindo-se mal por seu tom duro quando a planta acariciou-lhe gentilmente a mão.

Tetsuo resmungou enquanto entrava na cozinha e encontrava um lugar para sentar. — Ela não pode te responder — avisou sabiamente. — E comerá sua mão se você a deixar mais tempo aí!

Sulu soltou sua mão com pouco esforço. — Você também disse que meu iguana comeria o papagaio da mamãe.

— E não comeu?

— O *papagaio* comeu o iguana, Poppy! — Sulu voltou a agachar-se na despensa à procura de um dos camundongos de Filbert, mas encontrou apenas minhoca seca que sobrara de sua tentativa de manter uma trepadeira carnívora rosseriana. — O gato verde telluriano é que comeu o papagaio — continuou quando voltou. — Foi por isso que o dei para George Temmu. Lembra-se?

Tetsuo gesticulou como se dizendo que os detalhes não eram importantes. — Ele comeu o papagaio da mãe dele?

Sulu jogou um punhado de minhocas pela garganta aberta de Filbert. — Ela não tinha um papagaio.

— Mulher esperta.

Sulu colocou a mão no recipiente para servir outro punhado de minhocas, e quase jogou tudo no chão quando o visor a seu lado apitou. Levantando a cabeça com surpresa, ele falou — Sim? — antes mesmo de pensar se queria ou não responder.

As saudações que ele normalmente usava pularam de sua mente no instante em que encontrou o olhar duro e tempestuoso de Arthur Kobrine na tela. — Mas onde diabos vocês estavam?

A atitude agressiva de Kobrine pegou Sulu completamente despreparado. Ele lançou um olhar para Poppy, não encontrou nenhuma ajuda nele e apenas deu de ombros, bobamente. — Velejando — disse, novamente alimentando Filbert. — Por quê?

— Como vai, Doutor Kobrine? — Poppy falou da mesa da cozinha. Kobrine lançou um olhar naquela direção, mas Sulu sabia que o ângulo do visor não o permitiria ver Poppy ou a mesa. Sulu empurrou Filbert de volta para o balcão e deu um passo à frente para virar ligeiramente o visor. — Estiveram esperando por você na radioquímica desde esta manhã — o

neurocirurgião informou Tetsuo com o tom de voz gelado. — Eles queriam me mandar uma ordem de desistência pra você.

— Não sou criança — disse-lhe Tetsuo, talvez com mais força do que Sulu achava necessário. A mão do ancião encontrou um guardanapo de papel na parte central da mesa, rasgando-o em pequeninos quadrados sem qualquer pensamento aparente. — Meu bisneto aqui é quase um piloto de nave estelar, não precisamos de você nos perseguindo como se fôssemos crianças.

— Então aja como adulto! — Kobrine gritou com ele. — Aja como se compreendesse a responsabilidade que tem e pare de jogar seu bisneto no meio como se ele pudesse mantê-lo longe de se meter em confusão!

Sulu sentiu o medo começar a agitar-se em seu peito e colocou-se rapidamente na frente do videofone. — Doutor Kobrine, estávamos apenas velejando! — começou, mas Kobrine o silenciou.

— Pergunte a seu bisavô o por quê dele não ter ido hoje ao hospital. Sulu piscou para Kobrine, então olhou para Tetsuo por sobre os ombros apenas para ficar confuso com a relutância do homem idoso em encontrar seus olhos. — O quê?

— Seu bisavô faltou à terapia — esclareceu Kobrine. Sua voz estava dura de raiva e qualquer emoção provocava repreensões paternas do tipo "desapontamento" e "dever". — Se a radioquímica me perseguisse, a *mim*, de todas as pessoas! Uma vez mais sobre como são importantes essas sessões de terapia, eu teria matado alguém!

— Poppy...?

Relutantemente o ancião levantou os olhos da garça que dobrava cuidadosamente.

— É isso mesmo? — pressionou Sulu. — Você faltou sua terapia? Tetsuo fez uma careta e com um dar de ombros, forneceu uma resposta indefinida enquanto voltava sua atenção para a dobradura. — O que você é, Art? — perguntou ao neurocirurgião na tela. — Agora também é detetive particular?

— Sou um médico! — explodiu. — Supõe-se que eu deva ter certeza de que você faça o que é melhor para sua saúde! Senhor Inomata, supõe-se que eu tome conta de você!

— E se eu não quiser que tomem conta de mim?

Sulu atravessou a cozinha para sentar-se na cadeira ao lado de Poppy. — Por quê? — perguntou, assustado. — Você esqueceu?

— Eu não esqueci. — Ele parecia ofendido pela sugestão. Deu um peteleco na garça sobre a mesa; ela bateu na ponta e saiu de seu campo de visão. — Ela me deixa doente — admitiu. — Me faz sentir todo queimado de sol e eu descobri que já peguei muito sol de verdade. — Lançando da

cozinha um olhar zangado para Kobrini, ele se queixou. — Estar um dia atrasado não pode fazer tanta diferença quando se tem a minha idade!

— Mas após os tratamentos você se sente melhor pelo resto da semana, não é? — insistiu Kobrini.

Quando Tetsuo não respondeu imediatamente, Sulu pressionou: — Não é?

O ancião suspirou e começou a dobrar outro quadrado de papel. — Por dois, talvez três dias no final. Antes disso minha cabeça dói, minha pele dói, e algumas vezes mal posso ficar de pé. Vou ao banheiro toda hora... — Ele fez uma pausa em sua dobradura, correndo uma mão pelo denso cabelo negro de Sulu com um sorriso que quase fez o homem jovem chorar. — Eu queria ir velejar com você hoje! Você vai embora para a Escola de Comando amanhã e eu posso não ver você... — Ele engoliu o que quer que pretendia dizer. — Será um longo tempo — terminou. — Eu não queria estar vomitando todo o tempo em que estaríamos juntos!

— É só do outro lado da Baía — Sulu falou gentilmente. — Eu visitarei...

— Quando eles o deixarem!

Sulu sorriu e despenteou os cabelos ralos de Tetsuo com gentileza. — É a Frota Estelar, Poppy, não uma prisão!

— Eu só queria ir com você — Tetsuo falou novamente.

— Bem, você está vindo pra cá agora. Estou mandando um voluntário ir pegá-lo. — Kobrine fez um gesto para alguém fora da tela; a expressão do médico levou Sulu a de repente querer lembrá-lo que Tetsuo era velho, não burro. Em vez disso trocou longos olhares sofridos com Tetsuo, e aceitou a garça feita pela metade que seu bisavô lhe passou.

— Eu poderia levá-lo — ofereceu-se Sulu.

Kobrini franziu a testa e meneou a cabeça. — Seu bisavô disse que você está indo amanhã. Não quero atrapalhar seu cronograma mais do que já atrapalhei. — Ele pareceu notar pela primeira vez o estado meio despido de Tetsuo e então acrescentou: — Leve seu bisavô para cima e faça-o vestir-se. Alguém estará aí em cerca de quinze minutos.

— Aposto como ele também era um fedelho quando criança — disse Tetsuo quando ele e Sulu estavam a meio caminho escada acima.

Sulu segurou sua risada e abraçou Tetsuo ruidosamente. — Eles logo me darão um designação — prometeu, desejando que o amanhã não estivesse correndo tão rápido em sua direção. — Será em uma das grandes naves espaciais, Poppy, você verá!... Quero que você esteja lá quando isso acontecer! Quero que esteja comigo quando eu for!

Tetsuo segurou em Sulu por mais tempo do que o jovem esperava. — Eu

te amo — sussurrou calorosamente no ouvido de Sulu. — E sempre estarei com você... sempre!

Quando finalmente desfez o abraço, Sulu viu que haviam amassado a pequenina garça deixada pela metade.

Sulu encostou-se na cadeira do carro aéreo quando o Oceano Pacífico pegou um grande lençol de luz solar e o sacudiu. Fechou os olhos contra a luz, maravilhando-se com as pessoas andando no campo de pouso abaixo dele.

De toda a Galáxia, entre bilhões de pessoas, apenas mil de nós estão aqui! O pensamento fez o estômago de Sulu fechar sua garganta novamente e ele olhou de novo para o hangar de pouso da Escola de Comando na esperança de que estudar o campo diminuiria um pouco do pânico que ele sentia crescer dentro de si.

O carro aéreo na frente deles era de trânsito comercial; ninguém recebeu os seis cadetes que saíram com longos e chorosos adeuses. O pequeno carro de Sulu pousou sem ter que esperar por uma janela.

— Bem, isto é... — a mão de Sulu estava fria e trêmula quando ele pegou na maçaneta de seu veículo. Sua porta estava aberta, seu pé direito tocando o hangar; ele já sentia falta de casa, e estava irracionalmente temeroso de jamais poder ver sua família novamente. Principalmente Tetsuo. Sabia que o homem idoso queria levá-lo hoje, mas o tratamento o deixara por demais doente e Sulu não sentira ter o direito de trazê-lo.

— *Desculpe-me, senhor* — uma delicada voz de computador interrompeu seus pensamentos. — *Estamos nos demorando em um hangar de acesso particular.*

O constrangimento aqueceu-lhe as faces por um instante. — Desculpe — murmurou, sentindo-se idiota. — Obrigado. Estou saindo. — A porta fechou-se sem um som e o carro aéreo elevou-se no ar ensolarado e cheirando a sal, deixando Sulu sozinho.

Era uma bela manhã. Sulu tentava distrair-se com essa observação enquanto seguia para o prédio principal, voltando suas costas para o carro aéreo que pousava no momento. Já estava claro, de uma maneira pouco típica para o final de verão em São Francisco. Um capuz de bruma cobrindo o topo do Monte Tam corava em um tom de rosa sob o sol do início da manhã e a Ponte Golden Gate atravessava a Baía como uma bailarina atrevida. A silhueta delicada da ponte lembrava-o das garças dançantes de Poppy. Pensar em seu bisavô de algum modo fê-lo sentir-se alegre e triste ao mesmo tempo; não queria deixá-lo para trás, mas tampouco queria ser uma

garça de pântano pernetá. Tentando alcançar o significado de alguma ligação distante com Tetsuo, Sulu encolheu uma perna atrás da outra, esperando testar discretamente a teoria de Poppy da confiança em um único pé antes de deixar estes grandes espaços abertos.

Ele desequilibrou-se ligeiramente e caiu sobre alguém atrás dele.

— Ei! O que há com você? Não sabe andar?

Sulu esforçou-se para recuperar o andar e tropeçou por mais alguns passos antes de conseguir fazê-lo. A mulher com a qual colidira empurrou-o até ficar reto, e perguntou-lhe duramente: — Deixe-me adivinhar ... você também não fala inglês?

Sulu pensou que devia ser uma piada, já que seu próprio sotaque era tão pronunciado. Ele sorriu e estendeu-lhe uma mão. — Ah, não... isto é, não é que eu não fale inglês. Meu nome é Sulu.

Ela cerrou ainda mais as sobrancelhas de modo desconfiado, mas aceitou seu aperto de mão. — Você só não fala inglês bem?

Sulu acompanhou-lhe o passo para juntar-se ao grupo que se dirigia ao prédio principal. — Eu sou daqui, na verdade... eu nasci em São Francisco! — Quando ela não ofereceu qualquer resposta, ele prosseguiu: — Não creio ter ouvido seu nome...

— Maria Theresa Perez-Salazar — admitiu após uma pausa considerável. Seus cabelos castanhos dourados estavam tão severamente puxados para trás, que Sulu achou de algum modo surpreendente o fato dela poder mudar seu rosto para a expressão de desprazer que agora o contorcia. Optou por não fazer qualquer comentário quanto a isso, mas pensou que teria que observá-la para ver se seu comportamento mudava alguma vez. — Meus amigos me chamam de Mate.

Sulu também resolveu que ela não necessariamente o considerava entre esse grupo de privilegiados. — Presumo que você *não* seja daqui?

Perez-Salazar ergueu o queixo, quase imperceptivelmente, mas sua expressão foi talhada em titânio. — Sou da Cidade do México... eu fiz a Academia em Tempe.

— Você fala inglês muito bem.

Ele esperava que isso fosse um elogio, já que ela parecia tão preocupada com o inglês correto quanto uma professora de segundo grau, mas Perez-Salazar apenas cumprimentou-o com um olhar frio e sub-reptício e reprovou: — É claro! México é um Estado muito civilizado!

Quando aumentou seus passos para distanciar-se dele, Sulu não tentou segui-la. — O melhor da Frota Estelar — murmurou às suas costas. — Uau...

Ele conseguiu fazer mais duas conversações na fila que seguia para o

prédio principal, uma com um australiano que vivera na Terra toda sua vida; outra com um humano que jamais estivera na Terra antes. Era uma comparação interessante de culturas e intelecto. Ele e o australiano trocavam opiniões sobre os melhores lugares para se velejar na Costa Oeste quando chegou a vez de Sulu no posto de admissão. A Tenente em serviço teve que chamá-lo três vezes antes de perceber que ela falava com ele.

Ele aproximou-se com ar culpado. — Sinto muito, senhor... eu estava conversando.

A pequena Tenente sorriu e entregou-lhe um quadrado de fita codificada por cima do balcão. — Eu percebi. Tome... você precisará disso para encontrar sua bolsa quando chegar em seu alojamento.

— Eu pensei que um computador estaria fazendo isto — admitiu Sulu enquanto jogava sua mala no balcão.

— Você verá máquinas demais pelo resto do tempo que permanecer aqui — assegurou-lhe a Tenente. — Tentamos manter as coisas pessoais e o mais calmo que podemos no primeiro dia. — A mala desapareceu atrás do balcão. — Passe por mim e vire à esquerda, Cadete. Você receberá seu uniforme e uma agenda do dia. Boa sorte!

Nas próximas três horas, Sulu mal teve tempo de agradecer pelas instruções e ordens recebidas, muito menos conversar com os outros cadetes. Logo perdeu de vista o australiano ao liberar sua mala, mas Mate Perez-Salazar parecia continuar em sua visão periférica como um contrabandista em hiper-salto ilegal. Depois de ter se trocado, ser registrado, ser enviado para um conselheiro, receber um número de alojamento, um cronograma de aulas, um grupo, levar consigo e entregar numerosos registros médicos dele mesmo, identificar-se para mais sistemas de computação do que jamais sonhara e tentar explicar para um Oficial de Ligação indiferente que não era Das Res-Pamudan, de Isrando-on Sheshwar, foi levado por um longo salão sem janelas e foi-lhe dito para *"irem frente, então esquerda, depois novamente esquerda, esperar em Sunside até um monitor chegar. Próximo!"* Foi realmente uma longa e perplexa caminhada.

Ele estava a talvez dois terços do caminho para Sunside, estudiosamente mirando na rota indicada em sua tela *datex* do tamanho da mão, antes de pensar que qualquer lugar chamado "Sunside", "Lado do Sol", talvez não fosse um local preferível para se estar. Tudo o que era capaz de imaginar eram instantâneos da aurora ainda derretida e lúgubre de Mercúrio; ele se perguntava por que alguém iria até lá, quanto mais dar o nome de uma sala de reuniões. Um cubículo de punições, talvez? *"Aqui na Escola de Comando da Frota Estelar, acreditamos que nenhum potencial bruto deva prosseguir sem desenvolvimento. Por exemplo, os surpreendentes resultado*

disciplinares podem ser obtidos através do uso da dor."

Sulu fez uma careta e virou a última curva antes da entrada do Sunside. Quase trinta cadetes fitaram-no à sua entrada, mas ninguém ofereceu-lhe uma saudação antes de Sulu desfazer sua própria careta e cumprimentar.

— Oi.

— Estamos fazendo uma votação — falou um jovem com pernas extremamente longas da parte de trás do aposento.

Sulu riu. — Posso adiar minha resposta em uma hora?

— Eles podem nos matar antes disso — alguém sugeriu. Outro replicou: — Acho que foi por isso que ele perguntou.

A conversa espalhou-se para mais uma dúzia de cadetes, e várias idéias inventivas surgiram para explicar o significado real do nome. Outros vinte cadetes juntaram-se a eles nos seguintes quarenta minutos, Perez-Salazar entre eles, e Sulu ainda estava tentando explicar a essência do jogo de adivinhação quando uma pequena e elegante Comodoro interrompeu-lhes a discussão.

Sua mera entrada provou ser o bastante para fazer o aposento ficar em silêncio. Após aceitar um instante da atenção rígida do grupo, ela os mandou relaxar e sentou-se na ponta de uma mesa.

— Bem, isso foi impressionante! — Seus olhos escuros e mediterrâneos eram rápidos e tão calmos quanto um céu da meia noite. Sulu gostou dela instantaneamente. — Sou a Comodoro Rachel Coan e serei a comandante de seu grupo enquanto estiverem aqui na Escola de Comando. Vocês são o Grupo de Cadetes W. Estão aqui hoje porque eu, pessoalmente, queria ter certeza de que todos vocês entenderiam *o por quê* de estarem na Escola de

Comando. — Ela cutucou com um pé uma Cadete próximo a ela. — E você? Por que está aqui?

Ela respondeu sem hesitação. — Porque quero comandar uma nave estelar algum dia.

Coan assentiu, voltando-se para o restante da turma. — Você... — Apontou para outro cadete do outro lado do aposento. — E quanto a você?

— Meus pais me obrigaram.

Divertimento passou pelo grupo ao ouvirem isso. — Muito bem... Foi honesto, pelo menos. — Então os olhos de Coan fixaram-se nos de Sulu.

— E você?

Sua mente tornou-se um vazio branco sibilante. Apesar disso, ouviu sua voz dizendo: — Para ver se posso.

Coan assentiu, mas não fez comentários à sua resposta. — Certo — disse, levantando-se. — Vocês parecem ser honestos. Isso é ótimo... gosto de honestidade. Espero por ela. Certo? — Metade do grupo expressou sua

confusão, a outra metade assentiu. Coan cruzou o aposento, gesticulando enquanto falava para vários cadetes se deslocarem.

— Agora mesmo, vamos realizar a primeira de muitas simulações das quais serão obrigados a participar durante seu tempo aqui. Esta aqui é chamada Diplomacia Galáctica! — Resmungos responderam ao seu anúncio e o sorriso de Coan alargou-se ainda mais. — Acostumem-se com isso — ela foi cáustica. — É a segunda profissão mais antiga do Cosmos. Todos riram.

— Agora, — continuou Coan, — segundo minha ordem, cada um de vocês verificará o computador para descobrir que sistema planetário representam. Alguém será a Terra, outro será Vulcano, um terceiro será klingon, ou Andoriano, ou Altariano, etc... etc. — Um punhado de cadetes levantou-se para ajudá-la a levar uma mesa para o centro do aposento.

— Os Impérios Klingon e Romulano se sentarão nesta mesa com a Federação. — Ela empurrou ao acaso várias cadeiras até um círculo mais afastado da mesa. — Os planetas da Federação se sentarão aqui. Já que a Federação e os Impérios controlam a maioria dos recursos da Galáxia, essas pessoas terão que tomar decisões relativas à disposição desses recursos. O restante da Federação pode ajudar, é claro, *mas...* — E aqui seus olhos brilharam com malícia brincalhona. — A Federação e os Impérios podem falar quando quiserem. Entre si ou com qualquer outro que desejarem. Os planetas federados podem falar entre si e com qualquer um que não esteja sentado à mesa. *Porém*, não podem interromper os três poderes principais à mesa e não podem tomar nenhuma ação sem o consentimento dos três líderes.

Ela puxou outra cadeira e colocou-a ainda mais longe, contra um canto distante. — Os Vulcanos, — prosseguiu ela, — é que, freqüentemente, são vistos como tendo a resposta para a maioria dos problemas galácticos... — Isto foi saudado com um certo divertimento. — ...sentam-se aqui. Eles só podem interferir com a diplomacia galáctica a cada meia hora, mas têm um vasto campo de atividades possíveis. No entanto, a cada vez que outro planeta pede ajuda a eles, sua meia hora recomeça a ser contada.

— Isto parece muito complicado — alguém aventurou-se, e Coan esticou suas mãos para ambos os lados em um gesto de abandono.

— A diplomacia da vida real não é como jogar cartas - explicou ela. — *l*vido o que estou tentando fazer é estimular algumas das restrições e tensões existentes na arena da vida real. Vocês encontrarão detalhes específicos a sua própria situação em seu computador. Estarei aqui para responder perguntas. É só falarem comigo, certo?

Ninguém disse nada. Voltando para seu assento original, Coan assentiu.

— Agora todos verifiquem seus computadores para obterem suas

designações, objetivos e limitações. Esta simulação continuará por duas horas ou até que alguém consiga realizar alguma coisa. - Ela lhes lançou um repentino e brilhante sorriso. — Que comecem os jogos.

Quando Sulu bateu em seu botão de informação, outros já estavam rindo ou gemendo pelo salão por causa de suas designações. A pequena tela do computador piscou uma série de códigos e uma coluna começou a rolar do topo para o pé da tela.

MENAK III

NÍVEL TÉCNICO: Três

Sulu mordiscou os lábios pensativamente. Nível técnico três significava nenhuma capacidade de rádio subespacial e nenhuma propulsão de dobra — no máximo propulsão hiperespacial. Ele esperava que seus objetivos não envolvessem nenhuma viagem ou negociações a longa distância.

MEMBRO DA FEDERAÇÃO:

Menak não é elegível devido a seu atual clima político.

AFILIAÇÕES:

Longas relações comerciais mantida com o planeta Carstair's.

Carstair's, um mundo de fronteira habitado por quatro espécies de seres esquentados e causadores de problemas. Sulu suspirou.

HISTÓRIA: Menak III, pobre em minérios, é profundamente dependente de Carstair's para obter matéria-prima, relações interplanetárias e interestelares com sociedades mais saudáveis e infusão de produção tecnológica médica e alimentar. Menak III está se aproximando do fim de sua segunda Revolução Industrial; os resultados são reorganização da política conturbada e elevação da economia. O governo parlamentar atual está ameaçado por uma facção religiosa separatista que acredita que o retorno de "épocas mais simples" seria de melhor valia para os interesses de Menak III. Os líderes políticos de Menak III não concordam.

REGRAS DO JOGO: Você só pode se comunicar com a Federação através do planeta Carstair's...

Sulu ergueu os olhos de seu computador para examinar a sala. Uma dúzia de outros cadetes esticavam os pescoços olhando para a esquerda e para a direita, como se tentassem identificar seus aliados apenas por suas expressões faciais. Sulu notou que dois dos três habitantes da mesa já

estavam sentados. Perez-Salazar sentava-se a uma ponta; Sulu sentiu uma certa simpatia por aquele que o Destino escolhesse para compartilhar essa Galáxia com ela nas próximas duas horas.

— Quem é o planeta Carstair's? - ele perguntou em voz alta, voltando a seus próprios assuntos.

No chão do outro lado do salão, sentado com as costas voltadas para a parede, uma maori de pele escura levantou sua cabeça em surpresa mal-humorada. Brilhantes olhos negros dardejaram para a esquerda e a direita. — Quem pergunta?

Sulu tentou lançar seu sorriso mais desarmante e gesticulou. — Sou Menak III. - Sentando-se novamente, continuou com sua leitura.

... Você só pode se comunicar com a Federação através do planeta Carstair's; pode-se comunicar com qualquer planeta não pertencente à Federação que você escolha. Já que você não tem capacidade de rádio subespacial, todas as comunicações devem ser feitas através das velhas ondas de rádio. Para estimular isso, você só pode contactar outros planetas através de notas escritas, passadas para quem está tentando contactar. Você não pode deixar seu lugar.

OBJETIVOS: A Federação tem meios de aliviar muitos dos problemas econômicos e de saúde de Menak III. Tudo o que deseja é uma oportunidade de falar, cara a cara, com um representante da Federação.

Sulu assentiu. Olhando em volta, viu uma mesa próxima à porta principal, aparentemente contendo os aparatos necessários para essa simulação: um cetro pintado, vários objetos numerados e coloridos, implementos de escrita e uma grande quantidade de papel, a placa-mãe de algum aparelho eletrônico (a maori do Planeta Carstair's o pegou) e uma roda. Sulu abandonou seu lugar para pegar um pouco de papel e uma caneta, então colocou-se a algumas cadeiras de Carstair's, para facilitar as comunicações. Após um único olhar nervoso e infeliz, a Cadete o ignorou.

Sulu colocou seus pés sob si mesmo na cadeira até estar firmemente sentado à moda indiana. Lambendo a ponta de sua caneta com um floreio (e então decidindo não mais fazê-lo), ele compôs seu primeiro comunicado:

Carstair's,

Todos estão morrendo por aqui, não estamos tendo muita dificuldade econômica e compreendemos que você tem algum acesso ao Conselho da Federação; eu gostaria de receber, desesperadamente, a visita de um representante da Federação. Qualquer ajuda seria apreciada.

*Amor,
Menak III*

Ele sorriu, resistiu à tentação de encher o pé da página com "beijos e abraços" e esse tipo de coisa, dobrou a mensagem em um pequeno quadrado e virou-se para a jovem mulher a seu lado. — Você poderia passar isto aqui para o planeta do final da fila, por favor?

Antes que ela pudesse responder, Coan interpôs-se entre eles e puxou o bilhete da mão de Sulu. — Tolo, Menak - informou-lhe, sorrindo. — Você não pode falar com um planeta vizinho, você tem que escrever.

Sulu pegou o bilhete de volta, chateado. — Quer dizer que tenho que escrever uma nota só para pedir a ela que passe *esta* nota? - Isso lhe parecia ridiculamente restritivo.

Coan simplesmente assentiu. — É isso que quer dizer. Tente novamente. A segunda nota de Sulu foi mais curta e direta ao ponto:

Socorro!

Estou sendo mantido prisioneiro de uma complexa simulação da Frota Estelar! Por favor, passe esta nota para o planeta Carstair's (a adorável borboleta à sua direita) antes que seja tarde demais!

E a "transmissão" para Carstair's foi rápida a caminho.

Carstair's espantou-se com a nota, fitou quase com horror o Cadete que a tocou por último e finalmente dirigiu um olhar sombrio pela fileira de cadeiras até Sulu.

Sulu acenou de novo e sorriu. Este seria um longo jogo.

— Aposto como terá uma longa espera a sua frente.

Sulu esticou o pescoço por sobre os ombros, encontrando Coan ainda próxima a ele, observando Carstair's. — Carstair's não pode se aproximar do Conselho da Federação sem pelo menos um planeta federado para apoiá-lo. Isso nem sempre é fácil em circunstâncias normais, a falta de so-ciabilidade de Narv não vai funcionar a seu favor.

Sulu suspirou e novamente fitou a Cadete. Narv já estava próxima a uma das cadeiras alinhadas como membros da Federação, falando, calma mas rudemente, com o habitante. — O que devo fazer nesse meio tempo? - perguntou a Coan. — Meu planeta tem muitos problemas!

Coan inclinou-se para tocar no monte de papel de Sulu. — Esquematize alguma coisa. Você pode vender a arte para outros planetas e melhorar sua economia.

Sulu ergueu a cabeça com vivacidade. — Isso é permitido nessa

simulação?

A risada de Coan foi alegre mas não lhe deu confiança. — Não. Mas você poderá comprar seu almoço com os procedimentos.

— E quanto a aviões de papel? - Sulu girou em sua cadeira a fim de seguir-lhe os movimentos quando Coan começou a afastar-se.

— Não!

Afundou novamente em sua cadeira com um suspiro; ele esperara demais.

Sete minutos e dez elaborados aviões de papel depois, Carstair's e Rigel V foram até a mesa principal do Conselho. Sulu enviou seu último avião nas proximidades de um Cadete igualmente aborrecido (que estivera devolvendo fogo com construções de papel inteligentes que lembravam um críquete kamikaze), e pôs-se a observar o pedido de Carstair's a seu favor.

Rigel e Carstair's aguardaram mais um minuto inteiro antes do delegado da Federação finalmente voltar-se para eles e perguntar: — O que desejam? Não podem ver que estamos tentando chegar a um acordo sobre formas de negociação?

O Cadete resmungou sonoramente e jogou um pedaço de papel no rosto do Cadete que representava a Federação. — Uma lista de pedidos - rosnou ele. — Para meu povo.

— Quem é você? - A Federação fitou a lista e então depositou-a no tampo da mesa entre ele e os dois Impérios. Perez-Salazar pegou-a e estudou-a em silêncio.

— Planeta Carstair's - disse Rigel V. Então, endereçou um grande e surpreendente sorriso para a Federação: — Sou Rigel V, um bom membro da Federação.

— Ótimo. - O entusiasmo da Federação parecia limitado. — Nós consideraremos seus pedidos e voltaremos a você.

— Todos os pedidos são extremamente necessários - insistiu Carstair's quando a Federação iria dispensá-los. — Insisto em atenção imediata!

Perez-Salazar pronunciou algo breve e sibilante. — Estes pedidos são absurdos! - exclamou, jogando o papel de volta para Narv. A folha amassada planou no ar e flutuou erraticamente para um lado. — Você quer tecnologia de mísseis, assistência em computadores, acessos a nossos centros de dados...!

— Os centros de dados da *Federação* - lembrou-lhe a Federação firmemente. — Eles não estão pedindo *nada* dos klingons!

Perez-Salazar torceu a boca e estreitou os olhos. — Racismo novamente? Você acha que o Império Klingon não tem nada a oferecer?

Sulu cobriu seu sorriso com uma mão. Perez-Salazar representava os

klingsons, ele devia ter adivinhado.

— Nada que *nós* não possamos oferecer com maior segurança! - A Federação devolveu a nota de Narv. — Agora sente-se. Chegaremos a você.

— Eu peço pouco - insistiu Carstair's. Quando a Federação não respondeu, o Cadete voltou-se para fitar Vulcano no lado oposto da sala. — Se não posso apelar para meus vizinhos menos compassivos, então apelo para vocês, lógicos, por reconhecimento.

Os três da mesa principal soltaram simultaneamente gritos inarticulados enquanto Vulcano olhava para Coan pedindo uma definição. A monitora deu mudamente de ombros.

— Seu *idiota!* - rugiu o Império Romulano.

— Ei! - chamou Coan. — Não vai ter nada disso por aqui! Isto é apenas um jogo!

O Império Romulano murchou visivelmente, gesticulando furiosamente diante dela. — Desculpe, senhor...

Coan ainda estava com a testa franzida enquanto assentia para Vulcano. — Comece a contar sua meia hora novamente.

— Sim, senhor.

E assim terminou a primeira oportunidade de negociações de Carstair's.

Sulu certificou-se de que uma nota estaria aguardando por Carstair's quando ele retornasse para seu lugar.

O que aconteceu com meus pedidos?

Mais cinqüenta milhões de pessoas morreram por aqui! Será que não preciso de comida mais do que você precisa de mísseis?

Os lábios de Narv moveram-se lentamente pela mensagem. Depois de terminar a leitura, ela rabiscou uma breve resposta no final, fez uma bola com o papel e jogou-a de volta para Sulu. Sulu desembulhou a nota para ler o que já suspeitava ser a resposta:

NÃO!

Ele afastou a bola de si e recomeçou com suas notas.

Oi! Sou Menak III, um pequeno e insignificante planeta não desenvolvido tecnologicamente no setor Murasaki. O planeta Carstair's está me ignorando, e estou aborrecido. Quer começar uma guerra?

Ele dobrou o papel em seu mais elaborado aviãozinho e com uma

precisão obtida por apenas um piloto nato, lançou-o pelo aposento no colo de Orion.

A resposta imediata de Orion foi uma total indiferença. Sulu rapidamente dobrou um segundo avião, escrevendo nas asas: *Leia o primeiro avião!* e jogou-o contra o peito de Orion. Orion piscou duas vezes, levantou as sobrancelhas, então tentou localizar a mensagem em meio a tantas outras. Ele a encontrou, desmontou-a e leu. A resposta chegou no colo de Sulu menos de um minuto depois de seu segundo lançamento.

Sulu desdobrou o avião e leu a resposta.

Desculpe,

Orion é oficialmente hostil em relação a Menak III. Se eu entrar em QUALQUER tipo de guerra, provavelmente será contra VOCÊ!

Melhor sorte da próxima vez. Orion II

Um grilo saltitante, contendo a exclamação: *Sou um aparelho termonuclear primitivo. KA-BUUM!*, logo seguiu a nota. Orion devolveu o olhar surpreso de Sulu com um dar de ombros como de quem pede desculpas, mas não devolveu a bomba zombeteira. Sulu liberou-o e Orion voltou a dobrar seus brinquedos.

Cuidadosamente rasgando a parte de baixo da página, Sulu eliminou a resposta negativa de Orion. Um pouco mais rasgado mas ainda planante, o avião parecia-se com o único sobrevivente de uma última mensagem de Orion. Ele a mirou ao acaso, na esperança de conseguir encontrar um governo simpatizante no seu próprio lado da sala. O avião caiu no colo de uma mulher troncuda e de cabelos vermelhos sentada à quatro cadeiras dele. Pegando-a, ela perguntou: — O que é isto?

Sulu capturou-lhe a atenção com um aceno amigável. — É uma transmissão de rádio em estilo antigo, estou enviando-a para meus colegas humanos.

Ela sorriu, mas enviou o avião de volta para ele. — Sou nível técnico dois, não tenho capacidade de receber transmissões interplanetárias. Desculpe.

Sulu pegou o papel no ar com uma mão. Frustrado, ele voltou-se para o grande aposento e falou: — Tem alguém aí com um nível quatro ou acima que não seja hostil a Menak III e deseje começar uma guerra?

Mesmo quando todos na sala caíram na risada, Coan disse: — Tolo, Menak! - do outro lado do aposento.

— Mas...!

— Tolo! - Coan estava sorrindo, mas não se compadeceu. — Você tem

que passar notas, ou não pode se comunicar de jeito nenhum.

Sulu passou o dedo no nariz de seu avião com um ar infeliz, deixou os ombros caírem em uma pose exagerada para divertimento de Coan. — Eu preciso até mesmo enviar notas pra você?

Coan deu um breve risada. — Você não pode me enviar notas.

— Por quê? Quem é você?

— Sou Deus. Agora ande!

Sulu já enviara sua oferta de guerra para metade dos participantes em sua metade da sala quando Carstair's obteve a atenção da Federação pela segunda vez. — Estamos considerando! - a Federação assegurou irritadamente a Narv antes que ele pudesse sequer falar.

— Estes são problemas de grande importância. - O tom de voz de Narv podia indicar qualquer coisa entre fúria e agradável neutralidade.

A Federação pegou a nota de Carstair's, mas não a leu. — Mais mísseis? - perguntou-lhe, de modo azedo. Rigel V estremeceu. Além dele, uma linha de agitados delegados estendia-se quase até a mesa de Vulcano.

— Consideração sobre a aceitação de Carstair's - persistiu Narv. — Nós desejamos ser como Rigel, afiliado a seu grupo governante.

— A Frota Estelar não governa - começou a Federação, e Perez-Salazar emendou acaloradamente: — Diga *isso* aos Romulanos!

— Ei! - O Império Romulano inclinou-se sobre a mesa diante da Terra para franzir as sobranceiras para Perez-Salazar. — A Federação *não* nos tem em seu domínio!

— Nunca disse que os têm!

E assim terminou a segunda aproximação de Carstair's junto ao Conselho da Federação.

Sulu soltou uma folha de papel e começou a metodicamente retalhá-la a seus pés. De acordo com sua informação de tempo, ele tinha aproximadamente mais uma hora e vinte e cinco minutos a ser vencido antes desta simulação chegar a seu clímax nada climático. Resolveu fazer uma pilha de papel tão alta quanto sua cadeira até chegar esse momento.

— Você está desperdiçando seus recursos naturais. - Coan apareceu a seu ombro, ainda com aquele enfurecedor sorriso "sei-de-tudo". — Você ainda tem cerca de oitenta e cinco minutos, Alferes!

— Minha Bolsa de Valores quebrou - replicou Sulu. Ele tentou manter seu aborrecimento fora de sua voz, mas fracassou miseravelmente. Levantando a cabeça para encarar Coan, ele jogou um pé sobre o braço da cadeira e empurrou o ombro no encosto. — Não tem sentido! Estou numa posição onde não posso fazer nada por mim mesmo, estou ligado a um planeta anti-social à Federação que não é de grande ajuda e aqueles três da

mesa principal ainda estão tentando resolver que tipo de porcelana usar em seus encontros!

Quando seus comentários pareceram simplesmente divertir Coan ainda mais, ele desviou-se dela novamente: — E a monitora do meu grupo de Cadetes é uma sádica que alguém presenteou com estrelas de Comodoro.

A mão dela segurou-lhe o ombro em aviso. — Cuidado...

Sulu sentiu seu rosto ficar vermelho. — Com licença, senhor.

Uma vez que Coan se fora, ele reavaliou o que lhe dissera. Não queria na verdade desistir. Ele não queria ser uma garça de pântano perneta que jamais aprenderia a dançar. O que diria Poppy depois de gastar tanto tempo explicando-lhe sobre os bobos pássaros dançantes? Sulu sorriu e fitou o Conselho da Federação do outro lado da sala. Bem, se a Montanha não podia ir a Maomé...

Ele atraiu a atenção de Coan jogando-lhe uma garça de origami sobre o ombro. Exprimindo mais irritação do que ele suspeitava realmente sentia, ela passou pela Assembléia para estancar ao braço de sua cadeira.

— Quero eu mesmo ir até a Federação. - Antes que ela pudesse condenar ou verificar seu plano, ele elaborou: — Eu sei que tenho apenas capacidades de ondas de rádio, e sei que eles não estariam esperando meu chamado. E sei que isso levaria... - Ele inconscientemente fechou os olhos enquanto calculava. — ...quase dezoito meses para que o chamado os alcance.

Coan sorriu para ele. — E você tem apenas oitenta e cinco minutos.

— Isto é uma simulação - apontou Sulu. — Não podemos compactar um pouco o tempo?

Ainda sorrindo, Coan inclinou-se atrás de sua cadeira e trouxe uma de suas muitas construções de papel. — Você antes parecia que ia muito bem com estes aqui. - Sulu deu de ombros e Coan prosseguiu: — Se você conseguir pousar uma mensagem na mesa principal, ou mesmo no colo de um planeta federado, qualquer um que o ler pode agir por você. Só porque você possui apenas comunicações via ondas de rádio não significa que não possam ouvir o que você envia. — Ela desdobrou o avião de papel de Sulu enquanto se erguia, deixando-o cair no colo dele. — E se eles não o lerem, ou ignorá-lo?

Sulu deu de ombros, aplainando o pedaço de papel. — Então, não estarei pior do que estou agora.

Ela estudou Sulu tão intensamente que o fez sentir-se desconfortável em sua cadeira. — Apenas setenta e cinco minutos e dezoito meses para se passar - ela disse finalmente, desviando o olhar. — É melhor que você comece a escrever! - E, com um sorriso aprovador, moveu-se para longe.

Sulu pensou cuidadosamente em sua nota, sabendo que se viesse a ter

qualquer esperança quanto à intervenção da Federação, ela dependeria da maneira mais efetiva com que conseguisse convencer com seus pedidos escritos. Ele trocou o avião desdobrado de Coan por uma folha de papel limpa.

Caros Delegados do Renomado e Honesto Conselho da Federação

Ele odiou-a imediatamente. Palavras de mais, insincero demais. Riscando essa linha, ele começou novamente, mais pensativamente.

Caros Campeões da Liberdade

— Iaak! — Riscou sua segunda tentativa, e finalmente resolveu-se por alguma coisa neutra e inexpressiva:

Caros Membros da Federação de Planetas,

Envio-lhes esta missiva em favor dos cidadãos de Menak III. Apesar de não sermos membros da Federação, respeitamos e apreciamos o bem que seus gentis emissários realizam por toda a Galáxia. Apelamos-lhe agora por sua ajuda.

Menak está sendo esmagada pelo peso de convulsões econômicas e de saúde além de nossa capacidade de controle. Somos pobres mineralmente. Somos negligenciados. Estamos morrendo. Por favor, tudo o que requisitamos é uma oportunidade de falar com vocês referente à ajuda para nosso povo. Vocês têm conhecimento de remédios e fontes de força seguras; sem sua assistência, tememos que Menak não venha a ter qualquer futuro.

Por favor.

Corpo Governante de Menak III

Satisfação substituiu a frustração de apenas instantes antes. Sulu guardou o restante de seus papéis em um bolso e pensou no melhor método de entrega para esta nota. Bolas de papel estavam fora, já que muito facilmente eram consideradas como uma afronta pessoal; garças de origami eram mais densas que aviões (e por isso viajavam melhor em distâncias menores), mas tinham uma tendência de dar cambalhotas enquanto estavam no ar, então nem sempre tinham tanta precisão em chegar a seus alvos; aviões corriam o risco de passar do alvo e (por razões que Sulu não conseguia compreender), parecia que ninguém jamais pensava em desdobrar os aviões para encontrá-los as mensagens. Ainda assim, os aviões pareciam ser a melhor das três alternativas e setenta minutos realmente não era muito tempo para tornar-se

criativo. Ele resmungou consigo mesmo enquanto dobrava o avião.

A nave resultante dificilmente seria uma obra de arte, mas Sulu estava confiante de que atravessaria a distância necessária para levar seu pedido ao Conselho da Federação. Ele capturou o olhar de Coan enquanto inspecionava as linhas de seu avião e devolveu-lhe o piscar de olho conspiratório com um sorriso um pouco constrangido.

Nenhum vento perturbava o ar no aposento espaçoso, então Sulu não conheceu nada além de satisfação ao ver seu correio flutuar belamente acima das cabeças de metade de seus colegas de turma e pousar suavemente sobre o ombro direito do Império Romulano. Perez-Salazar foi o único membro da mesa a notar o pouso; ela fez uma careta para o avião de papel e então empurrou-o para fora de sua área de trabalho.

Sulu estava dobrando outro avião antes mesmo de Perez-Salazar juntar-se à acalorada discussão; ele deveria ter adivinhado por sua discussão com Orion. Rabiscando uma repetição da sua mensagem *LEIA O PRIMEIRO AVIÃO*, ele lançou o segundo planador na direção da mesa principal.

Desta vez, Perez-Salazar pegou o avião enquanto ele ainda estava no ar, amassando-o com seu punho. Ela fitou Sulu com um olhar de desaprovação enquanto o jogava para junto do primeiro avião. Em uma agonia de frustração, o Alferes falou: — Leia! - apenas para ser abafado pela voz de Coan: — Tolo, Menak!

— É claro...! - ele resmungou, afundando em sua cadeira.

Se isto era uma indicação de diplomacia galáctica, Sulu estava suficientemente convencido de que não queria ser um conselheiro. Ele rasgou uma folha de papel em quatro quadrados rudimentares, solenemente dobrando uma garça com o primeiro enquanto ouvia os Impérios Klingon e Romulano discutirem sobre direitos de votação.

Na menor letra que conseguiu fazer e ainda ser legível, Sulu começou no nariz na garça e escreveu: *ESTA GARÇA SE AUTO-DESTRUIRÁ EM 5 SEGUNDOS*. Então ele decorou as asas dobradas com: ...4... 3...2... 1... Ele ficou desapontado de não sobrar-lhe nenhum espaço onde escrever *BOOM!*

Abrindo o pequenino buraco na parte de baixo da garça, ele inseriu a ponta de sua caneta para lançá-la. Interrompeu-se pouco antes de pôr a garça a caminho. Terrorismo não era a resposta, não se ele realmente queria estabelecer alguma relação com os planetas da Federação. Ele relutantemente removeu a pequena garça, e recomeçou a escrever outro pedido apaixonado.

Esta nota ele dobrou como uma garça (já suficientemente desencorajado com as respostas a seus aviões). Ele a montou em sua caneta como fizera com a primeira, então lançou-a como se fosse uma catapulta na direção da

mesa principal. A garça passou raspando pela cabeça do Império Romulano, caindo na centro da mesa e sobre o ombro direito da Federação. O delegado da Federação resmungou alguma coisa rápida e pesada enquanto parava para olhar o pássaro de papel; Sulu perguntou-se se ele fora o único a notar onde caíra a garça quando a Federação jogou-o fora descuidadamente.

Vulcano começou bastante satisfatoriamente quando a garça tocou-lhe o colo, fitando a ave de origami como se estivesse incerta se deveria ou não tocá-la. — Ahn, Comodoro Coan? - A voz hesitante fez com que todos na mesa principal se virassem para fitá-la em surpreendente consternação. — Isto é uma comunicação, senhor? - a solitária Cadete perguntou, segurando a garça no ar.

A Federação exclamou, indignado. — Onde você pegou isso? - perguntou, sondando o aposento freneticamente. — Quem enviou isto?

Sulu desejou desesperadamente ter menos do que apenas um metro e meio.

— Bem, você a jogou pra mim... mas ela veio de lá. - Vulcano apontou na direção de Sulu; o jovem Cadete acenou. — Isto significa que eu deveria contar minha meia hora novamente, senhor? - ela apelou novamente para Coan.

— Não! - A insistência da Federação soou mais desesperada do que bem pensada.

Coan permaneceu onde estava apoiada em uma parede, os braços cruzados na frente. — O que você acha? - perguntou com um dar de ombros.

Vulcano estudou a garça muito seriamente. — Bem, isto é uma transmissão de uma fonte externa...

— Ah, *qualé!* - gemeu a Federação.

— ... então creio que seria justo...

— Justo? — A Federação pôs-se de pé para tirar a garça da mão de Vulcano. — Justo levar a Federação ao desespero só porque algum planeta imbecil está jogando *patos?!!*

Sulu endireitou-se em sua cadeira. — São *garças!*

A Federação jogou a garça de volta para ele; ela flutuou apenas até metade do caminho. — *Eles parecem patos!*

— Parem de agir como crianças. - A voz latina de contralto de Perez-Salazar interrompeu o início da resposta de Sulu. — Você está apenas reclamando - acusou à Federação, — porque planejou usar Vulcano como a solução de todos seus problemas. Isto é o que merece por não ter a coragem de agir por si mesmo!

— O que eu *não* mereço - respondeu a Federação, acidamente, — é um bando de idiotas adoradores de guerra agarrando todos os planetas que

encontram e então clamando que possuem todo o Sistema!

Sulu pensou que jamais vira antes a alma de alguém realmente pegar fogo. O rosto de Perez-Salazar ficou ainda mais sombrio enquanto seus olhos começaram a flamejar; Coan começou a se aproximar da mesa central.

— Muito bem, pessoal, acho que é suficiente por ora...!

— Você está acusando meu povo de atos covardes? - Sulu não tinha certeza se Perez-Salazar estava respondendo em face a uma questão de nacionalidade ofendida ou se ela acabara envolvendo-se demais na sua personificação.

— Pense como quiser - replicou a Federação.

Perez-Salazar ficou de pé bem na hora em que Coan alcançava a mesa. Ela cuspiu na mesa diante da Federação. — Parabéns, *el jefe estupendo*... você agora tem uma guerra!

Coan sentou-se na mesa fisicamente entre os dois, interrompendo o avanço da Federação com uma mão de advertência em seu peito. — Isto é um faz-de-conta! - lembrou-lhes, então virou-se para lançar um olhar significativo sobre o restante do aposento. — Talvez todos vocês possam apreciar a *utilidade* do faz-de-conta no restante de seu treinamento! - Esperando até que a Federação tivesse assentido seu consentimento e retornado para sua cadeira, Coan gesticulou para que Perez-Salazar se sentasse também. — Eu gostaria que vocês pudessem todos apenas *ouvir* vocês mesmos! É como recreio com um bando de crianças! - Ninguém riu.

— Nunca tive um grupo de Cadetes menos cooperativo e mais egoísta em toda minha vida. - Coan continuou em meio ao silêncio culpado da sala. — Vocês todos foram escolhidos para estarem aqui porque são especiais, inteligentes, porque demonstraram habilidades comuns a bons oficiais de comando! - Ela andou na direção do meio do salão, virando-se lentamente enquanto caminhava a fim de lançar um olhar gelado sobre todos eles. — Bem, onde é que todos esses tratados interessantes vão dar? -Parando bem atrás da cadeira de Sulu, ela recostou-se contra o encosto dela. — Eu vi *um* entre todos vocês usar a criatividade e *cooperação* para solucionar os problemas que lhe foram impostos. E todo mundo riu dele ou o ignorou! - Sulu tinha a sensação de saber de quem ela falava. — Se isto fosse a vida real - Coan censurou-os, — vocês teriam sorte se Menak não jogasse uma bomba em todos vocês enquanto estavam ocupados em discutir entre si! - Sulu colocou a garça terrorista em seu bolso tão sub-repticiamente quanto possível. — Nas últimas simulações, vocês não terão muitas chances de ser tão gentis uns com os outros, mesmo que se sintam inclinados para tal.

Ela olhou-os com calculada frieza uma última vez, então abriu um sorriso simpático e bateu as mãos. A transformação foi tão completa, que

Sulu não sabia se a respeitava por sua flexibilidade ou ressentia-se por suas manipulações. — Muito bem, todo mundo - gritou, fazendo gestos na direção da porta mais próxima, — hora do almoço! Vão colocar comida em seus estômagos... ainda temos um milhão de coisas para fazer hoje!

Sulu jogou seus papéis na pilha crescente da mesa principal, guardando a última de suas garças de origami. — Não suponho que esteja interessada em um acordo de auxílio em Menak III? - ele abordou Perez-Salazar.

Ela nem se dignificou a dar uma resposta a seu comentário.

Sulu mal notou a passagem da semana seguinte.

Aula seguiu-se a aula, seguida por exercícios, seguidos por refeições. O sono deve ter ocorrido em algum momento entre os dias atarefados, mas honestamente Sulu não se lembrava de todas as noites. O que acontecera na terça-feira era tão distante ou tão próximo do que ocorrera na sexta; Sulu continuou datando suas notas de aula e seus lembretes pessoais apenas para manter o passado em perspectiva. Ele ainda nem sequer pensava em seu futuro.

Só reconheceu quando chegou a segunda-feira porque foi o primeiro dia em que tinha escrito o que iria acontecer depois; seu horário de aulas era o mesmo da primeira segunda e mantivera um registro meticuloso. De algum modo, o passo que estava em velocidade de dobra pareceu-lhe um pouco menos veloz, os instrutores e os cursos um pouco menos confusos com esse horário servindo-lhe de âncora para a realidade. Sulu chegou ao final do dia com um humor muito melhor do que o que tivera durante a semana anterior.

Nenhuma voz o saudou quando ele retornou para o alojamento. Estava um pouco surpreso por ter chegado antes de todo mundo, mas interiormente, admitiu que atravessar o campo saltitando (o tempo estava por demais divertido para permitir-se simplesmente caminhar) provavelmente afetara sua velocidade. Jogou suas notas do curso em sua cama a uma distância de três metros, e então girou para a concessão adjacente e, pegando no batente da porta com uma das mãos, passou dançando por ela.

Ele interrompeu-se de repente quando Poppy chamou-o alegremente:

— Tinha esperança de que você logo chegaria aqui!

Sulu lançou olhares frenéticos em todas as direções, esperando que Coan aparecesse como um anjo vingador e o fulminasse com um olhar. — O que está fazendo aqui? - perguntou com um sussurro alto. — *Como* chegou até aqui? Este é um campus restrito!

O ancião ficou de pé, dando palmadinhas no rosto de Sulu como se suavizasse a preocupação do Alferes. — Todos os homens japoneses velhos

parecem distintos - explicou. — Eu lhes disse que era um Almirante.

— Ah, bom Deus...!

Tetsuo seguiu-o amavelmente quando Sulu o puxou na direção da porta.

— Eles estavam sendo educados antes disso, mas foram *muito* educados depois. Disseram que eu podia encontrá-lo aqui.

— Poppy... - Sulu verificou as duas direções antes de levar seu bisavô para o salão. — Acho que é um ofensa séria personificar oficiais da Frota Estelar!

Tetsuo escarneceu. — Eu não *personifiquei* ninguém - insistiu ele. — Eu nem mesmo lhes disse meu nome!

— Não creio que esta seja a questão. - Quando a porta no final do salão abriu-se, Sulu empurrou Tetsuo contra a parede até dar uma olhada na curva da parede para verificar a presença de um guarda. Um Cadete sênior aborrecido andava para a frente e para trás diante da porta, ocasionalmente lançando olhares para o tempo convidativo lá fora.

— Onde nós vamos?

Sulu colocou sua mão sobre a boca de Tetsuo; o homem idoso silenciou-se obedientemente. — Você quer ser um Almirante? - sussurrou Sulu. Tetsuo deu de ombros. — Não particularmente.

— Bem, faça o que eu fizer assim mesmo... e não *diga* nada!

Sulu não esperou pelo assentimento de Tetsuo. Passando pela porta, jogou os ombros para trás, ergueu o queixo e caminhou propositadamente na direção do guarda no final do salão. O Cadete voltou-se ao som dos passos de Sulu, acenando-lhe um alô cordial enquanto o outro Cadete se aproximava.

Devolvendo a saudação casual do guarda com um assentimento rápido, Sulu mal fitou o jovem ao prosseguir; o amigável "olá!" de Tetsuo foi quase perdido pelo "anda" de Sulu.

Uma vez no pátio, Sulu relaxou o apertão e voltou-se para trazer Tetsuo para mais perto dele. — Eu disse pra não falar! - reclamou, levando-o para bem longe do prédio.

Tetsuo deu de ombros, sorrindo. — Eu esqueci.

Sulu resmungou com fingida frustração e deu um abraço no ancião. — Talvez possamos tirá-lo daqui por incapacidade mental.

Tetsuo riu e devolveu o abraço caloroso de seu bisneto. — Eu sempre pensei que isso seria difícil.

— Mas sério, Poppy, *não* entre de novo desse jeito! Você pode trazer sérios problemas a nós dois.

— Se você o diz. - Ele afastou Sulu e começaram a caminhar. — Então, como vão as coisas?

— Boas - falou Sulu. — Só se passou uma semana... estive muito ocupado para ter uma opinião. - A brisa envolveu-os com o odor do oceano e das últimas rosas; e despenteou os cabelos de Sulu com uma mão quente e amável. — Você poderia ter ligado se era só isso que queria saber.

Tetsuo não respondeu. Sulu fitou seu bisavô quando o ancião colocou a mão na jaqueta e tirou um pequenino quadrado de papel colorido. Ele dobrou-o como uma delicada garça enquanto caminhavam. — Poppy...? - O sorriso no rosto do homem idoso era doce e feliz, como o odor da frágil madressilva logo antes do frio. — Poppy, tem alguma coisa errada?

Os olhos de Tetsuo permaneceram fixos em seu pequenino trabalho. — Estou morrendo, filho - disse sem qualquer preparação.

Sulu não estava seguro sobre como deveria responder a isso, então ele simplesmente passou um braço em volta dos ombros de seu bisavô e sussurrou: — Eu sei, Poppy.

— Não, eu quis dizer de verdade - continuou Tetsuo. — Agora mesmo. - Com a garça terminada, ele colocou-a gentilmente em outro bolso e pegou outro pedaço de papel. — O Doutor Kobrine diz que o tumor está maior. Ele quer me operar.

Uma frieza caiu sobre o coração de Sulu. — E?

Tetsuo fez uma pausa na dobradura, sorrindo docemente para Sulu. — Eu vim aqui porque queria falar com você. Eu queria explicar.

A frieza tornou-se uma mão gelada que se fechava. — Explicar o quê? - Ele não queria entender.

Tetsuo largou a garça feita pela metade a fim de segurar as duas mãos de Sulu. — A operação não vai realmente ajudar em nada. Fará o tumor ficar menor, diz o Doutor Kobrine, mas eles não podem retirá-lo completamente por causa do modo como cresce. Sulu assentiu lentamente. — Eu sei disso...

— Então operar poderia talvez me matar. Isso não tornaria os tratamentos desnecessários, e talvez nem mesmo diminua a velocidade com que o tumor cresce. Tudo o que ela pode fazer, no melhor dos casos, é fazer com que tudo continue por um pouco mais de tempo.

— O Doutor Kobrine é o melhor do mundo - insistiu Sulu, querendo falar antes que Poppy fosse longe demais, querendo fazê-lo entender. — Se ele diz que você deveria fazê-lo, então você deveria! É melhor que nada.

Tetsuo apertou as mãos de seu bisneto e sorriu. — Já não tenho mais tanta certeza disso.

O pânico nadou contra a tristeza. — Por que está me dizendo isso, Poppy? - Sulu perguntou, com urgência. — O que é que você está tentando me dizer?

— Estou tentando dizer, - Tetsuo falou com gentileza, — que cento e

três anos é mais velho do que Deus jamais pretendeu que as pessoas fossem. Dar-lhe alguma coisa parecida com um glioblastoma grau quatro é o modo dele dizer para você se apressar, dar à nova geração um lugar no mundo. - Ele ergueu a mão para tocar o rosto de seu bisneto. — Eu queria que você compreendesse a razão por que eu disse ao Dr. Kobrine parar com os tratamentos, porque eu sei que ninguém mais vai compreender.

O estômago de Sulu deu um nó de puro desespero. — Você não pode parar os tratamentos...

— Eu já parei.

— Não, Poppy! - Ele se afastou, para longe do abraço do ancião, de seu toque. — Você não percebe o que acontecerá? Você não compreende o que fez?

— Eu ganhei um mês, talvez dois, para sentir-me feliz, saudável, e vivo antes de morrer - Tetsuo lhe disse. — Seja lá o que vier depois disso... -Ele deu de ombros. — Talvez ninguém saiba realmente. Mas isso não me amedronta mais.

Sulu sentiu lágrimas pendendo de suas emoções exaltadas. — Você está desistindo! - acusou, furioso. — Você vai desertar de mim só porque está com medo de...

— Não, - Tetsuo interrompeu-o duramente, — eu não estou com medo. Não de morrer. Não desse jeito, pelo menos. Tenho medo de morrer *mal*, filho. Tenho medo de que se esperar... - Dor brilhou em seus olhos de opala. — Eu *amei* minha vida! Eu amei sua bisavó! Amei todos os filhos que tivemos juntos, e todos os filhos deles, e todos os filhos dos filhos de nossos filhos. Eu amei velejar, e o oceano, e o modo como sentia meu rosto depois que o sal e o vento o secava como se fosse areia banhada pelo sol. Amei os animais nos jardins, e aquelas plantas que você costumava trazer pra casa todo o tempo... - Sua voz falhou e ele deu uma risada gentil. Seus olhos focalizaram-se novamente e ele suspirou. — Eu quero dizer adeus a isso tudo enquanto ainda estamos nos falando. Se eu ficar, tenho medo de que aprenderei a odiar viver... então eu realmente não terei nada por quê viver.

Sulu fitou seu bisavô, envergonhado pelas lágrimas frias em seu rosto, envergonhado que o derramar daquelas lágrimas pudesse fazê-lo sentir tanto medo. — O Doutor Kobrine vai impedi-lo.

— Não vai - disse Tetsuo com certeza. — Eu pensei um longo tempo sobre isto. E estou fazendo garças. - Ele mostrou-lhe a garça feita pela metade, púrpura brilhante sob a luz da tarde.

Sulu jogou o papel dobrado longe. — Não me importo com essas suas drogas de garças! - gritou, sua voz trêmula com a dor que se formava em sua garganta. — Eu me importo com você. Poppy! Você disse que viria quando

eu me formasse! Você disse...

— Sinto muito. Mas isso terá que ser feito... terá que ser assim. - Sulu afastou-se quando Tetsuo aproximou-se para tocá-lo. Um solitário desapontamento passou pelos olhos do ancião. — Eu pensei que você, entre todas as pessoas, fosse compreender.

— Bem, eu não compreendo! - Sulu falou. — E jamais vou compreender! Como é que você pode querer morrer? Como pode querer me deixar...! - Ele sentiu mais lágrimas subirem a seus olhos e virou-se antes que a gentil tristeza de seu bisavô o fizesse chorar. — Então vá pra casa e morra se é o que deseja! - gritou. — Não tente me fazer justificar isso pra você!

Quando ele não agüentou e correu para o alojamento, não sabia se queria que Tetsuo o parasse ou o deixasse ir. Mas como sempre, seu bisavô não disse nada.

Foi essa imagem de Tetsuo, abandonado e pequeno no meio do pátio sinuoso, da qual Sulu se lembraria para o resto de seus dias.

— Argh! - Sulu jogou-se em sua cama, não se importando nem um pouco com a lama e a sujeira em seu uniforme para sequer tirá-lo. — Não posso acreditar que alguém realmente *viva* naquelas montanhas! - gemeu para o Cadete na cama próxima. — O que eles dizem? Dois milhões e meio de pessoas só em um dos menores centros culturais?

O uniforme e o equipamento de seu companheiro estavam tão sujos e suados quanto os de Sulu; ele exibia a mesma falta de preocupação com a limpeza de sua cama enquanto esticava-se sobre seu próprio colchão. Todos os Cadetes do alojamento estavam engajados em procedimentos semelhantes.

— Me sinto como se tivesse dormido durante semanas - replicou Sulu. — Depois de dois meses de exercícios à meia-noite e chamadas às seis da manhã, acharia que eu estaria acostumado com isso.

A única resposta do Cadete foi um ronco sonoro.

Sulu fechou seus olhos, liberando o sentimento decadente de relaxamento. Depois de uma semana e meia do outro lado do continente Norte Americano, Sulu dera boas vindas ao outono úmido e frio de São Francisco. Eles haviam sido largado em uma temperatura de dez graus centígrados no norte dos Montes Apalaches, e instruídos para encontrarem seu caminho para uma base pré-determinada "tão logo pudessem". Eles tinham comida e agasalhos suficientes para mantê-los vivos (Sulu esperava), mas fora um rapaz de cabelos brancos e fala esperta, do Estado de Nova York, quem os salvara. Ele reconhecia direções através das estrelas melhor que qualquer outro que Sulu já conheceria; alcançaram seu destino em tempo

recorde, perdendo apenas uma mochila e uma tenda de dormir durante o processo. Sulu, como comandante da excursão, estava claramente satisfeito.

Ele também estava exausto. Aulas, deveres e exercícios demandavam mais tempo e energia do que Sulu acreditaria que possuísse há dois meses atrás, e esta caminhada pelos Apalaches fora apenas a última de uma longa lista. Ele tirava inspiração e energia de cada fonte disponível; conversações revigorantes, amigos recém-feitos, cochilos e refeições frequentes; mas sua grande fonte de força era sua família. As comunicações de casa, principalmente de Poppy, formaram os pilares de sua durabilidade. Ele não percebera como sentiria falta desse apoio até que ele cessara.

Tetsuo o chamara duas vezes depois de sua discussão no pátio. Sulu não respondera a nenhuma das mensagens gravadas, mas a segunda o fez chorar silenciosamente até dormir. — Eu me sinto maravilhoso - Poppy lhe dissera. — Eu me sinto *livre*. Se não posso fazê-lo entender a razão por que isso tem que ser deste jeito, pelo menos seja feliz por mim... eu te amo tanto.

A pior parte disso tudo era que Sulu pensava que talvez *compreendesse*. Sua vida e atividade sempre foram importantes para Tetsuo; as mesmas coisas também eram muito importantes para Sulu. Ele não podia imaginar sua própria vida sem a Frota Estelar, sem velejar, sem pular... Mas se admitisse para si mesmo (e para Tetsuo) que havia dignidade em escolher a hora para morrer, isso talvez parecesse como se o estivesse condenando a ela. E não queria que Tetsuo se fosse.

Sulu rolou sobre a cama, soltando um som gutural de frustração. Os pensamentos infelizes escorregaram para a parte de trás de sua mente, seguindo uma rota bem conhecida após dois meses de afastamentos. Ele aplicadamente tentou dormir antes que pudesse pensar em mais alguma coisa.

Não sabia quanto tempo ficara assim antes de alguém bater em sua cama. — Chamada do Correio! Levante e brilhe!

Sulu lutou para sentar-se, sentindo-se como se tivesse sido envolto em algodão como um múmia. Ele levou uma mão até a fita da mensagem que o outro Cadete lhe apresentava. — Ah... ahn, obrigado...- murmurou meio sonolento.

Mas o carteiro já estava acordando o próximo Cadete na fila. — Chamado do Correio!

Sulu procurou pela origem da mensagem em meio a um bocejo. Quando ele viu o código de transmissão da Califórnia, seu último resquício de sono se desfez. Ele pulou de pé.

Sunside, como Sulu e os outros Cadetes finalmente vieram a descobrir, era a área de recreação para os Cadetes que não estavam de serviço.

Ninguém jamais descobrira uma razão para o nome enigmático, mas, com o tempo, ninguém mais parecia importar-se. Junto com as cadeiras, mesas e os postos de serviço alimentar, Sunside também possuía sete terminais de leitoras.

Os terminais agora estavam desertos. Sulu sentou-se ao mais próximo; sem dúvida nenhuma todos deste grupo ainda estavam se recuperando dos Apalaches selvagens e gélidos.

Seu nome, posto e número de série surgiram, seguidos de um código de transmissão que ele não reconheceu imediatamente. Recostou-se na cadeira e esperou para ver quem o chamara.

O rosto de Arthur Kobrine apareceu na tela, em um aposento que Sulu não reconheceu, e acompanhado por vozes que Sulu jamais ouvira. Toda a esperança dentro dele estacou, mas ele não se atrevia a bani-la ainda.

— Cadete Sulu - disse Kobrine, a voz baixa e estranhamente rouca. — Eu... Eles disseram que você estava fora em manobras. Espero que tenham ido bem. Eu apenas gostaria que eu... eu gostaria que estivesse aqui, filho. Eu preferia dizer-lhe isto, não por alguma máquina...

Kobrine fitou por sobre os ombros ansiosamente, seus olhos seguindo alguma coisa além da capacidade de visão de Sulu. Quando voltou a atenção para ele, seus olhos estavam tristes. — Seu bisavô morreu hoje, filho. Eu não queria deixar-lhe em uma mensagem... muitas mensagens para quando chegasse de volta... Ele só ficou doente na última semana, e apenas realmente doente nas últimas poucas horas... Ele realmente foi feliz, filho. E sentia sua falta. Ele disse para dizer-lhe... - Kobrine baixou o olhar, limpando os olhos com as costas das mãos. — Ele disse que o amava... - finalmente falou, infeliz. — Que sempre o amou e sempre amaria... Ele deixou um bando daquelas garças de papel que ele costumava fazer todo o tempo. Mil delas, ele disse... Falou que você compreenderia... - Alguém de trás o interrompeu novamente; o Doutor Kobrine assentiu e então levantou o rosto triste novamente. — Tenho que ir. Sinto muito dizer-lhe desta maneira. Me ligue para o hospital, se quiser. Sinto muito, filho... - A transmissão terminou em uma parede branca alta de corredor enquanto um intercom distante chamava o Doutor Kobrine para cuidar de algum paciente que ainda estava entre os vivos.

A pedra em que Sulu estava deitado era muito fria, amaciada por séculos de interação com o oceano e com as plantas de penugens verdes que prendiam-se a ela em busca de apoio. As folhagens estendiam-se em gavinhas longas em torno de músculos, pedras e moluscos para descaírem

nas piscinas monolíticas como ondinas cansadas; Sulu as sentia, frias e úmidas, sob seu estômago, enquanto fitava o mar glacial. Como a barrilha, o fluxo da maré encontrou o jovem Cadete sem forças para levantar-se.

O oceano parecia-lhe o único descanso depois da horrível mensagem do Doutor Kobrine. Sulu deixara Sunside sem sequer se preocupar em remover a fita da leitora. Parando no alojamento apenas tempo suficiente para retirar uma caixa volumosa de dentro de seu armário, saíra do alojamento, do pátio e da Academia sem falar com nenhuma alma viva.

Agora a caixa cortava-lhe o peito, posta entre seu corpo ainda dolorido e a rocha fria e coberta de barrilhas. Sulu esvaziou o conteúdo da caixa na maré vazante; a última das garças do tamanho de seu dedão haviam sumido de sua visão há somente uma hora atrás. Prateadas, brancas, transparentes, arco-íris, azuis... Ele as fizera com qualquer material que lhe caísse nas mãos. Quando estava no alto dos Apalaches, fizera mais de uma dúzia com as tiras protetoras púrpuras e brancas de suas rações. Ele as fizera contra o número crescente que sabia seu bisavô colecionava. Fizera-as em desesperada necessidade por um milagre, agora que tanto a ciência quanto o amor haviam-lhe falhado. Fizera seiscentas e quarenta e quatro antes de Poppy terminar sua milésima garça e acabar com sua corrida silenciosa. Agora, a brisa da noite soprara suas pequeninas garças para o mar aberto como seiscentas almas desaparecidas, deixando apenas Sulu e uma caixa vazia para trás.

Não havia luz e ficou completamente escuro antes que Sulu pudesse levantar-se. Ele se sentia rígido e doente, cansado, parte um legado da rocha fria a que estivera abraçado, parte o vazio emocional que consumira seu coração como um fogo moribundo. Caminhou com passos macios e descuidados, subindo pelos bancos pontiagudos, passando pelos longos cursos verdes e descendo as calmas ruas iluminadas pelas estrelas. Depositou a caixa em uma lata de lixo enquanto caminhava.

O pátio da Academia estava quente e bem iluminado quando ele chegou. Movendo-se pela iluminação quase tão clara quanto a do dia, alguma coisa semelhante a constrangimento cresceu em Sulu e o fez limpar sem resultado a frente de seu uniforme. Alguns poucos pedaços de planta desalojaram-se para caírem molhadas nas pedras a seus pés. Sulu desejou ter pensado em sua aparência antes de ter-se estirado na rocha, mas não podia dizer verdadeiramente que sequer pensara em *qualquer coisa* a não ser em algum modo de libertar as garças que tentara conter. Nesse momento, isso parecera-lhe tremendamente importante.

Quando passou pela entrada dos alunos, o guarda de serviço assentiu-lhe um reservado: — Boa noite. - Sulu retribuiu a saudação mas não parou; ele

ouviu o Alferes abrir o painel do intercom pouco antes dele entrar no salão.

Coan o aguardava, encostada contra a parede do lado de fora do alojamento.

— Boa noite, Comodoro.

Mesmo seus olhos escuros pareciam frios à meia-luz. — Parabéns - disse calmamente. — Você acabou de acumular um bolo de deméritos que levarão uns três anos para serem recuperados.

As lágrimas formaram-se novamente dentro dele, e ele fez de tudo para mantê-las fora de sua voz. — Eu sei, senhor.. Sinto muito.

— Guarde seus "sinto muito" para seus pais - contrapôs ela. O desapontamento e a raiva em seu rosto machucaram-no muito mais do que suas palavras. — Isto aqui é a Escola de Comando. Não me importo nem um pouco pelo que você se desculpa... eu me importo muito com o que você faz! - Ela se afastou da parede com um movimento brusco e zangado e começou a descer o corredor. — Entre e vá pra cama. Faremos uma simulação amanhã pra qual você vai precisar estar descansado.

— ...Obrigado, senhor... - Ele falou tão suavemente que duvidava que ela ouvira. E mesmo que tivesse ouvido, sabia com certeza que ela não se importava.

— ...incluindo responder a incidentes gerados pelo computador como os que qualquer Capitão de nave estelar está apto a encontrar - continuou Coan, interrompendo seu caminhar no salão de conferências para sentar-se à ponta da plataforma. — O comandante da *U.S.S. Exeter*, sua nave no decorrer desta simulação, foi escolhido esta manhã por nosso computador muito sábio e informado. - Ela ergueu o queixo para encontrar o olhar de Sulu do outro lado do longo salão. Ele não sabia se devia sentir-se horrorizado ou elogiado. — Está pronto para assumir seu posto, Capitão Sulu?

Todos voltaram-se para ele, alguns para sorrir, outros para fitá-lo. Sulu apenas balançou a cabeça teimosamente e disse: — Eu não quero ser o Capitão.

O olhar de raiva desapontada de Coan na noite passada brilhou brevemente em seu ser novamente. — Então por que você está na Escola de Comando?

— Quer dizer...

— Não me importa o que você quis dizer. Você é o Capitão desta simulação. Você estará em comando total e completo, mesmo sobre os oficiais de linha que concordaram em ajudá-lo com isto. Lembre-se disso, não importa o que aconteça. - Ela então se levantou e anunciou à turma toda:

— Estejam no convés do simulador em vinte minutos. Não se atrasem! Dispensados.

Sulu continuou sentado, fitando as mãos, enquanto o restante da turma enfileirava-se para sair pelas portas. Seu coração ainda doía por causa de ontem; esta manhã sentira falta de criatividade para decidir que roupa de baixo pôr, quanto menos a rapidez necessária para comandar uma simulação adequadamente. Ele, porém, sabia que Coan sentiria pouca simpatia por tais sentimentos; quando os últimos estudantes entraram nos simuladores, Sulu chegou com eles.

Estavam dividido em sete grupos diferentes de variados tamanhos e composições. Quatro oficiais (dois comandantes e dois capitães) cumprimentaram a tripulação da ponte de Sulu, no Simulador VI e designaram-lhes suas posições. Sulu sentou-se hesitante na cadeira de comando, sentindo como se estivesse em algum lugar que não devesse e que logo viria alguém para expulsá-lo dali. Contudo, ninguém o fez e o simulador logo foi lacrado e estava pronto para iniciar a simulação.

Luzes, cheiros e sons envolviam Sulu de todos os lados. Ele ouviu relatórios de situação de seções distantes da nave inexistente, conversas pouco importantes nos canais do intercom, sensores soando suave e pacificamente sob os barulhos mais estridentes do computador. Era tão ativo, tão *real!* Seu coração acordou, mesmo que só um pouco, como se respondesse a algum clarim semi-ouvido; agarrou os braços da cadeira à procura de força.

— Piloto - disse, tentando passar vivacidade e no entanto conseguindo uma espécie de ansiedade sem fôlego. — Qual é nossa direção atual?

O Cadete no leme fitou a Oficial que lidava com a navegação. Completamente dentro de seu papel, ela simplesmente ergueu uma sobrancelha inquisitiva e voltou-se para suas próprias equações. Assentindo, o piloto relatou a direção, então acrescentou por conta própria: — Isso nos levará a quinze ponto sete parsecs da Zona Neutra Klingon, senhor.

Sulu estava certo que esse detalhe importava. Girando sua cadeira, confrontou seu Primeiro Oficial. Encostou-se mais em sua cadeira em surpresa e alarme ao ver Perez-Salazar sentada no posto executivo próximo às portas do turboelevador. — Primeiro Oficial Perez-Salazar - disse ele, recobrando-se, — qual é a natureza de nossa missão neste setor?

Aparentemente muito mais confortável com sua posição nesta simulação, ela consultou seu computador brevemente. — Escolta rotineira — relatou. — Devemos entregar suprimentos na Estação F9 em quatro dias.

— F9 está na Zona Neutra?

Perez-Salazar sorriu sem humor. — Se pudéssemos *cortar* pela Zona

Neutra, chegaríamos em F9 em doze horas.

— Sei... - Sulu rodou sua cadeira novamente para a frente, apenas para lembrar-se de dizer: — Obrigado, Senhor Perez-Salazar.

O piloto e a navegadora olhavam-no em expectativa. Sulu lançou-lhes um sorriso confiante e insistiu: — Navegador, estabeleça um curso em volta da Zona Neutra para encontro com a Estação F9. Piloto, a frente, fator dobra três.

— Curso estabelecido e seguido, senhor.

— Dobra três, senhor. Estabelecida.

Sulu recostou-se um pouco mais confortavelmente na cadeira. — Muito bom. Continuem.

Ele mal tivera chance de acostumar-se à sua condição recém-descoberta antes da Oficial de Comunicações virar-se de seu posto e dizer: — Estou recebendo uma transmissão... - Ela tocou seu transmissor de ouvido e franziu a testa. — Está muito confuso, senhor... e está no canal de emergência...

Sulu descruzou as pernas e sentou-se reto na cadeira. Uma chamada de emergência! Esta simulação estava se tornando bastante interessante na verdade. — Ponha no áudio.

A Oficial de Comunicações obedeceu; uma parede instável de estática encheu a pequena ponte. — ...*Maru*, dezenove períodos fora... seis... - A voz era britânica, aguda tanto pela distância quanto pela preocupação. — ...*Mayday! Mayday! ...cargueiro de combustível neutrônico Kobayashi Maru*, dezenove... fora de Altair... Atingimos uma mina gravitacional... toda força, muitos mortos...

— Mina gravitacional...? - sussurrou um dos Cadetes.

A Capitão nas navegações assentiu desolada. — Não sei quem as deixa, sei apenas que destroem barbaramente naves de passageiros e cargueiros.

— Atingem um bom número de naves estelares também - um Cadete da Engenharia assentiu.

— ...*falha no casco... Estão ouvindo?... Mayday! Mayday!...*

Sulu sinalizou para que comunicações estivesse pronta para responder-lhes. — *Kobayashi Maru* - declarou ele, — aqui é a *U.S.S.Exeter*. Qual é sua posição?

— ...*nós o ouvimos, Exeter... Setor Dez...*

Sulu fitou sua navegadora, que estremeceu. — Na Zona Neutra, senhor. Sulu interrompeu as próximas palavras que pretendia dizer.

— ...*Exeter*, estamos perdendo ar... pode nos ajudar? ...Desligo.

— Senhor - Comunicações finalmente reagiu, — deseja responder?

A Zona Neutra. — Piloto - disse Sulu, mais suavemente, — faça-me uma sondagem de longo alcance nesse setor. O que obtém?

O piloto mordiscou seu lábio inferior, então finalmente balançou a cabeça. — Poeira, gás... Estou pegando muita interferência...

— Há uma nave lá fora?

— Eu... eu *acho* que sim, senhor...

Isso não ajudava na decisão. — Você *acha* que sim?

O piloto abriu a boca de novo, como se estivesse pronto para fazer um comentário mais direto, então sondou as leituras novamente e suspirou. — Eu não sei, senhor.

Como Sulu não dissesse nada por vários instantes, Perez-Salazar pressionou: — Capitão, a *Kobayashi Maru* está aguardando sua resposta.

Sulu assentiu, lenta e formalmente. — *Kobayashi Maru*... Você é um cargueiro civil?

— *Cargueiro de combustível neutrônico... trezentos passageiros. Exeter*, qual é o problema?

— O que está fazendo na Zona Neutra?

Desta vez a resposta demorou a vir. — *...não sabemos... devemos ter perdido o curso... Exeter*, pode nos ajudar...?

Sulu engoliu em seco, sentindo uma dor no estômago que lhe dizia que tudo o que estava para fazer era errado, mas alguma coisa dentro dele sabia que era sua única escolha.

— *Kobayashi Maru*, - respondeu calmamente, — sinto muito. Não podemos ajudá-los. Temo que esteja por conta própria. - Ele sentiu sua pequena tripulação agitar-se como abelhas inquietas, mas ninguém lhe disse nada. — Entrar na Zona Neutra Klingon com um uma nave estelar da classe *Constitution* poderia ser considerado como um ato de guerra. Um conflito interplanetário com os klingons resultaria na perda de milhões de vidas, e... esse é um risco que não estou disposto a correr pelas vidas de alguns poucos... Eu sinto muitíssimo mesmo.

— *...você é louco? Estamos morrendo!*

— Sinto muito.

— Capitão, estou... - A Oficial de Comunicações recuou ligeiramente quando Sulu voltou-se. — Isso é mesmo idiotice - disse ela, saindo da simulação. — Eu acho que devíamos entrar.

— Ela está certa - interferiu o piloto. — Você não pode simplesmente deixá-los lá.

— Nós os estamos deixando. - Sulu não podia acreditar que sua voz soasse tão calma e segura. — Você tem seu curso, moço.

— Ahn... - A navegadora, rindo suavemente, virou-se de seu painel. — Você não pode fazer isto - começou.

— Eu sou o comandante - lembrou-lhe Sulu firmemente. Mas suas

entranhas rolavam, e ele não se atrevia a levantar-se da cadeira de comando, para que pudessem ver como ele tremia terrivelmente. — Tenho controle sobre esta nave, e tomei minha decisão. - *Uma decisão difícil, uma decisão horrível, uma decisão que significa que todas aquelas pessoas irão morrer!* A navegadora assentiu e voltou-se para seu posto.

— Ouça, Sulu, - interrompeu o Cadete no Posto de Segurança, — nós supostamente estamos na Frota Estelar. Nós deveríamos vigiar e proteger!

— Evitar uma guerra...

— É covardia! A *Kobayashi Maru* está a menos de cinquenta parsecs na Zona Neutra... poderíamos entrar e sair de lá antes mesmo dos klingons sequer saberem que entramos!-

— Eles podem saber. - Ninguém o interrompeu, então Sulu continuou.

— O que a *Kobayashi Maru* estava fazendo na Zona Neutra, afinal? Por que não podemos sondar-lhes as coordenadas claramente?

— O fator de ionização... - começou o piloto, mas Sulu o cortou.

— Possivelmente. Ou uma armadilha klingon. Talvez não haja nenhuma nave para ser resgatada.

O Cadete no Posto de Ciências jogou as mãos para o alto em desgosto. Sulu notou com alguma irritação que era a Federação da simulação de Diplomacia Galáctica do primeiro dia. — Isso é tão absurdamente paranóico! - exclamou o Cadete. — Quer dizer então que, como Capitão de uma nave estelar, você calcaria todas as suas decisões em questão de "talvez"?

Sulu fitou-o, inseguro de como responder-lhe. — O que mais há para se fazer?

Protestos surgiram de toda a ponte, alguns a favor de sua decisão, a maioria empaticamente em oposição. Sulu continuava esperando que a tela visual que ia do teto ao chão se abrisse como uma ostra e os devolvesse a todos para Coan e para o mundo real; ele estudou as estrelas exibidas na tela e esperou.

— Senhoras e senhores! - uma voz interrompeu-os acidamente atrás dele. — Isto é *motim!*

O burburinho interrompeu-se como uma transmissão cujo sinal tivesse sido subitamente perdido. Todos os pensamentos no cérebro de Sulu simplesmente deixaram de existir e lentamente girou a cadeira enquanto Perez-Salazar perguntava: — Devo contatar a Segurança, senhor, e fazer com que esses patifes sejam jogados na cela? - Ele apenas piscou para ela.

— Acalme-se, Mate - murmurou o Cadete de segurança.

Os olhos dela banharam-no com fúria orgulhosa. — Se vamos tratar esta simulação como realidade para os propósitos de resgatar a *Kobayashi Maru*,

então também devemos tratar nossos oficiais realisticamente. - Ela voltou-se para todos eles, franzindo a testa e mostrando-lhes seu desgosto.

— Se esta é a maneira como responderiam de verdade a seus comandantes e colegas, eu nunca quero servir em uma nave estelar com *nenhum* de vocês! Seus olhos escuros fitaram Sulu e ele sentiu o implícito "*Com exceção de você*" naquele olhar. Orgulho e vergonha, estranhamente interligados, fecharam-lhe a garganta além da capacidade de responder.

— Como vocês se *atrevem*? - continuou ela, dando um passo a fim de ficar à mão direita dele. — Como *qualquer um* de vocês presume que a atitude dele foi um ato de covardia? Você! - Ela apontou um dedo para o Cadete nas comunicações. — Salve sua nave ou salve você mesmo. Escolha! Agora!

Ele abriu a boca, fechou-a, então abriu-a novamente e balbuciou: — Eu... minha... minha nave!

O franzir de sobrancelhas que escureceu o semblante latino de Perez-Salazar traiu-lhe a opinião sobre sua decisão. — Você diz isso porque realmente deseja salvar a nave ou porque está com medo de escolher a opção mais egoísta?

O Cadete não ofereceu uma resposta.

— Não importa quão nobre essa escolha pareça a você ou aos outros, *essa* foi uma decisão covarde - ela lhe disse. — Pois para se ser verdadeiramente nobre, você precisa escolher a morte pois viver de qualquer outro modo é impensável.

Sulu perdeu o fôlego abruptamente, sentindo como se tivesse sido chutado por dentro, profunda e firmemente. — Senhor Perez-Salazar... Ela voltou-se, digna e orgulhosa, ao seu chamado.

— Isso bastará... Obrigado.

Ele não afastou os olhos quando ela parou para examiná-los com franqueza dolorosa. — Sim, senhor. - Passar em revista deixou-o de algum modo estranhamente contente.

— Comunicações, - disse ele, voltando-se para a frente, — contate a Estação Espacial mais próxima e dê-lhes os detalhes sobre a *Kobayashi Maru*. Se a Frota Estelar conseguir localizar um representante klingon a tempo, talvez ainda seja possível salvar o cargueiro. Nesse meio tempo, temos suprimentos a serem entregues. Piloto?

Apenas a navegadora ousou um frio — Sim, senhor - em compreensão. Mas todos voltaram-se para seus postos sem reclamações.

— Espero que ele saiba o que está fazendo - o Oficial de Ciências sussurrou para alguém que estava fora da visão de Sulu.

O Alferes permaneceu com os olhos fixos nas estrelas e fingiu não ter

ouvido. *O que tem que ser feito*, disse a si mesmo gentilmente. *Eu compreendo agora, Poppy... Eu compreendo, honestamente...*

Brutal. Ele resolveu que essa era a melhor palavra do mundo para descrever a palestra e a revisão que se seguiu à simulação do *Kobayashi Maru*. Coan repassou os acontecimentos em um monitor de grande escala (constrangendo tanto Sulu quanto todos os outros que estavam na ponte), e então a turma discutiu suas opiniões e sugestões relativas ao curso de ação do jovem Alferes. Enquanto a Comodoro estava estudadamente sendo imparcial no debate, a tripulação da ponte não estava mais tão hostil no final da aula; Sulu sentia que tinha uma boa idéia do que Coan achara de sua decisão. Essa compreensão o deixou orgulhoso.

O vento do pátio era intenso e frio, mas a luz do sol pulava de uma quadra pintalgada de granito para a próxima enquanto Sulu cruzava a praça de pedra branca. Parecia-lhe pecaminoso estar tão contente menos de vinte e quatro horas depois de ter ouvido sobre a morte de Tetsuo, mas Sulu pensava que Poppy entenderia, e talvez até mesmo aprovasse.

Ele viu que Perez-Salazar caminhava sozinha, como sempre, uma meia dúzia de passos à frente dele. Oscilando apenas brevemente entre aproximar-se dela e fingir não tê-la visto, seus pés solucionaram-lhe o dilema acompanhando-lhe os passos até encontrar-se acompanhando-lhe o andar firme e determinado. — Oi!

Ela o fitou belicosamente e ele continuou antes que ela pudesse falar. — Gostaria de agradecer-lhe por ficar do meu lado durante a simulação. Foi de grande ajuda.

Ela olhou novamente para a frente e deu de ombros. — Não o fiz para seu benefício. - Seus olhos quase o fitaram, mas ela pareceu lembrar-se a si mesma e dirigiu-os para longe de novo. — Você simplesmente estava certo, só isso.

Sulu sorriu. — Eu tive um bom professor. - Ela não perguntou-lhe mais informações; ele considerou que isso poderia significar que ela não queria mais falar com ele, mas decidiu que não queria mais que esse jogo fosse jogado segundo as regras dela. — Meu bisavô compreendia muito bem responsabilidades e coisas que simplesmente precisavam ser feitas. - A dor infligida pelo assunto mal foi equilibrada pelo amor que sempre sentiria pelo ancião. — Você teria gostado dele - disse-lhe. — Era um homem muito forte.

— E um homem sábio - falou Perez-Salazar. — Um homem muito sábio, se ensinou-lhe estas coisas tão bem. - Sua voz era tão fria quanto sempre fora, mas Sulu ainda assim sentiu-se aquecido por suas palavras.

— Sim - admitiu. — Um homem muito sábio. Ele ensinou-me a

diferença entre brincar de herói e ser responsável... e como às vezes as duas coisas podem ser a mesma. - Ele continuou acompanhando-lhe os passos enquanto se aproximavam do prédio principal, sem desejar quebrar esta recém-encontrada ligação com Perez-Salazar, mas inseguro de como continuar com ela. Quando entravam na longa sombra cinzenta do prédio, ele perguntou bruscamente: — Você já viu a Velha São Francisco?

Ela fez uma pausa em sua caminhada e surpreendeu tanto Sulu que ele quase ultrapassou-a. — Não - disse ela, secamente. — Por quê?

— Bem, sou um *grande* guia nativo - informou-a com um piscar. — Poderíamos pegar passes para esta noite e eu mostrarei o Parque da Golden Gate, e o Cais de Fisherman e o Palácio de Belas Artes. - Ele viu alguma coisa como pânico mover-se em seus olhos e emendou: — Sem laços. Apenas um agradecimento... De verdade.

O pânico amainou, deixando apenas um vestígio de sorriso em seu rosto; o sorriso a deixou muito bonita. — Tudo bem. Eu o encontrarei aqui depois do jantar.

— Grande! - Sulu botou as mãos no bolso e pegou a pequena garça de papel amassada que dobrara durante o debate sobre sua decisão em seu *Kobayashi Maru*. Ele a deu de presente para Perez-Salazar com um floreio.

— Redenção por um *tour* explosivo.

Ela a pegou como se fosse uma meia suja. — Este é um daqueles patos - reclamou ela, mas não tão severamente quanto sugeria sua expressão. — Você os fez durante toda nossa primeira simulação.

Lisonjeado por ela sequer tê-lo *notado* durante a confusão da Diplomacia Galáctica, ele escondeu seu constrangimento atrás de uma expressão de resignação. — Elas não *são* patos! *São garças!*

— Garças?

Sulu fechou-lhe a mão em volta do pequeno objeto e explicou-lhe pacientemente: — No Japão Antigo, as garças eram reverenciadas por sua graça e beleza. Tinha-se a crença de que se você fizesse mil garças de papel enquanto estivesse meditando, você poderia realizar um milagre.

Perez-Salazar abriu a mão apenas pelo tempo suficiente de lançar um olhar para a ave de origami, então sorriu de modo ainda estonteante que antes. — Funciona?

Uma onda de dor e amor dominou-o novamente. Sulu pensou em Poppy e assentiu. — Eu acredito que sim - disse-lhe com sinceridade. — Eu realmente acredito que possa ser verdade.

SETE

HALLEY

É, ele estava certo, refletiu Kirk, descontente. *Não foi engraçado*. Ele fitou a porta da câmara de descompressão e desejou que Scott se apressasse.

— Seu bisavô deve ter sido um homem excepcional — McCoy finalmente disse suavemente. — Eu me sentiria honrado em tê-lo conhecido.

Alguma coisa semelhante a um sorriso repuxou os lábios de Sulu. — Espere um pouco, Doutor — confidenciou-lhe fracamente. — Talvez ainda tenha a sua chance.

— *Capitão? Nave auxiliar?*

A voz de Scott vinda da cabine dianteira chamou a atenção de todos. Chekov levantou-se de seu lugar atrás de Sulu e trotou até a frente enquanto o Engenheiro relatava: — *Estou... com alguns sérios problemas aqui, Capitão, uma tempestade de poeira, ou uma nuvem, ou alguma coisa... Eu tinha acabado de quebrar minha cauda para remendar um condutor que foi rasgado pela poeira e...* — O canal não falhou; Kirk ouviu Scott xingar baixinho antes de continuar: — *Estou correndo o mais rápido que eu posso* — o escocês finalizou severamente. — *Mas acho... Bom, é melhor não esperarem por mim.*

McCoy lançou um olhar assustado para Kirk. — O que ele está dizendo? O que isso significa?

Kirk agarrou o encosto de seu assento e desejou pela milionésima vez que ele não estivesse ferido. — Traga-o para dentro — ordenou firmemente.

— ... Eu *sabia...*! — Chekov vacilava no batente, parecendo pálido e abalado. — *Eu deveria estar lá fora, não ele!*

— Chekov! — cortou Kirk. O Tenente parou, corado pelo embaraço. — Traga-o para dentro! Rápido!

— Com o quê? — insistiu McCoy. — Jim, nós não temos um rádio! Chekov inclinou-se para o armário dos trajes perto da saída. — Sim, nós temos! — arfou. — Meu Deus, nós temos seis rádios!

Kirk não podia acreditar que nenhum deles tivesse pensado antes nos rádios dos capacetes. — Ótimo, Chekov!

— Scott? — Chekov mantinha a porta do armário aberta com um pé enquanto ele ligava o rádio de um dos capacetes com a mão. — Senhor Scott! Pode ouvir?

— *Mantenha-se fora do meu ouvido, Chekov!* — A voz de Scott respondeu impaciente. — *Estou tentando me concentrar!*

— Não — Chekov contrapôs, — volte pra dentro. Você pode terminar quando a tempestade de poeira passar.

A risada quente e rica de Scott estava mais aguda pelo nervosismo e pela distância. — *Não posso esperar tanto, rapaz, e você sabe que eu não posso. Agora cale a boca e me deixe trabalhar.*

— Você não ouviu a história de Sulu? — Chekov perguntou ao Engenheiro. — Atos heróicos nem sempre ajudam!

— *O que é que você está balbuciando?*

Kirk gesticulou para chamar a atenção de Chekov, balançando a cabeça. — Deixe-o trabalhar...

Chekov levantou a cabeça ao ouvir a voz de Kirk, e um guincho agudo de retrocarga rebentou na frente da nave. McCoy praguejou causticamente; Chekov girou para longe do capacete em suas mãos. Quando o clamor aumentou e foi-se embora, a voz de Scott penetrou a estática resultante com um grito agudo e amedrontado.

Chekov puxou o capacete para perto dele novamente. — Scotty!

— *Estou com um buraco no traje! Ah, DIABOS! Chekov! Ouça, rapaz, você tem que...*

O canal aberto foi engolfado pelo silêncio. O capacete do traje de Chekov bateu no convés quando o Tenente começou a tirar sua jaqueta de serviço rapidamente. Jogou a jaqueta na primeira fileira de cadeiras e começou a vestir um traje sem nem mesmo pedir permissão para ir.

A nave rugiu e estremeceu levemente, repetido por uma informação curta e ressonante ao longo do casco de boreste e um baque emudecido. Uma sensação de movimento quase imperceptível fez a cabeça de Kirk girar. Ele percebeu então que a destruição da *Halley* fora evitada; Scott conseguira liberar o cilindro.

— Onde é que você *pensa* que vai? — A voz de McCoy trouxe a atenção de Kirk de volta para o compartimento. — Chekov, não seja idiota!

O Tenente já estava vestido pela metade, verificando com rapidez a pressão e os selos. — Fique aqui dentro, Senhor Chekov — Kirk ordenou secamente.

Chekov nem mesmo levantou a cabeça do que estava fazendo. — Eu não vou deixar a câmara — prometeu. — Se eu não puder vê-lo, eu voltarei logo para dentro.

— Chekov... — Mas o pensamento de abandonar Scott deu um nó no estômago de Kirk; dificilmente causaria mais problemas deixar Chekov aliviar sua consciência indo verificar.

— Nós precisamos de alguém nesta nave além de mim que não esteja incapacitado... — McCoy sentou-se com a jaqueta de Chekov em seu colo,

transformando a vestimenta em um bolo compacto com suas mãos nervosas. — Chekov, *você não ouviu a história de Sulu? Algumas vezes você tem que sacrificar. Perder vocês dois não ajudará ninguém!*

— Eu *sei disso!* — gritou Chekov, batendo a porta do armário com uma mão já vestida. — Você acha que eu não sabia disso *antes de o mandarmos lá pra fora?* — Ele acalmou-se abruptamente; Kirk o observou respirar quatro vezes de modo profundo e premeditado antes de começar a procurar o capacete caído. — Mas não podemos nos dar ao luxo *de perdê-lo*, também — Chekov finalizou calmamente. — Essa é a diferença entre salas de aula e realidade.

— Vá então. — Kirk interrompeu o que quer que McCoy estivesse para dizer. — Mas tenha cuidado.

Chekov apenas assentiu. Passando a mão pelos grandes controles ao lado da porta da câmara de descompressão, ele inspecionou os selos de seu capacete uma última vez enquanto aguardava que a porta se abrisse. Kirk estava para perguntar sobre o por quê da demora quando Chekov olhou para cima com a testa franzida e tocou novamente no painel deselegante.

Alguma coisa parecida com dor passou pelo rosto do Tenente enquanto ele fitava o painel. O coração de Kirk murchou dentro dele. — O que foi? Qual é o problema?

— Eu... — Chekov meneou a cabeça lentamente. — Não posso acessar!

McCoy endireitou-se em sua cadeira. — O quê?

— Ela não vai me deixar entrar! — Chekov gritou feliz. Ele jogou o capacete para trás dele de novo. — A câmara de descompressão, está girando! Ele está vivo!

McCoy já estava de pé ao lado de Chekov quando a luz de condição na porta da câmara tornou-se verde. Chekov arrancou fora suas próprias luvas enquanto a porta se abria; era tudo o que os dois homens podiam fazer para pegar Scott quando o Engenheiro cambaleou e começou a cair.

— Scotty, mova sua mão! — Ordenou McCoy, tentando libertar a mão que Scott prendera logo acima de seu cotovelo esquerdo.

A mão moveu-se, mas não em resposta a McCoy, Scott segurou o pulso de Chekov quando o Tenente chegou para quebrar os suportes do capacete de Scott. Um rasgão de seis centímetros de comprimento marcava o braço do traje, revelando a túnica manchada de sangue logo abaixo. McCoy colocou sua mão na abertura enquanto Scott gesticulava freneticamente para seu ombro esquerdo para Chekov. O Tenente assentiu em compreensão.

— Ei! Espere um instante! — o Doutor protestou quando Chekov o empurrou para fora do caminho. — Este homem está ferido!

— Ele também tem um buraco no traje — Chekov respondeu rápido. —

Há juntas nesses trajes que se trancam para minimizar a perda de ar. Elas também cortam a circulação. — Ele virou os olhos para o visor de Scott e perguntou em voz alta: — Pronto?

Parecendo completamente infeliz, Scott simplesmente assentiu.

Chekov girou alguma coisa no ombro do traje e o selo abriu-se com um estalo surdo. Scott jogou a cabeça para trás com uma expressão de dor profunda, então escorregou molemente para o chão entre Chekov e McCoy.

— Ele está bem? — Kirk perguntou ansioso.

McCoy assentiu do lugar em que ainda se inclinava para tratar do braço de Scott. — Veja dessa maneira. É longo, mas limpo, e não muito profundo. — Ele deu um sorriso tosco para Scott enquanto Chekov removía o capacete do Engenheiro. — Tanto para os heroísmos, hein, Senhor Scott?

O sorriso de Scott parecia fraco e triste em seu rosto pálido. — Sem mais heroísmo, Doutor, *isso* eu posso lhe prometer...

— Você conseguiu livrar a nacele? — Kirk queria saber.

Scott assentiu. — Fui atingido em bom tempo, logo quando já estava pronto para voltar. Ela foi liberada e está a caminho. — Ele riu. — Ela também deve produzir uma bela apresentação de fogos quando acertar seu destino.

— Muito bom, Senhor Scott — disse-lhe Kirk, sorrindo. — Eu lhe darei uma promoção por isto.

— Eu trocaria por uma semana de folga com vencimentos — replicou o Engenheiro.

— Feito.

— Senhor...? — Sulu agitou-se um pouco, mas não abriu os olhos. — O senhor realmente pensa que a *Enterprise* verá o brilho?

Kirk suspirou, temeroso em fazer uma promessa. — Eu não sei, Senhor Sulu — admitiu finalmente. — Teremos que simplesmente esperar pra ver.

Uma luz branco azulada banhou a nave quase uma hora depois, cegando Kirk e Chekov, que observavam o evento pelas janelas de boreste. — Você acha que conseguiu? — McCoy queria saber.

— Conseguiu alguma coisa — Chekov replicou cinicamente. — Temos apenas que esperar que tenha atingido o asteróide certo.

Scott estirou-se para descansar em uma das últimas fileiras de cadeiras; quando um espetáculo brilhante de fagulhas e lampejos começaram a precisamente meia hora após a explosão, o Engenheiro apenas comentou: — Eu diria que atingimos o asteróide certo — e voltou a dormir.

Seguiu-se uma hora de tensa inatividade, mas a *Enterprise* não apareceu.

— Talvez Spock queira ter certeza antes de chegar tão próximo ao planeta — McCoy sugeriu sem entusiasmo.

Scott foi o único que respondeu. — Mais certo, a energia da explosão que passou pelo sistema gravitacional não foi suficiente para registrar-se como algo digno de ser notado pelos sensores da *Enterprise* — o Engenheiro explicou triste. — Não parecemos nem um pouco diferente de tudo o mais que acontece lá fora.

— Significando? — pressionou McCoy.

— Significando nada — disse Scott. — Nada mesmo.

Ninguém mais se importou em especular sobre a ausência da *Enterprise*. O estômago de Kirk o embaraçava quando, volta e meia, pontuava o silêncio com roncões sonoros; logo desistiu de desculpar-se. Todos eles estavam com fome, cansados e deprimidos. Ele tentou não lembrar-se de que todas essas condições logo terminariam.

— Como está se sentindo, Scotty? — perguntou, só para quebrar o silêncio.

Scott olhou para cima de sua cama improvisada e cocou seu braço esquerdo enfaixado. — Bem o bastante — ele disse. — Mas eu não vou lá fora de novo!

Kirk sorriu. — Não creio que precise fazê-lo.

— Você tem uma história do *Kobayashi Maru*! — McCoy indagou da fileira da frente. — Ainda temos tempo a preencher.

Scott sentou-se com um suspiro, encolhendo-se quando seu braço ferido raspou nas costas de uma cadeira. — Suponho que eu poderia gastar um bocadinho de tempo com a história.

Chekov fitou-o honestamente surpreso. - *Você fez o Kobayashi Maru!*

Scott franziu o cenho para ele. — Não, eles simplesmente deixam *qualquer* Engenheiro ficar na ponte quando o capitão não está! — Ele suavizou suas palavras com um sorriso. — Eu tive minha parte da escola de comando. É só que eu não a fiz muito bem.

— Com as tendências destrutivas que o *resto* desta tripulação mostrou — comentou McCoy, — eu poderia achar que qualquer coisa que *você* fez quando cadete seria exemplar.

Scott balançou a cabeça e preparou-se para contar a história. — Doutor, quando se trata de tendências destrutivas, estas crianças não têm *nada* a ver comigo...

OITO

NA TEORIA

— Se aqui fosse a Escola de Graduação, Sr. Scott, eu teria que tirar-lhe esses desenhos.

Scott apressou-se em esconder seus papéis entre as mãos abertas, fazendo uma linha sem sentido ao longo da margem esquerda de seu diagrama no processo. O Almirante Howell sorriu indulgentemente da frente da mesa de Scott; foi quando ele percebeu que o restante de seus colegas de turma já tinham ido há muito tempo. Sentiu seu rosto começar a pegar fogo. — Ah... Sinto muito, Almirante, senhor...

— De algum modo — Howell comentou com um suspiro, — eu duvido que sinta. — Ele retirou o papel que estava no alto da pilha e virou-o para estudá-lo. Scott tentou corajosamente evitar um estremecimento quando Howell franziu a testa para o desenho, virou-o por mais noventa graus e então levantou uma sobrancelha em incompreensível curiosidade. — Esquemas? — ele perguntou finalmente, fitando Scott.

O jovem escocês apertou as mãos em seu colo. — Sim, senhor...

— Senhor Scott, isto aqui é uma aula de *História*, não Desenho!

— Ah, eu não estou *desenhando* isso, Almirante! — Ele inclinou-se um pouco na mesa, puxando a ponta do papel para dar uma olhada nos rabiscos de cabeça para baixo. — Estou redesenhando! Veja, isso é parte de um sistema de refrigeração defeituoso da Estação de minha prima. Eu a estava ajudando a definir a falha, e tínhamos ido até aqui... — Ele bateu em uma complexa rede de linhas e símbolos. — ... antes de ter que vir para a Escola de Comando. — Sua atenção ficou presa em uma referência de circuito mal posicionado; a caneta estava em sua mão, rabiscando o papel antes que ele tivesse tempo de considerar que provavelmente Howell não estava interessado na precisão do desenho. — O que não consigo descobrir — continuou, retornando a caneta para sua mesa, — é como este acoplamento... — Ele circulou outra porção do esquema com um dedo. — ... se encaixa nisso tudo. Isto é, ele se encaixa, bem aqui, mas não se *encaixa*, se entende o que digo. E acho que esse é o problema. Vê, se olhar bem aqui...

— Senhor Scott...

— ... pode ver onde a corrente...

— Senhor Scott!

Scott fechou a boca para sua tagarelice, obrigando sua mente a calar todos os pensamentos técnicos. Parar de pensar nunca fora fácil para ele,

mas era alguma coisa com a qual, descobrira, precisava se acostumar. Capitães supostamente dependiam de outras pessoas para sua esperteza. Essa era a razão de serem Capitães.

Howell continuou olhando do papel para Scott, e de novo para o papel. — Você desenhou isto de memória? — perguntou, seus olhos castanhos ocupados em pensamentos. — Todo ele?

— Bom... — Scott novamente puxou a ponta do papel, só para o caso de começarem a discutir outro esquema sem que ele soubesse. O mesmo desenho ocupava toda a folha amassada. Não surpreendia que Howell sentisse necessidade em verificar a autenticidade da planta; Scott estava envergonhado com seu trabalho desleixado. — Eu só desmontei o sistema uma vez — foi obrigado a admitir, desconcertado.

Howell bufou com surpresa, então jogou o esquema de volta entre as coisas de Scott. — Qual é sua principal área de estudo, Senhor Scott? — perguntou, enquanto Scott colocava seus desenhos em alguma ordem.

— Engenharia, senhor. — Ele desejava que Howell o desculpasse antes de lembrar-se em transformar esta conversa em uma reprimenda formal.

— E você estudou Engenharia antes da Academia?

— Sim, senhor... — Segurando seus desenhos amassados em uma das mãos, Scott tentava ignorar o desespero que lentamente corroía seu estômago. — Eu sempre estudei Engenharia.

— Sei. — Howell recostou-se em outra mesa e cruzou os braços. — Por que está aqui, Senhor Scott?

— Eu... — Scott praguejou em voz alta quando percebeu que já eram 11:13 e que estava mais do que atrasado para sua próxima aula. — Eu não sei! — gritou. — Eu devia estar em Tática...

— Não, Scott... — O Almirante segurou o braço de Scott quando o Engenheiro levantou-se em uma confusão de livros e papéis soltos.

— Mas, senhor, eu...

— Eu quis dizer, o que está fazendo na Escola de Comando?

A mente de Scott corria assustada dos pensamentos de ser Capitão de uma nave estelar; ele não queria dar ao medo uma outra chance de destruir sua paz de espírito. — Eu... Estou aprendendo a ser um comandante de nave estelar.

— Você quer ser um comandante? — perguntou-lhe Howell, ainda segurando seu braço.

Scott deu de ombros (um pouco idiota, pensou), todo o tempo desejando que sua boca não ficasse tão seca. — Eu não sei, senhor. Howell assentiu. — Presumo que isso signifique não?

— Sim, senhor — admitiu timidamente. — Creio que sim.

— Então por que está aqui?

Scott suspirou e afundou de novo em sua cadeira. — Minha família, senhor... — Ele gastou um instante pensando nas palavras que não iriam dar uma impressão errada da situação em sua casa. — Estive ajudando minha prima, que é uma bela engenheira — ele suspirou finalmente. — Mas quanto aos outros... bom, eles acham que estou perdendo tempo em não ser um comandante... Eu fiquei cansado de lutar contra eles, é tudo...?

— Sua prima não tinha nada a dizer?

Scott riu ao lembrar-se do fio de impropérios loquazes que Cheryl lançara sobre a família quando soubera da "decisão" de Scott. — Sim, ela teve *muito* a dizer. Mas o pessoal acha que se pode conseguir bons Engenheiros pelo correio. — Ele percebeu um brilho de desaprovação nos olhos de Howell, e inclinou-se para a frente, insistindo: — Eles só querem meu bem, Almirante, querem mesmo! Eles são *bons* parentes, e gente *boa*. É só que eles não compreendem o chamado, a maioria deles nem sabe o que isso *significa*...!

— Mas é a *sua* vida, Senhor Scott. — Howell tocou nos diagramas de Scott mas não os soltou novamente. — É *sua* carreira! Se você não quer realmente ser um Capitão de nave estelar, me *diga*! Eu irei até o Almirante Walgren e verei se consigo transferi-lo para a Escola de Engenharia.

O simples pensamento fez o estômago de Scott contorcer-se de preocupação. — Por favor, senhor, não faça isso. — Levantando, levou seus livros ao peito e esperou que eles pudessem esconder sua respiração inconstante. — Eu estou aqui, afinal, então tenho que fazer alguma coisa. Se eu realmente tenho a capacidade que a Frota Estelar parece pensar que eu tenho, acho que seria um crime não usá-la. Além do mais, isso partiria o coração da minha pobre mãe se eu simplesmente desistisse agora.

Howell suspirou e virou-se parcialmente. — Você já pensou no que vai fazer quando eles finalmente empurrarem seu próprio comando?

Scott passou por Howell e seguiu rapidamente para a porta. — Eu vou conseguir — ele assegurou ao Almirante. — Eu sempre consigo.

Scott cocou os olhos e curvou-se mais sobre seu posto de trabalho. O acoplador que estava redesenhando rodava lentamente por todas as três dimensões na tela do computador a sua frente. Ele fazia uma pausa onde achava necessário, mas houvera poucas alterações a fazer neste estágio; estava trabalhando no acoplador há várias horas.

Às três da manhã, o laboratório de computação estava previsivelmente vazio. Scott não se incomodava com a solidão; de fato, ele a preferia às noites barulhentas e sem sentido que tanto agradavam seus companheiros cadetes. Ouvir os outros especularem sobre suas carreiras futuras, seus

comandos futuros, arrasavam com o já frágil sentimento de utilidade de Scott; sua própria falta de ambição pendia de seu pescoço como uma pedra, marcando-o como não merecedor de toda a atenção e encorajamento que já recebera na Frota Estelar. Ele se sentia culpado por ter-se permitido ser pressionado para entrar na Escola de Comando, culpado por não *querer* nem um pouco estar aqui. Scott estaria feliz em reparar e desenhar sistemas de naves para sempre e, por alguma razão, ele também se sentia culpado por isso.

Interrompendo a rotação do acoplador, Scott inclinou-se para a frente a fim de falar com o computador. Umhas poucas notas para Cheryl, então ele despacharia o desenho inteiro antes dela ter saído da cama. Ele já ouvira boas reprimendas por estar dormindo no alojamento sem ser notado; desejava preocupar-se tanto com as violações do toque de recolher como se preocupava com seu futuro.

As notas técnicas para Cheryl levaram apenas alguns poucos segundos. Scott hesitou brevemente se deveria ou não incluir "olás" pessoais para a família; resolveu não fazê-lo quando tudo em que conseguia pensar era: *EU NÃO QUERO FICAR AQUI*/ sem parar. E então: *SINTO SAUDADES DE TODOS*.

Ele acabara de mandar sua transmissão quando a tela do computador piscou, ficou negra e o desenho do acoplador desapareceu. Scott fez uma pausa, sua mão pairando sobre o interruptor de força, perguntado-se a quem ele poderia informar um mal-funcionamento àquela hora da madrugada. É claro, ele sempre podia abrir o equipamento e descobrir sozinho qual era o problema. Antes que ele pudesse desligar o terminal e começar a trabalhar, uma trilha de letras âmbar dançou na tela.

ACHEI QUE DEVIA SER VOCÊ. BELO DESIGN, "SCOTTY".

— Mas que...? — Ele colocou suas mãos no colo, sem ter certeza se deveria desligar o terminal ou encorajar este abelhudo a responder. O fato de algum mágico computador ter conseguido "intrrometer-se" no sistema da Academia atrapalhava Scott grandemente. Havia mais dados importantes que os *designs* de Scott no computador da Academia; tudo o que era necessário era um único abelhudo descuidado e todo o sistema poderia desmoronar. Então ocorreu-lhe que o abelhudo poderia muito bem estar *dentro* da Academia, e não ser nenhuma fonte externa. Isso acalmou-lhe um pouco o espírito. — Onde você está? — perguntou. — Você sabe que o toque de recolher já passou?

CURIOSO. NÃO PRECISO ME PREOCUPAR COM O TOQUE DE RECOLHER. MAS VOCÊ DEVERIA - JÁ SÃO MAIS DE 03:00. POR QUE ARRISCAR GANHAR TANTOS DEMÉRITOS POR CAUSA DE UM DESIGN IDIOTA?

Chamar o acoplador de Cheryl de "idiota" feriu o orgulho de Scott. Prometera a Cheryl terminá-lo antes de partir; ele o estava enviando com quase três meses de atraso, mas tinha bastante confiança em suas habilidades para acreditar que ela acharia que a espera valera a pena. Não ia tentar explicar sua afeição por *design* para algum abelhudo cujo *hobby* deixava claro que não dava a mínima ao orgulho que as outras pessoas tinham em suas veias. — Quem é você?

TALVEZ EU SEJA SUA FADA MADRINHA. ESTOU QUERENDO SATISFAZER-LHE UM DESEJO.

Me mande pra casa! pensou Scott, espontaneamente. Ele sacudiu a cabeça para afastar tais sonhos, temeroso de sequer mencioná-los, muito menos de desejá-los.

VOCÊ É UM ÓTIMO ENGENHEIRO, MAS UM CAPITÃO INFELIZ. SE SUA FADA MADRINHA LHE OFERECESSE UMA CHANCE DE DEIXAR A ESCOLA DE COMANDO E RETORNAR PARA A ENGENHARIA - SEM ENVERGONHAR SUA FAMÍLIA OU PEDINDO-

LHE QUE SEJA NEGLIGENTE EM SEUS DEVERES - VOCÊ ACEITARIA?

Scott tocou a tela com dedos maravilhados. O *design* do acoplador refletia-se atrás das palavras, realizando uma rotação lenta e silenciosa.

SIM OU NÃO, SENHOR SCOTT?

O abelhudo pressionou impacientemente.

A RESPOSTA É SIMPLES.

— Sim.

Estava feito. Ele não podia voltar atrás, não importava o que acontecesse. O gênio estava fora da garrafa e prometendo fidelidade.

MUITO BEM. SEJA SIMPLEMENTE VOCÊ MESMO, SCOTTY. DEIXE O RESTO COMIGO.

O acoplador sumiu assim como as palavras brilhantes, deixando Scott completamente sozinho no laboratório de computação. Ele tocou no interruptor de força com um dedo trêmulo, então permaneceu sentado por um longo tempo depois que o murmúrio tênue da máquina já tinha desaparecido.

Cedo na manhã seguinte, enquanto Scott colocava suas botas em um alojamento cheio e fartamente iluminado, percebeu que devia ter sido um sonho. Você simplesmente não tem segundas chances de tal magnitude. Cheryl receberia o *design* de seu acoplador, Scott obteria suas divisas de Capitão e todos aqueles desejos bobos seriam deixados bem para trás. Abelhudos desconhecidos não chegavam simplesmente e consertavam tudo sem nem mesmo serem pedidos. Não era assim que o mundo real funcionava.

Ele tentou não permitir que o incidente o preocupasse mais.

— Me diga de novo, *como* é que eu fui ficar no comando desta simulação?

— Seleção do computador. Eu sempre pensei que o computador escolhesse o melhor comandante para qualquer situação baseado nos registros do aluno. — O outro cadete olhou Scott rapidamente de alto a baixo, dando mais de ombros para si mesmo do que para seu companheiro. — Mas creio que deve ser apenas ao acaso.

Scott estava inclinado a concordar. Em uma simulação anterior, ele fora designado para a posição de Engenheiro-Chefe, e o aborrecimento de ter que dizer a meia dúzia de cadetes o que fazer (como se os Engenheiros já não tivessem deveres suficientes) quase o matara. Agora o computador estava dizendo que Montgomery Scott era o melhor aluno desta turma para ser um comandante de nave estelar; se era esse o caso, Scott estava sinceramente preocupado quanto ao restante da Frota Estelar.

A câmara de simulação, tão semelhante a uma ponte de nave estelar que Scott continuava esperando que o Capitão *real* o expulsasse de sua cadeira de comando, fechou-se com um retumbar parecido a um ronco de monstro. Como é que podiam trancá-lo assim, responsável por tantas pessoas? Era só um faz-de-conta, verdade, então quaisquer decisões que ele tomasse não afetariam *realmente* a Federação. Ainda assim, ninguém nem mesmo *perguntara* a ele se desejava ser o Capitão, e ele muito enfaticamente *não queria!* Ah, o Almirante Howell perguntara: "Está pronto?" pouco antes de guiá-lo para a ponte, mas ele sabia que era apenas uma pergunta polida, não

uma pergunta verdadeira querendo receber uma resposta verdadeira. Então Scott respondeu: "Estou pronto", em uma voz cuja segurança escondia-se sob mãos trêmulas. Sorrindo de um modo triste, Howell batera-lhe nas costas e o mandara a caminho. Ele teria preferido que o Almirante o tivesse banido para as Plêiades Externas.

A primeira parte da simulação passou rápido. A *U.S.S. Sara toga* não parecia estar fazendo nada de importante nesta simulação, só um cruzeiro rotineiro de treinamento para Gamma Hydra, sem nem mesmo suprimentos para entregar ou passageiros a transferir. Scott mandou realizar mudanças de curso sem sentido, respondeu duramente a perguntas e comentários. Não conseguia dissociar completamente o conhecimento da falsidade da simulação de tudo o mais que acontecia, então tentou convencer a si mesmo que não seria exigido nada de surpreendente dele. Quando foi-lhe pedido que resgatasse um cargueiro de combustível neutrônico danificado, Scott respondeu com uma afirmativa automática, então voltou-se para a questão de estar conduzindo a *Saratoga* com pessoal de engenharia inexistente.

A sirene do alerta vermelho surpreendeu-o em uma dissertação sobre novas rotas e dispersão de energia dos circuitos. — Qual é o problema? — perguntou, percebendo depois que deveria ter dirigido esta pergunta para seu Primeiro Oficial.

— Três cruzadores Klingon, bem à frente — a Oficial de Ciências informou, exatamente quando o piloto exclamou: — Eles estão travando as armas!

O estômago de Scott transformou-se em água quente e começou a ferver suas entranhas. — Comunicações, — chamou tranqüilamente, — tente explicar a estas... — Ciente dos oficiais monitores, ele reteve o adjetivo que pretendia empregar. — ... *pessoas* que estamos aqui para resgatar...

— *Atacando!*

— Força total para as telas! — O comando mal saíra dos lábios de Scott quando a primeira barragem de fogo disruptor expandiu-se contra os defletores da *Saratoga*. Os dentes de Scott bateram uns nos outros quando foi lançado de volta a sua cadeira devido ao impacto.

— Telas quatro, sete, e oito caíram — o oficial executivo, inclinado sobre seu visor, informava friamente. — Telas três e seis danificadas. Elas não durarão mais um ataque, senhor.

Scott fitou seu Imediato com desapontamento atônito. — Nossos defletores estavam levantados? — falou veemente. Intelectualmente, ele sabia que estavam; instintivamente, ele simplesmente não podia acreditar que um simples disruptor pudesse causar tamanho estrago, mesmo através de escudos apenas parciais.

— Tivemos também detonação prematura em quatro de nossos seis tubos de torpedo — continuou o Imediato.

— O quê?

— E uma completa perda de força na nacele de dobra de boreste. — O jovem oficial levantou sua cabeça do visor como um médico afastando-se de um paciente moribundo. — Estamos acabados, senhor.

Scott teria ficado menos confuso se o homem tivesse começado a falar em algum dialeto. — *Tantos* danos assim...?

O oficial assentiu. — É o cômputo geral, senhor.

— *Como?*

— Disruptores, senhor — suspirou o piloto, um pouco irritado. — Eles podem causar muitos danos em uma nave.

— É mesmo verdade? — Scott falou com suavidade, sentindo o sangue subir quente e raivoso em suas bochechas. Levantou o queixo para os klingons que se aproximavam na tela, de repente não mais se importando se isso era apenas uma porcaria de simulação. — Bem, não na *minha* nave, eles não vão, não com uma única droga de barragem! — Qualquer computador que pensasse diferente merecia tudo o que Scott pudesse lançar sobre ele. Ele bateu com o punho no botão do intercom da cadeira de comando. — Salas de phasers!

— Sim, Capitão?

— Sim, senhor?

— Senhor?

Outra rajada atingiu a nave. Scott sentiu cada estremecimento como fogo em seu sangue. — Tela número três caiu! — falou o Primeiro Oficial. Scott ignorou-o.

— Quero todas as salas de phasers ao meu comando, cada um de vocês vai mirar em uma daquelas naves diabólicas — instruiu Scott para os chefes dos phasers. — Fogo contínuo, começar à frequência mais baixa possível...

Outro golpe de disruptor. E mais outro.

— A tela número três *caiu*, senhor! — o Imediato repetiu em voz alta. Scott desejava que o pedinte deixasse de interromper seus pensamentos.

— ... à maior distância até que igualem o padrão de interferência deles e atravessem aqueles escudos como se fossem manteiga!

— Sim, senhor! — todos os três responsáveis responderam em uníssono. Scott sorriu o sorriso de um caçador satisfeito.

O navegador já estava estabelecendo um curso de fuga quando as salas dos phasers da *Saratoga* abriram fogo com um gemido crescente e arrepiante. — Não consigo sinalizar para a Frota Estelar — o Oficial de Comunicações exclamou atrás de Scott. — Os klingons estão interferindo

com meu sinal.

Luzes vermelho-douradas explodiram pela tela como uma nova, queimando os olhos de Scott com seu brilho quando os phasers da *Saratoga* finalmente reduziram os klingons a átomos. — Não mais, não estão — Scott disse às comunicações. — Contacte a Frota Estelar. Piloto, tire-nos daqui.

— Trabalhando nisso, senhor. — O piloto praguejou de repente, tocando em seu painel. — Mas nós temos companhia de novo!

Os cinco cruzadores cinza azulados entraram no campo de visão da tela enquanto o piloto dava a informação.

— É das salas de phasers, senhor — a Oficial de Ciências informava enquanto a *Saratoga* começava sua retirada vacilante. — Tripulações das salas informam que todas as células foram exauridas além de nossa capacidade de recarga.

Scott ignorou o relatório, jogando-se em sua cadeira. Ele queria sentir-se fraco e gasto depois da primeira onda de adrenalina. Tudo o que sentia era murcho e zangado — zangado com os oficiais monitores por torná-lo Capitão em uma simulação a qual ele obviamente não tinha nada que estar comandando, zangado com quem quer que tenha programado este computador fatalístico em primeiro lugar. — Não se preocupe com os bancos de phaser. De qualquer maneira, não vamos precisar deles novamente.

— Klingons se aproximando!

— Cortar todos os escudos de ré — ordenou Scott. Seu cérebro corria pedindo iluminação em uma caixinha de espelhos, procurando em sua memória por qualquer idéia que viesse. — Eu quero tudo o que tivermos na frente. — *Principalmente com um computador que superestima tanto o poder de fogo dos Klingons!* Ele bateu no intercom novamente quando o curso de ação começou a tomar forma. — Engenharia!

— Sim, senhor?

— Pegue uma caixa de antimatéria... O Engenheiro gaguejou: — Senhor?

— Não questione, só ouça! — Não tinha tempo para explicar cada passo de seu plano a esses garotões nervosos. — Só deve levar uns três minutos, se você correr. Pegue a coisa toda e corra para a sala de transporte mais próxima!

— Mas... eu...

— *Mova-se!* Ponte desliga. — Ele tocou em outro botão enquanto o piloto anuncia que os primeiros torpedos klingons estavam a caminho.

— Sala dos torpedos — uma voz de homem nervosa respondeu à chamada brusca de Scott. — Chamou, ponte?

— Sim. Vocês estão mortos aí embaixo, certo?

— Quer dizer, os hangares, senhor?

Scott jogou a cabeça entre as mãos e contou rapidamente até três. — Sim, os hangares. Vocês não funcionam?

Luz, branca e ofuscante, estendeu-se pela ponte quando os torpedos Klingon chocaram-se com as telas dianteiras e detonaram.

— Tudo aqui embaixo está inativo, senhor — o técnico de armas respondeu depois que passou a explosão.

— Tudo bem, então — Scott continuou com decisão. — Pegue todos os torpedos em que conseguir pôr as mãos e leve-os para as salas de transportes.

— Todos! Seis torpedos para cada sala de transporte! Agora vá!

— Sala de transporte para ponte! — O chamado veio logo depois que desfez o contato com a sala de torpedos. — lemos aquela caixa de antimatéria, senhor. E agora?

Scott manteve o canal aberto, virando-se para o piloto. — Recue-nos. *Continue* recuando o mais rápido que a força de impulso nos permita.

— Sim, senhor.

— Navegador?

— Senhor?

— Comece uma leitura contínua da nave no centro da cruz e transmita seus dados para a sala de transporte. — Ele inclinou-se novamente para o intercom. — Prepare para receber coordenadas.

— Chegando — anunciou o piloto, de alguma maneira com menos preocupação do que antes. Scott assentiu que recebera, já trabalhando na cabeça em equações para a próxima frota de naves que sabia o computador enviaria.

— Coordenadas recebidas, ponte — a sala de transporte respondeu após um instante. Então: — Ahn, senhor. O que deveríamos usar?

Scott fez uma careta. — Dê-me menos de dois quilômetros diante da nave em cruz...

A segunda barragem acertou-os com uma força consideravelmente maior que a primeira. Scott agarrou-se à cadeira de comando, enquanto metade de sua tripulação da ponte era lançado ao chão; a luz diminuiu bastante antes de voltar a brilhar com a força de emergência.

— ... a menos de dois quilômetros — Scott pegou novamente quando os sistemas já estavam estabilizados, de qualquer que seja a coordenada que tiver quando acionar. Então eu quero que traga a caixa de volta *imediatamente*.

— Mas...

— Só a caixa — acentuou Scott. Quando esses moleques aprenderiam a calar a boca e simplesmente *ouvir*? — Deixe a antimatéria para trás.

— Virgem santíssima...

Scott ouvia enquanto os técnicos de transporte corriam feito formigas trabalhadeiras. A distância era grande demais para a tripulação da ponte ver quando a antimatéria foi entregue, mas todos souberam quando a nave do centro atingiu a área afetada pela antimatéria: todos os cinco cruzadores voaram aos pedaços em ruído branco e vento molecular logo após terem liberado novo ataque. Scott estava rindo como um tolo quando a nave jogou-o para fora da cadeira e para cima do convés.

— As telas *caíram*, Capitão! — alguém informou acima do frenesi de uma outra pessoa. — Buraco no casco! Temos um buraco no casco na seção seiscentos!

Scott subiu novamente na cadeira de comando sem importar-se em perguntar a sua Oficial de Ciências se restara algum traço das naves inimigas, o vazio macio para além da tela visual tornava tais perguntas irrelevantes. — Navegador! Ainda estamos fora da Zona Neutra?

— Já estivemos! — respondeu o navegador. — Eles estão nos *seguindo*!

— Ah, inferno...!

— Nove!

Todos na ponte viraram-se ao grito agudo da Oficial de Ciências. — O quê? — perguntou Scott, irracionalmente irritado pela interrupção.

— *Novel* — repetiu a oficial, ainda parecendo chocada. — Temos nove naves klingon aproximando-se pela proa de bombordo!

— Estão chegando! — anunciou o piloto mesmo quando Scott bateu no intercom para chamar: — Sala de Transporte!

— Já os temos! — a sala de transporte principal informou. — Seis torpedos em cada sala. Ordens, Capitão!

Isso não vai funcionar, percebeu Scott de repente. Ele novamente verificou as equações em sua cabeça e perguntou-se se um computador permitiria que a matemática se sobrepusesse à experiência. Balançando a cabeça, admitiu que não tinha nada a perder. — Pegue suas coordenadas com a navegação novamente... — O navegador assentiu em compreensão e iniciou a sondagem. — ... e do Posto de Ciências. — A Oficial de Ciências girou para encarar seu painel. — Trave nos pontos de junção no sistema de tela klingon e transporte seis torpedos para cada ponto de junção ao meu comando.

Scott estudava as naves brilhantes na tela enquanto esperava que as salas de transporte estivessem prontas. Os monitores iriam interromper a simulação, ele tinha certeza disso. Alguém abriria a tela e o acusaria de

desonestidade, de trapaça! Sua carreira terminaria em ruína!

— Aqui sala de transporte. — A voz em seu cotovelo fê-lo pular. — Todas as salas prontas para transporte.

Scott molhou os lábios secos e assentiu para as naves que se aproximavam. — Transporte quando desejar.

A explosão resultante foi mais do que ensurdecedora; os ouvidos de Scott badalavam em dolorosa sinfonia com seu coração ferido enquanto o fogo atômico consumia nove Dragões de Guerra klingon a menos de mil quilômetros de sua proa. Ele escondeu a cabeça contra isso, ouvindo o navegador soltar um impropério pesado. Ainda fitava o chão quando o mundo desfez-se do branco, transformou-se em efêmeros tons pastéis e voltaram à normalidade cinza especular. *Eles vão me matar*, pensou com resignação doentia.

— *Quinze* Dragões de Guerra a caminho. — O piloto começou a rir de modo um pouco maníaco. — Deus do Céu! *Quinze...!*

Scott não conseguiu observar as naves se aproximando. O conhecimento de que isto não era realidade, e que ele poderia pagar seriamente por tirar vantagem desse conhecimento, havia novamente atingido seu ponto fraco com força total quando as nove naves iluminaram a tela. De repente, ele perdera o interesse em defender a honra de uma nave que nem mesmo estava lá. Faria o que estivesse a seu alcance até que essa paródia terminasse, mas ele sabia melhor que todos nesta Academia quão pouco podia ser o seu melhor. — Sala de Engenharia, destranque o controle principal da velocidade de dobra. Você precisará de mais alguém para as armas, mas...

Scott mantinha seus olhos cuidadosamente focalizados na parede acima da cabeça do Almirante Walgren. Não sabia se esta sala de conferências particulares estava realmente mais fria que o resto da Academia, mas ele certamente sentia-se assim.

— Você sabe por que o chamei aqui? — Walgren perguntou secamente ao Engenheiro.

— Sim, senhor — Scott respondeu suavemente. — Eu... Eu acho que sei.

— Poderia dizer-nos essa razão, por favor? — O Comodoro Hohman fitava Walgren de esguelha, evidentemente mais do que um simples aborrecimento. — Para o benefício dos que entre nós não estão completamente certos.

Scott fitou Walgren à procura de confirmação. O inglês alto e de cabelos grisalhos parecia o único dos quatro oficiais monitores que compreendia completamente o que Scott realizara no simulador. Muito ruim, se Walgren não soubesse, também, Scott provavelmente poderia ter passado com essa.

Os dois Comodoros continuavam a parecer polidamente incertos e o

Almirante Howell não levantava seus olhos do local em que brincava com o gelo em seu copo de água, parecendo culpado e envergonhado. *Você DEVERIA estar envergonhado de mim*, Scott pensou lamentando pelo Almirante. *Foi um crime contra a física. Eu mereço ser punido.*

— Senhor Scott... — o tom penetrante da voz de Walgren recapturou a atenção de Scott. — Explique, por favor, o que fez.

— Eu usei a Teoria do Campo Perera para destruir o último esquadrão de Dragões de Guerra. — Fora o último esquadrão que ele *destruira*, pelo menos — os últimos quinze couraçados atomizaram a *Saratoga* sem nem mesmo levar um único tiro. Scott ainda estava convencido de que poderia ter acabado com os últimos quinze, se *realmente* houvesse uma sala de engenharia e se ele tivesse podido correr até lá para demonstrar aos Engenheiros o que ele estava tentando explicar quando a *Saratoga* fora destruída. — Vejam bem — continuou quando ninguém a não ser Walgren parecia compreender um pouco mais. — Os klingons andam em bandos para que possam juntar seus escudos em um sistema de escudo multinave. Desse modo, qualquer golpe no escudo que seja forte o bastante, pode drenar energia de outras partes do sistema para evitar com que ele caia. — Fez uma pausa para olhar os dois comodoros. — Devo continuar?

Os lábios de Hohman curvaram-se no que parecia ser uma meia-carranca e um meio-sorriso. — Por favor.

— Bom, — continuou Scott, — a Teoria Perera postula que um torpedo fotônico colocado em qualquer ponto de junção em um tal sistema de tela detonará devido às forças exercidas pela complexa troca de energia. Toda matemática e teoremas iniciais sustentam a conclusão de Perera.

— Parece bom — arriscou Hohman. — Então qual é o problema?

— O problema, — cortou Walgren, — é que essa Teoria do Campo de Perera está errada.

— Ela não funciona na prática — acrescentou Scott com o propósito de esclarecimento. Notando o olhar gélido de Walgren, ele rapidamente voltou sua atenção para a parede.

— Quer dizer, — Howell perguntou cuidadosamente, — que quando você a utiliza na vida real, não acontece nada?

— Precisamente — assentiu Walgren. — Ninguém está completamente certo do por quê, mas já foi provado através de experiências. É esses são dados que sobrepõem-se à matemática.

O Comodoro Shoji elevou uma mão polidamente para chamar a atenção de Walgren. — Você está objetando a utilização da teoria pelo Senhor Scott porque ela não se aplica à vida real?

— Certamente! — replicou o inglês. — Isto supostamente deve ser uma

simulação, não uma fantasia!

— Mas espera-se que os alunos utilizem tudo o que estiver a seu alcance

— retrucou Shoji. Ele fitou Scott com um movimento hesitante de sua cabeça. — Você sabia que esta Teoria Perera não funcionava realmente?

Considerando seu conhecimento em engenharia, sem mencionar sua experiência com a Teoria Perera — Scott achou a pergunta surpreendente.

— É claro! — assegurou. — Mas eu também imaginei que o *computador* me permitiria usá-la, uma vez que qualquer matemática sustentaria as descobertas de Perera.

O Comodoro japonês deu de ombros. — Eu creio que o Senhor Scott agiu bem dentro dos parâmetros da simulação — concluiu. — Ele reconheceu as avenidas que se abriam a ele, e utilizou-as.

— Mas isto é *supostamente* real! — discutiu Walgren, mesmo quando Hohman resmungou: — Eu *ainda* não compreendo qual é o problema!

— Bom, eu meio que trapaceei, acho — Scott falou em resposta à reclamação do Comodoro.

— Mais do que "meio que", me parece — admitiu Howell.

— Você tem *certeza* que esta tal de Perera não funciona? — pressionou Howell. — Quer dizer, mesmo a apresentação introdutória de Scott me pareceu certa.

O Almirante inglês bufou alto e recusou-se até mesmo a olhar para Hohman. — Você, Comodoro Hohman, *não* é um Engenheiro.

O Almirante Howell suspirou. — Assim como tampouco o Comodoro Shoji e eu mesmo. Na esperança de chegarmos a algum consenso quanto à solução do Senhor Scott, Almirante Walgren, o senhor acha que conseguiria produzir alguma fonte de informação definitiva quanto a esta questão?

Walgren lançou um olhar arrogante ao outro Almirante. — Como se a palavra de dois Engenheiros não bastassem!

— Ahn, Almirante? — Scott remexia-se impaciente em seu lugar no meio da sala. — Senhor, eu poderia...

— Mantenha-se no seu lugar, Senhor Scott — Walgren sugeriu secamente. — Ainda não terminamos com o senhor.

Mas eu posso explicar! Scott queria implorar. Ainda assim, os olhos de Walgren, da cor do aço, não pareciam interessados em produzir nenhuma "fonte definitiva" que não fosse a sua própria, então Scott meramente balbuciou um duvidoso: — Ahn... sim, senhor... — e caiu no silêncio.

Walgren chamou seu próprio ordenança para trazer-lhe as referências de sua biblioteca. Scott trançava os dedos atrás das costas e tentava reconhecer as constelações nos ladrilhos pontilhados do teto.

— Ah! Aqui está! — Walgren já estava mergulhado em um dos manuais,

passando tão rápido pelas páginas que Scott estava surpreso que o homem pudesse identificar o conteúdo. — Na *Enciclopédia de Desenvolvimento e Design de Engenharia*, — recitou o inglês. — Na Letra A, para "Solução Aberdeen".

Hohman fez uma careta. — O nome do Engenheiro era Aberdeen?

— É a cidade em que a teoria foi testada — Scott informou calmamente. Howell lançou um olhar rápido sobre o cadete, mas ninguém mais pareceu ouvi-lo.

Walgren correu um dedo pela tela da leitora, traçando as linhas da letra. — "Aberdeen, Escócia, Terra..." — murmurou ele, sua voz sem qualquer inflexão enquanto sondava o que lia. — "... na qual o estudante de engenharia Montgomery Scott, nascido na Terra, construiu sete geradores de campo separados para simular o desenho klingon atual, baseado nos dados obtidos..." — Scott viu os olhos de Walgren voltarem para o topo da tela, e então a mão do Almirante mais idoso interrompeu seu traçado. — Montgomery Scott?

Todos viraram-se para fitar Scott. Corando, o Alferes ofereceu-lhes um pequeno dar de ombros. — Sim — admitiu, com uma careta. — Sou eu.

Hohman o fitava como se tivesse perdido a capacidade de respirar. — Quantos *anos* você tinha?

Scott deu de ombros de novo, incerto com o por quê disto importar. — Suponho que cerca de dezesseis, senhor.

— Bom Deus...!

— O senhor mexe com Engenharia como *hobby*, Senhor Scott? — Walgren perguntou seriamente. Seus olhos presos intensamente em Scott, como se esta fosse a questão final de algum teste que Scott nem sabia que estava fazendo.

— Eu me especializei em Engenharia, senhor — respondeu honestamente. — E pensei em ser um Engenheiro de nave estelar antes de entrar na Escola de Comando. — O exame direto de Walgren estava começando a incomodá-lo.

— Então você não quer fazer a Escola de Comando?

— Não, senhor — assegurou-lhe Scott, profundamente sincero. — Eu respeito o que os capitães fazem, senhor, e aprecio que a Frota Estelar pense que eu daria um bom Capitão. Mas... — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Eu acho que meu coração bate muito mais por comandar máquinas do que comandar pessoas. Eu preferia ter um Capitão que apreciasse isso, um Capitão que não sentisse a necessidade de não me transformar naquilo que não sou por dentro. — *Pronto, está dito!* Os resultados de sua admissão sem dúvida alguma logo se seguiriam.

Uma certa ternura distante tomou conta das feições envelhecidas de Walgren e o inglês assentiu lentamente. — Creio que podemos conseguir isso, Senhor Scott, se não se importar.

Scott franziu a testa. — Senhor? — Seu coração tendia para uma esperança a qual não ousava imaginar.

— Eu o estou removendo da Escola de Comando — Walgren declarou bruscamente. — Você se portou de modo inadequado durante a simulação do *Kobayashi Mam* e foi descoberto que tem uma atitude e uma disposição que não se encaixam em um oficial comandante da Frota Estelar. — Ao ouvir o gaguejar maravilhado de Scott, Walgren quase sorriu.

— Eu... Bem... Obrigado, senhor! — Parecia uma resposta tão idiota, Scott nem mesmo se importava se o homem mais velho compreendia o que ele tinha feito.

— Faça bom uso de seu fracasso, Senhor Scott — o inglês o aconselhou enquanto juntava as fitas e voltava-se para ir embora. — Nem todos nós temos uma segunda chance.

Scott fitou Walgren com gratidão nos olhos enquanto o Almirante seguia para a porta. — Eu farei isso, senhor — prometeu. — E jamais o esquecerei por isto!

A porta abriu-se e Walgren fez uma pausa breve, surpresa. — Não me agradeça, Senhor Scott. Agradeça seu acoplador. — Ele sorriu ao ver a expressão atônita de Scott. — Eu não podia permitir que o Engenheiro que conseguira juntar aquilo tudo desaparecesse. Belo *design*, Senhor Scott. E que Deus esteja com você.

— Que Deus esteja com o senhor, Almirante Walgren! — Scott falou enquanto a porta do compartimento se fechava.

Ele jamais vira Walgren novamente depois disso, mas Scott manteve-se informado sobre o velho Engenheiro até a morte de Walgren com setenta anos. Durante esse tempo, Scott sempre esperou que a sorte grande tivesse realmente seguido o Almirante até o fim.

Mais que tudo, ele desejava poder dizer-lhe o quanto aquela decisão significara para sua vida. — A diferença entre viver e simplesmente sobreviver — ele teria dito ao Almirante. — O senhor entende isso, não é?

Scott não podia fazer nada além de acreditar que o Almirante entendia. Qualquer bom Engenheiro entenderia.

NOVE

HALLEY

Scott sorria para Kirk do outro lado do estreito corredor da nave. — Foi *mesmo* grande — suspirou com um sorriso plácido. — Não foi, senhor?

O Capitão assentiu, ao mesmo tempo aquecido e ferido por todas as memórias que ele e o engenheiro compartilhavam. — Sim, Senhor Scott, certamente foi... — Não havia mais nada a ser dito e milhões de coisas não ditas. Kirk fechou os olhos, ouvindo Chekov reconstruir o rádio a partir do alarme completamente desconectado de Scott.

— Vamos, — ele ouviu McCoy persuadir suavemente o engenheiro, — deite-se e durma um pouco. Já tivemos histórias demais para um só dia.

— Não existe tal coisa como histórias *demais*, Doutor — replicou Scott, mas não havia nenhum protesto real em sua voz. — Ainda temos todo o reino *da ficção* a visitar!

McCoy deve ter feito alguma expressão espetacular, pois a próxima coisa que Kirk ouviu foi a risada profunda de Scott. — Guarde-a para uma outra vez, Scotty — ralhou o Doutor. — Você precisa de descanso, assim como nosso bravo líder.

— Sim, Doutor.

McCoy sabe, pensou Kirk, sem nenhum grande alarme. *Ele sabe que Spock não nos viu. Ele sabe para não ter mais esperança.* Kirk chegara a esta conclusão uma hora após a explosão da nacele livre; compartilhar esse conhecimento com seu velho amigo elevara um pouco sua própria consciência oprimida, mas não o ajudara a aceitar a derrota. Alguma parte de sua mente ainda caçava uma solução, como um terrier atrás de uma raposa particularmente astuta. Mas ele agora sentia-se apenas como se estivesse cavando pedra; não havia mais lugar onde procurar a raposa dentro dos confins do mundo real. Ainda assim, o terrier não pararia de tentar.

Um toque em seu joelho fez sua atenção voltar ao presente.

— Como está indo? — perguntou McCoy quando o Capitão abriu os olhos. Kirk suspeitava que a perguntava sondava por mais informações que apenas o seu joelho.

— Tão bem quanto podia se esperar — respondeu ele, fiel à realidade apesar de tudo. — E quanto a Sulu?

Interrompendo um olhar sobre um dos ombros, o Doutor deu de ombros e continuou enchendo uma hipo. — Dormindo. Ele ficará bem, creio. Fiz tudo o que podia. — A hipo encheu e ele injetou o conteúdo no joelho

inchado de Kirk. — Isso deve aliviar o pior da dor — explicou com indiferença profissional enquanto recolocava o último de seus equipamentos em sua maleta, — apesar de ter a tendência de deixá-lo um pouco sonolento. Apenas tente ficar confortável e me chame se você... — As mãos do médico hesitaram em guardar o equipamento — ...se precisar de alguma coisa.

Kirk segurou o pulso de McCoy, trocando-o pela mão do médico quando o homem mais velho olhou para cima a fim de encontrar seu olhar. — Obrigado, Magro... — Ele esperava que McCoy compreendesse todas as coisas que ele não tivera palavras para dizer.

O Doutor apenas sorriu palidamente e apertou a mão do Capitão. — Por conta da casa — disse baixinho. — Agora durma. — McCoy diminuiu as luzes superiores enquanto voltava para seu lugar.

Dançando nessa linha divisória entre a luz de emergência e a escuridão, o descanso provou-se evasivo demais para o estado de espírito de Kirk. A dor em seu joelho, exatamente como McCoy prometera, amorteceu-se até a inexistência, mas somente uma secura na boca e uma confusão em sua cabeça insinuavam-se no sono que deveria ter acompanhado tal descanso. Um por um, todos os movimentos de Scott e McCoy aquietaram-se, a respiração dos homens vagando pelos sussurros infantis do sono exausto. A respiração difícil e cansada de Sulu misturava-se ao calmo ruído branco vindo do rádio danificado da parte dianteira.

Eu consegui, pensou Kirk, curiosamente fascinado pela percepção. *Eu falhei*. Tentou rejeitar o pensamento, mas não pôde; até agora, o único jeito de manterem-se vivos fora explorando todas as avenidas disponíveis. Agora não sobrara mais nada por que esperar. Nada restara a não ser a espera.

Eu NÃO VOU desistir! Kirk insistiu. Valentemente queria cavar só para tentar só mais uma vez, mas a exaustão estava próxima demais e ele sentiu seus olhos fechando. *Eu não acredito na situação sem solução!* Ainda assim, apesar de ter que tentar, caiu num sono sem descanso ao som da melodia da estática distante do rádio.

E acordou em febre, certo do que deveriam fazer.

Kirk empurrou-se para cima, encantando-se com o inchaço angustiado que engolfou seu joelho na escuridão vertiginosa e estonteante que o envolveu. Somente uma lanterna de emergência ainda queimava, na cabina principal, onde iluminava apenas o quarto frontal da área dos passageiros; Kirk pôde apenas adivinhar as formas sonolentas de seus quatro tripulantes enquanto girava e começava a levantar-se.

Batendo no controle de iluminação ao passar por ele, Kirk divertia-se com a confusão sonolenta que reinava enquanto os outros lutavam para acordar.

— Jim, eu...

— Tenho um plano — falou Kirk, cortando o protesto de McCoy. — Eu acho que ainda podemos sair dessa.

Ninguém disse nada pela duração de uma batida de coração. Sulu agitou-se levemente; Chekov colocou uma mão protetora no ombro do piloto quando Sulu perguntou fracamente: — Mas por que toda essa agitação?

— É melhor você estar muito certo sobre isso — McCoy avisou o piloto com uma careta.

Em vez disso, Kirk virou-se para Chekov, ele não poderia prometer certeza a McCoy, então ele preferia não prometer nada. — Senhor Chekov, a memória permanente de um computador de navegação mantém um registro da localização da *Halley* em relação a todas as bóias e marcadores pertinentes. Correto? — O Oficial de Segurança apenas assentiu. Kirk atirou a próxima pergunta para Scott: — Existe algo de errado com essa memória permanente?

— Nada mesmo — replicou o engenheiro.

— Então sabemos precisamente onde *nós* estamos. Essa era a observação número um. — Muito bem — continuou Kirk. — Sulu, você consegue lembrar-se das coordenadas da *Enterprise* quando você deixou a ponte?

— Sim, senhor. 896-448-009 marco 24 e mantendo.

— Então sabemos onde a *Enterprise* está — observou McCoy. — Mas eu ainda não entendo.

Kirk fez uma careta para ele. — *Você* não tem que entender. — Mantendo-se de pé, apoiando-se na perna boa, ele segurou-se com mais firmeza no anteparo. — O problema é que esperar pela *Enterprise*, — dirigiu-se todos os presentes, — é que a *Enterprise* não sabe onde procurar. Não ajuda o fato dos sensores estarem meio cegos por tudo o que acontece no sistema a nossa volta. Você mesmo disse, Scotty, nós não parecemos nem um pouco diferentes de todas as outras leituras realizadas pela *Enterprise*. Então o que precisamos é *fazer* com que pareçamos diferentes, aí direcionar essa diferença para a *Enterprise* para que ela possa pelo menos nos notar.

Maravilhado pela idéia de ser salvo, o rosto de Scott ainda traía alguma reserva. — Como? — queria saber. — Nós mal temos suporte de vida!

— Mas temos o rádio. — Kirk esperou até ver a compreensão começar a surgir nos olhos do engenheiro. — Você pode fazê-lo receber *tudo* que estiver sendo apontado em nossa direção — transmissões de rádio, luz, sondas sensores, tudo?

— Um buraco negro portátil... — Scott murmurou, distante. Kirk assentiu. — Essa é a idéia.

— Bem, sim... mas que bem isso nos fará?

— É onde entra Chekov. — O jovem Tenente endireitou-se em sua cadeira, imediatamente alerta e inseguro. — Vamos presumir que Spock começou a fazer uma busca padrão lógica, pelas regras, tão logo a *Enterprise* perdeu nossa pista...

— Isso seria uma presunção segura.

Kirk ignorou o Doutor. — Eu quero que use essa presunção e as coordenadas que Sulu recorda, para descobrir onde a *Enterprise* está agora, em relação a nós. Se pudermos direcionar seu buraco para a nave, uma varredura rotineira da sonda deve pegá-lo. Estou confiando em que Spock faça o resto.

Scott assentiu, já ausente, seus dedos mexendo em circuitos inexistente enquanto imaginava sua construção. — Teremos que fazer o motor remanescente funcionar — murmurou, não completamente desligado de seus pensamentos. — Com o conversor ruim, teremos que sugar toda a força do nosso suporte de vida e das luzes se quisermos que essa coisa funcione tempo suficiente para ser de alguma utilidade. — Então seus olhos focalizaram-se repentinamente e ele olhou ansiosamente para Sulu. — Isso é, presumindo que tenhamos um piloto...

Um sorriso corajoso mas fraco formou-se nos lábios de Sulu. — É onde *eu* entro — resmungou ele. Seus olhos escuros voltaram-se para um lado, à procura de McCoy. — Melhor me tirar dessas drogas, Doutor — avisou-o jovialmente. — Já vai ser bastante ruim tentar pilotar sem poder mexer minha cabeça!

Os olhos azuis nublaram-se de apreensão e o Doutor meneou a cabeça. — Jim pode fazer isso.

Kirk quase riu. — Não, Jim não pode.

Antes que McCoy pudesse protestar mais, Sulu explicou: — O Capitão pode mesmo pilotar qualquer nave completamente funcional, mas isto aqui não é a mesma coisa. Seria como tentar andar de monociclo quando você pode apenas andar de bicicleta. Princípios iguais, habilidades diferentes. — Ele tentou dar um sorriso confiante para McCoy. — Eu ficarei bem.

— Sulu, se você começar a aprontar com esse ombro, eu vou... — a voz de McCoy sumiu quando ele viu a expressão no rosto do tenente comandante.

Kirk assentiu.

— Temos um problema... — o tom melancólico de Chekov chamou a atenção de todos sobre ele. Ele fitou Kirk com uma mistura de surpresa e consternação. — As equações que precisamos — explicou ele, olhando para os outros como se pedisse desculpas. — O Senhor Spock pode ser capaz de fazer esse tipo de matemática na cabeça, mas *eu* não posso. Não sem um

computador.

Kirk sentiu sua esperança escorregar entre seus dedos.

— Você pode trabalhar com equações à mão? — Scott falou da traseira; o engenheiro já se levantara de seu lugar para começar a coletar os vários equipamentos e ferramentas.

Chekov pensou um instante. — Eu *poderia* — concordou. — Mas...

Sorrindo maliciosamente, Scott reapareceu no batente com um fino bastão em uma mão. — Que tal em placas de convés?

Franzindo a testa enquanto Chekov levantava-se para estudar a ferramenta oferecida, Kirk perguntou: — O que é isso?

O engenheiro empurrou o bastão na parede na altura de sua cabeça, deixando uma brilhante marca escura atrás dele. — Uma ferramenta para marcar decks — explicou. — Usa-se para marcar informações de circuitos nos anteparos e decks. — Ele entregou a pequena ferramenta para Chekov com um floreio triunfante. — Onde deseja começar?

Pensando no futuro, Scott arrancou as quatro cadeiras traseiras enquanto Chekov ainda estava ocupado na parede de trás. Scott lançou os assentos no espaço pela câmara de descompressão; o russo continuou com seus números pelo chão, sem parar.

A excitação cresceu em Kirk como um relógio de cuco, saltando sobre a paciência com cada linha das equações escritas pelos decks e paredes. Do outro lado do corredor, o bom humor de Sulu desapareceu lentamente conforme os efeitos das drogas para a dor que McCoy lhe aplicara saíam de seu sistema. — Eu vou ficar bem — continuava assegurando a ninguém em particular. — Todos nós ficaremos bem.

McCoy andou de um lado para o outro até que Chekov explicou (um pouco irritado) que ele teria que começar a escrever nos pés do Doutor se ele não os mantivesse fora de seu caminho. A sugestão fez Sulu rir, mas McCoy achou menos divertido; ele recuou solenemente para seu lugar na fileira da frente, encolhendo protetoramente seus pés sobre o corpo enquanto observava Chekov trabalhar no chão. Kirk fez o melhor que podia para encorajar que todos permanecessem calmos, apesar do fato que ele teria caminhado muito mais que McCoy se seu joelho assim o permitisse. Somente Scott não dava nenhuma dor de cabeça ao Capitão durante o planejamento; contudo, observando o engenheiro desaparecer na traseira com uma incrível quantidade de objetos do compartimento dianteiro finalmente fez Kirk gracejar: — Deixe alguma coisa com que Sulu possa pilotar, Scotty!

O escocês robusto riu com prazer. — Os banheiros vão antes do leme, Capitão! Não tema!

Mas Kirk temia mesmo assim.

McCoy mantinha um olhar igualmente preocupado sobre seu paciente, ocasionalmente aproximando-se pelas cadeiras para tocar no ombro ferido de Sulu. — Você está bem? — perguntava, volta e meia.

— Claro — Sulu sempre o assegurava, acrescentando na última vez: — Preciso estar com a cabeça clareada se vou pilotar essa coisa.

O Doutor resmungou. — Você vai estar de cabeça clareada enquanto estiver com tanta dor?

Sulu soltou um som agudo que a Kirk mais lembrou um soluço do que uma risada. — Mais do que estaria com suas drogas — replicou baixinho. Então, após um minuto de pausa: — Apenas continue falando comigo... tá?

— Sulu! — Chekov chamou da traseira da nave; ele estava fora de vista, atrás dos acentos remanescentes, ladeado por uma parede de grafite de navegação. — Quais são as últimas coordenadas da *Enterprise*?

— Pavel, — o piloto suspirou, — você não as escreveu?

— Diga!

— 896-448-009 marco 24.

Chekov finalmente sentou-se em seus calcanhares com um suspiro cansado. Uma escrita escura comprimida delineava o corredor principal. Ele estivou-se, levantou e esticou-se novamente, então virou-se e rabiscou várias linhas de números em uma das paredes da frente. — Deixe isso aqui livre pra mim, ele instruiu a Scott em uma das idas e vindas do engenheiro.

— Acabou? — perguntou Scott com um sorriso.

Chekov assentiu, sem demonstrar o mesmo nível de otimismo. — Eis nosso curso.

— Estou pronto pra voar — insistiu Sulu. Sua voz estava fina como um bom fio. — Mas preciso de ajuda pra chegar lá na frente.

Scott parou ao lado da cadeira do piloto. — Não precisamos de você ainda — disse a Sulu, mostrando-lhe o aparelho cada vez mais complexo em suas mãos. — Preciso botar isso lá fora primeiro. Agüente um pouco mais.

— Estou bem — o piloto respondeu fracamente. — Eu adoro meu trabalho.

Scott sorriu. — Eu sei que sim, rapaz... eu sei.

Desta vez o serviço externo caiu para Chekov. Scott recheou todos os selos no traje do tenente, cacarejando e resmungando como um tia velha enquanto entregava-lhe a miscelânea esquisita nas mãos de Chekov. — Amarre-se à comporta *antes* de fecharmos as portas — enfatizou seriamente. — E mantenha essa coisa bem apertada perto de você, perca-a e eu farei com que seja rebaixado mais do que você jamais pensou!

Chekov segurou o cabo, fixando o aparelho de Scott em seu traje. — Eu

não o perderei — assegurou a Scott. Ele então colocou o capacete antes que o engenheiro pudesse continuar com o sermão.

Scott pegou o capacete do tenente nas mãos logo antes de Chekov virar-se para sair. — Tenha cuidado! — Ele fitou através da densa placa que encobria o rosto. — Você me ouviu?

Kirk viu Chekov assentir uma vez, então o tenente entrou no compartimento que o aguardava e foi engolfado pelas portas fechando-se.

Nenhum rádio informou-lhes sobre o progresso de Chekov pelo casco da nave. Scott tentou reconfortar Kirk: — Ele está apenas fazendo um caminho curto, não tão longe como a nacele. É um serviço de engatamento que o rapaz vai fazer bem direitinho. — Isso não ajudou. Kirk finalmente insistiu que McCoy e Scott levassem Sulu para o compartimento dianteiro só para que assim houvesse o que fazer.

Cada passo provou-se ser uma agonia para o jovem oriental; conforme a dor aumentava, sua respiração também o fazia, o que apenas causava ainda mais dor a seu ombro ferido. Quando finalmente o colocaram no terminal dianteiro, seus arquejos soluçantes quase tinham deixado Kirk em farrapos.

O Capitão manquejou até o batente dianteiro para encontrar McCoy ajoelhado ao lado do leme. — Deixe-me ao menos te dar alguma coisa!

Sulu não podia nem mesmo comandar sua respiração para objetar, ele simplesmente agarrou o pulso de McCoy com sua mão boa e recusava-se a soltá-lo.

— Diabos, Sulu...!

— *Não!* — lamuriou-se o piloto. — ... Doutor, *por favor...* Eu ficarei bem...

O Doutor inclinou-se para sua hipo, como se temesse tentar e agüentar isso. — Você tem certeza?

— ... claro...

McCoy recuou para a área dos passageiros sem nem mesmo mandar Kirk sentar-se.

Chekov voltou menos de cinco minutos depois, corado de excitação com a colocação bem sucedida da bóia. Retirando o capacete e as luvas, ele juntou-se a Kirk e Sulu no compartimento dianteiro, enquanto Scott ia para a traseira ligar os motores. — Você tem o curso? — Chekov perguntou a Sulu enquanto despia o traje ambiental.

— Claro — sussurrou Sulu. Ele apontou trêmulo para a placa do suporte marcada que estava diante dele em seu painel. — Mas... por que você não o lê para mim?... Assim posso me concentrar apenas em pilotar...

Kirk pegou o pedaço de metal do terminal e entregou-o de volta a Chekov. O Oficial de Segurança pegou-o com um assentimento pálido e

preocupado; mas sua voz estava calma e confiante quando informou Sulu: — Leve-nos adiante para 896-448 887 marco 3...

— ... sim, Senhor Navegador...

Um ressonante *chunk... chunk... chunk... chunk...* passou por toda a extensão da nave quando Scott desligou a luz principal. Kirk ouviu McCoy levantar-se sem palavras da cabine de passageiros e começar a resmungar com as lâmpadas de emergência uma vez mais; o Capitão bateu na lanterna suplementar acima do terminal principal sem interromper o diálogo entre Sulu e Chekov.

— Estou deslizando!... Estamos nos desviando do curso?

Chekov inclinou-se sobre o ombro de Sulu para olhar, tocando o piloto de modo a tranqüilizá-lo. — Você está ótimo, bem no curso.

Sem luzes, sem ar, sem calor... Kirk repassava a ladainha em sua cabeça enquanto estudava a expressão cada vez mais dolorida de Sulu. De volta a exatamente o mesmo local em que começaram, suas vidas dependiam do desempenho da pequenina construção de Scott que estava lá fora, nas equações de navegação de Chekov feitas rapidamente, na viabilidade do plano original de Kirk. Se uma parte da complexa estrutura falhasse, todos morreriam, exatamente como no *Kobayashi Maru*.

Mas todos nós VENCEMOS o teste! A mente de Kirk insistiu. *Nós provamos que não se tem que aceitar a derrota com graça!* Você poderia redirecioná-la, como Kirk; ou continuar apesar dela, como Chekov, ou evitá-la, como Sulu; ou enfrentá-la até o final com um buldogue escocês. Eles faziam todas essas coisas antes de desistirem agora, mesmo se Kirk tivesse que sacrificar sua própria alma no processo. — Seguindo, Senhor Sulu? — perguntou em sua melhor voz de Capitão.

— ... 896-449-678 marco 89...

— Muito bom... — Ele fitou Chekov para verificação; o russo simplesmente assentiu. — Continue.

Quase que precisamente uma hora depois, Sulu desmaiou. Ele simplesmente não respondeu à correção de curso de Chekov, então escorregou lentamente pelo lado até Kirk ser forçado a sair de sua própria cadeira para pegá-lo. Chekov e Scott carregaram o piloto de volta ao compartimento dos passageiros. Desta vez, eles o deitaram gentilmente no corredor central, em cima de um colchão de casacões de uniforme; Chekov colocou sua própria jaqueta sobre o corpo do amigo.

— Você acha que funcionou? — o russo perguntou baixinho enquanto McCoy administrava uma série de injeções na forma sem vida de Sulu.

— Se o buraco negro funcionou — Scott declarou, taciturno. — Realmente não havia meios de testá-lo.

— E se Spock estiver examinando esta área — acrescentou Kirk.

— E se minhas equações estavam corretas...

— Ouçam vocês todos! — McCoy resmungou, mal-humorado. Ele voltou para seu próprio lugar e sentou-se com confiança determinada. — Funcionou. Agora calem-se e esperem.

Estava frio novamente, e sombrio. Kirk tinha esperanças de que não tivessem que esperar por muito tempo.

— Ah, Jim, *olhe* pra ela! Ela parece ... parece com um *anjo*!

Quase chorando de alívio, Kirk não respondeu ao comentário entusiasmado de McCoy; a *Enterprise* enchia seus olhos e coração além de sua habilidade em reagir a qualquer outra coisa e tudo em que podia pensar era que, para ele, a grande nave parecia com um cisne de contos de fada.

O anjo brilhante e branco azulado de McCoy surgira em seu campo de visão apenas quinze minutos depois do desmaio de Sulu. Crescendo a boreste como o sol nascente, o ponto de luz logo tomou a forma de sua salvação. Kirk não via a grande nave do lado de fora há um bom tempo; ele quase esquecera de como ela podia ser bonita.

Scott andou pela *Halley* fechando armários de equipamentos, correndo os painéis canibalizados. — Mas que bagunça infernal! — continuava exclamando. — Se eu deixar meus rapazes verem uma área de trabalho em que estive enquanto ela tiver esta aparência, *eu jamais* os farei livrarem-se de seus equipamentos!

— O que é que você vai lhes contar sobre as cadeiras? — McCoy queria saber.

Scott resmungou. — Eu lhes direi que construí um motor de propulsão com elas, isso lhes manterá o respeito.

— Conte-lhes a verdade — sugeriu Kirk. — Isso deve causar bastante respeito.

— Você não conhece meus engenheiros — disse Scott. — Convencidos, todos eles. É melhor se pensarem que eu posso construir uma nave de um fio velho, creia-me!

Quando o hangar traseiro da *Enterprise* engolfou-lhes a nave instável, Scott tentava decidir se deveria dismantelar as paredes internas ou guardá-las para a posteridade. Chekov recusava-se resolutamente a emitir uma opinião.

McCoy pulou de pé no instante em que a *Halley* parou com um solavanco no centro do hangar. Batendo nos controles da câmara, ele reclamou: — Scotty! Essas coisas não abrem!

— É porque não temos força — replicou o engenheiro.

McCoy bateu com as mãos nas portas fechadas. — Ora, diabos, temos

gente ferida aqui dentro! Como é que sairemos daqui?

— Spock abrirá as portas — assegurou-lhe Kirk. — Agora sente-se, Magro, eles têm que pressurizar o hangar primeiro.

— Essa droga de vulcano acha que temos o dia todo...! — O Doutor atacou a porta uma segunda vez antes de começar a caminhar de um lado para outro. — Provavelmente nem lhe ocorreu que possamos ter feridos! Apressar-se é sem dúvida uma atividade "ilógica"! — Ele girou abruptamente e bateu novamente na porta. — Spock, pode me ouvir? Abra essa droga de porta!

Como se inspirada pela veemência do Doutor, a porta da câmara abriu-se, enchendo a cabine central da *Halley* de ar quente e de odor doce, revelando um Spock emoldurado pelo batente.

— Boa tarde, Doutor McCoy — o Oficial de Ciências cumprimentou-o. — Estou contente em saber que dezoito horas de confinamento desnecessário não afetaram em nada sua simpatia social.

— Ah, sai fora do meu caminho — McCoy ordenou com brusquidão enquanto passava pelo alto vulcano. — Enfermeira! Traga uma maçã! Prepare a enfermaria para cirurgia!

Spock moveu-se calmamente para longe da porta, aproximando-se de Kirk enquanto McCoy voltava correndo para dentro com uma maçã e um pequeno grupo de médicos. Sulu tentou lutar para ficar de pé enquanto era levantado do chão. — O que está acontecendo? — murmurou de modo inconsistente. — Onde nós estamos?

— Em casa — Chekov lhe disse, sorrindo. Ele pegou no braço de Sulu para baixar o piloto quando Sulu sentou-se para abraçá-lo.

— Nós conseguimos — disse Sulu. A alegria por saber-se ainda vivo foi mais forte que qualquer dor que pudesse estar sentindo. — Nós realmente conseguimos sair de lá! Nós devíamos ganhar algum tipo de medalha.

Chekov riu e fez seu amigo deitar-se novamente. — Estou satisfeito por estar vivo.

McCoy resmungou da cabeceira da maçã. — Isso pode ser retificado, Tenente. — Quando o Chefe de Segurança pareceu apenas surpreso, McCoy elaborou: — Estou levando este paciente para a enfermaria. Agora, ou você sai do meu caminho ou anda ao lado, mas deixe de segurar as rodas do progresso.

— Desculpe, Doutor — Chekov humildemente deu um passo para o lado. — Estarei lá mais tarde — prometeu a Sulu quando a maçã passou.

— Eu esperarei ansiosamente.

Chekov seguiu a equipe médica pela porta e Kirk observou um enxame de engenheiros falantes tomarem seus lugares. — Não toquem nas paredes!

— Scott gritou com o técnico que arranhara as equações com uma unha a fim de saber se elas eram permanentes. — Ainda não decidi o que vou fazer com elas.

— Deus, Senhor Scott — o técnico comentou, surpreso. — Elas são um pouco pesadas para pendurar, o senhor não acha?

Kirk suspeitava que Chekov ficaria feliz por não estar por ali para ouvir tudo isto.

— Um registro completo de minhas atividades desde o desaparecimento está arquivado na ponte, Capitão.

A voz de Spock chamou a atenção de Kirk, lembrando-o da presença de seu Primeiro Oficial. — Muito bom, Senhor Spock, muito eficiente. — trocou de posição na cadeira, levantando seus olhos para Spock como se estivessem discutindo um jogo de xadrez recente. — Presumo que tudo tenha ido bem?

O Capitão detectou um dar de ombros mental na inclinação da cabeça do vulcano. — Com exceção do infortúnio da *Halley*, tudo transcorreu de modo aceitável. Contudo, ainda estamos nos empenhando para reestabelecer contato com o Grupo Venkatsen. — Kirk não teve coragem de dizer a Spock para esquecer sobre Venkatsen.

Quando o vulcano lançou um olhar frio pelo interior da nave, Kirk também olhou, fitando a destruição como se a visse pela primeira vez. — Fizemos uma grande bagunça, não foi?

— Eu *ficarei* interessado em ler seu relatório relativo às últimas dezoito horas — Spock finalmente admitiu.

— Um relatório não faria justiça, Senhor Spock — ele riu, pondo-se de pé. — É melhor que fique para as lendas do que para os registros. — Spock surpreendeu Kirk ao oferecer-lhe um braço de apoio; Kirk tentou recusar, mas relevou depois de apenas dois passos cambaleantes. — Bem, Senhor Spock, o senhor leva ou levo eu?

— Capitão? — O que significava que Spock não compreendera completamente.

Kirk sorriu. — Digamos que você não tem muito futuro na dança como profissão.

— Realmente.

As luzes brilhantes do hangar fizeram Kirk piscar enquanto ele manquejava lentamente pela rampa inclinada da *Halley*. Ele se perguntava se realmente acreditara que nunca mais veria a *Enterprise* novamente, ou se alguma parte toda dele mantinha uma tênue esperança. Ele suspeitava que a dorzinha gratificante em seu coração fosse a resposta. — Nada jamais é impossível.

Spock fitou-o intrigado. — Como?

— Eu já lhe contei sobre minha solução no teste do *Kobayashi Maru*, Senhor Spock?

— Creio que não, Capitão. — Spock levantou uma sobrancelha. — Por *solução* significa que venceu o cenário?

— Ah, sim — assentiu Kirk.

— Sua solução... — perguntou Spock, — presumo, tem alguma conexão com o que ocorreu a bordo da *Halley*?

— Toda a conexão do mundo — respondeu o Capitão suavemente. Por um segundo ele descansou sua mão no anteparo frio e marmóreo da *Enterprise*, e então permitiu que Spock o guiasse na direção do corredor.

Glossário Jornada nas Estrelas

Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos que são comumente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.

ACADEMIA: Centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar. Abrange três locais: em São Francisco, anexo ao Comando da Frota, com alojamentos, salas de aula, laboratórios e bibliotecas; em Paio Alto, na Califórnia, com facilidades adicionais incluindo simuladores de naves, treinamento de vôos estelares e departamento de educação física; e há trinta quilômetros ao norte de Phoenix, Arizona está o Centro de Sobrevivência onde são recriados e duplicadas áreas de vários planetas, usadas para testes físicos e psicológicos para a qualificação dos cadetes.

ANDORIANO: Os andorianos são uma raça humanóide de pele azul e cabelos brancos. Possuem duas antenas na cabeça que funcionam como verdadeiros ouvidos.



COMANDO DA FROTA ESTELAR: Localizado na São Francisco do século XXIII, onde as decisões mais importantes da Federação de Planetas são tomadas. Um vasto complexo de edifícios de escritórios e arquivos da organização. O Comando Central está localizado trinta andares abaixo do solo.

CONSELHO DA FEDERAÇÃO: Órgão de maior autoridade, que organiza e constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se

autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.

DOBRA ESPACIAL: Conceito físico que se utiliza das características métricas do espaço-tempo. Para ir de um ponto à outro de um mesmo espaço, em vez de percorrer todos os pontos entre eles, "dobra-se" o espaço, fazendo os dois pontos ficarem mais "próximos". Sua utilização para vencer distâncias interestelares foi proposta pelo cientista Zefram Edark Cochrane, um nativo de Alpha Centauri, e propiciou um avanço da exploração espacial, derrubando as barreiras das distâncias interestelares.

FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS: Organização política, econômica e social, fundamentada no conceito da diversidade, com diferentes mundos, raças e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação e a seguir seus próprios destinos. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Seus membros fundadores são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri.

FROTA ESTELAR: Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação de Planetas que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a chamada Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações.



KLINGON: Raça tipicamente agressiva e expansionista, representa a maior ameaça militar para a Federação de Planetas. Por muitos anos, a sua verdadeira aparência física ficou desconhecida, já que os klingons encontrados ao longo da fronteira eram uma combinação klingon-humano criada geneticamente para permitir infiltrações em territórios da Federação. Somente com a interceptação de transmissões durante a missão contra V'ger foi revelada a verdadeira natureza da raça klingon. O planeta natal dos klingons foi sacudido, durante séculos, por uma brutal guerra civil, até que, 400 anos antes da formação da Federação de Planetas, um poderoso líder,

Kahless, "o Inesquecível", uniu as tribos guerreiras. Iniciou um período de conquistas e dominações com o mote "Todos e tudo o que nós encontrarmos é nosso para comandar". O Império Klingon, preponderantemente militar, é constituído por vários planetas sob um regime violento e ditatorial. A guerra é o conceito central da religião klingon - um complexo código de ritual, honra e crueldade - e tem suas bases firmadas na conquista de outros planetas. Várias vezes, naves da Frota Estelar tiveram confrontos com as naves de batalha klingons. Entretanto nunca ocorreu uma guerra interestelar, graças ao Tratado de Paz Organiano, firmado pelas duas partes.



PHASER: Armamento básico da Frota Estelar, que sobrepujou o antigo laser. É usado em armas portáteis para defesa pessoal; canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves para ataque e defesa em manobras no espaço.

ROMULANOS: Acredita-se que sejam os descendentes dos separatistas vulcanos liderados por S'task que, contrários às idéias pacifistas de Surak e sua "disciplina lógica", deixaram Vulcano em busca de um novo mundo. Estabeleceram-se em dois planetas, Ch'rihan e Ch'hauran, posteriormente chamados de Romulus e Remus pela nave *USS Carrial* nas primeiras tentativas de contato. A cultura militar e guerreira dos romulanos levou-os imediatamente a uma violenta guerra, entre o século XXI e XXII, contra a Federação, que terminou com o Tratado de Alfa Trianguli - provavelmente o único tratado da história da Federação negociado inteiramente por um computador (os representantes dos dois lados nunca se viram pessoalmente). O Tratado estabeleceu uma Zona Neutra, marcada e guardada por satélites de defesa e monitoramento de ambos os lados.



TRANSPORTADOR: Um aparelho de teletransportação que desmaterializa qualquer objeto ou pessoa, "dissolvendo" sua estrutura atômica e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.

TRICORDER: Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para a análise de órgãos internos de seres vivos, o de engenharia para análise de materiais, etc.

VULCANO: Um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite, este exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos. Vulcano passou por um sangrento período onde diversas tribos combateram entre si para obter a soberania do planeta. Surak, um mestre da filosofia, política e história, usando seus grandes conhecimentos e sua superior capacidade de comunicação telepática, iniciou uma campanha para substituir as emoções pela lógica. Graças à essa "disciplina lógica", os vulcanos conseguiram escapar da destruição e floresceram como uma das raças mais inteligentes, sábias e pacíficas do Universo.

Glossário Cultural

Este Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.

AGRIPPA: O médico alemão Heinrich Cornelius Agrippa Von Nettesheim (1486-1535) representa o protótipo dos humanistas da nova era iniciada no século XV na Europa, que investigaram os problemas do Universo e tentaram explicar racionalmente seus mistérios. A filosofia de Agrippa é marcadamente neoplatônica e neopitagórica, misturando-se com elementos cabalísticos. Concebeu a natureza como um conjunto vivificado em todas as suas partes por uma Alma Universal (quinta-essência) ou espírito do mundo que governa os elementos. Afirmou que, através da magia natural (a ciência experimental) o homem pode adquirir ascendência sobre a natureza com a adequada utilização de suas forças. Sua obra *De Occulta Philosophia*, uma defesa da magia, é ponto de partida do conhecimento cabalístico entre os eruditos latinos da Europa.

ANO SOLAR: É o tempo que o planeta Terra completa uma volta ao redor do Sol, em seu movimento de translação. Por extensão, o "ano solar" de um planeta, é o tempo em que ele completa uma volta ao redor da estrela (ou estrelas) de seu sistema.

CINTURÃO DE ASTERÓIDES: Durante a formação de um sistema planetário, além da estrela (ou estrelas) e dos planetas, pode ocorrer, também, a formação de um cinturão de pequenos corpos (asteróides ou planetóides), com órbitas muito parecidas. Estes asteróides provavelmente são restos de um proto-planeta, que acabou não sendo formado devido a instabilidade gravitacional. Além deles, forma-se ao redor do sistema, envolvendo-o como uma concha esférica, um região repleta de núcleos de cometas (Nuvem de Oort ou concha cometária), formados por fragmentos de matéria sólida agregados a gases congelados. Todo o sistema é permeado por fragmentos menores (meteoróides), restos da formação do sistema (estrela, planetas, asteróides e cometas), que vagam de forma muito irregular pelo sistema, sujeitos a atração gravitacional dos corpos de maior massa. No Sistema Solar, o Cinturão de Asteróides fica entre as órbitas de Marte e Júpiter sendo formado por mais de 15.000 corpos. O maior deles, com cerca

de 1.000 km de diâmetro, Ceres, foi descoberto em 1^o de janeiro de 1801 por Giuseppe Piazzi.

CIRÍLICO: Alfabeto eslavo atribuído a São Cirilo (827-869), apóstolo dos eslavos. Traduziu, com seu irmão, São Metódio (825-885), a Bíblia e a liturgia grega para o eslavo antigo. Atribuiu-se-lhe um alfabeto e uma escrita (do tipo da maiúscula grega), usado nos primitivos documentos da liturgia eslava, que viria a ser chamado *cirílico*

CUSTER: O general norte-americano George Armstrong Custer (1839-1876) comandando o 79 Regimento da Cavalaria Americana foi derrotado e morto pelos índios sioux e cheyennes, liderados pelo chefe sioux Crazy Horse (Cavalo Louco) num dos episódios mais famosos da luta dos índios contra a invasão do homem branco em suas terras: a Batalha de Little Bighorn.

DERVIXE: Asceta muçulmano, seguidor do Sufismo, um termo geral para designar varias ordens místicas islâmicas. A doutrina central do sufismo é a "unidade do ser". Os sufis ensinam que o relativo não tem realidade, a não ser no Absoluto, e que o finito não tem realidade, a não ser no Infinito. No Islã, o homem tem acesso ao Absoluto e ao Infinito através do *Corão*, que é a revelação de Deus ao mundo, e através do Profeta que, no mundo, é o verdadeiro reflexo de Deus. Existem tradicionalmente quatro ordens Sufis: a *Qadiriya*, *Surawardiya*, *Shadhilya* e *Mevlevi*.

ENTROPIA: Grandeza física relacionada com o Segundo Princípio da Termodinâmica. De certa forma ela quantifica o grau de *desordem* de um sistema. Podemos imaginar uma bala de revólver, por exemplo, disparada contra um anteparo. Inicialmente a bala está se movendo rapidamente com todos os átomos se deslocando juntos na mesma direção. Macroscopicamente dizemos que a bala está fria e está dotada de energia mecânica (no caso, *cinética*). Em seguida a bala bate contra o obstáculo e pára. Seus átomos, porém, não pararam: eles continuam se movendo, mas de forma caótica, mudando constantemente a direção de suas velocidades, naquilo que denominamos "agitação térmica". Macroscopicamente, dizemos que a bala transformou sua energia mecânica em energia térmica: parou mas, em compensação, ficou mais quente. Nessa transformação, ocorreu um aumento da entropia, ou seja, a "qualidade" da energia sofreu uma "degradação". As transformações espontâneas, no Universo, sempre ocorrem com aumento de entropia. Ninguém espera que um bloquinho de chumbo

quente e parado esfrie de repente e saia zunindo a toda velocidade! Em alguns casos, porém, como no fenômeno "vida" e suas conseqüências, a entropia pode diminuir localmente, mas sempre às custas de um aumento muito maior na entropia do ambiente. Como a entropia do Universo sempre aumenta, alguns cosmólogos afirmam que ele terminará numa "morte entrópica", onde não haverá mais energia "organizada".

ESTÓICA: O estoicismo é uma doutrina filosófica que nasceu na Grécia e floresceu no mundo romano entre o século IV a.C. e o séc. III d.C. Seu fundador foi Zenon de Círium (Chipre) que começou a ensinar suas idéias num lugar chamado *Στοα Ποικιλιαε* (*Stoa Poikilae: Pórtico Decorado*), onde se exibiam as pinturas dos artistas mais célebres de Atenas e de onde a Escola Estóica (*de Στοα - Stoa, Pórtico*) tomou seu nome. Cleantes, Crisipo, Panecio, Posidônio, Sêneca, Epíteto, Marco Aurélio, são alguns estóicos que se destacaram. O estoicismo é celebre devido à sua moral, que coloca como Bem Supremo o esforço em obedecer apenas à razão, ficando indiferente às circunstâncias exteriores: fortuna, saúde, dor, etc. Tornou-se sinônimo, portanto, de austeridade de caráter, rigidez moral e impassibilidade em face da dor ou do infortúnio.

IGUANA: Réptil da família dos iguanídeos, que se incluem entre os saúrios da América tropical; herbívoro, atinge 1,5 m de comprimento e tem uma crista dorsal de escamas pontiagudas. Sua carne é muito apreciada.

KAMIKAZE: Inspirado pelo código de honra samurai de auto-sacrifício, os japoneses criaram, durante a II Guerra Mundial, uma força suicida de pilotos de avião: *Kamikaze*, "Vento Divino". Deliberadamente jogavam seus próprios aviões contra os alvos inimigos.

MARACA: Chocalho usado nas cerimônias religiosas e guerreiras que consiste numa cabaça seca e desprovida de miolo, na qual se metem pedras e caroços.

MATÉRIA/ANTIMATÉRIA: Toda matéria é constituída de átomos que, por sua vez, são formados por partículas elementares. As principais partículas são o próton (carga positiva), o nêutron (carga nula) e o elétron (carga negativa). Existem partículas com massas idênticas às dessas, mas com características eletromagnéticas opostas. Assim, temos, por exemplo, elétrons positivos chamados antielétrons ou pósitrons, antiprótons (negativos) e antinêutrons. Com essas partículas é possível a formação de

antiátomos, os constituintes da antimatéria. Quando matéria e antimatéria entram em contato, se aniquilam completamente, transformando-se totalmente em energia ($E = mc^2$).

NEUTRINO: Quando se começou a estudar os vários tipos de radiação emitidos por átomos instáveis, verificou-se um fenômeno muito curioso. Na radiação beta (β) havia um aparente desaparecimento de energia, contrariando um dos princípios mais básicos da física. Para explicar essa aparente violação, Wolfgang Pauli postulou, em 1930, a existência de uma partícula de massa muito pequena e destituída de carga elétrica, responsável pelo "roubo" da energia que parecia faltar. Posteriormente Enrico Fermi a batizou de *neutrino*, fazendo um trocadilho em italiano com o diminutivo de nêutron.

ONDINAS: Ninfas e espíritos das águas. Uma das quatro principais classes de espíritos elementares (criaturas desenvolvidas nos quatro reinos ou elementos: terra, água, ar e fogo) que são os Salamandras (do fogo), os Silfos (do ar), Ondinas (da água) e Gnomos (da terra).

ÓRBITA ESTACIONARIA: Um dos maiores escritores de Ficção Científica de todos os tempos, Arthur C. Clarke, quando trabalhava como engenheiro de telecomunicações no Exército Britânico, durante a II Guerra, ventilou a idéia de colocar antenas retransmissoras em órbita ao redor da Terra, partindo do raciocínio de que quanto mais alta é uma antena, maior é seu alcance. Clarke calculou que a órbita ideal para um satélite desses seria no plano do equador terrestre a uma altura de uns 38.000 km. Nessas condições o satélite retransmissor daria uma volta completa em torno do eixo terrestre em 24 horas, mantendo-se parado em relação à superfície da Terra. Esses satélites, usados hoje em dia para retransmitir sinais de um lado a outro do mundo, são chamados "geoestacionários". Por extensão, todo corpo em órbita equatorial em torno de um planeta que tenha um período e um sentido de rotação iguais aos do planeta, é dito em *órbita estacionaria*, pois se mantém parado em relação à superfície.

ORIGAMI: Arte tradicional japonesa de dobraduras de papel para construir flores, figuras de animais, etc.

PARSEC: Unidade de distância usada em Astronomia. Equivale à distância a que deve se encontrar um astro para apresentar uma paralaxe anual (aparente deslocamento sobre o fundo de estrelas afastadas) de 1

segundo de arco. Corresponde a cerca de 3,26 anos-luz.

SOL TERCIÁRIO: Grande parte das estrelas formam sistemas de 2 (binários), 3 (ternários) ou mais componentes (múltiplos). Nesses sistemas, a estrela com a maior massa é a principal e a que tem 3.^a maior massa é a terciária.

TENDÃO DE AQUILES: A lenda de Aquiles, rei dos mirmidões, é conhecida sobretudo através da *Iliada*, de Homero, cujo tema é a tomada de Tróia. O enfoque narrativo é sobre a cólera de Aquiles, contrariado por uma partilha de escravas decidida por Agamenon. Quando criança, Aquiles foi mergulhado por sua mãe Tétis, no rio Estige. Isto o tornou invulnerável, exceto no calcanhar por onde ela o segurou. Durante o cerco de Tróia foi mortalmente atingido no calcanhar, por uma flecha envenenada. Esse ponto do calcanhar onde fica um grosso tendão, pelo qual os músculos da panturrilha se inserem no calcâneo, passou a ser chamado de "tendão de Aquiles" e a expressão, transformou-se em sinônimo de ponto fraco ou vulnerável.

VENTO SOLAR: O Sol, assim como todas as estrelas, emite quantidades enormes de radiação (fótons) e outras partículas. Essa massa de partículas é chamada de *vento solar* e sua intensidade varia com a atividade do Sol. As partículas mais perigosas (em função de sua radiatividade) são felizmente desviadas pelo campo magnético da Terra, conseguindo penetrar na alta atmosfera apenas nas proximidades dos pólos magnéticos e dando origem às auroras boreais e austrais. Se um veículo espacial desfraldar uma vela fina, metalizada e muito ampla, receberá sobre ela uma pressão de radiação, principalmente dos fótons (luz), suficiente para produzir um impulso sensível. Apesar da aceleração resultante desse impulso ser muito pequena, ela atua o tempo inteiro e, em poucos dias, pode resultar em velocidades fantásticas, da ordem de grandeza da velocidade de fuga do sistema solar.

O Glossário Cultural e o de Jornada nas Estrelas foram preparados com a colaboração de:

*Cláudia Freitas, Cristina Nastasi,
Georges Ribeiro, Ivo Luiz Heinz,
Lilia Leal de Oliveira, Luiz A. Navarro,
Pierluigi Piazzi, Renato da Silva Oliveira,
Sérgio Figueiredo e Sílvio Alexandre.*

